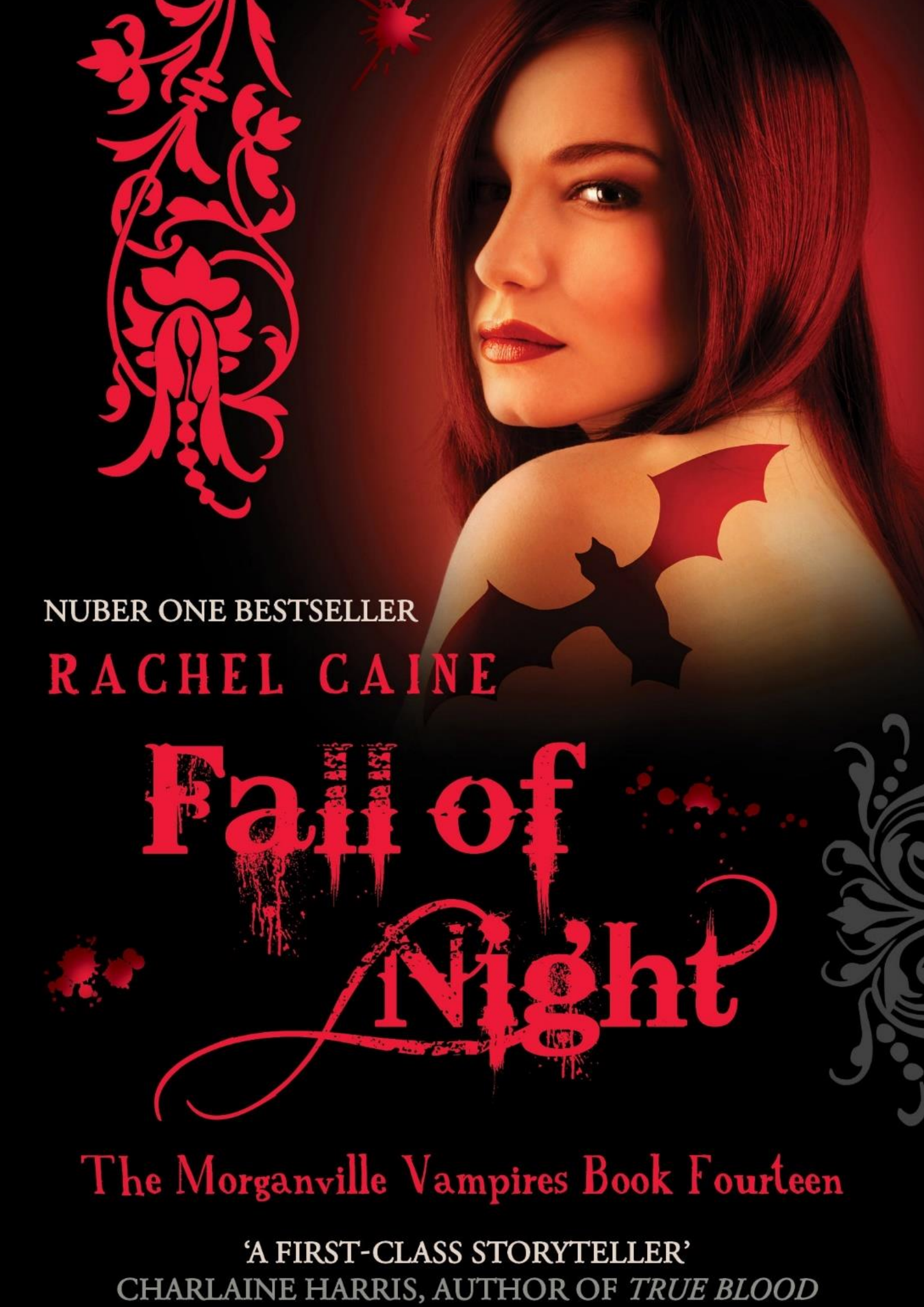




NUBER ONE BESTSELLER

RACHEL CAINE

# Fall of Night

The Morganville Vampires Book Fourteen

‘A FIRST-CLASS STORYTELLER’  
CHARLAINE HARRIS, AUTHOR OF *TRUE BLOOD*





# Fall of Night

*(Cair da Noite)*

RACHEL CAINE



---



# The Morganville Vampires Series

*Glass House*

*The Dead Girls' Dance*

*Midnight Alley*

*Feast of Fools*

*Lord of Misrule*

*Carpe Corpus*

*Fade Out*

*Kiss of Death*

*Ghost Town*

*Bite Club*

*Last Breath*

*Black Dawn*

*Bitter Blood*

*Fall of Night* 





# SINOPSE

**C**laire nunca pensou que iria deixar Morganville, mas quando ela foi aceita no programa de pós-graduação do MIT, ela não pôde deixar passar a oportunidade. Dizer adeus a seus amigos é agriçoce, especialmente desde que as coisas ainda estão cruas e instáveis entre Claire e seu namorado, Shane. Sua nova vida no MIT é assustadora e emocionante, mas Morganville nunca está realmente longe da mente de Claire. Matriculada em um programa de estudos avançados especial com a professora Irene Anderson, ex-nativa de Morganville, Claire é capaz de trabalhar em sua máquina, que é projetada para cancelar as habilidades mentais de vampiros. Mas quando ela começa a testar sua máquina, as coisas rapidamente fogem do controle, e Claire começa a se perguntar se deixar Morganville foi o último erro que ela vai cometer...





# INTRODUÇÃO

**M**organville, Texas, não é como as outras cidades. Oh, ela é pequena, empoeirada e comum, na maioria dos aspectos, mas o problema é, tem esses — bem, não vamos ser tímidos com isso. *Vampiros*. Eles são os donos da cidade. Eles governam ela. E até recentemente, eram a classe dominante inquestionável.

Mas agora Claire tirou um ano sabático do pequeno mundo isolado de Morganville, e um período de férias dos vampiros para seguir seu sonho de estudar em uma nova universidade de prestígio. Deixar a cidade pareceu ser um novo começo, mas Claire sabe agora que problemas seguem ela por onde ela passa.

Sem falar no programa assassino... ela pode desejar por algo tão simples como as regras de Morganville.







# CAPÍTULO 1

O outdoor na borda da fronteira de Morganville não tinha mudado desde que Claire tinha entrado na cidade pela primeira vez com a tenra idade de dezesseis anos. Parecia uma eternidade, mas aqui estava a mesma placa velha, desbotada e rangendo no vento seco do deserto. Tinha um casal da era de 1950 (brancos, é claro) ao lado de um carro com barbatanas grandes como um barco, olhando para o pôr do sol. BEM-VINDO À MORGANVILLE. VOCÊ NUNCA VAI QUERER IR EMBORA.

No entanto, aqui estava ela. Indo embora. Realmente *indo*.

O peso disso de repente pareceu insuportável, e o outdoor dissolveu-se em redemoinhos impressionistas enquanto as lágrimas se formavam quentes em seus olhos. Ela estava encontrando dificuldade para recuperar o fôlego. *Eu não tenho que ir*, ela pensou. *Eu posso retornar, ir para casa, voltar para onde é seguro...* porque por mais louco e perigoso Morganville fosse, pelo menos ela aprendeu a viver nela. Como se adaptar e sobreviver, e até mesmo prosperar. Tornou-se, então, um lar. Confortável.

Lá fora... ela não tinha certeza do que ela seria.

É hora de descobrir, a parte mais adulta dela disse. *Você tem que ver o mundo antes de você desistir e ficar aqui*. Ela supôs que isso era o certo. Os Amish não enviavam seus filhos para fora em um *rumspringa* para descobrir como era a vida lá fora e tomar uma verdadeira decisão sobre se deve ou não permanecer em sua comunidade? Então, talvez ela estivesse em um tipo de *rumspringa* de vampiro.

Porque era por isso que ela estava indo, mesmo que ela definitivamente não fosse um dos contestadores de vampiros... da comunidade de vampiros, de quase tudo relacionado a eles: para protegê-los, para fazer dinheiro, dar-lhes o sangue. Por lá, ao menos teoricamente, os vampiros protegiam a cidade e as pessoas nela. Nem sempre funcionava, é claro. Mas a coisa surpreendente era que *funcionava*, funcionava mais vezes do que não funcionava. E ela pensou, do jeito que as coisas estavam se acalmando agora, poderia funcionar muito melhor desta vez, agora que a Fundadora da cidade, Amelie, estava de volta ao comando. E sã. Sanidade era um ponto positivo.

— Preocupada?





A voz fez ela engasgar e se virar enquanto enxugava as lágrimas, porque ela realmente tinha esquecido que ele estava ali. Não Shane. Ela saiu mais cedo, antes de seu namorado acordar; ela realmente saiu antes do amanhecer para que ela pudesse sair sem as despedidas que ela sabia que iria rasgar seu coração em pedaços. Aqui estava ela com as malas de viagem e uma mochila de pelúcia e Myrnin.

Seu chefe vampiro — se você considerar ser um cientista louco como uma profissão — estava de pé ao lado do grande sedan preto que ele ocasionalmente — *muito* ocasionalmente, felizmente — dirigia. (Ele não era um bom motorista. Eufemismo.) Ele não estava vestido loucamente nesta manhã, para variar. Ele tinha deixado as camisas havaianas e os chapéus floppy em casa, e em vez disso ele parecia como se tivesse saído do século XVIII — calças curtas que estavam enfiadas em botas pretas brilhantes, um colete de cetim dourado, um casaco sobre ele que tinham caudas. Ele até tinha amarrado o cabelo normalmente selvagem na altura dos ombros em um rabo de cavalo preto lustroso.

Vampiros, ao contrário dos humanos, poderiam ficar totalmente imóveis, e agora ele se parecia com uma estátua esculpida em... alabastro, ébano e ouro.

— Não, eu não estou preocupada — ela disse, consciente de que ela hesitou muito tempo para responder. Ela estremeceu um pouco. Aqui no deserto, à noite era fria e gelada, embora aquecesse agradavelmente ao meio-dia. *Eu não vou estar aqui nessa hora*, ela percebeu. Mas Morganville iria continuar sem ela. Isso parecia... estranho.

— Estou surpreso que você não tenha trazido os seus amigos para dizer adeus — Myrnin falou. Ele soou cauteloso, como se ele estivesse incerto de qual atitude tomar nessa situação. — Certamente é o normal que eles vejam você indo embora para uma viagem dessas?

— Eu não me importo se é — ela disse. Uma planta rodadora — uma bola espinhosa e esquelética de ramos desagradáveis — rolou em direção a ela, e ela se esquivou. Ela se chocou com um emaranhado de suas companheiras que tinham se empilhado contra a base do outdoor. — Eu não quero que eles chorem. Eu não quero chorar, tampouco. Eu só... olha, já é difícil o suficiente, ok? Por favor, não.

Os ombros de Myrnin se levantaram em um encolher de ombros rápido. Pela primeira vez, quando ele virou a cabeça, ela viu que ele prendeu seu rabo de cavalo com um grande laço preto. Combinava com o que ele estava usando, e era estranho que não parecia inadequado nele. *Ele se parece com Mozart*, ela pensou — ou, pelo menos, como Mozart se vestia pelas pinturas que ela tinha visto.







— Deveria ser mais fácil quando as pessoas se vestiam desse jeito — ela disse. — Para ser um vampiro. As pessoas deixavam seus rostos brancos com pó, não é? Então vocês não se destacavam muito.

— Não apenas os rostos — ele disse. — Eles colocavam pó nas perucas também. Podendo se engasgar com o arsênico e talco. Eu imagino que não era bom para os pulmões dos vivos, mas alguns fazem isso pela moda. Pelo menos as mulheres não ficavam cambaleando por aí em saltos de dez centímetros com consequente perigo de quebrar os ossos — Ele parou por um momento, então disse: — O que tornou mais fácil para os vampiros foi viver à luz de velas, lampiões — isso fazia com que todos parecessem mais saudáveis, até mesmo os doentes. Estas luzes fortes que vocês preferem agora... bem. Dificultam. Ouvi dizer que alguns vampiros vão nesses salões de bronzamento com spray para conseguir os tons de pele adequados.

Ela quase riu disso, a imagem de um vampiro malvado como Oliver — feroz e sem medo — de pé parado usando um calção para ser pintado. Mas Oliver tinha deixado Morganville também... banido do lado de Amelie, onde ele tinha ficado desde que Claire tinha chegado na cidade. Essa era provavelmente a coisa certa a fazer, mas Claire se sentiu mal por ele, um pouco. Ele tinha traído a Fundadora, mas ele não queria — e ele não teve escolha.

Se havia um vampiro que poderia sobreviver ao mundo humano, no entanto, esse seria Oliver. Ele era inteligente, cruel e, principalmente, sem consciência. Principalmente.

— Você ainda pode mudar de ideia — Myrnin disse. Ele ficou perfeitamente imóvel, exceto pelo vento agitando as suas vestes e o arco em seu rabo de cavalo; ele não tentou encontrar seus olhos. — Você sabe que você não tem que ir. Ninguém quer que você vá, na verdade.

— Eu sei. — Era tudo isso que ela estava pensando, por horas. Ela não tinha dormido, e todo o seu corpo doía de tensão nervosa. — Você não é o único a me dizer isso. — Shane, por exemplo. Embora ele estivesse sido tranquilo sobre isso, e gentil. Não era porque ela estava zangada com ele — Deus, não — mas ela precisava, desesperadamente, se certificar de que ele confiava nela, tanto quanto ela confiava nele. Ela o amava, era por isso que isso era tão, tão difícil. Ela *precisava* dele. Mas ele estragou tudo, pra valer, acreditando em uma grande mentira sobre ela contada por um dos seus inimigos. Ele realmente acreditava que ela estava se esgueirando por trás das costas dele, com o melhor amigo dele, Michael.

Ela precisava pensar sobre como ela se sentia sobre essa decepção por conta própria, mas tudo o que ela podia realmente pensar neste exato





momento era no quanto ela queria sentir os braços fortes e quentes dele envolvidos em torno dela, seu corpo protegendo-a do frio. O quanto ela queria mais um beijo, mais um sussurro, mais um... tudo.

— O mundo lá fora não é como é aqui — Myrnin disse. — Eu sei que não tem sido fácil para você aqui, e eu sou uma parte significativa de seus desafios também. Mas Claire, eu sei alguma coisa do mundo. Eu estive nele por centenas de anos, e embora a tecnologia tenha mudado, as pessoas são um pouco diferentes, de antes ou agora. Eles estão com medo, e eles usam o medo para justificar suas próprias ações, se é roubo ou ódio, violência ou assassinato. As pessoas ligam-se a famílias e grupos por proteção, e estranhos... estranhos estão sempre em risco.

Ele estava certo. Ela entrou em Morganville como uma estranha, e ela estava em risco... até que ela encontrou o seu grupo, sua família, seu lugar.

Claire deu uma respiração profunda. Ela chutou areia com a ponta do seu tênis e disse: — Então eu vou encontrar o meu grupo lá, lá onde eu vou. Você sabe que eu posso fazer isso. Eu fiz isso aqui.

— Aqui você é excepcional — ele disse. — Lá, quem sabe? Eles podem não valorizá-la tanto quanto nós.

Ele apontou o dedo no maior medo dela... o medo de não ser a melhor. De ser apenas... mediana, como todo mundo. Ela sempre batalhou tanto para se destacar, batalhou com tanto entusiasmo que era próximo ao medo; ir para o Instituto de Tecnologia de Massachusetts era o Santo Graal dessa busca, mas também vinha com uma faca de dois gumes. E se ela não fosse boa o suficiente? E se todo mundo fosse mais rápido, melhor, mais inteligente, mais forte? Ela não podia falhar. Ela não podia. — Eu vou ficar bem — ela disse, e forçou um sorriso confiante. — Eu posso fazer isso.

Ele suspirou então, e encolheu os ombros. — Sim. Sim, eu imagino que você possa — ele disse. — Eu queria que fosse de outra forma. Eu preferia que você ficasse aqui, segura.

— Segura! — Ela começou a rir, o que fez ele parecer magoado... mas realmente, era ridículo. Nada sobre Morganville, Texas, era verdadeiramente *seguro*... só um vampiro sugeriria isso. — Eu... deixa para lá. Talvez estar segura o tempo todo não seja a melhor coisa. Eu preciso ter certeza de quem eu sou lá fora, Myrnin. Eu preciso ser Claire por um tempo, e descobrir quem eu sou lá no fundo. Não fazer parte de uma coisa que é muito mais confiante do que eu. — *Ou alguém*. Porque não era apenas por causa de Shane, era por causa de Myrnin também.

Ele olhou para ela diretamente, então, com aqueles olhos escuros calorosos que pareciam tão humanos e ao mesmo tempo não eram. Ele tinha





visto tanta coisa — anos, gerações, todos os tipos de horror e morte, brilho e beleza. E aparentava. — Vou sentir saudades, Claire. Você sabe disso.

— Eu sei — ela disse, e não conseguia desviar o olhar. Ela queria, mas o olhar de Myrnin segurava o dela como um ímã. — Eu vou sentir a sua falta também.

Ele voou para ela e abraçou-a, uma coisa súbita e estranha; ele era muito forte e muito rápido, e tirou um pequeno grito assustado dela enquanto seu corpo se lembrava muito bem de como era ter as presas dele afundando no pescoço dela... mas então ele se foi novamente, afastando-se, virando em direção ao horizonte onde o rosa estava pintando as colinas e manchando o deserto. O vento estava frio e ganhando velocidade.

— Você deveria ir — Claire disse, e controlou o seu coração batendo forte, de alguma forma. — Meus pais estão a caminho. Eles vão estar aqui a qualquer minuto.

— Eu seria uma escolta miserável se eu deixasse você aqui no escuro, uma presa para qualquer coisa — ele disse. — Ladrão de estrada, e tudo mais.

— Myrnin, não deve ter tido um ladrão de estrada há pelo menos centena de anos. Provavelmente mais.

— Assaltante, então. Assassino em série. O bicho-papão moderno debaixo da cama, não é? Os homens maus saindo da escuridão sempre estiveram lá, e sempre estarão. — Ele deu um sorriso para ela, o que causou inquietação por causa do canino extra-grande, mas ele ainda estava olhando inquieto para o horizonte. Myrnin era velho; ele não iria explodir em chamas com a ascensão do sol, mas ele estaria desconfortável ao se queimar. — Eu tenho certeza que você está familiarizada com o conceito.

— Mais do que um pouco — ela suspirou, e viu os faróis do carro em alta velocidade sobre o topo da colina distante. *Mamãe e papai*. Ela sentiu uma pequena onda de excitação, mas foi rapidamente esmagada por uma enorme onda de tristeza e saudade. Parecia diferente do que ela esperava, deixar Morganville... deixar seus amigos para trás. Deixar Shane. — Eles estão vindo. Você deveria ir.

— Eu não deveria ver você indo embora?

— Com essa roupa?

Myrnin olhou para si mesmo, perplexo. — É mais elegante!

— Quando você festejava com Beethoven, talvez, mas hoje parece que você está indo para um baile a fantasia.

— Então eu deveria ter usado a camisa casual com isso?





Claire quase sorriu com a ideia de uma das camisas havaianas escandalosas colocadas sobre calças curtas e botas. — Deus, não. Você parece ótimo. Só não... adequado. Então pode ir, eu vou ficar bem, ok?

Ele olhou para o carro, vindo rapidamente em direção a eles, e finalmente assentiu. — Tudo bem — ele disse. — A professora Anderson estará esperando por você. Não se esqueça, você pode usar o celular para me ligar.

Ele parecia orgulhoso por ter se lembrado disso — tecnologia moderna não era sua habilidade mais forte — e Claire lutou para não revirar os olhos. — Eu não vou esquecer — ela disse. — É melhor você entrar em seu carro. O sol está vindo, eu não quero que você se queime.

Estava mesmo. Ela podia ver a borda de dourado ardente coroando a colina ao leste, e o céu acima tinha virado um azul anil. Em questão de minutos, seria plena luz do dia, e Myrnin precisava estar protegido.

Ele acenou para ela, e deu-lhe uma saudação antiga e formal, que parecia estranhamente perfeita naquela roupa. — Tenha cuidado — ele disse. — Nem todos os perigos têm presas de um vampiro. Ou previsibilidade de um vampiro. — Ele se moveu rapidamente para o lado do motorista de seu carro, abriu a porta, e então hesitou por um segundo mais para dizer: — Eu vou sentir muito a sua falta, Claire.

Ele bateu a porta e ligou o motor antes que ela pudesse dizer: — Eu vou sentir a sua falta também, Myrnin. — E então ele se foi, rugindo de volta para os limites da cidade de Morganville...

...ele disparou passando até mesmo por *outro* carro que estava indo rápido demais para fora de Morganville. A carona de Claire ainda estava a um par de milhas de distância, dirigindo-se em... este carro estava vindo em direção a ela.

E ela conhecia o carro muito bem.

O grande carro fúnebre preto derrapou até parar logo na borda do outdoor. Na verdade, ele derrapou para o lado quando parou, e a porta do passageiro se abriu com tanta força que Claire ficou surpresa de não ter quebrado... e então o namorado dela, Shane, se arremessou para fora, indo para ela em uma corrida.

— Não — ele deixou escapar, e jogou os braços ao redor dela. — Você não tem que ir assim.

Ela se sentiu dura por um momento com o choque e o medo da dor que iria vir, mas, em seguida, os traços familiares de seu corpo fizeram ela relaxar contra ele. Duas metades se encaixando como se tivessem sido moldadas dessa forma, apesar do fato de que ele se elevava sobre ela. E então ela estava beijando ele, ou ele estava beijando ela, e era selvagem, ardente, desesperado, angustiante e doloroso, e quando finalmente foi interrompido com um





suspiro, ela descansou a cabeça contra seu peito. Ela podia senti-lo respirando muito rápido, ouvir seu coração batendo muito alto. *Estou causando isso nele*, ela pensou. *Ele está sofrendo e é minha culpa*.

Mas ela sabia que não estava errada sobre isso. Ela amava Shane, o amava com tanta certeza que era como o nascer do sol, mas também sabia que ele tinha que vê-la de forma diferente — e ela precisava se ver de forma diferente, se eles fossem durar. Quando ele a tinha conhecido ela estava indefesa, desprotegida, e agora ela precisava provar que ela não era apenas igual a ele, mas independente igual.

Quer ele — ou ela — gostasse ou não.

Lá no carro, Michael tinha saído do lado do motorista e estava encostado no para-choque; ele parecia contente em esperar, mas ele também estava olhando para o horizonte, onde o sol estava nascendo rápido. Em minutos, ele estaria banhado em luz, e na sua idade de vampiro muito jovem, isso não era bom.

Claire colocou a mão no rosto de Shane, uma promessa silenciosa e, em seguida, correu para Michael para abraçá-lo. À luz do amanhecer magro, ele parecia humano novamente — pele tingida de rosa, os olhos azuis claros infinitos de um céu de verão. Ele beijou a bochecha dela e abraçou-a com uma força cuidadosa. — Você realmente não acha que eu iria deixar você fugir sem nenhum adeus, não é?

— Não — ela disse.

Ele beijou sua testa muito suavemente. — Volte segura, e volte logo — ele sussurrou para ela. — Nós te amamos.

— Eu também te amo, Michael — ela disse, e deu um passo para trás. — É melhor você entrar.

Ele balançou a cabeça e se retirou para o banco traseiro do carro escurecido — a tintura de vampiros era muito melhor do que qualquer coisa em carros humanos, e iria mantê-lo seguro do dia feroz do Texas — e, em seguida, foi a vez de Eve.

A esposa de Michael não tinha tido tempo para ficar devidamente vestida; ela parecia exatamente como se tivesse saltado para fora da cama em sua calça de pijama com desenho de morcego e regata, com seu cabelo tingido de preto em um confuso coque na parte de trás de sua cabeça. Ela ainda tinha rugas de sono em sua bochecha, e sem sua maquiagem gótica, ela parecia ridiculamente jovem. Ela também estava usando pantufas de coelhinho de vampiros. Myrnin tinha dado a cada um deles um par no Natal, o que eles tinham achado divertido, e quando Eve marchou em direção a Claire, as bocas





dos chinelos de coelho abriram e fecharam, suas línguas vermelhas aparecendo e dentes de pelúcia mordendo o chão.

Não uma roupa para o ar livre, mas Eve claramente não dava a mínima.

— Ei — ela disse, parando a dois metros de distância e cruzando os braços.

— Então é isso.

— Sim — Claire disse. — Eu só... eu não conseguiria...

— Não conseguiria virar mulher e dizer adeus? Jesus, Claire Bear, você nem sequer deixou um bilhete! Como você pôde fazer isso?

Não havia defesa para isso. Era verdade. Ela imaginou que os boa noites que eles disseram também foram despedidas, mas agora... agora ela sabia que não foram. A angústia de Shane tinha dito isso a ela, e assim como as lágrimas não derramadas de Eve brilhando em seus olhos.

Claire avançou, e Eve descruzou os braços bem a tempo de receber o abraço. — Idiota — Eve disse. — Imbecil. Perdedora. Então você ia correr no escuro e... e nos deixar... e... — Ela estava chorando agora, e Claire sentiu as lágrimas quentes em seu ombro molhando através de seu suéter. — E nós poderíamos nunca vê-la novamente, e eu amo você, Claire, você é como a minha irmã mais nova, e...

— Eu vou voltar — Claire disse. Ela se conteve ferozmente enquanto Eve chorava e soltava tudo para fora. — Eu juro, eu vou voltar. Você não vai conseguir se livrar de mim assim.

— Eu não quero me livrar de você! — Os punhos fechados de Eve bateram em suas costas, mas suavemente, desprovidos de qualquer força. — Deus!

Só havia uma coisa a fazer, e era deixar ela chorar, e Claire a deixou, lutando contra uma crescente onda de lágrimas dela mesma. Foi por isso que ela tentou se esgueirar... não porque ela não amava todos eles, mas porque as despedidas eram assim, tão dolorosas.

A minivan de seus pais rolou até a placa e parou, e Claire ouviu o motor desligar. Ela bateu nas costas de Eve algumas mais vezes até que sua melhor amiga deu um aceno trêmulo e se afastou.

— Olá, abóbora — o pai de Claire disse, e sorriu para ela da janela do lado do motorista. Ele parecia cansado, ela pensou, e chocou-lhe o quanto de cinza havia em seu cabelo. Ele não parecia bem, embora sua mãe lhe tinha assegurado que ele estava ficando muito melhor. — Pronta para ir?

— Quase — ela disse. — Alguns minutos?

— Leve o tempo que precisar. — Ele parecia que entendia, mas era definitivamente o Olhar de Pai que ele direcionou a Shane — desaprovação, não-bom-suficiente e avaliador.







Shane não percebeu, e mesmo que tivesse, ele provavelmente não teria se importado muito no momento. Ele fechou a distância entre eles quando Claire voltou, e embora ele não tenha colocado os braços ao redor dela, a sensação de um abraço se estabeleceu em torno dela.

Segura. Segura com ele.

— Eu não gosto disso — ele disse. — Eu não gosto de saber que você não pode me perdoar, Claire. Por favor, eu disse que estava arrependido, o que você quer que eu faça? Implorar? Eu irei. Eu vou ficar de joelhos aqui, se você quiser, na frente do seu pai...

— Não! — ela deixou escapar. — Não, não é... eu não estou com raiva, é sério, eu não estou. Mas eu preciso disso. *Eu* preciso disso. Eu não peço por nada para mim mesma, mas isso é meu, Shane. Não será por muito tempo, mas nos dá tempo para... para ver se somos realmente fortes separados, como somos juntos.

Ela também precisava que ele entendesse que ele tinha feito besteira, e ela não poderia ser uma daquelas meninas capacho... pronta para perdoá-lo quando ele fizesse coisas imperdoáveis. Ele não tinha confiado na palavra dela. Ele acreditou — apesar do que ele sabia sobre ela — que ela tinha esgueirado por trás das costas dele com Michael, o que, bem, *nunca* aconteceria.

E assim ela não poderia aceitar o pedido de desculpas rápido e fácil. Nem mesmo aqui, de joelhos, na frente de seu pai, que era o mais extremo que ele poderia conseguir.

Lágrimas obstruíram sua garganta novamente e quando ela viu que ele estava falando sério sobre isso, ela estendeu a mão e agarrou as mãos dele. Mãos grandes cheias de cicatrizes de lutas sobre as articulações; mãos gentis também, quando precisava. Mãos que ela amava, especialmente quando, como agora, elas se levantavam e tocavam suas bochechas ardendo, embalando elas com frieza. Seus polegares traçaram as maçãs do rosto dela suavemente, e ele inclinou-se para sussurrar: — Eu sinto muito, Claire. Por favor. Por favor, não vá embora.

— Eu... — Ela fechou os olhos, porque ela se sentiu tonta, puxada pela força da vontade dele, e até mesmo uma respiração profunda não adiantou. — Shane, eu tenho que ir. Eu tenho. Não quer dizer que eu não te ame ou que eu não vou voltar. — Ela abriu os olhos e encontrou o olhar feroz e desesperado dele. — Eu disse que ia me casar com você algum dia. Eu ainda quero, se você falou sério.

Isso despertou um sorriso igualmente feroz. — Oh, eu falei sério. Eu me casaria amanhã se...

— Eu sei — ela disse. — Mas eu não posso. Ainda não.





Ele a soltou, mas ele não recuou; ele pegou as mãos dela e levantou-as aos lábios para beijá-las, uma de cada vez. Ela estremeceu com o calor de seus lábios, e o desejo em seu rosto que ele não expressou com a voz.

— Se precisar de mim... — ele disse, e depois parou-se com um pequeno sorriso amargo. — Mas você provavelmente não irá.

Ela silenciosamente levantou seu celular. — Discagem rápida.

— Ligue para mim hoje — ele disse. — Ligue para mim todos os dias.

— Eu vou — ela prometeu. — Shane...

— Eu sei — ele disse. — Olha, eu odeio despedidas também. Mas às vezes precisamos delas para sobreviver.

Ele estava falando sério, e a deixou sem palavras e atordoada, e tudo o que ela pôde pensar em fazer foi beijá-lo mais uma vez, suavemente. Era uma promessa, e ela estava falando com todo o seu coração e alma.

E então ela foi até onde as suas malas estavam, e ajudou seu pai a colocá-las na parte de trás da minivan. Shane moveu-se para ajudar, mas ela desencorajou isso com um movimento de cabeça; ela precisava fazer isso sozinha. Ela tinha medo de ter um ataque e correr de volta para casa para Morganville, para a casa que todos eles compartilharam, se ela não fosse *agora*, por conta própria.

Não demorou muito tempo para mudar sua vida. Dez minutos, talvez. Com o sol da manhã dourando o outdoor, sobre Shane de pé com o braço em torno de Eve ao lado do carro fúnebre, com Michael seguramente atrás da tinta, ela jogou a mochila dela, fechou a porta e acenou. Eles acenaram de volta.

E, em seguida, de alguma forma, ela estava no banco do passageiro, colocando o cinto, embora ela não se lembrasse de fazê-lo, e a minivan estava acelerando ao norte, para longe de Morganville.

Longe de tudo o que ela tinha deixado para trás.

Ela se virou no banco para ver Shane e Eve desaparecerem na distância. Quando ela não pôde nem sequer ver o outdoor mais, ela virou o rosto para frente e deu uma respiração profunda trêmula. *Eu não vou chorar*, ela disse a si mesma. *Eu não vou*.

Finalmente ocorreu-lhe de fazer uma pergunta óbvia ao seu pai. — Onde está a mamãe?

— Ela disse que vai nos encontrar no aeroporto. Você está bem, criança? — seu pai perguntou. Ele manteve os olhos na estrada, e sua voz estava neutra, mas ele estendeu a mão direita, e ela a segurou. — Essa é minha garota. Você está bem. Lembro-me de trazer você para cá, você sabe, para a universidade. Você parecia tão menor antes, querida, e muito mais vulnerável. Olhe para





você agora, você é uma jovem mulher encantadora e confiante. Estou muito orgulhoso de você. E eu sei que foi duro para você.

Ela não se sentia encantadora, confiante ou uma mulher. A única coisa que ela se sentia era jovem, e agora, muito dolorida com a perda. Mas ela sorriu de qualquer maneira, e engoliu as lágrimas, e quando sua voz ficou firme, ela perguntou a ele como seu trabalho estava indo, e o que o médico estava dizendo sobre sua condição cardíaca, e mil coisas simples que compunham amor.

Eles conversaram por todo o caminho para Midland.



Não era apenas a mãe dela esperando no aeroporto, para o espanto de Claire. Foi uma  *festa*. Quando ela chegou com seu pai, arrastando as rodas de suas duas malas, ela imediatamente viu um banner rosa brilhante gigante que dizia PARABÉNS!, com cachos gigantes de balões que se elevavam a cada extremidade. E uma multidão. Uma multidão aplaudindo.

Ela não sabia o que estava vendo, honestamente... e então rostos começaram a entrar em foco. Seus professores do ensino médio — Sra. Street, Sra. East, Sr. Popp, Sr. Shelton... seus favoritos. E, em seguida, os colegas de classe, pelo menos dez deles. Alguns tinham sido amigos, mas amigos casuais; a maioria deles teria acabado de se formar no ensino médio, ela imaginou, já que eles tinham mais ou menos a idade dela. Ela tinha estado dois ou três anos à frente deles, graças aos testes com disciplinas essenciais.

Ela não tinha saudades deles, mas foi bom vê-los, de qualquer maneira — e estranho também, era como ter um sonho, onde tudo do passado estava de repente no presente, jogando tudo fora de ordem. Foi estranho, engraçado e maravilhoso, e quando ela recebeu abraços e tapinhas nas costas, passando em uma dança vertiginosa de pessoa para pessoa, ela sentiu como se todo mundo no aeroporto estivesse olhando para ela e se perguntando o que diabos estava acontecendo.

Quando ela recuperou o fôlego, ela sentiu uma súbita sensação aguda por aqueles que estavam faltando: Shane. Eve. Michael. Myrnin. Talvez até mesmo Amelie e Oliver e uma meia-dúzia de outros que ela conhecia — porém de forma inesperada — ela iria se arrepender de não estar aqui para ver isso. Myrnin teria estado encantado. Ele teria pego uma pilha de cupcakes da bandeja, e punch do resfriador, e comentando sobre a forma como a cor vermelha do líquido açucarado parecia com sangue diluído e... Shane teria se cansado e ameaçado estacar ele. Eve teria votado a favor. Michael teria rido.





De repente tudo parecia tanto muito como pouco.

O aeroporto de Midland não estava exatamente acostumado com celebrações, mas parecia colocar sorrisos nos rostos do pessoal da segurança, e até mesmo nos viajantes de negócios cansados com suas malas de viagem velhas e resistentes. As de Claire eram novas de bolinhas verde limão e roxa. Ela não tinha certeza se elas eram muito estranhas ou não, mas pelo menos ela não iria perdê-las.

A festa foi curta — quinze minutos e, em seguida, o pai de Claire começou a lembrar alegremente as pessoas que ela tinha que pegar um avião. Sua mãe a abraçou com força, enquanto o primeiro dos visitantes começou a sair, e disse: — É tão bom ver você, querida. Mesmo que seja para isso. — Ela empurrou Claire a um braço de distância e deu-lhe a inspeção de mãe, de cima a baixo. — Você parece um pouco magra, querida. Está comendo?

— Sim, mãe, eu estou comendo. Não se preocupe. Quando eu chegar em Boston eu vou comer lanches, comida de cafeteria e pizza, então eu provavelmente vou ganhar quatro quilos na primeira semana.

— Bem, você poderia ficar muito bem com quatro quilos, de qualquer maneira. — Ela nervosamente penteou os cabelos de Claire, reorganizando-o em torno de seu rosto. — Oh, querida, você poderia precisar de um corte de cabelo também. Bem. Me prometa que você tem tudo o que você precisa? Você precisa de lençóis, ou toalhas, ou...

— Eu vou ficar bem, mamãe — Claire disse, e pegou as mãos de sua mãe em suas próprias. — Eu vou ficar bem.

A mãe dela deu uma respiração profunda e convulsiva, e expirou antes que ela concordasse. — Eu sei — ela disse. — Você provavelmente precisa de roupas, no entanto. Você sempre precisa.

Essa era uma velha frase. O cabelo da mãe dela estava bonito, e ela estava de maquiagem, e o suéter e calças que ela usava se ajustava nela perfeitamente. Sua mãe sempre tinha tido muito mais sentido de moda do que Claire, e isso sempre tinha sido algo que a mãe dela tinha visto como uma desvantagem social. Claire não. Ela percebeu que quando ela estivesse pronta para se preocupar com essas coisas, ela iria. Mas agora, a blusa confortável de garota nerd, a jaqueta folgada e jeans eram tudo o que ela realmente precisava.

— Eu tenho roupas suficientes — Claire disse. Metade delas tinham sido dadas a ela por Eve, que tinha revirado os olhos para a natureza indigente do guarda-roupa de Claire e doou coisas que eram — para os padrões de Eve, de qualquer maneira — conservadoras o suficiente.

— E o dinheiro? Você tem dinheiro suficiente?





— Sim. — Ela tinha. Ela conseguiu um salário de Morganville como assistente de Myrnin, e ela ainda tinha um cartão de crédito que Amelie tinha assegurado que seria aceito em qualquer lugar do mundo. Era muito brilhante. — É sério, mamãe, eu estou bem.

— Eu sei que você está, você sempre está. — Sua mãe suspirou, e apertou-a em um abraço repentino e feroz que cheirava a pó e perfume. — Você está ansiosa para ver Elizabeth de novo?

A amiga de Claire, Elizabeth, do ensino médio, mudou-se para Cambridge também, embora ela estivesse frequentando uma escola diferente do ITM. Mas, honestamente, além de trocar e-mails e telefonemas, e a enxurrada de planos repentinos nos últimos dias, ela realmente não conhecia Elizabeth mais. Dois anos separadas era uma vida nos dias de hoje.

Ela ainda lembrava da corrida de emoção e consternação que ela sentiu com a abertura do primeiro e-mail. *Seus pais me disseram que você estava se mudando para a cidade*, Elizabeth tinha escrito. *Você não pode morar em um dormitório!!!! Estou alugando um lugar. Quer compartilhar? POR FAVOR POR FAVOR POR FAVOR*? Essa era Elizabeth, tudo bem; ela provavelmente tinha estado saltando para cima e para baixo, incapaz de ficar parada enquanto escrevia os *por favor*. E não havia nenhuma razão para não aceitar.

Só que agora, Claire se sentiu um pouco mal do estômago. *Talvez eu devesse ter apenas ficado no dormitório*. Mas ela não tinha tido boa sorte com isso antes na Universidade Prairie do Texas.

Sua mãe notou seu silêncio. — Oh, querida. Eu odeio que você vá tão longe, mas eu estou tão orgulhosa do que você realizou. Eu sei que é apenas o início de grandes coisas para você.

Esse era um pensamento muito estranho, de repente. Ela tinha feito tantas coisas nos últimos anos em Morganville que a ideia de haver *mais...* bem. Pareceu estranho.

Como o pensamento de que ela estava prestes a pegar um avião e voar para Dallas e, em seguida, outro voo para Boston. Ela tinha estado em Dallas apenas uma vez antes... com Michael e Eve. Com Shane. E lembrou-se de cada segundo do fim de semana doce, bonito e selvagem, onde os dois tinham começado a descobrir um ao outro de maneiras novas e pessoais. Foi... foi mágico em sua memória.

Voltar para Dallas sem ele parecia exatamente o oposto do mágico. Parecia o sinal agourento de uma maldição.

Seu pai a ajudou a entregar suas malas, e ela ficou com excitação nervosa ao mostrar a sua identidade para pegar os bilhetes, e depois era — de repente — a hora das despedidas novamente. Díficeis. Ela jogou os braços ao redor do





pescoço de seu pai e abraçou-o sem fôlego, e o beijou em ambas as bochechas, o que o deixou surpreso e feliz; ela era geralmente mais reservada do que isso. Sua mãe conseguiu o mesmo, e ambas fingiram não perceber o quão instável as vozes uma da outra estavam quando disseram todas as coisas habituais, todas as coisas amorosas.

E então ela estava na fila de segurança, e deixando seu passado para trás com uma finalidade que era mais do que um pouco assustadora. *Estou sozinha*. Engraçado. Ela enfrentou muito nestes últimos anos – vida e morte, e todas as etapas no meio. Perda e amor. Mágoa e alegria. Acima de tudo, perigo, perigo constante e incessante...

...No entanto, ela estava tremendo toda quando entregou ao agente do aeroporto o seu cartão de identificação e seu bilhete, e freneticamente se perguntou se ela tinha tirado de sua mochila todas os objetos habituais de sobrevivência de Morganville – nitrato de prata, estacas, lâminas. E se ela tivesse esquecido alguma coisa? E se...

– Senhorita? O que é isso? – O policial uniformizado franziu a testa e estendeu a carteira de identidade.

Oh. Seu cartão de *identificação de Morganville*. Ela pegou o errado rapidamente, corou e tirou a carteira de motorista do Texas, ao invés. – Desculpe – ela disse. – Hum... cartão da biblioteca.

Ele não tinha lido o texto, por sorte, e ele apenas deu de ombros, analisou seu rosto por tempo suficiente para deixá-la ainda mais nervosa, então acenou.

Seus sapatos foram difíceis de tirar – ela não tinha se planejado para isso – e seu casaco teve de sair também. Sua mochila passou através dos scanners sem problemas, felizmente, e então ela estava segurando todas as coisas dela, sem fôlego e com o alívio para o outro lado das barreiras. Claire caminhou descalça para alguns lugares, vestiu seu casaco e seu tênis, colocou a identidade de volta em sua carteira (movendo a identidade de Morganville com segurança para a parte de trás para evitar confusão com as coisas emitidas legitimamente pelo estado) e, em seguida, finalmente, esperou um momento para deixar a enormidade disso tudo atingi-la.

Ela foi revistada. Fez check-in. Suas bolsas foram enviadas para o avião. O pai dela iria enviar o resto das caixas para ela diretamente para seu novo apartamento.

Ela estava sozinha. Completamente, absolutamente e totalmente sozinha, entrando em um novo mundo sem Shane, sem os seus pais. Sem até mesmo seus inimigos.

Ninguém se importava. As pessoas passavam por ela e ignoravam sua existência.







Claire sentou-se por um momento em silêncio, absorvendo aquilo e ajustando-se à realidade de que fora de Morganville ela era apenas uma garota de dezoito anos indo para a faculdade, como dez mil outras meninas que ela viu ao longo do caminho. Não alguém especial.

Era, ela pensou enquanto pegava sua mochila e se dirigia para seu portão de embarque, a coisa mais assustadora que ela já tinha feito, e mais liberdade que ela já tinha tido.

Irônico.





# CAPÍTULO 2

**E**lizabeth Porter encontrou Claire na esteira de bagagens, segurando um cartaz gigante que dizia MELHORES AMIGAS PARA SEMPRE e acenando animadamente, o que foi bom, porque senão Claire provavelmente não a teria reconhecido. A Elizabeth gordinha e tímida da escola se foi, substituída por uma menina elegante, alta, com cabelo loiro platinado curto. Seu senso de moda tinha mudado também, para nerd sexy... ela estava com uma blusa de botão, minissaia de colegial plissada, meias até o joelho, sapato loafer, até mesmo com óculos de Bibliotecária Inteligente. Caras observavam enquanto ela pulava para cima e para baixo, gritava e jogava os braços em torno de Claire com o entusiasmo de uma líder de torcida em um jogo de campeonato. Uma líder da *equipe vencedora*, nesse caso.

— Você está aqui, oh meu Deus, eu estou tão animada! Claire! — Elizabeth de repente empurrou-a para uma distância de um braço e olhou para ela. Ela ficou mais alta, e era mais alta que Claire por pelo menos sete centímetros. — Você parece diferente.

— E você não? — Claire disse, e riu. Elizabeth se juntou a ela, e foi como se elas nunca tivessem passado um momento distantes... mas apenas por um segundo, porque então Elizabeth parou de rir, e algo estranho brilhou em seu rosto. Dois anos atrás, Claire não teria reconhecido, mas agora ela reconhecia o medo quando ela o via. *Bem, isso é estranho.*

Foi apenas um flash, e Elizabeth colocou um sorriso brilhante novamente. — Eu só queria uma mudança — ela disse. — Você sabe, deixar o Texas, me tornar uma pessoa nova, você quer isso também, certo?

— Certo — Claire disse. Ela não estava entusiasmada com isso; ela não queria mudar mais nada, na verdade, mas ela queria ser mais do que ela já tinha se tornado — mais *Claire*. Elizabeth, por outro lado, parecia ter mudado a si mesma para se tornar alguém completamente diferente, de fora para dentro. Isso não tinha sufocado a centelha que Claire sempre tinha gostado nela, no entanto. Isso ainda era evidente pelo jeito saltitante que Elizabeth ajudou-a a arrastar a bagagem para fora da esteira e elas caminharam por todo o caminho até o estacionamento.





— Por que você fez isso? — Elizabeth perguntou, de repente muito séria, quando Claire carregou a mala no porta-malas do antigo Ford Taurus de Liz.

— Fiz o que? Hum... não é para colocar a bagagem no porta-malas? — Certamente o mundo não tinha mudado muito.

— Olhou sobre o seu ombro — Elizabeth disse. — Você já fez isso a cada poucos segundos desde que você saiu do terminal. Você está preocupada com alguém? Alguém te seguiu? — Ela parecia muito séria de novo, e cuidadosa, e Claire de repente percebeu que sua amiga estava certa — ela tinha estado verificando rotineiramente e automaticamente para ter certeza que nada estava seguindo ela.

Cautela de Morganville.

— Oh — ela disse, e deu uma risada de desculpas. — Eu acho que... bem, a parte da cidade que eu tenho vivido não é segura, eu acho. Eu me acostumei a tomar cuidado.

— Bem, você está na civilização agora, não nessa cidade antiquada — Elizabeth disse e bateu a tampa da mala. — *Banzai*, vadia, vamos nos mover!

Claire subiu no carro, e Elizabeth entrou, gritou em excitação, e virou a música ao volume alto e cantou junto no topo de seus pulmões enquanto ela saía do estacionamento e entrava em uma luz fraca solar da tarde.

O passeio foi realmente educativo, porque Cambridge não se parecia nada com Dallas. Dallas era toda aço e vidro, calor e ângulos; Cambridge era antiga e coberta de grama, ainda venenosamente verde apesar do cair frio ser espesso no ar. As árvores eram muito mais altas do que ela esperava, e as cores... Claire ficou boquiaberta como uma criança no Natal, muito atordoada com a beleza disso tudo para se juntar a cantoria, mesmo que ela gostasse da música que Elizabeth estava atualmente cantando. As casas eram pequenas e quadradas e tão limpas e, ao mesmo tempo, tão... velhas. Tudo em Morganville parecia velho também, mas de uma maneira caindo aos pedaços. Aqui parecia mais história amorosamente mantida.

— Você vai precisar de um carro — Elizabeth disse de repente, abaixando o rádio. — Eu sei que você andou o tempo todo em Caipiraville, mas nós não vamos morar tão perto. Você vai realmente amar o apartamento, é super bonito e sim, é meio pequeno, mas aconchegante, na verdade... bem, é ok, mas vamos nos divertir, certo? Então. Conte-me sobre o garoto.

A troca de assuntos foi repentina, mas essa era Liz; ela sempre tinha sido assim, ultrapassando de um lado para outro sem muitos sinais de trânsito. — O nome do garoto é Shane — Claire disse. Apenas dizer fez algo torcer com força dentro dela, e por um segundo ela mal conseguiu respirar; pareceu que um punho fechado estava sobre o seu coração e esmagando ele. Lágrimas de





repente se reuniram em seus olhos, e ela teve que respirar fundo para se controlar novamente. — Ele é... ele é...

— Super bonito? — Elizabeth ofereceu quando Claire hesitou. — Adorável como um coelho fofo? Um grande idiota? O quê, menina, vamos lá! Desembuche!

— Perfeito — Claire disse. Não, isso não estava certo. Ele estava longe de ser perfeito, que era por isso que ela veio para cá para colocar um pouco de espaço entre elas. *Perfeito para mim, no entanto.* — Ele é mais alto que eu, e tem ombros bem largos, e sim, ele é super bonito e ele me faz feliz. — Ai. Ela disse. — Eu amo ele.

— Amor — Elizabeth suspirou e balançou a cabeça. — Saia dessa, amiga. Eu não quero que você fique choramingando por algum perdedor do Texas quando você veio para o território privilegiado para namoro! Eu pensei que você tinha dito que queria alguma distância?

— Eu quero — Claire disse. Neste momento, ela sentia falta de Shane com uma intensidade que a deixava instável. E não *apenas* Shane. Ela sentia falta de Eve e Michael, e da forma mais fácil que eles se encaixavam como amigos. Ela já sabia que Elizabeth, positiva, engraçada e energética como era, pretendia pressioná-la a ser algo que ela não era, e que Liz não aceitaria um não como resposta. *Eve teria apenas feito eu me sentir confortável*, ela pensou. *E bem-vinda. Nós nem sequer chegamos ao apartamento e Liz já está tentando me arranjar um encontro rápido.*

— Então esqueça seu Cowboy Gostoso e vamos apenas nos divertir como duas garotas solteiras prontas para qualquer coisa. Certo?

— Elizabeth...

— Certo? — Elizabeth tirou os olhos da estrada por tempo suficiente para dar-lhe um olhar de comando.

— Certo — ela disse. — Apenas... apenas dirija. Você está me deixando nervosa.

— Você ficou todo séria, você sabia disso? O que eles fizeram com você longe da civilização? — Liz fez um pequeno beicinho, mas ela começou a cantarolar junto com o rádio em poucos segundos, e as nuvens começaram a se afastar. — Eu espero que você goste de azul. Eu dei a você o quarto azul.



Elizabeth não estava brincando. Esse quarto era *azul*. O apartamento era em um edifício degradado que provavelmente tinha sido uma vez uma casa grande, mas tinha sido cortado em quatro divisões estreitas, cada uma com





três andares. O quarto de Claire ficava no topo de uma escadaria rangente e descascando, e era realmente... azul.

As paredes tinham sido pintadas em uma cor escura brilhante e deplorável que fazia tudo parecer ainda mais apertado do que realmente era (e era muito pequeno). Havia espaço para a cama de solteiro velha, uma cômoda quebrada pintada com um azul pálido e um espelho velho o suficiente para ter manchas opacas sobre ele. Vintage seria uma palavra para ele.

Claire testou o colchão. Vintage seria uma palavra para ele também.

— É ótimo, certo? — Elizabeth perguntou, depois de ter arrastado sua maior mala atrás dela. Com as duas e as duas malas, não havia espaço para caminhar. — Barato também. Apenas dois mil por mês, além de utilitários de aluguel.

Isso deixou Claire ereta na cama flácida. — Dois mil?

— Não para *cada* uma — Elizabeth disse. — Quero dizer, metade, então é mil para você. — Ela riu abertamente com a expressão no rosto de Claire. — O quê, você não acha que viver aqui seria mais barato, não é? Qual é. Os preços são baixos no Texas porque ninguém quer morar lá!

*Eu quero*, Claire pensou, e engoliu em seco. Ela não contava com pagar muito no aluguel, mas ela podia lidar com isso. Comer qualquer outra coisa além de miojo e manteiga de amendoim estava praticamente fora de cogitação, no entanto.

Elizabeth estava parecendo preocupada agora. — Não é um problema, não é?

— Não — Claire disse. — Está tudo bem. Eu só... — Ela engoliu as palavras, *odeio esse quarto*, e disse: — só não esperava que fosse tanto assim. Eu deveria ter perguntado.

— Eu deveria ter avisado a você — Elizabeth disse. Ela sentou-se na cama ao lado de Claire e saltou para cima e para baixo, o que estendeu as velhas molas aos seus limites. — Desculpe, eu apenas pensei... eu acho que eu estava com medo que você dissesse não. E eu não podia suportar se você dissesse não, Claire. Eu só... é tão bom ter alguém da antiga vida, sabe? Alguém que me conhece. Realmente conhece a verdadeira eu.

— Essa não é a você verdadeira agora? — Claire apontou para tudo. A roupa, o cabelo, tudo.

— Acho que sim. Eu apenas... às vezes parece tão estranho, e eu queria poder voltar a ser... criança, sabe? Uma garota em casa com nada com o que se preocupar. — Elizabeth suspirou e parou de saltar. — Eu passei muito tempo querendo estar por conta própria e agora... parece estranho. E muito assustador estar no comando. Certo?





Claire não respondeu desta vez. Ela colocou o braço em torno de sua amiga, e elas se sentaram juntas em um silêncio de repente confortável por alguns longos segundos antes de Elizabeth — praticamente uma criança metilfenidato<sup>1</sup>, com toda a sua energia para queimar — se soltou e agarrou a mão de Claire para puxá-la para ficar de pé. — Você tem que ver o meu quarto! — Elizabeth disse brilhantemente. — Você vai adorar, nós podemos arrumar o seu também, torná-lo realmente seu...

Ela continuou falando enquanto puxava Claire em direção à porta, e para ser honesta, Claire não estava realmente ouvindo até que Elizabeth, a meio caminho descendo as escadas, terminou com uma frase: — e o fantasma.

— Espere. — Claire puxou ela para uma parada completa. — O que você acabou de dizer? *Fantasma?*

— Claro! A casa é assombrada; essa não é a melhor coisa?

Claire esperou um segundo. Ela sempre tinha sido capaz de perceber em Morganville se algo estranho paranormal estava acontecendo ao seu redor, mas aqui parecia uma casa velha rangendo e fria. — Você tem certeza?

— Bem, sim, é claro! Eu a vi. É uma senhora de branco, eu acho, e ela deriva em torno da escada às vezes. Maneiro, certo? Eu acho que ela provavelmente morreu aqui. Talvez ela foi cruelmente assassinada!

Talvez fosse uma coisa de Morganville, mas Claire estava razoavelmente certa de que ela nunca tinha pensado em alguém que foi horivelmente assassinado com tanto entusiasmo. Ela tinha visto muitos exemplos disso na vida real. Isso, ela percebeu, era a verdadeira lacuna entre ela e Elizabeth agora... experiências de vida. Elizabeth ainda vivia em um mundo onde o pior que poderia acontecer era uma carteira roubada ou um pequeno acidente. Ela não sabia como as coisas eram frágeis, ou o quão duro você tinha que lutar para mantê-las unidas quando o mundo ficava fora de controle.

Claire se sentiu velha, embora ela fosse um ano completo mais nova. Ela disse: — Hum, eu posso ver agora o seu quarto?

— A conversa assustadora te assustou?

— Um pouco, sim. — Shane teria dado uma resposta brilhante, ou Eve, mas Claire não conseguiu pensar em uma de repente. Não importava. Elizabeth puxou-a para baixo pelo resto do caminho contorcendo nas escadas para o segundo patamar, e abriu a porta e acendeu as luzes.

— Tã dã! — ela cantarolou, e fez um movimento extravagante com seu braço. O quarto era laranja como o de Claire era azul. Para ser justa, apenas uma parede foi pintada dessa cor, mas era a mais longe e praticamente brilhava

---

<sup>1</sup> **Metilfenidato:** Estimulante leve do Sistema nervoso central.







no escuro. Assim como a colcha com sua confusão de babados, e as pilhas de travesseiros. Era bonito, embora, mesmo que fosse perturbadoramente brilhante... Elizabeth tinha colado cartazes de bandas e algum tipo de arte de fantasia com características de asas e anjos masculinos seminus. A cômoda estava praticamente coberta por maquiagem e pilhas de joias. Era o quarto mais feminino que Claire já nunca tinha visto, na verdade, e isso incluía o de Eve. Pelo menos o de Eve era *obscuro*.

— É realmente... alegre — Claire disse. Isso era verdade. Ele também lhe deu uma dor de cabeça. Talvez fosse o incenso, que cheirava a... laranja recém descascadas. Isso parecia um tema um pouco demais para a sanidade. Pelo lado positivo, ela de repente estava grata que Liz tenha escolhido azul para o seu quarto. — Bem, me deixe descompactar, e você pode me mostrar o resto do lugar, ok?

— Não há muito mais para ver. Tem uma pequena área de estar e a merda de uma cozinha. Sem TV; eu achei que poderíamos comprar alguma coisa se nós quisermos ver, mas eu não gosto mais dessas coisas de qualquer maneira.

— Que coisas?

— Você sabe, TV, livros, filmes, todo esse tipo de coisa. — Liz desprezou com um aceno de sua mão. — Eu gosto do mundo real. Além disso, somente os nerds vão atrás de todas essas loucuras de histórias inventadas.

Isso foi um choque, porque Claire lembrava claramente de Liz gritando por causa do último livro de Harry Potter, e conversando animadamente sobre o que Snape iria aprontar no próximo. Essa Elizabeth — essa loura platinada, cuidadosamente maquiada, jovem e fashion — essa era uma estranha. — Eu ainda gosto — Claire disse. Não na defensiva, porque ela realmente não sentia a necessidade de se defender. Ela só estava afirmando um fato.

Mas parecia que Elizabeth aceitou isso como um ataque pessoal. Seu rosto ficou rosa em torno das bochechas e na parte superior da testa, e ela olhou e disse: — Bem, *eu não*, então vamos ter algumas regras básicas logo, você não traga para casa qualquer esquisito nerd que iria querer se sentar por aqui e jogar jogos ou falar sobre filmes ou essas coisas. Você nunca vai encontrar um cara desse jeito, e você vai arruinar as minhas chances, também!

— Um... cara? — Claire se sentiu repentinamente vaga, porque esta conversa estava ficando mais e mais estranha. — Liz, eu não estou procurando por...

— Está certo, fique sentada de mau humor por causa do seu cowboy estúpido por todo o dia e noite, mas eu vou encontrar alguém que valha a pena.





— O que é que vale a pena para você? — Isso deve ter saído provocador, mas Claire honestamente queria saber. Era meio que um experimento antropológico.

Elizabeth pareceu confusa por um segundo, em seguida, enumerou o que ela queria. — Dinheiro — ela disse. — Um trabalho decente, algo como medicina ou finanças ou algo assim. E um bom carro. Ele tem que ter um bom carro. Além disso, ele deve ter o cabelo curto e usar gravata na maior parte do tempo. Gravatas de seda boas, não aquelas de baixa qualidade exclusivas da Kmart.

Ela tinha regras extremamente específicas, Claire pensou. — Já encontrou alguém?

— Ainda não, mas eu sei o que fazer. Eu vou para os lugares que esse tipo de homens aparece, como as lojas de produtos de luxo e ópera, e vou esperar alguém me observar e conversar comigo. Eu já recebi um monte de conversas. Mais cedo ou mais tarde um deles vai namorar comigo.

Isso era... bem, Claire não tinha nenhuma outra palavra para isso. Bizarro. — Você não quer, eu não sei, conhecer alguém e se apaixonar porque vocês são... certos um para o outro?

Liz deu de ombros. — Eu realmente não me importo com isso — ela disse. — Romance é para idiotas. Eu cansei de todas essas coisas.

— Liz... — Claire não sabia que outra forma falar isso. — O que diabos aconteceu com você? Porque você não... não é a mesma.

Elizabeth deu-lhe um olhar longo e amargo. — Você não quer saber — ela disse. Claire lembrou-se do flash de medo nos olhos de Liz no aeroporto, e se perguntou ainda mais o que queria dizer. — Eu só estou dizendo a você que o seu namorado? Ele pode fingir ser o Príncipe Encantado, mas ele vai mostrar a verdadeira personalidade. Todos eles mostram. — Ela entrou em seu quarto e segurou a porta. — Me avise quando você desempacotar, nós vamos fazer algum jantar.

Então ela fechou a porta, e Claire ficou de pé na escada, se sentindo muito sozinha. Elizabeth tinha mudado, tudo bem — muito mais do que Claire, mesmo com todas as pressões de Morganville. Ela estava tentando tanto ser adulta que ela iria destruir alguma coisa — provavelmente a si mesma, Claire pensou.

Mas Liz estava certa... ela precisava desfazer as malas. Embora quando ela voltou para cima e analisou o quarto azul deprimente novamente, a primeira coisa que ela queria fazer era levar as malas e correr, correr, correr de volta para...

...para Shane.





Claire pegou seu celular e rolou pela agenda. Todos os nomes conhecidos e dolorosos. *Eu posso ligar para ele*, ela pensou. *Eu posso ligar agora*.

Em vez disso, ela desligou o celular, deu uma respiração profunda e lenta, e jogou a primeira mala aberta em cima da cama rangendo.

Talvez colocar as coisas nas gavetas e no guarda-roupa estreito fosse fazê-la se sentir menos... perdida.

Uma hora mais tarde, porém, as malas estavam vazias, e as gavetas estavam cheias de roupas íntimas, camisetas e roupas, o que precisava estar em cabides estava com sucesso na haste do armário, e sua antiga variedade de sapatos ordenadamente arrumada... e ela colocou o pequeno número de coisas pessoais que tinha trazido com ela ao redor do quarto. Ela não se preocupou com pôsters, mas ela tinha fotos emolduradas de Shane, e um álbum de fotos de Michael, Eve, Myrnin, Amelie e todo mundo de Morganville que quis tirar as fotos, ou até mesmo aqueles que não estavam — como Oliver, tirada as escondidas. Um registro do que ela tinha deixado para trás, do bom e do ruim. Até mesmo a aranha de estimação de Myrnin, Bob, tinha sua própria foto em zoom. Ela estava surpreendentemente fofa.

E Claire ainda se sentia perdida e sozinha. Ter as coisas familiares ao redor apenas fez tudo parece mais estranho.

Ela continuou organizando as coisas até que ela percebeu que estava beirando ao obsessivo e, finalmente, ligou seu computador, conectou o Wi-Fi (pelo menos isso era decente) e descobriu que tinha vários e-mails na sua caixa de entrada. Uma era de seu pai dizendo-lhe para ligar para confirmar que estava a salvo em seu novo lugar. O mesmo vindo de Michael e de Eve, e até mesmo um recado formalmente estranho de Myrnin que resumia a mesma coisa (ela estava surpresa que ele realmente tenha descoberto uma forma de mandar por conta própria). Era tudo muito doce, mas ela não poderia falar com eles agora; o desespero de ter tomado essa decisão pairava em cima dela e ela sabia que ela ia desabar e chorar se ela ouvisse uma voz familiar. Então ela enviou e-mails ao invés.

Era tudo o que ela podia fazer para não pedir a eles para virem buscá-la e levá-la de volta para casa.

*Não, eu não vou fazer isso. Eu não desisto*, ela recordou-se. *Eu não desisti quando cheguei em Morganville, e as pessoas estavam realmente tentando me matar. Eu não vou embora agora só porque eu não gosto do meu quarto e da minha companheira de casa meio louca.*

De repente, atingiu-a de que não havia nenhuma mensagem de Shane. Nenhuma.





Um nó grosso se formou em sua garganta, e ela involuntariamente olhou para a foto mais próxima que ela tinha colocado dele. Era sua favorita. Ela o pegou descontraído, rindo, e o entusiasmo em seu rosto sempre a fazia se sentir segura e feliz.

Mas e se aquela luz tivesse ido embora? E se ela nunca a visse nele de novo — se ele esquecesse dela enquanto ela estava fora, ou tudo mudasse entre eles? *Seria culpa sua*, algo nela disse. *Porque você foi embora*.

Claire pegou seu celular e passou o dedo levemente sobre a tela. Tão fácil de ligar para ele. Levaria apenas um par de movimentos, e então o celular tocaria, e...

...e se ele não atender?

Claire deixou cair o celular e apoiou a testa quente contra as suas palmas, e assim que ela estava pronta para se rastejar em sua cama sórdida e decadente e chorar, seu computador soltou um pequeno toque musical para dizer a ela que uma nova mensagem tinha chegado.

Ela pegou o mouse e freneticamente clicou, e um vídeo veio à tona. Ele estava escuro no início, e depois uma luz clicou, e ela viu o rosto de Shane aparecer. Ele estava em seu quarto, ela viu... era tão bagunçado como sempre, e ver o quarto e ele fez sua garganta se fechar com uma saudade frenética.

— Ei — a imagem de Shane dizia. Não era Skype, não em tempo real, apenas uma gravação, então ela controlava o impulso quase louco para responder ele, deixar escapar o quanto ela sentia falta dele, amava, precisava dele. Ela não podia se impedir de tocar na tela e traçar as linhas de seus lábios com os dedos. — Então, eu acho que você está aí em seu novo lugar. Espero que seja incrível. Se não for, você vai tornar incrível, porque é isso que você faz. É seu superpoder. Além disso, isso é para Claire, por isso, se eu enviar para alguém na lista por engano, pare de assistir agora ou eu vou ter que te matar.

Isso a fez rir, e ele deveria saber que ela iria porque ele sorriu um pouco. Isso fez a pele nos cantos dos olhos dele se dobrar ligeiramente. — De qualquer forma — ele disse, — Claire, se você está vendo isso, e você não está tão chateada comigo para simplesmente apagar a coisa toda sem assistir... eu sinto a sua falta. Eu sinto tanta falta de você que dói. Eu continuo andando pela casa e desejando que você estivesse aqui, e que eu pudesse... que eu pudesse descobrir como consertar as merdas que eu fiz. Até que eu possa fazer isso, porém, eu acho que o que eu estou dizendo é que eu sinto a sua falta. Isso é tudo. Então, se você está sozinha aí, não se divertindo e conhecendo caras ricos em Boston, talvez possamos estar solitários juntos.





Ele vinha evitando a câmera, mas agora ele fez contato visual com ela, e ela se sentiu como se ele estivesse olhando diretamente para ela. E aquele sorriso... ele quebrou seu coração.

— Te amo — ele disse e desconectou como se ele estivesse com medo de ser pego fazendo isso.

Isso fez seus olhos se encherem de lágrimas, e ela sentou-se por mais alguns minutos, assistindo, repetindo, observando os lábios dele dizendo as palavras.

*Podemos ficar solitários juntos.*

Ela estava estendendo a mão para seu celular quando Elizabeth — sem bater — abriu a porta do quarto com tanta força que derrubou uma de suas malas vazias. — Ei! — ela disse alegremente. O humor negro que ela tinha estado tinha sumido, e olhando para seu sorriso brilhante, Claire se perguntou se ela tinha imaginado. — Pronta para algum jantar caseiro delicioso? — Liz perguntou. — Porque eu estou totalmente com fome. — Ela colocou as mãos nos quadris e olhou ao redor do quarto, em seguida, olhou em volta novamente. — Hum... você desempacotou?

— Sim.

— Uau. Eu realmente preciso mostrar a você como decorar, não é?

*Não se esta cor de tinta é um indício*, Claire pensou, mas ela manteve isso para si mesma. Ela calmamente pensaria em algo neutro e recolocaria as coisas do jeito que ela queria — sem confrontação, sem drama, sem confusões. — Então, o que é para o jantar?

— Que tal macarrão com queijo e um pouco de frango? Tem um pouco de sobra de frango frito, mas ainda está bom, eu juro.

Isso soava bom. Claire não tinha sequer percebido que ela estava com fome até que seu estômago começou a rosnar, e ela deslizou para fora da cadeira de trás de seu computador e colocou seu celular no bolso no caminho para fora da porta.

O jantar não iria demorar *tanto* assim.

...exceto, que demorou. Era um inferno cozinhar com Elizabeth; ela queria tudo feito perfeitamente. Claire colocou o macarrão em água fervente, e Liz ficou chateada e tirou do fogo porque ela queria verificar a temperatura da água primeiro. Claire perguntou o porquê, o que trouxe um volume insano de informações sobre cozinhar a massa em apenas temperaturas corretas, e física e química dos alimentos, e honestamente, mesmo que Claire fosse uma viciada em física, ela não poderia realmente aplicá-la na caixa de massa e o queijo que era vendido por um dólar uma caixa. Ela só recuou e deixou Liz realizar todas as suas observações de temperatura, misturar o molho, e ficar





geralmente obcecada com cortar os pedaços de frango no tamanho certo para colocar com a massa que já estava pronta. Tudo isso levou cerca de uma hora, que foi cerca de meia hora a mais do que Claire queria passar no macarrão e queijo, mesmo que Liz tenha acrescentado algo que ela disse que eram ervas chinesas e azeite de túbura branco. No final, o gosto era como ela esperava, mas no momento Claire estava disposta a comer até caixa também.

Claire assumiu o papel da limpeza, o que pareceu satisfazer Liz, e quando ela terminou, ela se dirigiu para as escadas.

— Espere — Liz disse. — Você vai embora? Desse jeito?

— O que você quer dizer com desse jeito?

— É a nossa primeira noite aqui! Você não acha que deveríamos, você sabe, comemorar? Eu tenho um filme que podemos assistir, ou podemos simplesmente compensar o tempo perdido e conversar. — Liz estava praticamente implorando a ela. — Por favor? Eu sei que faz muito tempo e talvez, talvez você apenas esteja realmente se sentindo perdida, e eu quero que você goste daqui. Então deixe-me ajudar.

*Eu só quero ir lá para cima, ligar para Shane, e passar toda a noite conversando.* Mas se ela dissesse isso em voz alta iria soar como se ela fosse uma garota que não poderia existir sem um garoto, e não era isso que a vinda dela para o ITM estava tentando provar? Era bastante ridículo falhar no primeiro teste, no primeiro dia que ela estava separada dele.

— Claro — Claire disse, e tentou forçar alguma animação em sua voz. Ela se sentia horrível, mas não era culpa de Liz. Sua ex-melhor amiga estava tentando preencher o vazio, e o mínimo que Claire podia fazer era deixá-la.

Além disso... ela poderia ligar para Shane mais tarde.



Elizabeth era, afinal, uma fanática por filme, e seis horas mais tarde Claire finalmente pediu para ser liberada do ataque de filmes e subiu as escadas, sentindo-se mais como um zumbi do que uma sobrevivente de um ataque de mortos-vivos. Assistir a filmes de terror sangrentos na primeira noite numa casa antiga chiando com uma companheira de casa esquisita não foi divertido como tinha sido na Glass House, cercada por pessoas que ela amava e confiava. Aquela casa sempre pareceu — e sempre foi, em algum nível — *viva*, e protetora deles.

Essa parecia fria, alienígena, e totalmente indiferente à sua vida ou a morte, o que fazia a imaginação dos rangidos e ruídos serem assassinos em série com a intenção de assassinato muito fácil.







Claire subiu as escadas, acendeu as luzes e subiu na cama com seu celular. Ela pensou em desligar as luzes novamente, mas em seu estado privado de sono e superestimulado cada sombra parecia um monstro, e ela pensou que podia ver as coisas em movimento nos cantos dos olhos.

É melhor deixá-las ligadas.

Ela discou o número de Shane e aconchegou-se nos travesseiros, quente e seguro, finalmente, debaixo das cobertas, mesmo se o colchão parecesse estranhamente duro e os lençóis cheirasse a sabão desconhecido.

Seu celular tocou e tocou e tocou e, finalmente, foi para o correio de voz.

Isso foi como um punhal de gelo em seu coração; ela sentia-se anestesiada e destruída, tudo de uma vez. *Ele não atendeu.* Ela tinha ligado, ela assistiu ao vídeo, e ele não estava lá, não estava atendendo. Ela estava cansada demais para pensar racionalmente, de modo que a próxima coisa em sua mente era que ele tinha ficado zangado, desligado o celular, talvez até mesmo bloqueado seu número. E se ele tivesse saído? Quando ela se mudou para Morganville Shane estava namorando outras meninas, embora não a sério... talvez ele já tivesse ligado para uma delas, ido ao cinema, ou...

...ou pior. Talvez ele já estivesse se esquecendo dela, rindo de piadas de alguma outra menina. Alguém mais velha e mais bonita.

*Pare com isso,* ela disse a si mesma com raiva, e desligou o celular. *Apenas pare.*

Claire colocou o celular no silencioso, escondeu debaixo do travesseiro e tentou fortemente não chorar.

Ela nunca se sentiu tão abandonada, ou tão só, em sua vida.





# CAPÍTULO 3

## SHANE

ão levou muito tempo para embalar a maior parte das minhas porcarias. Sinceramente, eu não tinha muita coisa; eu não era uma vítima da moda como Eve — diabos, até mesmo Michael tinha mais roupas do que eu — ou um colecionador de coisas. Poucas camisas bem velhas, alguns jeans que tinha visto o pior desde ácidos, manchas de sangue a chumbo grosso, e não do jeito enfeitado dos designers. Era mais do jeito “eu sobrevivi a isso”.

Decidi abandonar o aparelho de som — que era uma coisa antiga de terceira mão de qualquer maneira, e barata — e que era a maior coisa que eu possuía, além de armas.

Era as armas que iriam ser complicadas. Uma espingarda pesa uma quantidade razoável. Acrescente várias outras coisas mortais afiadas, algumas estacas, um par de bestas e você tem um problema... especialmente se você está pensando em não ter nenhum endereço fixo por um tempo. Em outras palavras, eu tinha que escolher o que eu poderia facilmente levar na mochila de camping surrada que meu pai tinha usado uma vez para o mesmo fim. Acontece que sem as roupas, meu celular, algumas coisas básicas para não cheirar ruim, o pacote pesava cerca de vinte e três quilos quando eu finalmente consegui testá-la.

Aceitável. Soldados carregavam isso tudo além de armaduras para o corpo e eu não iria para as montanhas do Afeganistão.

Quando eu tirei a mochila e a encostei contra a parede, senti alguém me observando... e eu estava certo. Michael. — Não vou conseguir convencer você do contrário — ele disse. Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Não.

— Você tem certeza de que esta é a coisa certa a fazer.

— Sim. Você e a sua esposa precisam de algum tempo sozinhos. A última coisa que você precisa é que eu ande por aqui como o novo fantasma da casa, assombrando o quarto de Claire. Além disso, cara, eu não sou emo.

— Eu nunca disse que você tinha que ir.





— Nunca precisou — eu disse, e verifiquei o meu celular novamente. Nenhuma chamada. Toda vez que eu checava e não via o nome de Claire, eu sentia a bola escura e irregular de ansiedade dentro de mim ficar um pouco maior, sufocando-me um pouco mais. — Você vai me dar uma carona para a fronteira ou não?

— Shane...

Eu dei a ele um longo olhar, e ele calou a boca. — Nós já passamos por muita coisa, Michael, mas eu não vou entrar em colapso em seus braços viris e chorar por causa disso, ok? Eu já disse que eu não culpo você. Eu não culpo. Não é sua culpa que ela nos deixou... é minha. Eu deveria ter confiado mais nela. Eu deveria ter acreditado mais em você. Eu tenho algumas coisas para compensar, não apenas com ela, mas com você. E provavelmente é melhor eu fazer isso a distância, para que você e Eve possam começar a se sentir realmente casados sem mim espreitando no fundo. — Isso ainda machucava, a ideia de que eu estivesse atrapalhando eles; eu sabia que era parte da razão por qual Claire tinha decidido ir também. Mas ele e Eve *precisavam* de um tempo sozinhos. Era apenas a verdade, por mais difícil que fosse.

— Eu vou te dar uma carona — Michael disse. Ele caminhou até a minha mochila e pegou-a como se eu tivesse carregado ela com penas. — Você tem armas aqui?

— Algumas.

— Você sabe que isso vai fazer você ser preso lá fora, certo?

— Só se eu tiver realmente má sorte, ou eu decidir entrar em uma loja de bebidas com elas.

— Você é um bastardo arrogante, eu já lhe disse isso, mano?

Eu lancei a ele um sorriso. — Você realmente acha que você precisava?

Ele me deu um tapinha nas costas quando ele passou por mim. — Vamos lá, criminoso. Eve vai me matar se eu não deixá-la dizer adeus.

— Oh, cara, isso significa que ela vai chorar. Mais uma vez.

— Como um rio — ele me assegurou. — Que bom que você está usando uma camisa preta. Aquele rimel nunca mais sai.

Eu o parei no topo das escadas, e por um momento nós apenas olhamos um para o outro. Em seguida, ele colocou a mochila para baixo, e me abraçou forte. Não havia necessidade de palavras, discursos ou qualquer coisa assim; ele ofereceu-me um punho para bater, eu bati, e nós estávamos bem.

E então fomos lá embaixo para onde Eve estava andando no piso, mastigando uma unha neon-colorida. Em algum momento nos últimos dois anos as meninas tinham começado a pintar as unhas de um jeito estranho, de modo que o polegar neon não combinava com os outros quatro dedos, que





era o preto gótico padrão. Ela amarrou seu cabelo com mechas coloridas para trás em um rabo de cavalo tão apertado que eu me perguntei como ele não lhe dava uma enxaqueca, e ela estava pálida, embora ela tinha maneirado no pó de arroz hoje. Na verdade, ela não parecia particularmente gótica mais — estava com uma sombra dramática e lápis nos olhos, mas não tanto mais.

Embora ela estivesse usando sua roupa de combate — blusa preta apertada, calças cargo, botas pesadas. Tudo, menos bandoleiras.

— Então você vai, afinal de contas — ela disse. Ela não parecia particularmente surpresa sobre isso, e eu reconheci o tom perigosamente desanimado de sua voz. — Eu não tenho certeza se você está louco ou apenas apaixonado.

— Não há muita diferença agora, Eve. Eu tiro duas semanas, vou até Boston, fico perto no caso de ela precisar de mim... e se ela não precisar, se tudo estiver bem e ela não quiser me ver, eu volto para casa. — Eu estava tentando realmente evitar de parecer um perseguidor, porque algo dentro de mim estava empenhado a vê-la, mesmo à distância. Eu queria que ela tivesse sua liberdade — ela queria e precisava. Mas eu também não conseguia sacudir a ideia de que deixar Claire, o ímã de problemas, longe e do outro lado do país sem apoio era... uma ideia muito ruim. — Eu só preciso ter certeza de que ela está bem.

— Eu também — Eve disse. Ela mordeu o lábio, e de alguma forma segurou as lágrimas que eu sabia que estavam à espreita logo abaixo da superfície. — Pelo menos *você* não se foi no meio da noite sem dizer uma palavra.

— Ela estava tentando tornar mais fácil — eu disse. — Não é que ela não nos ame. Você sabe disso.

— Eu sei. Mas não torna melhor acordar e descobrir que ela se foi, não é? — Ela me lançou um olhar sombrio, e eu tive que concordar. A sensação voltou para mim: o choque, o abandono, o meu estômago caindo em direção ao centro da terra. Antes que eu pudesse lidar com isso, Eve me abraçou, e eu a abracei de volta. Parecia tão familiar e acolhedor para mim como a irmã que eu tinha perdido há muito tempo agora, e de repente me dei conta de que, por inúmeras razões, eu não poderia voltar para Morganville uma vez que eu a tivesse deixado. Acidentes aconteciam. Eles poderiam acontecer em qualquer lugar. — Tome cuidado, Shane. E eu estou falando sério. — Sua voz foi abafada contra o meu ombro, e parecia instável. — Você volte para nós ou eu juro que eu vou encontrá-lo, desenterrar o seu cadáver fedorento e chutar a sua bunda até que ela se desintegre.





Eu dei um tapinha nas costas dela e beijei sua bochecha. Ela cheirava a flores, mas não do tipo doce e inocente... mais como as que floresciam à noite. — Você tome conta de Michael e não se preocupe comigo, menina forte. E se certifique de tomar cuidado consigo mesma.

Ela fungou um pouco, mas as lágrimas não chegaram a se libertar, e ela compensou me dando um tapa forte no meu ombro quando ela recuou. — Não faço isso sempre? O que você vai fazer quando chegar lá? Se você chegar lá, quero dizer, porque conhecendo você, você vai acabar em uma briga de bar antes que você esteja fora do Texas.

— Que injusto. Eu nunca entro em bares. — Eu não seria permitido em um na minha idade, de qualquer maneira. — Minhas lutas são sempre nos estacionamento. Sacou?

— Idiota.

— Isso é o melhor que você tem, Gótica? Porque eu esperava insultos de qualidade de você, e isso não está realmente de acordo.

— Olha aqui, Cérebro de Esteroide...

— Ok, isso é melhor, mas trabalhe nisso.

— Você é tão *cretino*! Eu amo você, você sabe, não é?

— Sei — eu disse suavemente. — Menina assustadora.

Ela me mandou um beijo e virou-se para que eu não a visse chorar. Eu olhei para Mikey, que estava esperando perto da porta com minha mochila.

Dei uma última olhada em volta da Glass House, *minha* casa... no sofá onde eu tinha jogado inúmeras horas de videogames, na cozinha onde tínhamos gritado uns com os outros sobre de quem era a vez de lavar os pratos e levar o lixo para fora, no tapete que nós sempre dissemos que íamos passar um aspirador um dia desses. Nas cicatrizes nas paredes de batalhas que quase nos custou nossas vidas.

Uma última olhada em casa.

— Eu vou voltar — eu prometi a eles, e a mim mesmo e, em seguida, Michael e eu saímos pela porta e para o vasto mundo frio além.

No caminho para baixo nos degraus eu verifiquei o meu celular novamente. Nada de Claire. Era tarde agora. Talvez ela não tivesse visto o meu vídeo. Talvez ela tivesse visto e não se importou. Talvez ela estivesse mais irritada do que eu jamais pensei.

Talvez ela estivesse se divertindo e já tinha esquecido sobre mim. Esse foi o pensamento mais assustador de todos. Claro, eu poderia ser encantador para os padrões de Morganville, mas ela não estava trancada na parte rasa da piscina agora, e havia muitos mais de onde escolher. Garotos universitários genuinamente inteligentes.





Pensar nisso fazia de mim um estúpido. Eu era esperto demais para ficar olhando o meu celular e esquecer o meu arredor — nós vivemos em Morganville, afinal de contas, e uma coisa que você não fazia era se distrair em público, à noite.

E quando Michael se dirigiu para o carro com a minha mochila, eu me atrapalhei com o celular e tentei ver se eu tinha perdido uma chamada, isso me custou, porque uma forma escura correu para mim da escuridão, e eu não estava preparado.

Não um vampiro, como mostrou depois. Eu poderia ter lidado com um vampiro. Isso era um *cão*. Um cão grande e assustador, parecido com um Rottweiler talvez, e ele não estava latindo; ele tinha a intenção de morder. Eu ouvi o rugido vindo até mim, e a próxima coisa que eu sabia era que tinha mandíbulas apertadas no meu braço, e meu celular saiu voando. Eu vagamente ouvi o ruído de metal e vidro, mas esse não era o maior problema que tive no momento. Eu tinha colocado o meu casaco pesado, o que estava ajudando, mas este cão tinha um aperto forte e doloroso sobre mim, e um monte de peso por trás disso; ele balançou a cabeça enorme, e eu vi um brilho de vermelho em seus olhos. Não era natural.

Eu o surpreendi por não tentar me afastar, mas em vez disso me joguei contra ele e girei, lançando-o desajeitadamente sobre seu lado. Ele me soltou com um uivo de surpresa, e eu rolei de pé e lancei um olhar para o meu celular.

Destruído.

Sem tempo para lamentar; eu estava numa merda séria, porque este cão não era apenas um cão; o brilho de seus olhos de demônio era prova suficiente disso. Eu nunca tinha visto nada assim antes, nem mesmo em Morganville; cães eram bastante previsíveis, mas este estava vindo atrás de mim como se eu fosse um bife e ele estivesse faminto por meses. Todas as minhas armas estavam na mochila, que estava com Michael, e além disso, eu realmente não gostava da ideia de matar um cão, mesmo um que estivesse tentando me matar.

Ele lançou-se correndo para mim com um salto, rosnando, mostrando os dentes afiados demais, e eu caí para trás na grama e coloquei um pé para cima como um jogador de futebol atrás de um gol. Ótimo momento. Meu pé acertou por baixo do cão e mudou a trajetória dele em direção a minha garganta, fazendo-o subir e se dirigir para uma aterrissagem dura contra o carro de Michael.

Michael o pegou quando ele saltou. Mais precisamente, ele conseguiu colocar ele numa chave de braço e segurou-o lá enquanto ele rosnava, lutava e ineficazmente arranhava o ar. Eu soltei respirações pesadas e rápidas e fiquei de pé em uma explosão de adrenalina pós-luta. A manga do meu casaco estava







retalhada, e eu podia sentir contusões profundas no meu braço, mas pelo menos eu não tinha perdido nenhuma carne fora isso.

Por sorte.

— Que diabos foi isso? — eu disse, e Michael balançou a cabeça.

— Não faço ideia — ele disse. — É quase como se ele tivesse se transformado, mas não se pode fazer isso. Os animais não podem se tornar vampiros. Eles não têm vontade o suficiente, eu acho.

— Diga isso à besta do diabo, então, porque ele com maldita certeza parece que foi transformado.

— Seja lá o que ele for, não podemos deixá-lo correr por aí — Michael disse. — Você se importaria de esperar um pouco até que isso seja cuidado?

— Eu tenho uma escolha?

— Não, a menos que você deseje compartilhar o assento com ele, trancado no carro.

— É, eu não teria chance, melhor não. Me dá o seu celular — eu disse. — O meu está um lixo. Eu vou ligar dele.

— Deixe-me ver seu braço.

— Eu estou bem, cara.

— Deixe-me ver.

Eu tirei o casaco e enrolei a manga longa da térmica que eu estava usando por baixo. Havia hematomas vermelhos que iam ficar pretos e azuis em poucas horas... e algumas distintas manchas escuras de sangue. Engraçado. Eu não senti as perfurações.

Eu limpei o sangue.

Nenhum ferimento.

— Shane? — Michael parecia preocupado. Diabos, ele tinha razão de estar. Eu balancei a cabeça, e ele jogou seu celular para mim. Eu o agarrei, liguei para o 911 e relatei sobre o cão do diabo que estava em uma chave de braço de um vampiro. Eles não pareciam surpresos. Apresento a você a minha cidade natal. Ele repetiu a pergunta depois que eu desliguei, com uma abordagem mais urgente.

— Eu estou bem! — Bem, talvez eu não estivesse, mas eu sabia como isso iria acabar... se alguém soubesse o que estava acontecendo, eu teria minha bunda arrastada para a frente da Fundadora, ou pior, para Myrnin, que tinha tirado sangue de mim e hesitado, e fez declarações loucas e, finalmente, disse que ele não sabia o que estava acontecendo. Então eu prefiro ignorar o drama e trabalhar com os meus problemas sozinho. Agora, a ideia de deixar alguém me cutucar soou horrível. — Eles estão a caminho.





Eles chegaram também em alta velocidade. O carro da polícia que virou em nossa direção guinchou ao virar a esquina, e os dois policiais dentro saíram quando as portas se abriram. Um deles era um vampiro, o que era bom, já que aparentemente iria precisar da força de vampiro para subjugar o Fido furioso.

A outra era a ex-prefeita, que agora voltou a ser chefe de polícia (que era onde ela pertencia, eu pensei). Chefe Hannah Moses olhou para cada um de nós de cada vez, considerado o estado do meu braço e da jaqueta, e depois se concentrou em Michael e no cão. — Hal, você por favor pode pegar o cão...?

Hal, o outro policial, assentiu com a cabeça e se moveu. Ele e Michael fizeram uma pequena manobra complicada na transferência de controle do peludo rosnando e se contorcendo, cujos olhos vermelhos do diabo continuavam a me assombrar. Hal jogou o cachorro no porta-malas do carro de polícia, onde ele imediatamente começou a atacar o metal com uma fúria que arrepiava, e então ele voltou para nós. — Esse é o terceiro — ele disse a Hannah, que assentiu.

— Terceiro? — eu perguntei. — Se importa se eu perguntar...

— Você pode perguntar, eu só não tenho certeza se eu tenho uma resposta — Hannah disse. Ela parecia forte, alta, competente, equilibrada... ela se comportava como uma mulher que não tinha medo de nada, e isso era quase verdade. Ela tinha medo do fracasso, e ela falhou em ser prefeita porque esse era um trabalho que ninguém poderia ganhar. Mas dê-lhe uma arma, um uniforme e um problema, e eu não conseguia pensar em ninguém que eu preferisse ficar atrás. — Eu não posso te dizer o que são, Shane, porque eu não sei. Tudo o que eu sei é que nós temos um relato de um cão selvagem na noite passada que estava atacando as pessoas e parecia como esse. Tivemos que atirar naquele, ele estava indo atrás de um garoto. Mais dois hoje à noite. Eu espero que este seja o último.

— Um experimento que deu errado no laboratório de Myrnin? — Michael não tinha medo de supor isso. Bem, ele estava apenas meio passo à frente de mim, na verdade.

— Eu verifiquei — Hannah disse. Eu teria pago para ouvir essa conversa. — Ele diz que não. Ele diz que não faria isso. Ele gosta de cães.

— Provavelmente é verdade — eu disse. — E Claire nunca teria concordado em fazer experimentos em animais indefesos. Ele se preocupa com o que ela pensa, mesmo que ele não se importe com ninguém.

O som do cachorro no porta-malas era como um demônio em uma lata, e isso estava me enervando. O carro da polícia inteiro estava balançando em seus pneus. Hannah não fez mais do que olhar para ele. Michael limpou a garganta e disse: — O que você vai fazer com ele?





— Descobrir o que está acontecendo, ou tentar — Hannah disse. — Até agora ninguém foi morto, mas eu não gosto disso. Nada de bom vem de coisas estranhas acontecendo nesta cidade. — Antes que eu pudesse comentar sobre o quão verdadeiro isso era, não que ela precisasse da minha opinião, ela se concentrou em mim. — Como está o seu braço?

Eu mostrei a ela. Eu tinha limpado o sangue, e tudo o que aparecia eram hematomas. — Nada quebrado. O casaco já era, no entanto.

— Isso faz você parecer durão — ela disse, e sorriu. — Indo para algum lugar?

— Sim. Você sabe. Para fora.

— Da cidade.

Fiquei em silêncio. Eu tinha conseguido a aprovação da Fundadora para sair de Morganville por um tempo, mas isso não significava que Amelie não poderia mudar de ideia. Ela fazia isso. Frequentemente. E eu não era sua pessoa favorita, de qualquer maneira.

— Bem — Hannah disse depois de alguns segundos de assobio do vento, — eu suponho que você devia estar a caminho, então. Diga a Claire que sinto falta dela.

— Ela só se foi a um dia.

— Mesmo assim — Hannah disse. Ela ainda estava me dando um tipo de sorriso profissional, mas agora ele tinha um amolecimento de calor nele. — É melhor você fazer o que é certo por aquela garota, Shane.

— Obrigado, mamãe. — Eu quis dizer isso sarcasticamente, mas sabe, se Hannah *tivesse* sido a minha mãe, eu teria provavelmente acabado sendo muito mais durão. Para não falar menos propenso a erros estúpidos. — Michael está me dando uma carona para fora da cidade.

— Melhor irem, então. — Ela balançou a cabeça para mim, para Michael, e ela e Hal voltaram para o carro da polícia rosnando e balançando, desligaram as sirenes e se dirigiram para onde quer que descarregam cães do diabo insanos.

Meu braço estava começando a doer. Não tanto, no entanto. Apenas quente e machucado. Eu já tive muitos piores. *Bastante* piores. Michael colocou a minha mochila no banco de trás e voltamos para casa; ele tinha uma jaqueta de couro boa que ele me deixou levar para a viagem, com o aviso de que se eu a rasgasse ele iria remendá-la com tiras da minha carne sangrando, que ei. Amor fraternal.

Eu tinha deixado Morganville duas vezes antes — uma vez com o meu pai e minha mãe quando nós tínhamos fugido após a nossa casa ser queimada e minha irmã ter morrido. Em seguida, novamente com Michael, Eve e Claire





(e o vampiro Oliver muito detestável como o nosso acompanhante). Ainda assim, se aproximar do limite da cidade fez o meu coração acelerar e as palmas das minhas mãos ficarem úmidas; era uma reação incorporada de residente. Apesar do ar frio, eu abri a janela para ver onde estávamos, e eu tremi quando o carro de Michael passou pelo outdoor fantasmagórico e rangente onde nós dissemos adeus a Claire à luz da madrugada. Eu deixei escapar um suspiro lento e rolei a janela fortemente tingida de volta para cima. Era como viajar no espaço, passeando em carros de vampiros.

— Parece estranho, não é? — Michael disse. Na luz verde do painel de instrumentos sua pele pálida parecia alienígena. Assim como seus olhos — suas pupilas largas e escuras ficando enormes para captar a luz disponível. — Não importa quantas vezes nós dissemos a nós mesmos que não há problema em deixar a cidade, nossos corpos ainda não acreditavam nisso. Estamos acostumados a gostar da gaiola.

Eu admito, eu estava um pouco surpreso. — Você sente isso também?

— Claro. — Seu sorriso era amargo em torno das bordas. — Cara, eu cresci aqui, nunca saí daqui até que eu fui transformado em um vampiro. Ainda tenho todos os instintos. Nós nascemos com eles, e somos treinados com eles, não é?

Eu balancei a cabeça em silêncio. Eu me sentia sarnento e estranho, e a dor em meu braço tinha ficado mais profunda. Mesmo com a jaqueta de couro pesada eu sentia frio. Eu também me tornei ciente de um odor estranho proveniente do revestimento externo — o cheiro de um vampiro. Eu nunca tinha cheirado isso antes. Michael tinha, desde que ele se tornou vampiro, cheirado a algum desodorante corporal que Eve tinha dado a ele; vampiros não suavam. Estranho que eu pudesse sentir o cheiro de outra coisa agora.

Algo buzinou no bolso. Eu tirei o celular e olhei para ele por um segundo, então pisquei. — Oh. Seu celular. Desculpe.

— Fica com ele. O seu está quebrado, e eu vou comprar um novo. Dessa forma pelo menos podemos manter o controle sobre você e sabermos que você está seguro.

Eu não tinha certeza de como eu me sentia sobre isso, de repente — sobre os vampiros serem capaz de controlar o meu celular. Mas, no entanto, eu acho que se eles quisessem poderiam despachar Michael ou qualquer outro vampiro para me encontrar. Não seria tão difícil. Eles sabiam para onde eu estava indo, de qualquer maneira.

— Obrigado — eu disse. — Eve mandou uma mensagem com uma foto dela em uma camiseta.

— O quê? — Ele pegou o celular, mas eu segurei-o fora do alcance.





— Brincadeira. Ela só perguntou quando você voltaria para casa. Você sabe, para tirar todas as suas roupas.

— Talvez dar a você o meu celular seja uma má ideia.

— Depende, que tipo de fotos Eve lhe envia?

— Ainda bem que eu não sou do tipo ciumento... — Ele parou a si mesmo, mas era tarde demais, e houve um silêncio constrangedor por alguns longos segundos.

Porque eu era do tipo ciumento, e nós dois sabíamos disso. Eu tentei não ser, mas a minha parte monstro de olhos verdes tinha ganhado em algumas ocasiões, e Hulk esmagou a minha confiança com Claire na última vez.

Por isso eu estava viajando sozinho.

— Eu vou ignorar qualquer foto, eu juro — eu disse. — Estou enviando uma mensagem para Eve agora. — Eu pressionei alguns botões e me perdi no mundo da tecnologia por mais alguns momentos, e quando eu saí dele, a estranheza entre mim e meu melhor amigo tinha quase desaparecido. Quase. — Feito. Se ela me mandar fotos sexys agora, é por conta dela.

Ele me deu um soco no braço, levemente. Foi um para não machucar, felizmente, mas eu ainda me sentia ecoando para o outro lado. Oh. Sim, certamente vai deixar uma marca. — Você tem sorte que eu te amo, cara.

— Você tem sorte de eu não ter estacado a sua bunda morta-viva aspirante de Drácula.

Ele apenas balançou a cabeça. — Sério. Você vai ficar bem lá fora por conta própria?

— Claire está lá fora — eu disse. — Sozinha. Então sim. Eu tenho que ficar, não é?

— Ela realmente pode cuidar de si mesma, você sabe. Ela provou isso cerca de uma centena de vezes.

— Eu sei — eu disse. Desta vez, minha voz saiu mais suave do que eu pretendia. — Isso é o que me assusta. E se ela não precisar mais de mim, cara?

Isso me rendeu um olhar de lado antes dele voltar a sua atenção de volta para a estrada. — Ela precisa de você para mais do que apenas proteção. É assim que funciona. Você quer a garota forte, você entende que ela está com você porque ela quer estar. Não porque ela tem que estar. Você sabe disso, certo?

— Eu acho que sim. Quero dizer, sim, mas... é difícil mudar o hábito. — Eu me virei para a janela, mas tudo o que eu vi foi o meu reflexo embaçado no vidro escurecido. Michael estava olhando para mim novamente, eu podia sentir. — Quanto tempo até chegarmos à estação de ônibus?

— Mais meia hora — ele disse. — Durma, se quiser.

— É — eu disse. — É, eu acho que vou.





Eu não dormi.

Mas eu fingi.

Não me ocorreu até mais tarde, quando eu estava no ônibus e indo em uma viagem longa e cansativa através do país, que eu tinha esquecido de mandar uma mensagem para Claire contando a ela sobre o meu celular quebrado, e até lá...

Até lá já era tarde demais.







# CAPÍTULO 4

**-V**ocê está nervosa? — a menina que está ao lado de Claire sussurrou. — Eu estou nervosa. — Ela parecia nervosa. Elas estavam em um grupo relativamente grande de alunos novos sendo conduzidos ao redor por um veterano na noite. Era o fim do primeiro dia de orientação de Claire, e tinha sido exaustivo e cheio de muita informação para absorver de uma vez só; seu cérebro estava nadando com mapas, pessoas, nomes, ruas, edifícios admiravelmente lindos... ela ainda não tinha encontrado a sua instrutora de Projetos Especiais, a professora Anderson, que não estaria disponível até a manhã, mas ela encheu o seu dia tentando saber mais sobre o campus do ITM.

Mas tinha sido impossível resistir ao pequeno pedaço laranja de papel que ela tinha recebido, que havia lhe dito onde se encontrar para o “tour especial”. E ela não tinha decepcionado. Uma hora de regras complicadas e o Tour Orange lhes mostrara absolutamente coisas incríveis... túneis, telhados, segredos de todos os tipos. Claire não sabia que ela não tinha medo de alturas, mas acontece que ela não tinha... se dando melhor do que um monte de outros no tour. Ela tinha sido capaz de ficar diretamente na borda do prédio mais alto, e olhar diretamente para baixo. Foi emocionante. Atordoante, mas emocionante.

O ITM era... único. Como Morganville, era praticamente um sistema de autorregulação, com sua própria história, regras e ambientes... uma vez que você estava no campus, parecia que o universo do ITM era o único universo que importava. Ela tinha conhecido uma tonelada de pessoas, e todas elas eram um borrão. Havia pelo menos cinco veteranos líderes do grupo de passeio, mas apenas um usava uma camiseta que dizia EU NÃO ESTOU AQUI. Seu nome era Jack, e ele era a pessoa que mais falava.

Ver a energia legal e nova dos dormitórios ensinou a Claire que tinha provavelmente sido um erro enorme ficar fora do campus com Elizabeth, mas já estava feito nesse ponto. Ela tinha se comprometido, e seria um drama tentar sair agora. Além disso, ela já tinha pago o aluguel.

— Ei — a menina sussurrou novamente. — Você está nervosa?





— Não, está tudo bem — Claire disse. Para as pessoas normais ela supostamente deveria achar algo assustador no tour — afinal, eles estavam caminhando há horas no escuro, e os veteranos líderes do tour estavam fazendo o máximo para assustá-los. Mas ela não conseguia ficar nervosa com isso. Ela supôs que Morganville tinha elevado o seu nível de medo para muito acima disso. — Estamos a salvo. Eles não vão deixar que nada aconteça com a gente, confie em mim.

— Eu não sei onde estamos — a menina sussurrou de volta ansiosamente. Ela embaralhou mapas, franzindo a testa; como Claire, ela tinha uma tonelada de materiais, mas ao contrário de Claire, ela não tinha vindo equipada com uma mochila para guardá-los. — Você sabe? Porque eu pensei que iríamos para Baker House. Não é verdade?

— Acho que sim.

— Mas... estamos longe, certo? Olha, eu acho que nós não estamos ainda no campus... não, espere, estamos... — A ansiedade da menina oscilava à beira do pânico, e não havia muito o que Claire pudesse fazer para ajudar. Ela verificou o seu celular, supostamente para olhar para o GPS, mas, sinceramente, ela estava checando para ver se ela tinha recebida alguma mensagem.

Ela tinha. Um correio de voz de Michael. De novo. Ela escutou os três últimos porque ela estava esperando que o nome de Shane fosse ser mencionado... mas logo quando ela ia começar a ouvir, ela viu uma mensagem aparecer.

*Ainda era o número de Michael... mas dizia: É Shane, me responda.*

*O quê?*

Claire ficou para trás um pouco, respondendo de volta — se arriscando em um terreno desconhecido, no escuro, mas isso não podia esperar. *Pq vc está com o celular de Michael?*

*Poucos segundos, e a mensagem voltou. Quebrei o meu, desculpe.*

*Soou como uma desculpa. Uma ruim. Mas acidentes aconteciam. Eu estava esperando, ela mandou uma mensagem de volta. Vi o vídeo.*

*Nenhuma resposta por um longo momento, e então ele digitou de volta, eu estava falando sério. Isso foi tudo. Só isso.*

E ela parou de andar, fechou os olhos por um momento e deu uma respiração profunda e fresca. Então ela mandou uma mensagem, *Sinto sua falta.*

*Ele respondeu, Amo vc.*

Seus olhos ardiam com lágrimas, e ela hesitou por um longo segundo antes de mandar uma mensagem de volta, *fvvd.* Falo com você depois.





— Ei!

Claire ergueu a cabeça para o sussurro urgente a alguns metros de distância, o instinto chegando e gritando, mas era apenas a menina, a nervosa, ainda segurando todos os seus livros, mapas e cadernos. Ela parecia ainda mais paranoica do que antes. Qual era o nome dela, afinal? Começava com V. Vita? Não, Viva. — Viva — ela disse, e a menina assentiu. — O que aconteceu?

— Nós deveríamos estar indo para a Baker House — ela disse. — Mas não está no mapa!

— Bem, era para ser um passeio secreto — Claire disse. — Então talvez ela seja chamada de outra coisa no mapa.

— Mas... — Viva se moveu inquieta. — Eu só... eu só quero voltar. Você dividiria um táxi comigo? Por favor? Poderíamos pegar um na rua lá em cima.

O resto do grupo estava andando rapidamente, indo através de algumas árvores e elas estavam sendo deixadas para trás. Bem, isso não parecia ser uma boa ideia em qualquer circunstância.

Claire guardou o celular, deslocou o peso de sua mochila (o que não era muito, pelo menos não agora — um tablet, um par de livros que ela estava interessada e cheia de guloseimas que ela ganhou da orientação. Ela não estava acostumada a ela estar tão leve). — Vamos só acompanhar eles — ela disse. — Vamos. Não podemos nos afastar deles agora, eles vão se preocupar conosco. — E ela correu para a frente, olhando para trás para ter certeza de que Viva estava vindo. Ela estava, provavelmente só porque ela não queria ser deixada sozinha.

Claire não estava definitivamente interessada em voltar para casa antes do previsto. Liz estava atordoada por ela ir para a orientação, então fez uma confusão sobre quando ela estaria de volta, e depois ficou de mau humor com o fato de que Claire disse que chegaria tarde. O drama tinha sido intenso. Não havia razão para adicionar mais por voltar para casa fora do programado... que provavelmente levaria a uma cena teatral sobre o quão os planos de Liz foram estragados porque Claire não fez o que ela disse.

*Dois dias e eu já odeio morar lá,* Claire pensou. *Provavelmente não é um bom sinal.* Mas ela odiava Morganville no início, e agora... agora ela realmente sentia falta.

E Shane. Deus, ela sentia tanta falta de Shane. Ela sentia falta de Eve e de Michael, e (provavelmente estupidamente) de Myrnin também. Ela tinha passado o dia fazendo comentários recorrentes mentais interpretando os seus amigos e namorado, e Myrnin quando ela via algo excessivamente legal e nerd. Estava ficando mais e mais fácil convocar uma réplica mental de Myrnin em sua cabeça. Isso provavelmente era preocupante.





Cambridge era tão *ocupada*. Mesmo tão tarde havia um monte de carros que se moviam ao redor, aviões que atravessavam o céu sem estrelas, multidões se reunindo por razões misteriosas e desconhecidas ao redor das lojas ou parques. A habitante de Morganville nela queria dizer a eles para irem para casa e ficarem seguros, mas ela sabia que isso era loucura. O mundo que essas pessoas alegres viviam era um lugar muito diferente.

Ela estava em um lugar muito diferente.

O grupo de estudantes que os seus guias estavam liderando deu uma parada súbita porque na clareira à frente havia um grande grupo já recolhido. Não havia nenhum propósito aparente para isso – apenas pessoas reunidas conversando, alguns sentados e lendo, alguns jogando baralho, alguns casais juntos prestando tanta atenção um no outro que os outros nem existiam. Quando Claire os acompanhou (e uma Viva sem fôlego acompanhou ela), todo o grupo parou a meio caminho de dentro da multidão, e o guia deles levantou a mão.

– Espera aí – ele disse a eles. – Estamos muito perto, eu só tenho que verificar uma coisa. Fiquem aqui. Ah, e lembrem-se do que eu disse se os seguranças aparecerem. Não diga a eles o meu nome, e não diga para onde vocês vão.

Viva levantou a mão. – Hum, Jack? Eu não consigo encontrar Baker House no meu mapa...

– Só um segundo – ele disse, mas as suas palavras foram perdidas em um coro súbito de celulares zumbindo, buzinando e tocando. As pessoas ao redor deles se atrapalharam atrás de seus dispositivos, e Claire verificou o dela por hábito. Nada.

Mas as pessoas ao redor deles gritaram, aplaudiram, bateram nas mãos uns dos outros e... começaram a dançar. Todos os seus celulares estavam tocando uma canção que Claire reconhecia. A maioria deles tinha algum tipo de coisas que brilhavam no escuro que eles tiraram de seus bolsos, e em poucos segundos era uma completa rave instantânea.

O pequeno grupo era uma ilha confusa em um mar de movimento, corpos saltando... e, de repente, ela não via o guia turístico em nenhum lugar. Ele havia acabado de se misturar à multidão. Tinha desaparecido.

Os olhos de Viva estavam enormes, e ela estava segurando todas as suas preciosidades oficiais do ITM contra o peito como se alguém pudesse querer arrancar os seus mapas e livros. Ela veio para mais perto de Claire quando um cara com enormes buracos em suas orelhas e uma cabeça raspada começou a pular como canguru perto delas. O barulho era ensurdecedor.





Claire viu os uniformes de segurança do campus se aproximando, e apontou, e Viva engasgou e parecia como se fosse desmaiar. — Jack! — ela gritou, e girou em um círculo, olhando descontroladamente. — Jack, eles estão vindo! Jack!

Mas o guia de turismo deles estava longe de ser visto, e agora, enquanto os seguranças do campus se aproximavam, a rave-instantânea terminou e os estudantes começaram a correr em cem direções... deixando o pequeno grupo dela congelado e atordado.

Não havia nenhum sinal dos guias deles em nenhum lugar.

Claire, cujos instintos de sobrevivência eram muito mais afiados, tinha estado preparada para correr, mas a mão tremendo de Viva em seu braço a impediu de seguir os alunos das classes avançadas, e antes que ela pudesse puxar Viva para fugir com ela, já era tarde demais. Havia três guardas de segurança que ladearam eles, franzindo a testa e parecendo muito sérios.

— Ok, vocês sabem que esta área é fora dos limites — um deles disse. — Nomes!

Houve um murmúrio de vozes confusas, e ele interrompeu com um gesto de impaciência e apontou para Claire.

— Claire Danvers — ela disse. — Mas nós estamos em um tour. Nós não sabíamos que estava fora dos limites.

— Adorável história, senhorita Danvers. Se vocês estão em um tour, onde está o guia de vocês?

— Hum... — Viva levantou a mão. — Ele foi embora? Eu sou Viva Adewah. Ele fez anotações. — Uhum. Nome do guia, para os registros?

— Hum, eu não sei. Ele foi embora e nos deixou aqui!

Os três homens da segurança trocaram um olhar, e no centro um fez outra anotação de aspecto oficial em seu caderno. — E para onde vocês estavam indo?

Ele deu um olhar astuto e murmurou para todo os companheiros do seu grupo abandonado, e Claire suspirou. — Baker House — ela disse. — O que não é real, certo? E Jack Florey não é uma pessoa real?

— As opiniões estão divididas — o policial disse, e colocou o seu caderno para longe. — É o Tour Orange, a propósito. Longa tradição. Às vezes eles nos deixam perturbar vocês. Acho que essa é a noite de sorte de vocês. Vocês são todos da Fifth East?

— Como você sabia? — Viva perguntou.

— Porque se vocês não fossem, vocês teriam um guia diferente. Vão nessa direção. Vocês vão voltar ao caminho rapidamente. Fiquem juntos. Não vagueiem sozinhos. E parabéns. Vocês são parte da história agora — vocês





sobreviveram a um Tour Orange. Agora, não nos deixe pegar vocês hackeando.

Um hack, na gíria da ITM significava uma modificação do mundo real... como o mais recente, que tinha sido transformar o edifício de Ciências da Terra em um jogo de Tetris gigante com luzes interiores coloridas. Hacks não destruíam, eles só... alteravam criativamente. Mas Jack Florey tinha dado as regras de hacks a eles também — e elas soavam muito parecidas com as regras de sobrevivência de Morganville. *Não roubar. Nenhuma propriedade pode ser destruída. E nunca hackear sozinho.*

As probabilidades eram que a maioria das pessoas deste tour estaria, em algum momento, envolvida em um hack, ou pelo menos veria um realmente bom.

Mas, provavelmente, não ela, Claire refletiu, com outra pequena explosão de pesar. Ela não estava aqui para ser uma caloura; ela estava ali para estudar com a professora Anderson, em um curso de estudo autorizado por Morganville, e Amelie não ficaria feliz se qualquer coisa a não ser isso estivesse em seu currículo.

Escoltados pelo olhar atento do segurança do campus, que se arrastou de volta para o centro do campus, onde a cúpula do Edifício Maclaurin dominava a paisagem. Viva ainda estava colada perto do cotovelo de Claire. Ela parecia pequena e perdida; os outros membros do grupo estavam rindo e felizes, iluminados com a aventura e emoção. Eles pareciam ter nascido para estarem aqui.

Viva não parecia. E Claire percebeu com um choque que a garota era jovem — mais jovem do que ela, ou os outros do grupo. Não  *muito* mais jovem, mas o suficiente para interessá-la e enfraquecê-la com piedade. — Ei — Claire disse para ela. — Então, onde você está ficando, Viva?

— Iowa — ela disse. — Rockwell City. Você provavelmente nunca ouviu falar.

É verdade, ela não tinha. — É legal?

— Não exatamente. Quero dizer, isso tudo é... — Viva estendeu uma mão em torno deles, incapaz de descrever. — Diferente. É ótimo, e eu pensei que eu soubesse no que eu estava me metendo, mas é tão...

— Real — Claire disse. Ela sabia como era. — Maior do que você.

— Sim. — Viva apertou os seus livros mais para perto, como um escudo mágico. — É muita pressão, e as aulas ainda nem sequer começaram. Eu só me sinto...

— Sozinha?







Viva assentiu, parecendo envergonhada. — Eles todos parecem tão confortáveis já.

— Eu gostaria de poder ajudá-la, mas eu não estou vivendo no dormitório. Espere... talvez eu possa ajudar. — Claire agarrou o braço de Viva e rebocou-a de lado, apontando para um grupo misto de risadas de meninas e meninos; eles pareciam amigáveis, e ela gostou da camiseta que um deles estava usando. Isso significava que ele tinha um bom senso de humor pelo menos. — Olá pessoal? Essa é Viva. Eu tenho que ir embora, mas vocês poderiam garantir que ela volte para o dormitório? Eu sou Claire, a propósito. Claire Danvers.

— Ei — o menino da camiseta disse. Ele tinha o cabelo desarrumado e encaracolado que caía em seus olhos, e um sorriso de milhões de dólares. — Eu sou Nick Salazar. Esse maluco é Oded, essa é Jenny, Amanda, Trent... — Ele falou os nomes como se ele os conhecesse por toda a sua vida, embora Claire tinha certeza de que ele tinha acabado de conhecê-los. — Prazer em conhecer vocês, pessoal. Viva, certo? Nome legal.

— Obrigada — ela disse. Ela parecia assustada, mas determinada.

— Ei, você precisa de uma bolsa — Jenny disse, e pegou em sua mochila uma bolsa com o logotipo do ITM. — Experimente isso. Em que quarto você está?

— Que se dane isso, a pergunta importante é o que é a sua especialidade? — Oded disse. — Porque deixe-me lhe dizer agora, qualquer resposta diferente de World of Warcraft ou Advanced Ninja Studies não serão aceitos.

— Fight Club — Viva disse. Oded considerou, e ofereceu-lhe o punho para ela bater. Ela bateu.

— Eu me corrijo — ele disse. — Ela acabou de nivelar.

Claire queria ficar com eles — queria tanto. A amizade fácil e boba lembrou a ela do que ela tinha deixado para trás, e ela ansiava por isso... mas ela realmente precisa falar com Shane. Então ela se afastou, e Viva — envolvida na conversa agora — quase não notou a sua partida. Claire correu para fora de uma trilha que levava ao Centro de Estudantes. Estava, a esta hora, não muito movimentado; ela encontrou uma mesa tranquila, pediu um mocha e sentou-se com seu celular.

Em seguida ela discou o número de Michael.

— Ei. — A voz de Shane estava misteriosa, calorosa e profunda, e ela afundou nela como se fosse um cobertor. — Você está bem, menina valente?

— Eu estou agora — ela disse. Não estava tranquilo onde ele estava; ela ouviu um estrondo, talvez rodas. — Você está dirigindo?

— Eu estou em movimento, sim. Você me conhece, sempre em movimento, como um tubarão. Eu estou inquieto sem você.







— Eu sinto falta de você — ela disse. Ela encostou-se na parede. — Eu realmente sinto falta de você, Shane.

— O quanto?

Ela riu. — Não o suficiente para eu lhe dizer em público, especialmente enquanto você estiver dirigindo.

— Porra, lá se foi a minha chance de uma conversa suja.

Sua voz fazia coisas com ela, ela percebeu... a fazia se sentir quente e líquida por dentro, a fazia pensar em todos os tipos de coisas que ela provavelmente não deveria estar pensando aqui na frente do pessoal da praça de alimentação. — Eu odeio a minha companheira de casa — ela disse, para mudar de assunto para algo mais seguro.

— Elizabeth? Eu pensei que ela fosse a sua melhor amiga no colégio.

— Ela era. No ensino médio. Mas...

— Ela mudou? Sim, isso acontece. Olhe o que aconteceu com Michael.

— Shane!

Ele riu novamente, lá no fundo de sua garganta. — Brincadeira, Claire. Só estou dizendo que as pessoas mudam. Se você não está lá quando isso acontece nem sempre é fácil se ajustar a isso, certo? É por isso que eu odeio isso. Eu odeio sentir falta de você. Eu odeio sentir falta daqueles pequenos momentos que mudam você. Porque eles vão nos mudar.

Ele estava certo, mas... mas também não. — Eu preciso mudar um pouco por conta própria — ela disse. — Shane, eu te amo, e eu quero estar com você, mas eu preciso respirar também. Eu preciso voar um pouco e ver o quão longe eu posso ir. É por isso que eu peguei essa chance. Não é para sempre. É apenas um tempo.

— Talvez um curto período de tempo se a sua companheira de casa te levar a loucura. O que ela está fazendo?

— Deixe-me ver... ela é uma rainha do drama, e não de uma forma divertida; ela é controladora; ela tem TOC; ela é passivo-agressiva...

— Você me ganhou no rainha do drama. Eu tenho que conhecer essa garota.

— Não, você realmente não precisa, confie em mim. Ela costumava ser divertida e nerd, mas agora... agora ela não é tão autoconfiante, sabe? Ela está tentando tanto ser legal que ela não é mais. Eu acho que talvez ela teve um relacionamento ruim.

— Entendido. Já vi muitos exemplos trágicos. Você sabe, aqueles com os chapéus modernos que tentam parecer um adolescente apaixonado profano, Jack White e Ashton Kutcher?

— Eu aprendi uma palavra nova hoje.





— Qual é?

— Cidiota.

— Ah, você é tão fofa. Você não conhecia essa palavra? Você sabe o que significa, certo?

Ela baixou a voz para um sussurro. — Idiota do caralho?

— Eu amo que você tenha que se forçar a falar palavrão. Como se você estivesse preocupada que você pudesse deixar uma cicatriz em alguém. Sério, é adorável. Então, já foi atacada por algum vampiro?

— Nenhum.

— Zumbis? Aranhas gigantes? Monstros da água?

— O ataque sobrenatural tem estado muito tranquilo.

— É uma pena porque eu fui atacado por um cão do diabo. Não foi incrível.

— Um o quê?

— Um cão grande e idiota com olhos vermelhos brilhantes. Confie em mim. Você não quer enfrentar um grupo desses meninos maus. Faz lobos parecerem como poodles filhotes.

— Mas você está bem, não é?

— Sim — ele disse, superficialmente demais. — Estou bem. Nada além de contusões. Os policiais e eu acho que vampiros estão cuidando do nosso problema com o cão do diabo. Nada para se preocupar, confie em mim. Nós vamos ficar bem. Nós não ficamos sempre?

— Quase sempre. — Ela engoliu um nó na garganta, porque a confiança em sua voz tinha feito ela se sentir de forma inesperadamente assustada. — Por favor, Shane, não fique arrogante, ok?

— Ah, *agora* você quer ter aquela conversa sexy?

— Estou falando sério! Por favor. Por favor. — A imagem que ela mais lembrava agora era dele flutuando em um tanque de água escura, sangrando... morrendo, nas mãos dos inimigos dos vampiros. E isso a aterrorizava. — Eu odeio estar segura aqui, e você estar...

— Nadando em um oceano de perigo com tubarões? Ei, é o que os homens viris fazem. Isso e lutar com texugos raivosos.

Ele estava sendo petulante, e isso a matava. — Shane!

Ele ficou em silêncio por um longo momento, e então disse: — Você está bem, Claire?

— Sim, eu... eu... — Ela respirou fundo. Na parede em frente a ela havia um cartaz que promovia bagels deliciosos, e ela se concentrou em suas cores, formas, e tentou limpar todo o ruído frenético de sua mente. — Eu estou bem.





Me avise quando você conseguir um celular novo, posso ligar para você nesse até lá?

— Se você quiser. — Ele parecia satisfeito com isso. — Eu sei que você está se adaptando e tudo mais, mas talvez eu possa ligar por essa hora à noite? Isso pode dar certo?

— Sim. Pode dar certo.

— Porque eu não quero perder um dia sem você. — Ela ficou em silêncio, não porque ela discordava, mas porque ela foi superada por uma onda de emoção tão forte que ela não conseguia pronunciar as palavras. Ele confundiu com outra coisa, porque ele se apressou, deixando o tom mais impessoal. — Então, ok, eu tenho que desligar. Falo com você amanhã, certo?

— Certo — ela conseguiu dizer.

— Estou pressionando você se eu disser que te amo?

— Não. — Dessa vez não foi uma onda de emoção, foi um mar, e ela estava se afogando nele. — Amo você. — Isso foi tudo o que ela conseguiu. Ela desligou a ligação e explodiu em lágrimas quentes e vigorosas. Ela lutou para mantê-las em silêncio, mas ela sabia que todo mundo sabia o que estava acontecendo. Só mais uma caloura triste, solitária e com saudade de casa chorando. Ótimo.

Ela se sentia melhor, no entanto de uma maneira estranha. Depois de seis guardanapos da praça de alimentação, a tempestade passou, e ela ficou com uma dor cansada e vazia no interior, mas um cérebro igualmente vazio. Seus olhos estavam inchados e ela sabia que estava uma bagunça, mas às vezes... às vezes as emoções eram grandes demais para segurar.

Ela jogou o seu lixo, evitou os olhares dos outros alunos e começou a caminhada para casa. A casa que ela dividia com Elizabeth não era tão longe — cerca de seis quarteirões, aproximadamente a mesma distância que ela andava da Universidade Prairie do Texas para a sua antiga casa Glass House. Ela viu alguns estudantes caminhando, e a maioria estava com fones de ouvido, se balançando enquanto passeavam, mas ela não podia nem sequer pensar em fazer isso... Morganville tinha lhe ensinado a estar atenta, ou senão.

Então ela estava ciente no primeiro quarteirão de que alguém estava seguindo ela.

Ele começou a andar rápido lá de trás, mas não importava o quão rápido estava o ritmo dela, ele firmemente diminuía a distância. Claire vislumbrou ele em janelas de vidro embaçadas, mas ela não conseguia distinguir muito, exceto que ele era mais alto do que ela (todo mundo não era?) e mais largo também. Não do tamanho de Shane, nem de perto, mas grande o suficiente se ele quisesse fazer algum mal a ela.





Em Morganville ela teria preparado uma arma, mas aqui não era Morganville. Defender a si mesma não era tão bem definido. E se ela acertasse alguma pessoa totalmente inocente?

— Ei! — O homem finalmente a chamou quando ele estava a cerca de seis metros. — Ei, Claire?

Ela virou-se, ainda caminhando, e viu que era um dos caras do campus. Nick. Sua linguagem corporal deve ter avisado algo, porque ele abrandou e levantou as duas mãos, parecendo de repente cauteloso. — Desculpe — ele disse. — Sou eu. Nick. Eu sei, é estranho que eu esteja seguindo você porque nós acabamos de nos conhecer, mas... eu não queria que você caminhasse sozinha, isso é tudo.

— Ah — Claire disse. Ela sentia-se dividida entre continuar suspeita e um intenso desejo de acreditar nas intenções inocentes de alguém, para variar. Certamente o mundo todo não poderia ser tão medonho, certo? Sim, ela tinha tido péssimas experiências; sim, caras que ela tinha confiado a tinham traído. Mas não era certo assumir que todo mundo era assim. — Oh, bem, obrigada. E quanto a Viva?

— Ela está com o meu grupo, indo para o dormitório. Não que eu realmente tenha um grupo propriamente dito, está mais para uma comunidade. Possivelmente um bando. Então, você é nova, certo? Primeiro ano?

— Sim — ela disse.

— Já morando fora do campus, no entanto?

— Bem... foi provavelmente um erro. Os dormitórios parecem divertidos.

— É uma aventura épica — Nick concordou com seriedade. — Talvez você não esteja preparada para isso.

Ela quase riu. — Sim essa sou eu. Eu estou apavorada.

Ele sorriu e acompanhou o passo dela. A uma distância confortável, a distância de um cavalheiro, nada intrusivo. — Você não parece o tipo introvertida.

Isso pareceu tão natural e amigável que ela percebeu com um choque de repente, *Eu acho que ele está flertando comigo. Ele está? Eu estou flertando de volta? Eu não deveria estar, eu deveria?* Foi confuso e estranho, e por um segundo perigoso, uma parte rebelde dela pensou: *Por que eu não deveria? Eu vim aqui para esticar as minhas asas. Bem. Isso era um alongamento.*

— Eu sou muito tímida — Claire disse. — É sério, eu sou.

— Eu percebi pelo jeito que você arrastou Viva e anunciou-a para o mundo. Então, qual é a sua especialidade?

A pergunta inevitável da faculdade. Ela não hesitou. — Física.





Nick parecia satisfeito, não intimidado — outra diferença entre o ITM e, bem, todo o resto. — Você não só precisa dizer física. Quero dizer, a preferência? Chocolate, baunilha, pesquisa, teoria...

— Um pouco de ambos.

— Eu odeio que seja eu que diga isso para você, mas eu tenho certeza que não tem uma especialidade “um pouco de ambos”. Você ainda não sabe, não é? — Quando ela não respondeu, ele deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos das calças de brim. — Está tudo bem. De acordo com a literatura, as pessoas mudam de ideia. Isso é provavelmente bom para você pensar antes de se comprometer.

*É por isso que eu estou aqui*, ela quase disse. *Para pensar*. Era muito mais do que a sua escolha de estudo, mas ela não sabia como dizer isso, e ela realmente não queria dar-lhe a ideia errada. — Qual é a sua?

— A minha especialidade? Engenharia mecânica, um ênfase na área de robótica. Segundo ano. Não fui reprovado até agora.

— Você acha que é possível pegar um cérebro humano e colocá-lo para controlar um computador?

Ele atrasou um passo, mas apenas um, e disse: — Ah, eu entendi, você está me fazendo uma pergunta clássica de Trek. “Cérebro de Spock”, certo? Quando o planeta de mulheres agarrou Spock, removeu seu cérebro e prendeu em uma máquina para alimentar o sistema deles?

— Eu... — Ela não tinha ideia do que ele estava falando; ela assistiu alguns episódios de *Star Trek*, mas não os antigos. Seus pais haviam sido crianças quando eles saíram. — Uh, eu acho que sim.

— Créditos de nerd por tentar me desafiar, mas me desculpe, você vai ter que fazer melhor do que isso. Você gostaria de tentar anime por cem? — Quando ela ficou sem entender, ele suspirou. — O que te derrubou, anime ou a referência do programa Jeopardy?

— *Jeopardy*, eu acho. Eu sei um pouco sobre anime.

— Um pouco? Garota, nós precisamos colocá-la em um programa de estudo, rápido. Você não vai durar uma semana por aqui se você não puder entender as referências da cultura pop. E quanto a *O Senhor dos Anéis*? *Firefly*? *Doctor Horrible*? Não? Claramente, nós temos um monte de trabalho a fazer.

Ele falou muito, e era entusiasmado, engraçado e doce e, para variar, não com todo o drama de vida e morte. Ela perdeu a noção do tempo e do caminho e de repente ela percebeu que eles tinham passado dos degraus do apartamento dela. Ela se virou e voltou atrás, e deu a Nick um sorriso de desculpas.





— Ah. A velha casa, entendi. Bem, eu fiz o meu dever de homem, você está bem por aqui?

— Sim, eu estou bem — ela disse. Ela olhou para cima. As janelas de Elizabeth estavam escuras; ela já tinha ido para a cama. — Eu deveria provavelmente...

— Vá, sim, você deve. Então, só... te vejo por aí?

— Te vejo por aí, Nick.

— Boa noite, Claire. — Ela lhe deu outro sorriso, e ele devolveu, e deu alguns passos antes de se virar para ela e pegar o seu celular. — Ok, isso provavelmente está além dos limites, e não hesite em dar uma de Xena a Princesa Guerreira comigo, mas eu poderia...? — Ele acenou com o celular para ela, e ele parecia tanto com um filhote de cachorrinho que ela quase disse sim.

— Eu não posso — ela disse em voz baixa. — Desculpa. Eu tenho um namorado.

— Oh. Ah, certo, é claro que você tem. O que eu estava pensando? Eu sinto muito.

— Não, não sinta, olha, *eu* sinto muito. Eu acho que eu estava, eu não deveria ter deixado você achar isso. Eu estava solitária, sabe como é?

— Eu conheço a solidão. A solidão é um bom amigo meu. Nenhum problema, Claire. Eu não vou me enrolar em uma bola e chorar por mais do que, você sabe, seis horas, no máximo. — Ele lhe deu um sorriso ridiculamente engraçado, e ela riu em retorno. — Vejo você por aí, então.

— Até logo.

Ele caminhou para longe com as mãos nos bolsos das calças jeans folgadas. A única coisa que ele e Shane tinham em comum, ela pensou, era a confiança. Shane podia fazer uma referência nerd casual, mas Nick provavelmente não conseguiria falar algumas frases sem fazer uma; Shane sabia lutar, e Claire tinha quase certeza de que ela poderia derrubar Nick com uma mão amarrada atrás das costas. Talvez as duas.

E, no entanto, havia aquele pequeno formigamento traidor de interesse. Provavelmente só porque ele representava tudo o que Morganville não era — um mundo normal, onde a coisa que a maioria das pessoas tinha que se preocupar era com o último episódio da sua série favorita, e se a garota iria ou não dar o seu número de telefone por um sorriso cativante.

Ela gostava desse mundo. Ela só não tinha certeza de que ela era parte dele... nem que algum dia seria. Isso era, Claire percebeu, o que Nick representava para ela: um mundo onde um cara poderia só ser divertido, interessante e engraçado, e não lutar por sua vida todos os dias contra todas





as adversidades. A vida com uma casa, crianças, e apenas as preocupações mundanas e habituais.

Não com vampiros e monstros. Não se admira que ela sentisse algum formigamento de atração.

Claire abriu a porta da frente, sorrindo baixinho para si mesma, sentindo-se estranhamente relaxada agora, fora de sua guarda, e quando ela ouviu o raspar de passos atrás dela ela se virou desprevenida e disse: — Nick, eu pensei...

Não era Nick.

Ela não sabia quem era esse cara. Ele era alto, de ombros largos, com um tipo de beleza tão elevada que isso provavelmente iria tornar ele desagradável em poucos anos. Ele era tipo Monica Morrell, ela pensou, e tudo isso passou por sua cabeça no mesmo segundo que a sua avaliação de ameaça. Nenhuma arma, nenhuma faca, mas ele se comportava como se ele estivesse pronto para se mover em direção a ela, e alertas brilharam em algum lugar profundo dentro dela.

Ela se preparou, pronta para se mover.

— Oi — ele disse, e parou a poucos degraus abaixo dela, mas bloqueando o caminho para baixo. — Então você é a nova colega de quarto de Liz, certo? Ela disse que tinha uma antiga amiga morando com ela. Eu sou Derrick.

— Derrick — ela repetiu. Liz não tinha mencionado ele, mas por outro lado, isso não necessariamente significava problemas. No entanto, Claire colocou um pé na porta, e calculou com antecedência o que o seu corpo precisava fazer a seguir com pressa. *Desloque o peso, vire para a direita, complete o giro, feche a porta e tranque.* Era o movimento talvez de um-minuto-e-meio. Derrick não parecia tão rápido, mas ela tinha sido enganada antes. — Se você está procurando por Liz, eu acho que ela já está dormindo.

— Não tem problema — ele disse. — Eu não vou entrar. Eu só queria dizer oi.

— Oi — Claire disse sem qualquer entusiasmo; ela ainda se sentia estranha sobre isso. Ela não gostava de ficar do lado de fora, especialmente com alguém com aquele olhar estranho nos olhos. — Olha, já é tarde. Desculpe, eu não quero ser rude, mas eu...

Ele ergueu as mãos, mas de alguma forma ela não levou como um pedido de desculpas ou um sinal de rendição. — Sem problema. Eu só queria descobrir o seu nome.

— Claire — ela disse. — Boa noite.

Ela manteve os olhos sobre ele quando entrou, fechou a porta e fechou a fechadura. Pela primeira vez ela estava grata por todas as fechaduras. Derrick







não se mexeu, pelo menos até que a porta se fechou, mas ela sentiu uma estranha tensão nele, como se cada músculo dele tremesse com o desejo de correr até ela.

Claire deslizou de lado a pequena aba metálica sobre o olho mágico e olhou para fora.

O rosto de Derrick apareceu enorme, *bem perto*, olhando como se ele soubesse que ela estava fazendo isso. Ela soltou um suspiro involuntário, deixou a aba escorregar para baixo e se afastou até que ela esbarrou nas escadas. Honestamente, ela enfrentou vampiros em sua porta e eles geralmente não eram tão assustadores.

Ela sentou-se nos degraus, e no escuro ao lado dela, no espaço de sombra entre as escadas e a mesa do salão, ela ouviu um sussurro ofegante. — É ele, não é? Derrick.

De alguma forma, Claire não estava surpresa que fosse Liz, amontoada ali com os joelhos dobrados contra o peito. Ela estava usando pijamas macios que eram cinza pálido na penumbra, e ela parecia uma menina apavorada.

Claire se levantou, sentou-se no espaço escuro e estreito com ela e colocou o braço em torno de sua amiga. Liz se inclinou e ela estava tremendo, tremendo muito. Claire tirou o casaco e colocou-o sobre os ombros de Liz. — Está tudo bem — ela disse e abraçou-a. — Liz, está tudo bem. Ele está lá fora. A porta está fechada.

— Mas ele está aqui. — Mesmo que fosse um sussurro, soou como um gemido de desespero. — Eu não achei que ele soubesse onde eu estava, mas ele está aqui. Ele sabe.

— Liz... quem é ele?

— Eu o conheci na minha antiga escola. Foi um encontro às cegas, minha amiga arranjou. Eu não gostei dele, mas ele... ele continuou tentando me namorar. No início era apenas mensagens, ligações e flores, mas então ele começou a me seguir. Eu comecei a namorar outro cara e ele... ele... — a voz de Liz vacilou, e ela engoliu em seco. — Ele simplesmente desapareceu. Ele finalmente me ligou e disse que tinha que se afastar porque Derrick tinha aparecido e lhe disse que se ele não fizesse isso ele estaria morto. Ele me disse... ele me disse que Derrick disse que preferia me ver morta do que com outra pessoa, e disse para eu me proteger. Então eu fui embora. Eu saí da escola, me mudei para fora da cidade, mudei o meu cabelo e como eu me vestia, fiz novos amigos. Eu não achava que ele tinha me seguido, eu realmente não sabia.

— Mas você estava com medo que ele te seguisse — Claire disse. — Por isso todas as fechaduras na porta.





Liz assentiu miseravelmente. — Ele me enviou cartas. Ele estava realmente irritado que eu tenha ido embora. Ele me seguiu para o último lugar que eu fui, e me mandou fotos do meu novo corte de cabelo me dizendo o quão bonita eu estava. Ele enviou coisas para a minha mãe e o meu pai também. Ele sabe onde toda a minha família vive.

— Você falou com a polícia?

— Claro. — Liz fungou e endireitou-se um pouco, e sua voz ficou um pouco mais forte. — Eles levaram a sério e tudo, mas ele nunca fez qualquer ameaça para que nós pudéssemos provar. Ele está sendo muito cuidadoso. É como se ele já tivesse feito isso antes e soubesse o que fazer para não ser pego. Isso é o que torna ainda mais assustador. Eu sinto muito. Eu deveria ter avisado a você... eu deveria tê-la avisado no que você pode estar se metendo. Quero dizer, você está apenas... você sempre foi tão agradável e gentil, e eu não quero colocá-la no meio...

— Eu não sou tão gentil — Claire disse. — Você sabia que eu aprendi a lutar? E eu posso usar um arco e flecha?

— Você o *quê*? — Liz parecia incrédula. — Você quer dizer, você atira em alvos? Você se meteu nisso por causa daquele filme? E de qualquer forma, como isso ao menos ajuda?

— Na cidade que eu morava era melhor você ter uma boa pontaria — Claire disse. — E um estômago forte, e nervos de aço. Então, se Derrick quer vir, ele vai ter uma grande surpresa. Eu não vou hesitar em defender a minha casa, a mim mesma, ou a minha amiga. Entendeu?

— Você... você está falando sério. O que, você acha que você vai matá-lo com uma flecha?

— Bem, não agora, porque eu não estou com a minha bagagem — Claire disse. — O arco está embalado nas minhas caixas. Eu vou tirar em breve, no entanto. Enquanto isso, o que você sabe sobre o uso de uma faca?

— Eu... como é?

— Qual é — Claire disse. Ela levantou-se e ofereceu-lhe a mão. — Deixe-me te mostrar.

— Claire, eu não posso lutar com ele!

— Por que não?

Liz parecia ter perdido as palavras. Ela pegou a mão de Claire e se levantou para os seus pés. Claire acendeu a luz, e Liz parecia prestes a se opor; ela estremeceu e estendeu a mão para o interruptor.

Claire a parou. — O que você vai fazer? — ela perguntou. — Você vai viver no escuro, trancada aqui? Com medo de olhar para fora, atender a porta, sair? Sim, ele está lá fora, e ele claramente não vai embora sozinho até que uma





dessas três coisas aconteça: ele te machucar, ele ser preso, ou ele cometer um erro e ser preso, ou você detê-lo.

— Você quer que eu *mate ele*?

— Eu não disse matar. Eu disse parar. Isso significa se defender. Há uma diferença entre perder uma luta e desistir. Se você quer lutar, venha comigo.

— Eu... — Liz olhou para ela por um longo momento, incerta. — Você está diferente. Eu achei isso desde o início quando você saiu do avião, mas é mais do que apenas por fora, mais do que apenas como você aparenta. Você realmente está diferente. Você está... forte.

— Em Morganville você só fica mais forte — Claire disse. — Ou, eu acho, morta. Mas sim. E eu sei que aqui não é Morganville, mas ainda podemos agir por nós mesmas. Vamos. A primeira lição é como defender-se com o que está ao redor...

Liz hesitou quando Claire puxou-a para a cozinha, e olhou para a porta. — Ele ainda está ali, o que você acha?

— Talvez — Claire disse. — Eu realmente não me importo. Deixe ele congelar lá fora, ou ser preso por tentar entrar. Não jogue o jogo dele. Jogue o seu.

— Eu não tenho um jogo.

— Você vai ter — Claire prometeu a ela e lhe deu um sorriso que era provavelmente tão assustador quanto qualquer coisa que Derrick tinha dentro de si. — Você irá.



Myrnin não tinha dado a Claire muita informação sobre a sua nova mentora, apenas o nome (Irene Anderson) e o fato de que ela tinha morado uma vez em Morganville e foi assistente de Myrnin. Era bastante impressionante que ela tenha sobrevivido à experiência, mas isso não tinha dado muita ideia a Claire de como Anderson seria.

Acontece que ela era *incrível*.

Por um lado, ela era muito mais jovem do que Claire esperava — trinta e poucos anos, talvez. E quando Claire bateu na porta de seu escritório, ela pensou que tinha chegado no lugar errado, porque a mulher bonita parada ali não tinha uma mesa, vestia um macacão que tinha visto dias melhores e estava usando algum tipo de maçarico portátil muito pequeno em uma pilha de metal.

— Aguarde um segundo — ela disse sem tirar os olhos do que estava fazendo. Passou mais dez segundos, mas depois a mulher desligou o maçarico,





deixou-o de lado, e fez uma breve nota em um bloco de papel nas proximidades. — Pronto. Terminei. Então, você é a minha de dez horas, certo?

— Eu sou Claire Danvers. Você é...?

— Dra. Irene Anderson. — A mulher empurrou os óculos de proteção para trás de sua cabeça, que deslizou e pendurou comicamente para fora de seu rabo de cavalo loiro e então bateu ruidosamente no chão. — Eu sei, eu não sou nada do que você estava esperando, não é? Todo mundo diz isso. Inclusive a minha própria família. Oi. — Ela deu a volta na bancada e ofereceu a mão para Claire apertar. Foi um aperto decisivo e firme, e ela segurou o olhar de Claire tempo suficiente para que fosse evidente que ela tinha olhos azuis para combinar com o cabelo loiro. Shane provavelmente teria chamado ela de gostosa, embora Claire nunca teve certeza exatamente como a escala dele parecia ser... tinha mais a ver com atitude do que tipo. — Prazer em te conhecer. Você é jovem para ter sobrevivido um ou dois anos fazendo o que você estava fazendo.

— Não estamos supostamente falando de...?

— Morganville? Claro, você pode falar. Desculpe. Cuidado de cidadã é muito normal. Eu sempre fui tão cuidadosa em não discutir com Myrnin que muitas vezes eu me esquecia de usar o nome dele mesmo quando eu poderia. Falando do homem, eu soube que ele está melhor agora.

— Melhor do que ele era quando eu cheguei lá.

— Ah. Isso é bom. Eu não queria sair, mas ele era muito instável para o bem dele ou o meu, e eu pensei que era melhor se ele tivesse um assistente vampiro por um tempo. Não é?

— Eu não sei. Ele nunca me disse muito sobre as pessoas com quem ele trabalhou antes de mim. Eu sei que ele, hum...

— Matou um monte deles? Sim, eu sei disso também. E, claro, ele matou a santa Ada. Ele nunca vai superar ela. — Isso ganhou um revirar de olhos exasperado, que parou quando a Dra. Anderson notou que Claire não estava sorrindo. — O quê?

— Ada... bem, está morta, eu acho. Eu acho que tecnicamente esta seria a terceira e última vez. Tipo, ela não vai voltar.

A Dra. Anderson cobriu a boca com uma mão, e fechou os olhos por um breve momento. — Como ele encarou isso?

— Não muito bem — Claire admitiu. — Ele meio que ficou perdido. Mas ele está melhor agora. Eu acho que isso ajudou, deixar pra lá. Ele ainda tem alguns episódios, mas eles não são tão ruins como eles costumavam ser na maior parte do tempo. São mais irritantes do que assustadores.





— Isso é uma grande mudança — a sua nova professora disse, e olhou para Claire com uma forma mais avaliadora. — Você já fez algo que eu nunca fui capaz de fazer, então. Parabéns. Eu fui informada que Myrnin tinha decifrado o código da doença...

— Chamamos de Praga de Bishop nos dias de hoje.

— Ah. Praga de Bishop... mas agora eu acho que você teve mais a ver com a resolução do que ele. Certo?

Claire não respondeu. Ela olhou ao redor do escritório — embora fosse mais sala de bagunça e laboratório do que escritório — e viu uma mesa pequena e desordenada cheia no canto. Ela tinha uma cadeira de escritório, mas nenhuma acomodação de visitante. — É aqui que nós vamos trabalhar?

— Aqui? Não. Definitivamente não. Eu só estava mexendo enquanto esperava por você. Antes de nós irmos, você vai precisar de identidade.

— Eu tenho uma carteira de estudante...

— Não essa... — A Dra. Anderson foi até a sua mesa, abriu e fechou gavetas, murmurou e, finalmente, veio com algum tipo de cartão de fita magnética preta com um logotipo nele que parecia estranhamente familiar — o símbolo da Fundadora. Ela digitou e mexeu no computador, em seguida, passou o cartão através de um dispositivo magnético. — Aqui. Pressione o polegar na área onde indica. — Ela entregou a Claire um pequeno dispositivo tablet, e Claire fez como solicitado. Enquanto o fazia, o tablet clicou, e ela percebeu que havia tirado uma foto também. Antes que ela pudesse perguntar sobre isso, a Dra. Anderson pegou de volta e clicou na tela, em seguida, pegou o cartão magnético que tinha feito e colocou em um pequeno dispositivo branco conectado ao computador.

Ele fez alguns sons suaves zunindo, e trinta segundos depois ele cuspiu um cartão de identificação acabado, completo com foto e impressão digital. A Dra. Anderson examinou-o, considerou-o bom e decorou-o com um cordão do ITM antes de a entregar. — Use-o em torno do seu pescoço — ela disse. — Não amarre no seu cinto ou mochila, ou use como uma faixa de cabeça, e confie em mim, eu já vi estudantes tentar fazer todas essas coisas. Se não estiver no lugar certo você terá uma conversa com a segurança, e você realmente não quer isso. Para onde vamos a segurança é muito, muito severa. — A Dra. Anderson, Claire percebeu, já estava usando a sua própria identidade. Parecia idênticos, exceto pela foto. — Se você cortar o cabelo ou tingi-lo, ou fizer quaisquer alterações do perfil físico, você consegue uma nova identidade. Tem todos os tipos de dados codificados nele. Parece estilo Orwelliano, não é? E é. Acostume-se com isso.





Claire se moveu para seguir enquanto a Dra. Anderson tirava o seu jaleco, pendurava em um gancho e abria o caminho para fora do escritório e pelo longo corredor até uma porta selada com um leitor eletrônico nela. Anderson entrou, mas quando Claire começou a segui-la, a outra mulher a parou. — Use o seu cartão depois de mim — ela disse. — Se você atravessar sem colocá-lo, alarmes vão soar. Como eu disse. Segurança.

Claire assentiu com a cabeça e deixou a porta se fechar antes que ela passasse o seu próprio crachá e aparecesse uma luz verde para entrar. Ela colocou a corda sobre a sua cabeça e entrou em um mundo muito diferente.

Esta parte do edifício parecia novo, brilhante e estéril. Ela estava movimentada com a atividade — estudantes de graduação, professores, pessoas em trajes que pareciam do tipo oficiais do governo, ou talvez indústria privada. Muitas dos grupos eram formados por todos eles, amontoados, andando e conversando. Ela pegou trechos de conversas sobre genética, sobre terapias medicamentosas, sobre nanotecnologia, e isso tudo em apenas dois minutos de caminhada rápida. A Dra. Anderson trocou acenos com a maioria deles, mas não houve conversa fiada.

O laboratório da Dra. Anderson era marcado com uma placa branca simples que dizia RESTRITO. Nada mais na placa... mas quando Claire moveu-se um pouco para o lado para permitir que Anderson passasse por ela, ela viu que havia algo mais sobre a placa, afinal. O logotipo da Fundadora tinha sido impresso nela holograficamente, por isso era visível apenas de determinados ângulos.

A porta fez um som de gemido suave quando foi aberta, e um sopro de ar fresco que cheirava a metal e produtos químicos tomou conta de Claire. A Dra. Anderson fechou-a atrás dela, e Claire passou o cartão através da porta. Ela não precisou ser avisada duas vezes sobre as medidas de segurança.

Dentro era... bem, como o laboratório de Myrnin, só que ordenado e limpo. Mas ela reconheceu muito do que estava acontecendo em cada uma das mesas de trabalho, embora em vez de usar técnicas alquímicas da Idade das Trevas, a Dra. Anderson tinha instrumentos e computadores de química moderna. Era como pornografia, mas para nerds da ciência. — Uau — Claire arfou, e passou os dedos timidamente sobre uma mesa de trabalho de aço, não querendo deixar as suas impressões digitais em qualquer um dos equipamentos gritantes e legais ainda. — Você é...

— Bem financiada? Sim. Amelie queria estabelecer um outro método menos caótico de pesquisa para validar e registrar as descobertas de Myrnin. Você conhece ele; ele é brilhante, e ele é a encarnação viva da teoria do caos. Então meu trabalho é descobrir *como* suas descobertas funcionam,







documentar e torná-las facilmente reproduzíveis com modernos equipamentos e técnicas. E agora é o seu trabalho também.

— Eu já estava fazendo isso. Tentando, de qualquer forma. Quando ele me deixava.

A Dra. Anderson enviou-lhe um sorriso caloroso e sagaz. — Sim, eu sei como é isso. Trabalhar para Myrnin significa ser guarda de zoológico, babá e melhor amiga. O problema é saber quando cada uma dessas coisas é necessária, porque cometer um erro significa que você pode se tornar um McLanche Feliz. Você merece uma medalha de honra por ter sobrevivido à experiência, Claire. E por conseguir sair de Morganville. Aposto que você acha que o pior já passou, certo?

Claire estremeceu, pensando nos *draugs*, Bishop e cerca de mil vezes que ela correu risco de vida e conseguiu sobreviver desde que chegou à cidade. — Espero que sim — ela disse.

— Você está errada — a Dra. Anderson disse. Ela parecia segura e tranquila. — Você viver lá, a esse nível, é como viver dentro de um jogo de videogame. Sobreviver é um recorde, uma conquista. Então você vem para aqui fora no mundo real e o transtorno de estresse pós-traumático começa a te atingir... porque ninguém se importa com o que você passou, ou o que você sobreviveu, e o seu corpo costumava ser uma bomba de adrenalina constante. É como se livrar de uma droga. Se isso não aconteceu com você ainda, no entanto, irá... a vida normal leva muito tempo para se acostumar, Claire. Mas se você precisar conversar com alguém, bem, eu já passei por isso. Qual é a coisa que você está sentindo mais falta agora?

— Shane — Claire disse. Sua garganta ficou apertada e doída, e por um momento ela não conseguiu continuar. — Meu namorado.

— Ah — Anderson disse. Nada mais. Suas sobrancelhas subiram, mas ela não perguntou nada, e depois que ela esperou um momento ela percebeu que Claire não ia falar, tampouco. — Deixe-me lhe dar um tour então. Eu suponho que você esteja familiarizada com os portais dimensionais de Myrnin? Ele te ensinou a fazê-los funcionar?

A partir daí, as horas passaram rápido, cheias de discussões e equações técnicas, redes de pensamentos com uma velocidade relâmpago a respeito do que cada uma delas pensava das ideias e trabalhos da outra. Ao meio-dia, elas tinham feito uma expressão matemática de como os portais funcionavam, e Claire a combinou com o trabalho que Myrnin tinha feito sobre a mesma coisa.

A versão final da Dra. Anderson era melhor, mais clara e mais coberta com teoria.







A tarde passou com ela aprendendo equipamentos, a maioria dos quais Claire nunca tinha visto, embora alguns ela tinha ouvido falar. O mais fascinante foi um sequenciador genético que quebrava o código de DNA de um vampiro. — É enganosamente humano — a Dra. Anderson disse. — É difícil perceber a diferença, porque a diferença é muito pequena para encontrar. É quase como se o DNA fosse apenas uma parte da equação para se transformar em vampiros, não apenas um processo físico. E eu não tenho qualquer equipamento que possa capturar algo que só acontece no plano espiritual, pelo menos, ainda não.

— Eu posso ter — Claire disse. Ela se sentiu hesitante sobre isso, e um pouco sobrecarregada com o que a Dra. Anderson estava fazendo neste laboratório muito brilhante; quem era *ela* para fingir ser uma inventora? Isso não parecia tão estranho quando ela estava com Myrnin; tudo parecia possível.

Aqui, ela se sentia muito... jovem. E inexperiente.

Mas ela tinha toda a atenção da Dra. Anderson. — prossiga.

— Eu... eu achei que já que Myrnin tinha feito máquinas que interagiram com os poderes de vampiros, então podia ser possível fazer outra máquina para cancelá-los.

Houve um longo silêncio estranho, e Claire se sentiu ficando vermelha e desconfortável sob o olhar firme de Anderson. Em seguida, a sua professora disse com muito cuidado: — Você tem esse dispositivo?

— Talvez? Quero dizer, eu sei que ele pode amplificar as emoções de vampiros. Eu acho que se eu puder usá-lo em sentido inverso, poderia deixá-los com medo, em vez de raivosos, cancelar a agressividade e fome deles... É tudo realmente apenas um palpite agora.

— Mas você construiu.

— Eu tenho um protótipo.

— Onde?

A Dra. Anderson estava levando mais a sério do que Claire tinha esperado. Nem mesmo Myrnin parecia tão impressionado. — Está embalado, eles vão entregar com todas as minhas coisas esta semana.

— Você *transportou* ele?

— Eu achei que poderia ser difícil passar com ele pela segurança no aeroporto.

— Ah. Você tem razão. Mas você realmente achou que era mais seguro confiar ele a uma empresa de mudança? Os vampiros sabem deste dispositivo?

— Myrnin sabe.

— E ele disse a Amelie?





— Eu não sei — Claire disse. Ela se sentia mais do que um pouco desestabilizada, como se ela tivesse feito algo ruim, mas ela não tinha certeza do que exatamente. — Ele deveria?

— Se ele acha que você vale a pena viva, ele não vai dizer — a Dra. Anderson disse. Ela tinha um olhar controlador e calculado em seus olhos azuis de repente, e foi arrepiante. — A última coisa que Amelie iria querer é um dispositivo como esse, capaz de dar aos seres humanos uma forma de controlar os vampiros. Quando este dispositivo está programado para chegar aqui?

— Hum, amanhã, eu acho. Eles devem colocar as caixas no meu quarto se eu estiver fora.

— Não esteja fora — Anderson disse. — Esteja em casa. Verifique a caixa que você colocou antes de sair, e depois me ligue assim que você estiver sozinha e eu vou providenciar uma escolta. Eu quero que este seu dispositivo seja colocado na área de segurança logo que possível, para o caso de ele funcionar como você diz. Os vampiros não gostam de nós desenvolvendo novas armas contra eles, Claire. Eu vi outros acabarem mortos por simplesmente falar de uma, e você realmente fez uma. Isso é algo que Amelie não pode, e não irá, ignorar. Eu estou realmente surpresa que Myrnin tenha permitido isso, e ainda mais surpresa que ele não tenha dito a Amelie sobre isso.

Claire pensou, com uma súbita explosão de frio por dentro, sobre o que tinha acontecido com a família de Shane quando eles tinham deixado Morganville. Amelie tinha determinado que mantivessem os seus segredos, e quando a mãe de Shane tinha começado a lembrar muito, falar muito, ela acabou sendo morta. Foi pura sorte que Shane e seu pai não tivessem morrido também.

O que ela tinha feito ao desenvolver deste dispositivo — não, esta *arma* — era muito pior do que apenas focar sobre Morganville. Poderia ser uma ameaça real para eles. Para as suas próprias vidas.

A Dra. Anderson estava certa. Era algo que os vampiros não ignorariam... e agora que ela estava fora de Morganville, acidentes podiam acontecer. Nenhum de seus amigos saberia a diferença.

Ela estava sozinha.

— Ei — a Dr. Anderson disse, e deu-lhe um pequeno sorriso cuidadoso. — Calma. Você parece um pouco assustada.

Claire assentiu com a cabeça, incapaz de dizer muito.

— Você se acostumou a pensar em si mesma como estando a salvo deles, não é? Que eles estavam do seu lado. É fácil cometer esse erro. Eles vão tratá-





la como uma propriedade, ou mesmo como uma amiga, até você cruzar a linha e tornar-se uma ameaça, Claire; você já fez isso, mesmo que eles não saibam disso ainda. Você passou de subalterna de Amelie a inimiga de Amelie, mesmo que tecnicamente você nunca tenha se voltado contra ela... ela não vai esperar pela traição real. Apenas as indicações são suficientes. — Os olhos de Anderson ainda estavam calculistas, ainda frios. — Você está armada?

— Não. É o mundo real. Eu não achei que eu precisasse... existem leis contra isso, certo?

— Você prefere ser multada por carregar uma faca escondida, ou morta em um beco?

— Essas são as minhas únicas opções?

O sorriso da Dra. Anderson se aqueceu, e a seriedade desapareceu um pouco. Apenas um pouco. — Não necessariamente, mas acredito em planejamento para o pior cenário.

— Você iria realmente gostar do meu namorado Shane — Claire disse. — Ok. Eu estou acostumada a carregar uma faca — de prata, certo?

— Temos novos métodos que nos permitem ter apenas uma camada de prata na borda. É mais confiável e mantém mais a sutileza — a Dra. Anderson caminhou até um armário fechado e abriu-o com a impressão da palma e um código complicado no teclado; ela estendeu a mão e saiu com uma faca em uma bainha de couro. Era assustadoramente grande, e quando ela a entregou, parecia mais pesada do que Claire estava acostumada a transportar.

— Você tem alguma coisa...

— Menor? Não desculpa. Vai caber em uma mochila facilmente. Se você quiser carregar por perto, eu aconselho você a entrar na tendência atual de carregar bolsas gigantescas. Cuidado com a borda. É afiada o suficiente para cortar qualquer coisa, menos diamante. E pelo amor de Deus, leve-a, Claire. Você não é boa para mim se você estiver morta. Até que você comece a trabalhar eu nem mesmo tenho certeza se você é boa para mim, mas eu estou disposta a dar-lhe uma chance. — Anderson deu um tapinha em seu ombro de um jeito meio impessoal. — Que horas são? Oh, droga, eu tenho uma aula para dar em vinte minutos. Regras de laboratório: você vai estar aqui bem cedo todos os dias. Eu chego às seis da manhã; Vou esperar você no prazo máximo das sete. Você não chega antes de mim, e você não fica depois. Se eu decidir que você é confiável, eu posso começar a lhe permitir que você fique no laboratório enquanto eu estou ensinando, mas você vai ter um período de avaliação antes que isso aconteça e, claro, os sensores do laboratório irão monitorar tudo o que você fizer. Isso não é uma ameaça, é só para esclarecer,





eu prefiro que você não fique surpresa com o nível de observação que você tem aqui.

Isso era surpreendente, mas Claire realmente não se importava; ela aceitava a necessidade de segurança. Ela não tinha certeza de como ler a Dra. Anderson, no entanto, e ela pensou que a sua nova mentora sentia o mesmo por ela. *Bem, pelo menos ela me deu uma faca*, Claire pensou. O que dizia algo... mas o que exatamente, Claire não tinha certeza.

A Dra. Anderson claramente já havia dispensado ela, porque ela estava mexendo em uma pilha de papéis e ignorando a tentativa de aceno de adeus de Claire, então Claire voltou para a porta. Havia uma segunda sessão de crachá, e ela o usou para desbloquear o caminho para o corredor. Desorientação atingindo-a por alguns segundos, porque havia poucas placas e o azulejo branco e limpo parecia o mesmo em qualquer direção, mas ela finalmente descobriu de onde elas tinham vindo, e passou o crachá uma segunda vez antes de retornar ao ambiente normal da faculdade. Parecia estranho, vir daquele mundo de alta tecnologia para um onde as pessoas da sua idade estavam rindo, jogando bolas de futebol no gramado e flertando como se fosse a habilidade mais importante do mundo.

*Talvez o mundo normal não fosse tão normal quanto eu esperava.*

Isso era um pensamento sério.

Ela atravessou o piso do campus ocupado e a faca presa em sua mochila parecia estranha; ela verificou muitas vezes para ver se de alguma forma o contorno estava visível, mas é claro que não estava. Era como uma parte de sua antiga vida perfurando essa nova, e ela não sabia como se sentia sobre isso.

Acontece que ela tinha motivos para estar feliz.

Claire cruzou a Albany Street e se dirigiu para a Chicago Pizza, porque de repente ela estava morrendo de fome, e era um lugar que ela tinha experimentado antes, portanto um pouco familiar... e quando ela pegou a sua fatia de pizza e refrigerante e encontrou através do lugar lotado uma pequena mesa na parede, ela viu alguém que estava do outro lado da janela olhando para dentro.

Alguém que ela reconheceu.

*Derrick.*

O perseguidor e ex de Liz não estava apenas verificando as ofertas de torta do dia... ele estava olhando diretamente para ela, perfurando com o seu olhar como uma furadeira. O choque fez o coração de Claire acelerar, e ela instintivamente se empurrou para trás da mesa e estendeu a mão para a bolsa encostada em seu joelho – instinto de sobrevivência, mesmo que Derrick não estivesse fazendo nada além de olhar para ela.





Era algo em seus olhos. Algo apenas... estranho.

Não havia cadeira do outro lado de sua pequena mesa, mas alguém se levantou e saiu, e Derrick entrou pela porta quando aquele estudante saiu. Ele agarrou a cadeira e arrastou-a ruidosamente sobre a mesa de Claire, onde ele sentou, colocou os cotovelos sobre a mesa e disse: — Ei, Claire. Como foi o seu dia?

Ela não estava para conversa fiada. Algo que ela aprendeu com Shane: havia uma hora para conversa e distração, e um tempo para se calar e observar, e esse era definitivamente um cara que ela não podia se dar ao luxo de brincar. Era o seu jogo, suas regras. Ela não podia ganhar. — Você tem que me deixar em paz, Derrick — ela disse, e ela não tentou manter a voz baixa, tampouco. O restaurante estava lotado de pessoas, e alguns deles olharam — não alarmados, apenas curiosos. — Vá embora agora.

— Eu não estou fazendo nada, Claire, qual é. Eu só quero que a gente seja amigos. Liz é especial para mim; eu deveria conhecer as pessoas que ela gosta, certo?

— Liz não quer ver você. Eu não quero ver você. — Claire se levantou de repente, e o som de sua cadeira indo para trás foi muito alto. O zumbido de conversação em torno deles parou. — Você precisa ir embora, agora.

— Ou? — Derrick não parecia nem um pouco alarmado. — Você vai chamar a polícia e dizer a eles que eu estava conversando educadamente?

Claire nem sequer pensou sobre o que ela ia fazer. Se ela tivesse, ela provavelmente teria pensado duas vezes.

Ela pegou o refrigerante cheio e atirou direito em seu rosto.

Ele engasgou, saltou de sua cadeira, e ficou pingando e furioso. Pedacos de gelo brilhavam em seu cabelo, e sua camisa estava manchada e encharcada.

Alguém por perto deu um aplauso lento. Outros se juntaram.

A ameaça de Derrick já não era fogo brando abaixo da superfície. Ele olhou para Claire como se ele pretendesse arrancar os pedacos dela, e a pequena mesa entre eles não parecia ser muito uma proteção, se havia alguma. Nem as pessoas ao redor deles, que podiam aplaudir um movimento valente, mas que fugiriam de uma luta.

Ela nunca sentiu tanta falta de ter Shane lhe protegendo.

Derrick deu uma respiração profunda, se contorceu todo, e forçou um sorriso com todos os dentes. — Todas essas pessoas são testemunhas. Eu nunca levantei a mão para ela, está bem? Foi ela que me agrediu. — Ele levantou ambas as mãos, tirou o gelo de seu cabelo, e afastou-se da mesa, e de Claire. — Porra, menina, deixe a cafeína de lado. Eu estou fora. — Ele parecia um cara normal agora, perplexo com a reação dela, e as palmas desapareceram. —





Desculpe se eu te assustei, eu não queria. — Ele parecia sincero. De repente, a maré de sentimentos populares estava girando em torno deles.

— Sim, você queria — Claire disse sem rodeios. — Você sabe e eu sei disso. Mas você não me assusta, Derrick. Eu já... — *Matei coisas mais assustadoras do que você*, ela quase disse, mas isso soaria errado neste lugar, neste momento. — Conheço muita gente pior do que você. Eu ainda estou de pé.

— Garota louca — ele disse, para ninguém em particular — apenas um pronunciamento, e parecia que alguns dos outros concordaram com ele. Alguns não. Uma menina estava franzindo a testa para Derrick, claramente alarmada; pelo menos um par de caras não estavam do lado dele, tampouco. Um deles — um cara grande o suficiente — se levantou.

— Talvez você devesse ir, cara — ele disse.

— Por que não ela? — Derrick respondeu.

O cara deu de ombros. — Ela tem Pizza. Você não.

Era uma razão moderada, mas válida e, à direita, em seguida, um dos funcionários — provavelmente o gerente, Claire pensou — saiu de trás do balcão e se fixou em Derrick, e depois em Claire, com olhar de repreensão. — O que quer que esteja acontecendo, acaba aqui — ele disse. — Ou eu vou chamar a polícia.

— Não tem problema — Derrick disse. Ele ainda estava levantando as mãos. — Eu estou indo, cara.

Ele foi, passando através da porta, mas quando ele passou pela janela de vidro onde Claire o tinha visto pela primeira vez, ele enviou-lhe um olhar rápido e lateralmente que era tão maligno que poderia ter lhe causado câncer.

Ela estava tremendo toda, ela percebeu — as consequências da inundação de adrenalina. Ela colocou a cadeira na posição vertical e pediu no balcão algumas toalhas de papel. O refrigerante tinha na maior parte caído no chão ao redor da cadeira de Derrick, e ela limpou, sem queixa, e pediu desculpas às pessoas ao seu redor. Eles encolheram os ombros.

A pizza tinha gosto de poeira e papelão, mesmo que provavelmente estivesse deliciosa, e ela comeu rápido, com os olhos fixos na janela de vidro.

Temendo o momento em que ela teria que sair.

— Oi. — Claire se retraiu, mas era o menino que tinha enfrentado Derrick no final; ele caminhou até o lado dela, mas ela não tinha notado, porque ela tinha estado muito atenta à janela. — Você está preocupada com ele?

Ela riu com a voz trêmula. — Um pouco, sim.

— Tem uma porta nos fundos — ele disse. — Ele sai em um beco, mas é apenas uma caminhada rápida para a rua. Se ele estiver observando lá na







frente, você pode evitá-lo por enquanto. Mas se você quer a minha opinião, chame a polícia. Há algo de errado com ele.

— Eu sei — ela disse. — Acredite em mim, eu sei. — Ela estendeu a mão, e ele apertou. — Obrigada. Eu sou Claire, a propósito.

— Grant — ele disse. — Cuidado.

Ele não se ofereceu para levá-la para casa, mas ela não teria aceitado, de qualquer maneira; agora, a faca em sua bolsa era a única coisa que ela estava inclinada a confiar.

A porta dos fundos supostamente tinha um alarme, mas a porta estava aberta, provavelmente para deixar a brisa entrar e compensar o forte calor que saía dos fornos de pizza. Claire passou por ela sem que ninguém parasse ela, e levou um segundo para examinar o beco além. Ele estava deserto, e não havia nenhum lugar para Derrick se esconder.

Ela correu para a rua lateral, virou à esquerda e seguiu direto para casa.

Mesmo que ela tenha passado toda a caminhada olhando por cima do ombro, ela não viu nenhum sinal de Derrick. Talvez ele tivesse ido para casa para lavar a sujeira pegajosa para fora de seu cabelo, trocar de roupa e pensar em formas de fazê-la pagar.

Isso não era realmente reconfortante, no final.

A caixas de mudança de Claire chegaram uma hora mais tarde em seu apartamento, cortesia de um pequeno caminhão de entrega; não havia muitas, e ela assinou por elas enquanto eles carregavam até o quarto dela e empilhavam no pouco espaço que restava. Ela obedeceu as instruções da Dra. Anderson e abriu a caixa que continha o seu dispositivo inventado em Morganville... que se parecia muito com alguma arma de raio steampunk, só que uma muito mal feita. Estava lá. Pelo que ela via, estava intacta.

Liz não estava em casa. Claire trancou a porta atrás dos carregadores e subiu as escadas para empilhar as caixas em ordem de prioridade de desempacotamento. Ela mandou uma mensagem a Dra. Anderson para lhe dizer que o dispositivo estava seguro, e Anderson rapidamente respondeu a ela para pedir-lhe para esperar em casa. Aparentemente, ela estava enviando reforços.

Claire passou o tempo de espera verificando as janelas por quaisquer sinais de mudança. Nada. Tudo estava seguro, ou tão seguro quanto poderia estar. Ela estava nas roupas de inverno da última caixa quando ela finalmente recebeu um telefonema — não da Dra. Anderson, mas de um número que não reconheceu.

— Alô?







— Oi, Claire. Você não me conhece, mas não desligue. Irene Anderson me pediu para passar aí e levá-la para o laboratório. Meu nome é Jesse. — Ela parecia calma e relaxada, e tinha um sotaque ligeiramente exótico, algo que vagamente lembrava-a do Extremo Sul, mas era bem escondido. — Meu amigo Pete e eu vamos estar aí por volta das seis.

— Isso é tarde — Claire disse, surpresa. — Eu pensei que ela quisesse que eu fosse até ela o mais rapidamente possível.

— Trabalhos, eles arruinam a sua vida social — Jesse disse, e riu. Foi um som com um estrondo caloroso, e apesar de sua atitude atual em-alerta-para-problema, ela encontrou-se gostando da outra garota. — Vamos o mais rápido que pudermos. Ah, e ela disse que você pode ser um pouco rápida no gatilho, então por favor, não atire. Nós vamos em paz, e eu prefiro não ficar em pedaços.

— Eu prometo perguntar primeiro — Claire disse. Jesse riu de novo, e desligou.

E ela fez perguntas. Ela ligou para a Dra. Anderson, que confirmou imediatamente que Jesse e Pete eram conhecidos dela. Claire não duvidava realmente disso, mas ela ainda estava preocupada com Derrick; parecia improvável que ele soubesse sobre a Dra. Anderson e a escolta que ela tinha mandado, mas por agora, paranoia era uma vantagem.

Ela passou as poucas horas estudando, navegando na net, e se perguntando — preocupando — onde Shane estava, e o que ele estava fazendo. Ela recebeu um e-mail, ela abriu — não um vídeo desta vez, apenas uma mensagem simples, dizendo-lhe que ele tinha um novo número de celular, e dando a ela. Ela memorizou-o, colocou em seu celular e em seu computador na sua lista telefônica privada — seu plano de reserva triplo de costume — e estava pensando em ligar para ele (só para ter certeza de que o número estava certo, é claro).

Assim que ela pairou o dedo sobre o seu nome na lista da agenda, porém, ela ouviu uma batida forte na porta. Seu olhar se ergueu. Era — surpreendentemente — seis horas, e eles estavam bem na hora certa.

Ela ainda olhou pelo olho mágico antes de começar a abrir as fechaduras. Não Derrick, com certeza; um menino e uma menina, ambos um pouco mais velhos do que ela. A menina foi quem chamou a atenção primeiro, porque ela era alta, sarada e tinha o cabelo vermelho-fogo que caía em ondas brilhantes quase até a cintura. Ela também tinha — como Eve — um estilo gótico, com muito delineador preto, maquiagem pálida e lábios com cores artificiais. Crânios e couro caracterizados fortemente em sua vestimenta.

Claire abriu a porta um pouco e disse: — Jesse e Pete?





Jesse sorriu e deslizou um dedo polegar em direção ao amigo baixo e facilmente esquecido. Ele tinha a postura de um bulldog, mas ele tinha um rosto agradável, e deu-lhe um sorriso cansado e um aceno. — Pete. Eu sou Jesse — a ruiva disse. — Então. Nós vamos levar você para a Dra. Anderson, certo? Vamos indo. Tenho lugares para estar.

— Deixe-me pegar a minha bolsa — Claire disse. — Entrem.

Pete e Jesse balançaram a cabeça quase na mesma hora. — Tenho que manter um olho no carro — Pete disse. — Nesse bairro vamos ser multados se não ficarmos bem aqui.

— Oh. — Claire não tinha pensado nisso; havia um carro parado no meio-fio, azul escuro brilhante. Tinha janelas fumê e o que parecia adesivos death metal — carro de Jesse, provavelmente. — Eu só preciso fechar esta porta, é por isso. — Porque ela tinha um horror agora de deixá-la aberta, mesmo que ela não achasse que Jesse e Pete iriam deixar Derrick entrar enquanto ela estava fora.

— Eu vou entrar, e Jesse pode ficar aqui e cuidar do carro — Pete ofereceu. — Essa coisa que você vai levar é pesada?

— Um pouco — Claire disse. — Não tem problema.

Jesse bateu no ombro de Pete. — Deixe o meu homem aqui carregar, ele adora mostrar os músculos para as moças.

— Não seja sexista. Eu flexiono para os rapazes também.

— Sim, mas não com tanto estilo. — Jesse piscou. — Vão em frente, vocês. Eu lido com os policiais do tráfego, se necessário.

Claire levou Pete para o andar de cima, apontou a caixa, e Pete muito feliz (e facilmente) a pegou e desceu o longo percurso sem nenhum problema.

— Então, você acabou de se mudar, certo? — ele disse. — Estudante nova?

— Parece tanto assim?

— Não tanto quanto a maioria. Eu não vejo um monte de cartazes de gatinhos e boy bands nas paredes lá em cima.

Claire quase riu. — Não é o meu estilo. Embora se você souber de qualquer lugar que eu possa conseguir um pôster de um unicórnio brilhante...

— Pergunte a Jesse — ele disse, e ficou de lado quando ela abriu a porta. — Ela é a mais atraída por um unicórnio brilhante.

Ele disse em voz alta o suficiente para que Claire achasse que era isca para Jesse responder, e a ruiva provavelmente normalmente teria feito isso, mas ela estava muito quieta, de costas. Nesta época do ano, e com a altura dos edifícios, o céu era de um azul escuro, bem no crepúsculo, e Claire não podia ver muito mais longe do que o outro lado da rua, então ela não conseguia descobrir o que tinha atraído a atenção de Jesse.





Em seguida, um poste se acendeu, lançando uma luz pálida e forte sobre o concreto, um hidrante na esquina, alguns sacos de lixo... e um homem de pé na calçada, encostado em uma parede, observando-os.

— Amigo seu? — Jesse perguntou. Ela parecia calma e relaxada ainda, mas a sua linguagem corporal dizia algo diferente.

Claire não podia ver seu rosto, mas o tamanho parecia certo. — É provavelmente Derrick. O ex da minha companheira de quarto. Ele é um perseguidor.

— Quer que a gente tenha uma pequena conversa? — Jesse perguntou, e Claire percebeu com um sobressalto que ela estava falando sério sobre isso. — Pete?

— Sempre pronto para uma pequena conversa franca — ele disse, — mas Anderson foi bastante firme sobre essa coisa de ser uma prioridade. Então talvez a gente deixe para depois, ok?

Jesse não se moveu; Derrick tinha a atenção dela fixada nele como se ela tivesse sido colada nessa direção. Ela finalmente suspirou e virou a cabeça para dar uma olhada decepcionada em Pete. — Você tira toda a diversão da vida, você sabia disso? — Pete deu de ombros como se ele morasse com a decepção, e desceu as escadas com a caixa para o carro. Jesse ficou onde estava, ainda atenta para a silenciosa presença de Derrick do outro lado da rua, enquanto Claire bloqueou e reverificou a porta. — Você tem um alarme aí?

— Não — Claire disse. — Eu disse a Liz que precisamos conseguir um, mas ela não acha que podemos pagar.

— Melhor falida do que morta — Jesse disse. — Eu posso sentir o cheiro de loucura naquele homem. Eu tenho um nariz para isso. — Na penumbra, os faróis de um carro que passava atingiram Jesse em cheio no rosto, e a acendeu como um quadro de avisos. Seus olhos azuis estavam muito, muito brilhantes, e por um segundo Claire teve um déjà vu de Morganville... mas este era o mundo real, e Jesse era apenas fodona. Como Pete.

Talvez só fosse isso.





# CAPÍTULO 5

## SHANE

**E**u estava até os meus cotovelos na água quente. Não figurativamente. Era água quente de verdade, com espuma, e eu estava lavando copos de um bar. Meu segundo dia em Cambridge e eu tinha um emprego — sórdido, de certo modo — em um lugar chamado Florey's Bar & Grill, embora a única coisa que eu tinha visto de grill até agora tinha sido alguns hambúrgueres e asinhas. Era o tipo de lugar que oferecia um menu de comida pequeno o suficiente para caber em um cartão de visita, e uma lista de bebidas de nove páginas.

Então, mesmo que o meu título oficial fosse lavador de louças, eu estava lavando copos. De vez em quando, havia um prato para variar. Talvez um garfo. Não muito mais.

Como todas as cozinhas industriais em todos os lugares, essa era úmida, quente e um pouco desagradável; o edifício era antigo e provavelmente tinha visto vários proprietários vendendo bebidas por pelo menos cem anos. O encanamento provavelmente não tinha sido atualizado de forma significativa em todo esse tempo. Diabos, ele provavelmente tinha ratos mais velhos do que eu, e talvez maiores também. Quando eu acabasse com os copos — se isso sequer acontecesse — eu deveria limpar e esfregar o lugar.

A cozinha estava funcionando como um exército; na verdade, eles chamavam isso de sistema de brigada. O *chef de cozinha* (“Sim, o chef”) é o general; seu segundo em comando é o *sous chef*; e depois havia os *chefs des parties*, que são responsáveis pelas sessões de trabalho individuais. Em algum lugar na parte inferior desse organograma está algo chamado de *plongeur* — que é o lavador de louças. Era isso o que eu estava fazendo. Em um grande restaurante haveria um monte de mais posições, mas tudo o que nós tínhamos nessa mini-brigada era o chef (“Sim, chef!”) Roger, que estava na Marinha e xingava como um marinheiro também, e, em seguida, Bridget, que era o seu segundo e fazia tudo exceto xingar.





Sim, eu conhecia o sistema. Esse não era, obviamente, o meu primeiro bico de lavador de louça.

A coisa surpreendente era que o pouco que eles preparavam era muito bom. Eu tinha sido contratado para buscar, carregar e limpar, e já que eu tinha uma identidade válida emitida pelo estado, eles estavam muito felizes (e surpreendidos). Tecnicamente eu não podia beber em um lugar como este, mas eu tinha refeições gratuitas para compensar isso. E Bridget era do tipo fofa e maternal. Eu já tinha feito amizade com o segurança, Pete, um cara baixo e musculoso que casualmente mencionou que ele levantava peso com o objetivo de fazer parte da equipe olímpica algum dia. Caramba.

O que me preocupou, porém, foi a bartender. Seu nome era Jesse, e ela era uma ruiva bonita e impressionante em couro apertado. Eu geralmente sou totalmente a favor disso, do ponto de vista puramente cênico, mas havia algo nela que disparava alarmes — alarmes do tipo de Morganville. Eu tinha me convencido de que eu estava sendo paranoico, mas eu ainda me encontrei me perguntando sobre ela ao longo dos dois dias que eu estive trabalhando no Florey's. Pete era um daqueles tipos lacônicos que não diziam muito sobre outras pessoas, mas ele tinha finalmente aberto mão disso e disse que Jesse tinha chegado na cidade há alguns anos atrás e era uma boa bartender; ela sabia como cortar as pessoas quando elas exageravam, e levá-los para fora da porta sem problemas, que em sua opinião era noventa por cento do trabalho de um bom bartender.

Em outras palavras, ele não gostava muito de fazer isso ele mesmo. Eu aprovei isso. O valor de um leão de chácara não é o quanto ele flexiona seus músculos, mas quão raramente ele tem que fazer isso. São os caras da segurança que estão sempre à procura de uma briga que cause problemas.

É por isso que eu não fui contratado para ser um segurança. Eu sabia que não devia nem me candidatar.

Enchi a máquina de lavar louça — uma coisa grande e industrial — de novo, e liguei, e tive o cuidado ao fechar, em seguida, fiz algumas limpezas e levei o lixo para fora antes da hora da minha pausa para o jantar. O céu lá fora estava deslizando em direção ao crepúsculo, e eu fiquei no beco por um tempo apreciando o ar fresco, tão diferente do vento seco do deserto de Morganville, antes que o cheiro de lixo me levou de volta para dentro. Roger estava xingando sobre algo que eu não me incomodei de registrar, uma vez que não era sobre copos, pratos, talheres, panelas, frigideiras ou a limpeza; Bridget estava cortando aipo, sua faca voando em um borrão, mas ela me deu uma piscadela e um sorriso quando eu parei para jantar, tirei meu avental da cozinha e o pendurei.





Eu fui à procura de Pete.

O bar já estava começando a encher, mesmo tão cedo, com o happy hour pós-trabalho das pessoas; o barman do dia ainda estava de plantão. Jesse não vinha até às sete, e ainda era 17:45. Pete geralmente começava o dia cedo, com o jantar, então eu imaginei que eu iria sentar com ele... mas eu o vi no outro lado da porta, dirigindo-se para a rua. Segui ele, com a intenção de tocar-lhe no ombro e perguntar se ele estava livre, mas então eu vi que ele estava indo para um carro que parou suavemente no meio-fio. A porta do passageiro se abriu e eu vi Jesse se debruçando, toda cheia de contrastes de preto e branco, exceto pelo vermelho-fogo brilhante do seu cabelo...

*...E seus olhos.*

Eu parei na porta, encarando quando Pete deslizou para o banco da frente, bateu a porta, e eles foram embora.

Eu realmente tinha visto um lampejo de vermelho em seus olhos? Ou eu tinha acabado de ver um reflexo do painel de instrumentos, talvez? Eu estava tendo alucinações de Morganville em todo lugar? Podia ser. Sim, provavelmente. Nem toda menina gostosa pálida, estilosa e cheia de maquiagem poderia ser uma verdadeira vampira.

Mas talvez, apenas talvez, alguém poderia se esconder em plena vista.

Curiosidade: ela trabalhava à noite, nunca aparecia até depois que o sol se punha. Ela dirigia um carro com vidros pintados tão escuros quanto as leis não-Morganville permitiriam. Ela tinha o rosto gótico cheio de pó, sempre.

Ela nunca teve problema em lidar com bêbados.

Adicione tudo isso junto, e você pensariam em...

*Qual é, eu disse a mim mesmo. Sério? Você sai de uma cidade que tem uma população pesada de vampiros, e você acha que vai encontrar um do outro lado do país?*

Algumas pessoas são sortudas assim. Além disso, eu não tinha conseguido este trabalho por coincidência... Eu tinha seguido a nova professora de Claire até aqui, onde ela comia o almoço e tinha conversas agradáveis com Jesse e Pete. Eu tinha feito isso apenas para descobrir como a Dra. Anderson era; qualquer um que tinha o Selo de Aprovação de Amelie era automaticamente alguém que eu sentia que eu deveria verificar com cuidado e, por precaução, eu estava checando Jesse e Pete, também. Por isso o bico de lavador de louças.

E agora, Jesse, com o flash de vermelho em seus olhos. Então não era uma coincidência essa investigação deliberada da minha parte. Eu queria que Claire ficasse segura, e eu queria ter certeza absoluta de que ela não estava andando desavisada pela cova dos leões.







Agora, eu não tinha tanta certeza.

Eu tinha usado as economias que eu tinha sobrando depois de garantir o meu quartinho muito bagunçado acima do bar para comprar uma moto surrada, e eu não perdi tempo em subir nela e seguir o vampmóvel modificado de Jesse. Claire odiaria que eu estivesse fazendo isso; ela pensaria que eu estava interferindo. E eu estava. Mas só nos bastidores. Eu não tinha a intenção de que ela sequer soubesse que eu estava na cidade; era o suficiente estar por perto, se ela precisasse de mim. Ou se ela dissesse que queria me ver. Eu não ia fazer o ator de filmes românticos que aparecia sem ser convidado em sua porta. Ela precisava de espaço; e eu estava dando.

Mas Jesse estava me deixando muito, muito nervoso.

Eu fiquei ainda mais nervoso quando o carro de Jesse parou na calçada de uma casa pela qual eu tinha passado alguma vez antes, e memorizado tudo sobre ela. Eu tinha resistido a passar por ela novamente, principalmente porque eu sabia que iria me deixar louco estar tão perto e não parar. Agora, eu me mantive em movimento, passando por Jesse e em torno do quarteirão, onde eu parei e desmontei. Peguei um lugar vantajoso na esquina, onde eu podia ver o que estava acontecendo.

Jesse e Pete subiram os degraus para a casa de Claire, bateram, e depois de um tempo e alguma discussão na porta, Pete entrou. Eu não sabia se foi Liz, a companheira de casa de Claire que os deixou entrar, ou se Claire estava fazendo isso. Jesse ficou do lado de fora, o que foi um alívio.

No tempo ocioso antes que a próxima coisa acontecesse, eu vi Jesse fixar em alguém de pé em frente a ela — muito mais perto do que eu estava. Eu não poderia dizer muito sobre ele, exceto que ele era grande e não parecia incomodado com o olhar de Jesse. Eu sabia por experiência própria o quão incômoda a atenção de um vampiro poderia ser, e foi um pouco surpreendente que ele não tenha sentido.

Então, a porta se abriu novamente, e Claire e Pete saíram. Enquanto Claire trancava a porta, eu bebi a visão dela como água no deserto... caramba, ela parecia ótima. Ainda a mesma garota que tinha me beijado há poucos dias. Ela não havia mudado em nada — mas, no entanto, eu realmente esperava que ela mudasse em tão pouco tempo?

Pete tinha uma caixa volumosa em seus braços grossos, e ele levou-a até o carro de Jesse. *Não entre*, eu pensei, observando Claire. *Perigo. Vamos lá. Eu sei que você tem melhores instintos do que isso.*

Mas ela entrou no carro, e ele foi embora, indo para lugares desconhecidos. Montei na moto e saí atrás deles, ficando para trás o suficiente







no tráfego para ter certeza de que eu não era notável. Havia vários estudantes em torno em passeios semelhantes, então eu não me destacava.

Como era de se esperar, a estrada terminava no edifício onde a Dra. Anderson trabalhava, e Claire fazia os seus estudos. Um beco sem saída – haha – porque eu com a maldita certeza não poderia ir até lá, ou eu definitivamente arriscaria ficar cara a cara com Claire e ter uma conversa desconfortável sobre o que exatamente eu estava fazendo ali. Começaria com *Eu estava preocupado com você* e acabaria com ela (provavelmente com razão) dizendo *Eu disse a você que eu precisava fazer isso por conta própria*.

Eu considereei um pouco, então decidi voltar para o bar. Eu ainda podia agarrar um jantar decente antes de voltar para o tipo regular de água quente.

Por nenhum motivo muito bom, eu tomei o caminho de volta que passava pela casa de Claire, e quando eu abrandei, eu vi um cara tentando abrir a porta. Eu digo “tentando” porque ele claramente não estava tendo sorte. Ele tinha o que poderia ter sido uma chave na mão, mas eu achava que não era. Ele também era maior do que eu, e eu não acho que ele deveria estar tentando arrombar a porta da minha namorada, então eu parei lá, pulei da moto, e parei no último degrau para bloquear seu caminho, e disse: – Ei, há algo que eu possa fazer por você aí, companheiro?

Ele se virou, e eu vi a fúria e medo misturados, antes de tudo suavizar em uma máscara branda, mas ainda de alguma forma desagradável. – Qual é o seu problema? – ele gritou para mim, e flexionou os ombros para me mostrar que seus músculos-armas estavam carregados. Não fiquei impressionado. – Apenas tendo alguns problemas com a minha chave. Tive um arrombamento na semana passada, e tive de mudar as fechaduras, e esta está ruim.

Uma coisa sobre os mentirosos é que eles nunca conseguem resistir a oportunidade de levar a um passo longe demais. Se ele tivesse apenas dito a primeira parte sobre a chave, isso poderia ter sido crível, mas ele continuou falando, o que provou que ele estava inventando tudo.

Além disso, é claro, ele não morava ali. Obviamente, isso o entregava.

– Me deixe dar uma olhada – eu disse, e subi um degrau.

– Cai fora. – Ele colocou a coisa que não era uma chave no bolso rapidamente, e aumentou a aposta *descendo* dois degraus, me deixando saber que ele estava pronto para a briga. Mais uma vez: eu não estava impressionado. – Não é da sua conta, punk, apenas continue andando.

Eu tinha uma série de opções realmente impressionantes na minha frente. Em primeiro lugar, eu poderia dar mais um passo para cima, e esmagar a cara desse cara com meu punho, o que parecia ótimo; segundo, eu poderia dar mais um passo para cima, deixá-lo dar um soco em mim, me abaixar, e em





*seguida* esmagar seu rosto com o meu punho. Ou — e a escolha menos impressionante — eu poderia evitar causar uma cena e possível incidente policial, recuar, e prestar atenção neste babaca a partir de agora para ver o que ele estava aprontando.

Eu fiquei com a opção menos impressionante. Claire realmente tinha me mudado, ao que parecia — ela me fez pensar um pouco sobre as consequências para que eu não estivesse apenas em modo de ataque o tempo todo. Eu não necessariamente amava isso, mas eu via a sabedoria disso, e eu acenei para o grandalhão, saindo do seu caminho, e me movendo para o lado. — Desculpe — eu disse, não muito sinceramente. — Só estou tentando ajudar, cara.

— Cai fora — ele retrucou, e saiu passando por mim. Ele não tinha que bater o ombro contra o meu, mas ele o fez, e por um segundo eu considerei ensinar a sabedoria de tomar a estrada principal, mas eu deixei para lá. O ligeiro desconforto foi o suficiente para me fazer sentir superior e tudo o que eu fiz foi assisti-lo andar para baixo do quarteirão e virar a esquina. Eu tive a estranha sensação de que ele não tinha ido muito longe, então eu subi na minha moto, fiz uma cena barulhenta ao virar a esquina, e, em seguida, dei uma parada silenciosa para que eu pudesse dar uma olhada.

Como esperado, o cara voltou. Ele não tentou novamente a porta, mas ele atravessou a rua e assumiu seu posto se inclinando contra a parede. Parecia que ele poderia fazer isso durante toda a noite.

Parecia que ele tinha feito isso, antes, o que me incomodou. Ele tinha que ser o espreitador que eu tinha visto antes.

Que diabos estava acontecendo? Isso estava relacionado com Jesse ser uma vampira? Com a Dra. Anderson? Algo mais?

Eu não queria ir, mas depois de observá-lo por cerca de dez minutos, eu peguei a moto e corri de volta para o Florey's. Era isso, ou perder o meu emprego e, por enquanto, eu precisava do cheque de pagamento.

Antes de eu sair, peguei o meu celular e relatei uma tentativa de arrombamento à polícia, só para ter certeza de que o idiota ficasse bem e verdadeiramente incomodado.

Cara, o mundo real era uma droga. E era uma droga ainda mais que eu realmente estivesse sentindo falta de Morganville.





# CAPÍTULO 6

**J**esse e Pete caminharam com Claire até o prédio pelos corredores regulares sem segurança e, em seguida, quando se aproximaram do corredor com segurança Claire pegou o crachá do seu bolso, então hesitou. — Hum, talvez seja melhor você me dar a caixa — ela disse. — Eu não acho que você possa ir sem um cartão de identificação... — A voz dela sumiu porque Pete estava carregando a caixa com uma mão como se estivesse cheia com nada além de embalagem de amendoins, e puxou um crachá de seu bolso e pendurou a cordinha em seu pescoço. Jesse tinha um também. — Oh. Esquece.

Jesse piscou para ela quando deslizou o passe através do leitor de cartão. — Não se preocupe — ela disse. — Somos oficialmente não oficiais. Assim como você, só que sem a carga esmagadora de aula.

— Eu sou bolsista — Claire anunciou.

— Eu soube — Jesse disse. — Amigos nos lugares certos, e tudo mais. Mais uma vez, como nós. Vamos lá, vamos lá ver a mágica.

Claire não tinha certeza se ela estava se referindo a *A Princesa Prometida* ou — mais provavelmente — *O Mágico de Oz*; ela supunha que, neste último caso, ela seria Dorothy, o que fazia de Jesse o... espantalho? Não com essas curvas. Da mesma forma, Pete parecia uma escolha ruim para o Leão Covarde. Ele parecia fofinho, mas ele trabalhava como segurança, o que parecia ser o oposto de pelúcia.

Jesse e Pete pareciam totalmente inadequados aqui... Jesse por causa da sua palidez gótica e cabelo flamejante, e Pete por seu corpo musculoso. Aqui na Terra da Ciência, as pessoas tendiam a querer receber menos atenção, e as pessoas que passavam com jaleco davam segundo olhares tanto de admiração quanto de medo, ou talvez ambos. Jesse parecia saber disso, levando em consideração o sorriso em seu rosto e o saltitar em seus passos; Pete se arrastava com a caixa, e não parecia notar ou se importar com como as pessoas o viam.

Claire se perguntou o que os tornou amigos. Talvez nada, exceto um gosto mútuo pela Dra. Anderson.

Eles já conheciam o protocolo de um-de-cada-vez-para-atraversar-a-porta-de-laboratório, e Claire acabou sendo a última, embora Pete tentou esperar





educadamente. Quando ela entrou, Claire o seguiu até a parte de trás do laboratório onde a Dra. Anderson tinha esvaziado uma mesa de trabalho, e quando ela chegou, Anderson já havia dobrado as asas da tampa da caixa e estava estendendo as mãos para levantar o dispositivo.

Não... nas mãos fortes e competentes de Anderson quando ela embalou seu peso, ele definitivamente parecia ser uma arma, não um dispositivo. Uma arma de raio do tipo futurista, com certeza, mas se você visse um personagem de um filme carregando, você saberia o que era, instantaneamente.

Algo para ferir as pessoas.

Claire engoliu. Ela estava tão presa aos detalhes sobre o que ela estava fazendo que ela não tinha realmente olhado para ele, apenas *olhado*, há um longo tempo... e mesmo que os outros já tenham segurado, ela estava avaliando o peso, o equilíbrio, a estrutura.

A Dra. Anderson fez ele parecer perigoso. Ela lidou com ele com competência, com cuidado, em seguida, pousou-o sobre uma camada de espuma macia que ela colocou sobre a mesa ao lado da caixa. Então, ela olhou para cima, encontrou os olhos de Claire e disse: — Você verificou? Algum dano?

— Nenhum dano que eu possa ver — Claire disse. — Ainda funciona.

— Excelente. — A Dra. Anderson respirou fundo e assentiu. — Certo. Obrigada, Jesse, Pete... Eu acho que nós estamos bem a partir daqui. Eu sei que vocês precisam trabalhar. Obrigada por nos ajudar.

— Você tinha razão por estar preocupada — Jesse disse. — Alguém está observando a casa dela. Um cara grande.

— É Derrick — Claire anunciou. — O ex da minha companheira de casa. É uma coisa pessoal. Eu não acho que ele tenha interesse no que eu faço.

— Talvez não, mas é preocupante, no entanto — a Dra. Anderson disse. — Alguém poderia estar usando ele como um pretexto. Ele poderia até mesmo estar passando seus detalhes de vigilância para terceiros.

Claire não tinha pensado nisso; ela quis saber como Derrick poderia se dar ao luxo de seguir Liz até aqui e, aparentemente, gastar todo o seu tempo parado na calçada. Será que ele não trabalha? Certamente ele não era rico o suficiente para ser maldosamente inativo. Era uma boa pergunta, ela percebeu; era algo que não teria ocorrido a ela em Morganville, mas aqui fora, no mundo real, poderia ser significativo.

— Vou checá-lo — Jesse ofereceu. — Eu não gostei da vibe dele, Irene. Esquisito. Não que ficar do lado de fora de uma casa com duas mulheres jovens não seja assustador por conta própria, é claro. — Ela sorriu um pouco, e a Dra. Anderson sorriu de volta, e Claire foi atingida pelo quão... confortável





isso parecia. Como se elas se conhecessem há muito tempo. Havia também um pouco de desafio. Essa era uma amizade complicada.

— Quer que eu leve a caixa, Doc? — Pete perguntou. Foi a primeira coisa que ele disse, e o olhar da Dra. Anderson se afastou de Jesse e caiu sobre ele.

— Quer dizer, a menos que você a queira para alguma coisa. Eu posso usá-la no bar. Nós usamos para colocar a reciclagem.

— Que ótimo — a Dra. Anderson disse, e quando ela sorriu para ele não teve nem um pouco de empolgação, mas era amigável o suficiente. — Certamente, a menos que Claire tenha alguma utilidade para ela...

— Eu tenho caixas empilhadas até o teto — ela disse, e balançou a cabeça. — Leve.

Pete pegou-a da mesa com um pouco de força demais, e isopor picado explodiu no ar como neve espontaneamente caindo. Jesse riu e agarrou eles enquanto caíam e, em seguida, todos foram recolhendo os pedaços de isopor, perseguindo-os ao redor do chão já que o menor sopro podia movê-los e, geralmente, rindo como bobos enquanto faziam isso. Era estranhamente relaxante, e no momento em que a bagunça estava de volta na caixa, e a caixa nas grandes mãos de Pete, Claire se sentiu ofegante e mais à vontade do que tinha estado no dia. Riso compartilhado fazia isso, mesmo quando você não conhecia realmente as pessoas com quem estava compartilhando.

— Devemos ir — Pete finalmente disse, e acenou para a Dra. Anderson. — Irene. Vejo você no bar em algum momento?

— Logo — Anderson concordou. Ela assentiu com a cabeça de volta para Pete, depois para Jesse. Para Jesse, ela acrescentou uma piscadela. — Vocês dois, tomem cuidado. Eu não sei porquê, mas os meus instintos me dizem que vamos precisar enfrentar alguma coisa muito em breve. E eu sempre ouço os meus instintos.

— Claro que sim. — Jesse piscou para ela, sorriu para Claire, e caminhou para fora do laboratório, com as pernas longas e o cabelo longo balançando. Pete esperou que a porta se fechasse e a seguiu, e no silêncio repentino, o lugar parecia muito vazio, silencioso e estéril.

Apesar de um isopor solitário ter escapado e rolado no chão, o que fez Claire sentir uma risada borbulhando por dentro. Ela manteve-a lá dentro, porém, porque o sorriso da Dra. Anderson tinha desaparecido, e ela estava toda negócios quando ela olhou para o dispositivo de Claire.

— Como você chama isso? — a Dra. Anderson perguntou a ela, e gentilmente tocou alguns dos estranhos calibres angulares e engrenagens.





– Dispositivo de Ajuste de Nivelamento de Vampiros – Claire disse. – VLAD, a sigla. Bem, era assim que eu estava pensando em chamá-lo, de qualquer maneira.

– VLAD – Anderson repetiu, e sorriu. – É sério?

– Meu namorado gostou.

– Seu namorado tem um senso de humor questionável.

– Ele seria o primeiro a concordar com você sobre isso – Claire disse. Ela revirou os olhos quando Shane tinha aparecido com esse nome de improviso, mas agora ela achava que era espetacularmente apropriado. VLAD. Ela podia imaginar totalmente.

Assim como a Dra. Anderson, ao que parecia, porque ela levantou lentamente uma sobrancelha e desenhou uma unha bem cuidada ao longo do cano. – VLAD – ela disse novamente. – Sim. Eu acho que parece a coisa certa, afinal de contas. Então. Resuma para mim, Claire. Como exatamente isso funciona?

– Eu não tenho certeza do que ele faz. Quero dizer, ele faz *algo*, mas não necessariamente o que eu quero que ele faça, ainda. O objetivo é ser capaz de sintonizar uma emoção específica transmitida por um vampiro – como a fome – e anulá-la. Fazer o vampiro não ficar com fome. Teoricamente, ele poderia parar um ataque, ou pelo menos drasticamente retardá-lo e diminuir a intensidade. – Ela engoliu em seco, porque ela tinha a atenção total e inabalável de Anderson agora. – Em teoria, ele também deve ser capaz de anular as projeções específicas que os vampiros podem fazer para fazer as outras pessoas obedecerem ao comando deles, apagar memórias, etc. Ele nivela o campo de atuação. É por isso que eu o chamei de VLAD.

– Você acha que iria impedi-los de atacar alguém.

– Ou pelo menos atrasá-los, pelo menos iria deixá-los desequilibrados. E é possível que ele desative eles de verdade.

– Permanentemente?

– Eu não sei sobre isso. Provavelmente temporário?

– Que testes você executou?

– Não muitos – Claire admitiu. – Eu usei-o em Myrnin acidentalmente, mas ele não me deu nenhum comentário sobre o assunto. Eu acho que o perturbou, no entanto. Agora, eu estou apenas calibrando o dispositivo para tentar localizar os comprimentos de ondas específicas, onde os poderes dos vampiros ressoam. Se eu conseguir consertar, a teoria é que eu posso criar uma contra-onda para cancelá-las.

– Então quando um vampiro projetar assustar a sua presa – que é uma das principais habilidades de caça deles – isso iria anular.







— Bem, não iria impedi-la de ter medo. Quero dizer, vampiros são assustadores por conta própria. Mas eles têm uma maneira de transformar seu medo em pânico.

— E as habilidades mentais deles, para se esconder, para manipular as memórias, para obrigar as pessoas a fazerem coisas...

Nem todo vampiro tinha essas habilidades e, pelo que Claire sabia, nenhum dos vampiros, nem mesmo os mais fortes como Amelie, tinha todas elas em igual medida. Mas ela balançou a cabeça. — Teoricamente ele deveria funcionar — ela disse. — Mas há um problema na potência para resolver, e agora VLAD é grande, pesado e volumoso. Algumas dessas coisas são as tentativas de Myrnin para me ajudar. Ele gosta de... engrenagens.

— Sempre gostou — Anderson concordou com um sorriso que era quase apreciador. — Em primeiro lugar nós temos que desmontar, testar cada pedaço dele, desenhar versões mais simplificadas... e construir uma simulação para executar o arranjo para nos mostrar exatamente qual a resposta é. Quando fizermos isso, nós vamos testá-lo em uma cobaia viva, mas não antes.

— Em um vampiro? Para isso teríamos de voltar para Morganville.

— Não mesmo — Anderson disse. — Esta coisa, se ela funcionar, é muito perigosa para Morganville, ou em qualquer lugar que Amelie possa chegar perto dela. Na verdade, há uma forte possibilidade de que... — Ela fez uma pausa, porque um tom musical suave soou no laboratório, e ela girou para encarar um monitor de computador pendurado na parede atrás delas, escondido de uma fácil visualização por uma meia parede. No monitor, caminhando pelo corredor, estava um grupo de quatro pessoas, todas vestidas de forma idêntica — não, não realmente, mas todas em ternos escuros que pareciam idênticos à primeira vista. Três homens e uma mulher. A roupa dela tinha uma saia e sapatos com o salto baixo, e ela estava sem gravata, mas essas eram realmente as únicas coisas que a diferenciava dos outros.

— Claire, pegue VLAD — Anderson disse. Ela ficou observando o monitor por mais alguns segundos, em seguida, acenou com a cabeça como se tivesse confirmado as suas suspeitas. — Vamos.

Claire pegou o peso e caminhou atrás da Dra. Anderson enquanto ela se movia em torno das mesas de laboratório para uma parede branca em branco... e então apertou a mão em um painel quase invisível que estava localizado na parede, branco sobre branco. Ele se iluminou com um brilho prateado brilhante, e um painel se abriu.

Havia prateleiras atrás dele. A maioria estava lotada com caixas etiquetadas e garrafas, mas havia uma grande prateleira vazia no fundo, e Claire rapidamente se ajoelhou e deslizou VLAD no espaço. Quando ela se







afastou, Anderson apertou a mão sobre o mecanismo de bloqueio novamente, e a porta se fechou com apenas um sussurro.

— Não diga nada — Anderson disse. — Se eles lhe fizerem uma pergunta direta, apenas diga que você não sabe de nada sobre a pesquisa, você acabou de chegar. É verdade. Faça o que fizer, não minta para eles, mas diga tão pouco você possa para poder se safar.

— Mas... quem são eles?

— Vamos torcer para você nunca precisar saber. Eu sinceramente não quero envolvê-la em coisas acima de sua categoria de pagamento.

Só houve tempo para isso porque a porta exterior se abriu, e o primeiro dos quatro entrou. Eles, obviamente, sabiam o protocolo também. O homem mais alto veio primeiro e acenou para Anderson quando ele se afastou para o lado. Ele tinha olhos castanhos frios e avaliativos que passaram por Claire brevemente antes de se concentrarem de volta nos da professora.

Os outros três vieram em rápida sucessão, cada um balançando a cabeça e, educadamente, esperando até o último se juntar a eles. O último era um homem de tamanho médio em uma camisa azul e gravata azul pálida brilhante — apenas um tom menos convencional do que os outros no grupo. Ele caminhou para a frente e estendeu a mão para a Dra. Anderson.

— Irene — ele disse, e sorriu. — Bom ver você de novo.

— Você também, Charles. A que devo esta visita?

— Apenas uma verificação no local, as coisas de sempre. — Ele deu de ombros. — Você entende como é. Protocolo.

— Eu sei que ter quatro pessoas designadas é um pouco exagerado para uma verificação no local — ela disse. — Isso não é algo que só precisa de um agente?

— Para você, Dra. Anderson, o tratamento é especial — ela disse. — Como estão os produtos biológicos?

— Tudo bem — ela disse, e lançou um olhar para Claire. — Vamos discutir isso em particular.

— Só um minuto — a mulher de terno escuro disse, dando um passo à frente. — Seu nome é... — ela demorou verificando seu celular, — Claire Danvers, correto?

— Ela é a minha assistente de laboratório — a Dr. Anderson disse. — Por quê?

— Bem, nós estamos fazendo uma verificação de antecedentes — a agente disse. — Eu vou precisar agendar uma entrevista minuciosa.

— Uma entrevista? Para quê? — Claire perguntou.





— Por razões de segurança — o cara principal disse. — Isso é tudo o que você precisa saber. Ela está participando de seus projetos?

— Não, ela acabou de chegar — a Dra. Anderson disse. Ela se virou para Claire. — Eu faço alguns trabalhos para essas pessoas. Eles tendem a ser um pouco paranoicos, eu receio, mesmo que o que estamos trabalhando seja muito mundano. Nada para se preocupar. — Ela enviou um sorriso em direção a outra mulher. — Olhe para ela, ela tem dezoito anos. Você seriamente acha que ela poderia ser uma espiã?

— Eu acho que as crianças com menos de dezoito anos têm feito coisas incríveis e terríveis — a mulher disse. — Srta. Danvers, eu vou entrar em contato para a sua entrevista. Até então, ela não tem acesso a qualquer coisa relacionada aos seus projetos relacionados a gente. Entendido?

— Completamente entendido — Anderson disse. Ela acenou para Claire. — É melhor você ir, Claire. Isso não lhe diz respeito.

— Ok — Claire disse, e hesitou por um segundo. Havia uma sensação muito estranha no ar, na forma como esses quatro oficiais estavam encarando sua professora. — Você tem certeza de que você não precisa que eu ligue para ninguém, ou...?

A mulher olhou irritada. — Quem você acha que você vai ligar? Dê o fora antes que eu encontre uma razão de segurança para fazer você ficar.

A Dra. Anderson deu-lhe um olhar que Claire interpretou como *vá embora*, e Claire pegou sua mochila e se dirigiu para a porta. Quando ela chegou lá, ela se virou e disse: — Oh, Dra. Anderson, eu devo avisar que o seu próximo compromisso vai ser adiado?

— Sim — Anderson disse, sem qualquer hesitação. — Apenas ligue para o Dr. Florey e avise a ele.

— Eu aviso — ela disse.

*Dr. Florey.* Jesse e Pete tinham dito que eles trabalhavam no Florey's Bar and Grill. E, claro, o próprio Jack Florey era uma pessoa inteiramente imaginária, o mascote da Fifth East. Então havia definitivamente uma mensagem nisso.

A porta se abriu, e Claire saiu antes que qualquer um dos agentes pudesse perguntar mais alguma coisa a ela. Ela caminhou rapidamente pelo corredor, esperando ouvir passos rápidos atrás dela; ela meio que esperava que seu crachá falhasse na próxima estação de segurança, mas brilhou verde quando ela o pressionou, e ela fugiu para o lado acadêmico do edifício.

Ela tinha um milhão de perguntas disparando em sua mente, mas até que encontrasse a Dra. Anderson sozinha e capaz de respondê-las, não havia muito sentido em considerá-las. Ainda assim, o fato de que Anderson estava





aparentemente atolada até o pescoço em ciência espia... bem, era arrepiante. Mais arrepiante do que as coisas com vampiros, já que Claire estava acostumada agora a pensar nisso como normal.

Claire se abaixou em uma das áreas de salão de estudantes, encontrou um sofá desgastado e surrado que não tinha ninguém atualmente dormindo sobre ele, e tirou seu celular para procurar o número do Florey's. Ela encontrou-o na Internet, ligou e pediu para chamar Jesse.

O rugido do outro lado do celular indicou que era definitivamente happy hour. — Ela está ocupada — o homem que tinha atendido disse; ele tinha que gritar para ser ouvido acima do barulho. — Ligue de volta mais tarde.

— Espere... eu...

Nada de bom. O celular ficou mudo. Ela ligou de volta, e ele tocou um longo tempo, mas ninguém atendeu. Não era muito surpreendente. Ela supôs que provavelmente eles não podiam ouvi-lo sobre os gritos. Deveria ter algum tipo de esporte na TV, pela torcida.

*Apenas ligue para o Dr. Florey e avise a ele*, Anderson havia dito. Não havia qualquer dúvida na mente de Claire que ela queria dizer Jesse e Pete.

Bem, se eles não iriam atender o celular, só havia uma coisa a fazer:

Ir lá.

Claire nunca tinha estado no Florey's — ela não tinha idade suficiente para beber legalmente, e explorar lugares cheios de estranhos ameaçadores após o anoitecer... bem, em Morganville, isso teria deixado sua sobrevivência deficiente. Aqui, ela supôs, isso apenas a deixava mais socialmente não adaptada, mas ela estava bem com isso. Ela não sentia qualquer desejo de explorar os lugares de festa dadas pelos alunos, e Liz não era do tipo sair-para-uma-festa, tampouco. Por causa da perseguição ela era muito paranoica para isso.

Isso não significava que Claire não sabia onde os bares eram, no entanto; era apenas parte da paisagem, assim como as lojas de livros didáticos, lojas de chá de bolha e lavanderias. O álcool era um serviço essencial para estudantes, ela imaginou. Pelo menos para alguns.

Ela não se atreveu a perder tempo andando, então ela fez um sinal para um táxi e pagou a tarifa para Florey; quando chegou lá, porém, ela estava mais do que um pouco surpreendida, porque o lugar estava lotado. Havia um jogo de futebol na TV, e através da porta aberta ela podia ver que o pequeno espaço dentro estava cheio de pessoas bebendo e torcendo. Ela não podia sequer vislumbrar o bar, muito menos ver se Jesse estava trabalhando por trás dele.

Havia um cara sentado em um banquinho de três pernas do lado de fora da porta única e larga. Não era Pete, mas ele era, obviamente, um segurança





sério; ele deu a Claire um olhar indiferente e avaliativo enquanto ela caminhava para perto e disse: — Identidade. — Isso foi tudo, não *olá* ou *como vai você?* Ele não era do tipo falador.

Ela rapidamente pegou sua carteira e mostrou-lhe sua identificação, e ele olhou para ela e balançou a cabeça. — Beber é com vinte e um anos — ele disse. — No caso de você ser uma estudante estrangeira. Não, não me importo se é dezesesseis anos em seu país de origem. Cinco dólares cobrem.

Ele estendeu a mão.

— Eu só preciso entrar e falar com alguém.

— É sério? Eu nunca ouvi essa antes, fofura. Cinco dólares ou saia da fila. — Porque havia pessoas na fila atrás dela agora, ela percebeu; eles eram todos mais velhos do que ela. Claire se atrapalhou em sua carteira, tirou uma nota de cinco dólares, e entregou a ele, e ele se abaixou e pegou uma braçadeira verde-néon brilhante de uma caixa, e prendeu apertado em seu pulso. — Água, refrigerantes, chá, café. Entendeu?

— Sim — ela disse.

— Vá em frente.

— Eu... eu estou procurando por Pete. Ou Jesse.

Isso rendeu-lhe um olhar completamente diferente, um de surpresa; o segurança inclinou-se um pouco e analisou-a novamente. — Não é uma boa hora — ele disse. — Eles estão ocupados lá. Jesse está até o pescoço com tampas de garrafa e bebidas, e Pete precisa manter um olho em tudo lá dentro. Ele não precisa de uma distração.

— Eu tenho uma mensagem para ele — Claire disse. Parecia que Pete seria mais fácil para chegar do que Jesse, de qualquer maneira. — Onde posso encontrá-lo?

— Sei lá. Boa sorte para encontrar. Próximo!

Ela não tinha nenhuma opção prática a não ser avançar para a sala lotada, onde ela ficou instantaneamente perdida no rugido de conversas, garrafas e copos tilintando, o cheiro forte de cerveja derramado, suor e madeira velha. O brilho das telas de TV caiu sobre ela, e iluminou todos na sala escurecida com cores estranhas, com rostos retorcidos e distorcidos. Se ela conhecesse alguém aqui, ela provavelmente não iria reconhecê-los. Corpos quentes se apertaram contra ela e avançavam para um corredor em direção a frente da TV; o rugido que caiu sobre ela era ensurdecedor.

*Eu nunca vou encontrá-los*, ela pensou em desespero, e em seguida, ela avistou o cabelo ruivo de Jesse do outro lado do balcão, que era do outro lado do bar. Foi apenas um flash, mas definitivamente era ela — e não apenas pelo cabelo, mas a pele pálida e o sorriso autoconfiante.





Encontrar Pete nesta multidão parecia ser uma causa perdida, mas, pelo menos, Jesse estava parada. Claire nadou contra a maré, indo para o bar e, em seguida, correu para um grupo sólido de homens e mulheres todos jovens esperando a vez deles. Claire se sentiu sufocada; ela era muito baixa e muito magra para conseguir seu próprio espaço contra uma horda de pessoas que estavam bebendo, impacientes para estar bebendo ou já bêbados.

— Ei — uma voz ao seu lado disse, e Claire viu um rapaz alto de pé por perto, inclinando-se. — Você precisa pedir algo? Deixe-me ser seu herói.

— Se você quer ser meu herói, diga a barman ruiva que Claire precisa vê-la lá fora — Claire disse. — Por favor?

Ele sorriu. Ele era um cara bonito, arrogante e confiante, e capaz de conseguir tudo o que quisesse. — Contanto que você prometa tomar uma bebida comigo mais tarde.

— Eu não sou o seu tipo — ela disse, e lhe deu um sorriso misterioso. Ele ergueu as sobrancelhas, olhou por sobre o mar de cabeças e focou em Jesse, depois de volta para Claire.

— Oh — ele disse. — Certo. Desculpe. Bem, que tipo de herói eu seria se eu não ajudasse você a se dar bem com a bartender gostosa? Deixa comigo. Você tem certeza que não quer uma bebida ou qualquer coisa?

— Tenho certeza — Claire disse. Ela tinha ido a festas suficientes em Morganville para saber que ela não deveria deixar que estranhos pegassem suas bebidas, nunca. — Obrigada.

— Brian — ele disse. — Brian Taylor... Dos Taylors de Boston. — Ele disse essa última parte com um sotaque engraçado e arrastado, e — tanto quanto foi possível no lugar apertado — deu-lhe uma reverência antiquada dobrando a cintura. Ele não fez isso muito bem quando comparado a Myrnin e sua elegância da velha guarda, mas ela lhe deu pontos pelo esforço. — E você...?

— Claire Danvers, ninguém em particular — ela disse. — Obrigada, Brian. Eu agradeço.

— Não se preocupe. Pode ir. Eu vou garantir que ela te encontre lá fora.

Ele seguiu em frente em direção ao bar, e Claire deixou a corrente de pessoas carregá-la para o outro lado. Algo ruim deve ter acontecido na tela, porque houve um gemido coletivo, seguido de gritos e gestos violentos, e ela abaixou a cabeça para evitar uma cerveja na cara, ou uma cotovelada na cabeça.

No processo de diminuição do som ela avistou alguém em um avental branco longo que atravessou as portas duplas atrás do bar, carregando uma bandeja gigante cheia de — ela presumiu — copos de vidro recém lavados. E por um segundo ela congelou, porque tudo naquela visão por uma fração de segundo, *tudo*, dizia que ela o conhecia.





Foi um flash, nada mais, e o cara levando a bandeja estava se movendo rápido para entregar os copos, mas ela poderia ter jurado, porém irracionalmente, que...

Que era *Shane*.

Mas é claro que não era. Nos próximos segundos, ela ficou na ponta dos pés e tentou dar uma outra olhada, mas havia muitas pessoas no caminho e, além disso, *Shane* estava em *Morganville*. Era um cara alto, ombros largos, cabelos castanhos. Havia provavelmente centenas de milhares de rapazes que se encaixavam nessa descrição em *Cambridge* e *Boston*. Ela estava sentindo tanta falta dele que ela estava projetando o rosto dele nos outros que se encaixavam nesse padrão.

*Deus*, ela sentia falta dele. De repente, ela sentiu falta de ar, enrubescida e assustada com a intensidade de sua reação; ela não tinha certeza do que ela estava sentindo, na verdade. Tristeza e saudade, e uma necessidade que acabou de arrancar a força dela.

A maré levou-a para a direita, esquerda e finalmente de volta para o centro, e ela estava a pouca distância da porta. Ela teve que se empurrar pelo caminho entre os clientes da entrada, alguns que estavam batendo na palma das mãos de seus amigos, e finalmente chegou ao ar livre do outro lado.

O segurança olhou para ela, olhou para o relógio e disse: — Se divertiu?

— Foi fantástico — ela disse. — Obrigada.

Ele lhe deu um sorriso de lobo, e voltou a verificar as identidades.

*Claire* se certificou de que ele não estava olhando antes de ela virar a esquina e se dirigir através da pequena passagem estreita não muito agradável entre o *Florey's* e o seu edifício vizinho do lado leste; ele estava deserto, mas parecia antigo e opressivo, e os tijolos pareciam como se fossem provavelmente pelo menos tão antigos quanto a Guerra Civil, se não mais velhos. *Cambridge* e *Boston* tinha uma quantidade impressionante de história que ela estava apenas começando a apreciar.

Ela não estava tão confiante de que *Brian Taylor* (dos *Taylors* de *Boston*) estava disposto a ajudá-la por bondade de seu coração, então ela se demorou na esquina da borda da passagem estreita e mais ampla do beco, onde a porta traseira do *Florey's* estava, ao lado de uma grande lixeira industrial que fedia até mesmo daqui com bebida antiga e comida podre. Ninguém estava lá. Ela esperou, e esperou e olhou para o relógio: quinze minutos, e ainda nenhum sinal de *Jesse*.

Talvez *Brian* tenha desistido da coisa toda. Ou talvez *Jesse* simplesmente não se importasse.







Passou mais quinze minutos e Claire estava se preparando para tentar a sorte com o segurança de novo, quando, finalmente, a porta traseira se abriu e Jesse saiu. Ela se esticou, com todas as suas curvas sinuosas e pernas e braços longos e, em seguida, tirou um maço de cigarros, tirou um e colocou em sua boca enquanto acendia um isqueiro portátil.

— Isso é um mau hábito — Claire disse, ficando a vista. Jesse deu uma tragada profunda, soltou uma nuvem de fumaça, e sorriu.

— Eu sei — ela disse. — Então. O que era tão urgente que eu tive que gastar meu tempo de pausa preciosa? Por favor, não me diga que é aquele cara observando a sua casa. Eu não tenho tempo agora.

— A Dra. Anderson recebeu uma visita de alguns caras do governo enquanto eu ainda estava lá — Claire disse. — Ela queria que você soubesse sobre isso.

— Hum. — Jesse franziu a testa e deu outra tragada no cigarro, segurou a fumaça e depois deixou-a deslizar lentamente para fora em uma névoa cinza. — Alguma coisa em particular que eles pareciam estar procurando? Eles perguntaram o que ela estava trabalhando?

— Você está trabalhando com ela? Porque sem ofensa, uma barman não parece ser muito provável para formar uma equipe com uma professora de física.

— Ei, eu estou envolvida — Jesse disse. — Temos coisas em comum.

— Sim, eu entendi, vocês são amigas, mas por quê ela iria chamar  *você*  por causa de uma visita da CIA, ou o que eles são? Ela também não pediu especificamente por você. Ela me disse para chamar o Dr. Florey. O que significa você ou Pete. Certo?

Jesse levou um tempo para responder. Ela deu uma última tragada, apagou o cigarro sobre o tijolo e finalmente disse: — Isso significa um de nós, sim. Olha, isso não é realmente da sua conta, Claire, você entende isso, certo? Então, por que você está metida nisso?

— Porque eu trabalho com a Dra. Anderson, e se há uma coisa que eu aprendi sobre trabalhar para os cientistas assustadores é que é melhor você ficar ciente do que exatamente eles estão metidos se você quiser evitar problemas para si mesma — Claire revidou. — Eu não estou dizendo que eu estou fazendo isso por altruísmo geral. É egoísmo.

Isso lhe rendeu um olhar que era, pelo menos parcialmente, de admiração. — Ok então. Considere o seu traseiro protegido. Agora. Diga-me exatamente o que ela disse. Palavra por palavra. Você pode fazer isso?

— Ela disse: *Ligue para o Dr. Florey e avise a ele.* Isso foi tudo.







— É um universal *fique de olho* — Jesse disse. — Não significa corra-para-se-proteger. Então, ainda estamos bem. Eu vou liberar Pete para ir lá e garantir que ela está bem.

— Eu pensei que você fosse.

— É mais fácil para Pete sair do que eu. As pessoas notam quando eu saio. Falando nisso... — Jesse olhou para o relógio, — hora de regar a multidão novamente. Deus, eu odeio noites de jogos, exceto que o meu pote de gorjeta transborda.

Claire assentiu. — Ok. Tem algo que você quer que eu faça?

— Vá para casa — Jesse disse, e piscou para ela. — A menos que o garoto gostoso que você pediu para me dar a mensagem esteja esperando por você. Nesse caso, vá em frente. Ele foi educado.

— Ele só estava me fazendo um favor — Claire disse, e sentiu o rosto começar a corar um pouco. — Eu vou para casa.

— Você que perde. Tenha cuidado — Jesse disse. — Se Anderson tem olhos sobre ela, você provavelmente tem também, não que eles realmente esperem ver nada. Você é uma jovem de dezoito anos, de Lugar Nenhum, Texas, afinal. Eles não sabem que você é secretamente fodona.

— Eu sou? — Claire disse. Jesse não sabia nada sobre ela — ou, pelo menos, ela tinha assumido que isso era verdade.

— Oh, sim — Jesse disse, e sorriu para a escuridão. — Você não poderia ter sobrevivido a Myrnin se você não fosse.

Com esse comentário deslumbrante ela voltou para dentro, e a porta dos fundos se fechou atrás dela. Claire ficou olhando para ela, pensamentos rolando em torno dela em caos, mas o que finalmente fixou foi *ela sabe sobre Myrnin. E Morganville.*

Quem ela era, afinal?

Era um mistério que Claire sabia que teria que resolver... mas não esta noite. Estava escuro, e o beco era assustador, e de repente ela queri desesperadamente recuar para a segurança de sua casa pequena, trancar as portas e ligar para Shane.

Ela precisava ouvir a voz dele.



Acontece que se sentir segura não estava no destino dela porque quando ela chegou em casa havia um cartão com aspecto oficial preso à porta da frente, e quando Claire puxou-o viu que era do departamento de polícia. A nota com ele dizia que tinha havido uma tentativa de arrombamento relatada por um





transeunte, e para verificar novamente todos os espaços interiores e as fechaduras para garantir que ninguém tinha entrado.

Fabuloso.

Derrick não estava em seu posto habitual, o que era bom, porque o bilhete fez Claire se sentir ainda mais paranoica, e ela entrou correndo, trancou a porta e gritou por Liz. Inutilmente, porque é claro que Liz não estava em casa; ela teria pego o bilhete se ela estivesse. Estava calmo e escuro lá dentro, e Claire metodicamente fez as rondas, verificando todas as janelas e, finalmente, terminou em seu quarto no último andar com a porta fechada e todas as luzes acesas. Ela fez um esforço para esvaziar mais algumas caixas (ela estava rapidamente ocupando todo o espaço com o que ela tinha trazido) e, finalmente parou, pegou o laptop e tentou falar com Shane no Skype. Sem resposta. Depois que ela tinha tentado seu celular e também não conseguiu resposta, ela tentou Eve, ao invés.

E Eve atendeu tão rapidamente que era como se ela estivesse sentada lá esperando. Sua imagem apareceu na tela, o rosto ficou pálido e azul pelo brilho refletido pelo computador, e ao vê-la foi o suficiente para fazer Claire sentir uma onda de lágrimas. — Ei — Claire conseguiu dizer, sufocada. — Eu pensei em checar para ver como vocês estão.

— Claire Bear! — Eve saltou para cima e para baixo em sua cadeira, virou-se e gritou: — Michael! Traga seu traseiro morto-vivo para cá, adivinha quem está ligando?

— Eu não preciso adivinhar, e você não tem que gritar — Michael disse. Claire não tinha visto ele se aproximar, mas de repente ele estava lá, inclinando-se sobre o ombro de Eve para lhe dar um beijo leve e doce. — Ei, Claire, como está o seu novo lugar? Você está acomodada?

— Não tanto, e é... — Ela não podia pensar em como descrevê-lo então ela pegou o computador e girou ao redor. — É assim.

— Uau — Eve disse. — Quem escolheu essa pintura, um garoto daltônico de fraternidade bêbado? Porque uma garota daltônica de fraternidade bêbada teria mais senso.

— Eu sei. — Claire suspirou. — Essa coisa toda... é uma responsabilidade muito grande, eu comecei a me encontrar com a minha nova professora. Eu gosto dela, eu acho. Mas parece que vai ser complicado.

— Oh, nós não vamos perder tempo falando sobre professores empoeirados e aulas chatas, a menos que sejam aulas sensuais. Vamos às informações importantes. Você odeia o suficiente para já voltar correndo para para nós? E sim, eu estou realmente com esperança disso acontecer, desculpe, mas nós sentimos muito a sua falta, Claire. — Eve, sempre rápida para chorar,





estava com um vislumbre de lágrimas em seus olhos. — Não é o mesmo por aqui com você longe.

— Ela está certa — Michael disse. Ele provavelmente teria continuado, mas Eve colocou a mão na frente da boca dele.

— Desculpe, só para esclarecer... o que foi que você disse?

— Que você estava certa.

— Ah. Eu achei que você tinha dito isso. Eu só queria ter certeza. Embora eu acho que você deixou de fora a palavra *sempre*, e eu sei que você queria adicioná-la — Eve disse. — Só estou tentando ser útil.

Ele conseguiu segurar seu suspiro, mas apenas alguns segundos, e inclinou-se para a câmera. — Ei — ele disse, — você poderia, por favor, dizer a minha garota aqui que ela não tem que me perseguir o tempo todo?

— Desculpe, eu preciso. É parte dos votos de casamento. Você não leu as letras miúdas? Para guardar e assediar.

— Querida, eu odeio dizer isso a você, mas você precisa de óculos.

Eve bateu nele, o que significava exatamente nada para um vampiro; ele fez a cortesia de fazer parecer que realmente tinha notado. Quando ela tentou bater novamente, ele pegou a mão dela, segurou-a e beijou-a. Bem, isso era calorosamente romântico, e Claire sentiu a temperatura aumentar um par de graus entre eles. — Hum, vocês dois, consigam um quarto.

— Temos um — Eve disse, e sorriu tão serenamente que ela se parecia com a Mona Lisa. — Temos vários, e confie em mim, nós estamos trabalhando em quebrar toooooooooos eles...

Claire colocou as mãos sobre as orelhas. — La la la, não consigo ouvir você! — Então ela baixou suas mãos e disse: — Espere um segundo, meu quarto?

— Não é possível usar o de Shane, não é? Tem cheiro de meias suadas e Mentos lá. Além disso, se ele descobrir sobre isso, renderia um monte de conversas estranhas em torno da mesa de jantar que ninguém realmente precisa. — Eve acenou em desprezo. — Ok, o suficiente sobre a nossa vida sexual deliciosa, sobre a qual você não quer ouvir de qualquer maneira. Amelie nos convidou para estar no novo Conselho Municipal de Morganville. Tomar o lugar do antigo vampiro-temático, e tem que ser mais de cinquenta por cento de seres humanos. Eu acho que eles pensaram que incluir a mim e Michael iria enviar uma mensagem sobre o quão seriamente ela estava levando toda essa nova coisa de vamos-ser-legais-uns-com-os-outros.

— Então, como isso está indo?

— Até agora? Muito bem. Desde que ela apareceu com seus novos planos todo mundo tem estado tranquilo. Os vampiros não amaram, mas até agora





eles estão jogando pelas regras, mesmo que eles estejam rangendo os dentes enquanto eles fazem isso.

— E o Capitão Óbvio?

— Silencioso até agora. Eu tenho a sensação de que ele está dando a isso a oportunidade de funcionar. — Michael designou automaticamente o *ele* para Capitão Óbvio, mesmo que a mais recente encarnação do líder da resistência humana seja, na verdade, do sexo feminino. E amiga deles. — Vamos torcer para que todo mundo continue unido neste momento.

— Vamos torcer — Claire disse. — E como Shane sempre diz, reze o quanto quiser, mas mantenham as espingardas carregadas.

Era, de fato, a frase favorita de Shane, e todos eles sorriram com ela... mas então os sorrisos de Michael e Eve desapareceram, e eles trocaram um olhar.

Um olhar que Claire não gostou. — O que foi? — ela perguntou. Nenhum deles respondeu. — Onde está Shane?

— Trabalho — Michael disse antes que Eve pudesse responder. — Desculpa. Ele não pode falar agora ou eu iria chamá-lo. Ele sente falta de você, no entanto.

— Sim, eu sei, ele tem me mandado mensagem o tempo todo.

Os olhos do Eve ficaram redondos. — É sério?

— Não.

— Bem, em defesa dele, as mãos dele são realmente grandes — Eve disse. — Ele nunca foi muito bom nisso.

— Eu espero que você esteja falando apenas de mensagens — Michael disse.

— Bem, você pode torcer — Eve disse calmamente, e Michael sufocou uma risada. Eve ficou séria então, e disse: — Sério, Michael está certo. Shane não faz nada além de sentir a sua falta. O tempo todo. Mas ele prometeu que ele não iria incomodá-la, e ele não está. Ele está só... dando-lhe espaço. É preciso muita força. — Michael colocou a mão no ombro dela, e ela olhou para ele e sorriu. — Se fosse Michael me dizendo para esperar, eu não conseguiria. Eu só não sou tão forte. Ou paciente.

— Você perdoou Shane muito rápido — Claire disse. — Ambos.

Michael deu de ombros. — Eu menti para ele, e ele confiou em mim por todo o tempo que passamos juntos crescendo. Então eu não culpo ele por acreditar em mim. Eu soube que eu fui muito convincente. — Ele parecia sombrio com isso, e ela sabia que ainda doía como uma ferida aberta e dolorida dentro dele. Ele foi controlado por outro vampiro, fazendo ele se afastar daqueles que o amavam, como Eve, Shane e Claire. Ele tinha feito uma





jogada ousada por beijar Claire e dizer a eles que ele esteve fazendo isso por um tempo.

Eles acreditaram nele. Por um momento.

Mas eles não tinham acreditado em Claire.

— Eu ainda devo a você — ele disse a ela calmamente. — Acredite em mim, eu não me esqueci.

— Melhor não — ela disse, mas ela sorriu quando ela disse isso. — Eu não estou mais brava, Michael.

— Eu sei. Mas não importa se você esteja ou não. Eu ainda lhe devo.

Ela deixou por isso mesmo, porque ele não iria ceder, e mudou a conversa para outras coisas. Eve tinha sido convidada para se juntar a um clube exclusivo de Morganville de senhoras ricas da cidade, as quais eram arrogantes; ela recusou (embora ela tivesse considerado se juntar apenas para causar sofrimento a elas). Em seguida, ela aceitou um convite dos vampiros para se juntar a algum tipo de associação de chá. — Eu acho que se os mortos-vivos tem algum tipo de senhoras de idade com cabelo azul, seria na associação de chá — Eve disse. — Elas são muito educadas para serem rudes comigo na minha cara. Então, isso vai ser divertido. Eu só vou fingir não entender quando elas forem sutis com os insultos delas.

— E ela vai se comportar muito bem — Michael disse. Eve murmurou silenciosamente, *provavelmente não*, e Claire cobriu seu sorriso com a mão. — Escute, eu sei que é tarde, então vá para a cama. Quer que eu diga alguma coisa a Shane...?

— Você realmente vai dizer a ele todas as coisas românticas e sensuais que eu quero dizer?

— Dificilmente.

— Então apenas diga a ele para me ligar quando puder — ela disse. — Ou mandar mensagem. Se ele conseguir pressionar os dedos grandes nas teclas minúsculas.

Ela precisava de um abraço, mas ela recebeu beijos extravagantes no ar de Eve, e um sorriso carinhoso de estrela de cinema de Michael, e então ela desconectou do que ela ainda pensava como um lar: a Glass House, para enfrentar a casa vazia e fria que tinha menos personalidade do que um armário de vassouras.

Ainda não sonolenta, Claire desempacotou alguns pôsters, desenrolou-os e pendurou nas paredes. Um deles era um presente de seus pais, um cartaz do *Gavião Arqueiro* do filme dos Vingadores, porque eles sabiam que ela achava ele bonito, e ela queria aquele arco e flecha desesperadamente. Um par de pôsters de sua banda favorita. Outro pôster de filme, esse de *Jogos Vorazes*.





Katniss era legal, e ela também cobiçava o arco e flechas. Definitivamente necessário em sua vida normal. Bem, na vida antes do ITM...

Ela congelou no ato de empurrar as tachinhas em um quando ela ouviu a porta chocalhando no piso térreo. Em seguida, uma batida.

Claire desceu as escadas, com cuidado para andar nas bordas perto do corrimão para evitar rangidos, e arriscou uma espiada para fora através do olho mágico. Ela esperava o repugnante Derrick, mas o que ela viu a surpreendeu — era um grupo de pessoas, meninos e meninas, conversando entre si.

E na frente do grupo estava Nick, que tinha trazido ela para casa.

Ela destrancou e abriu a porta. — Ei, Nick — ela disse. — Pessoal.

A maioria deles sorriu para ela. Alguns estavam muito ocupados conversando. O sorriso de Nick era especialmente brilhante.

— Oi, Claire. Olha, me desculpe incomodá-la, mas nós estávamos indo pegar alguns livros na loja de café. Você gosta de café? Ou livros? Eu acho que sim já que você se matriculou aqui, e é uma espécie de pré-requisito.

— Essa é a ideia dele de tomar decisões lógicas — uma das meninas disse — uma menina Afro-Americana bonita usando um gorro de malha com protetores de orelha e usando brincos grandes. Ela revirou os olhos. — Não é de se admirar que ele precisa tanto de livros, porque ele é uma droga em sucessão de atividades. Eu sou Kass, a propósito.

— Oi, Kass. Hum, obrigada, Nick, é realmente legal da sua parte, mas eu... eu estou esperando pela minha companheira de casa. Nós vamos jantar juntas hoje à noite. Talvez outra hora?

— Tem uma festa mais tarde, é o que Nick o Rápido esqueceu de mencionar — um dos outros meninos disse. Ele era um garoto magricela com a idade de Shane, muito autoconfiante e hipster-chic com seu suéter de botão apertado demais, jeans com as bainhas dobrada para cima, e um chapéu porkpie que ele provavelmente tinha copiado do personagem em *Breaking Bad*. — Então você deveria pular o jantar e vir com a gente. — Ele estava com o braço em torno de uma garota loira rechonchuda que tinha listras cor de rosa em seu cabelo e óculos olho de gato combinando, e um vestido de algodão retrô rosa claro. — Certo, Sarah?

— Certo! — ela concordou e sorriu. — Poderíamos fazer tatuagens também. Eu estava pensando em um dragão.

— Tatuagens — Claire disse, e fingiu pensar sobre isso. — Bem... isso parece divertido, mas honestamente, eu tenho que ficar em casa. Vocês se divirtam. E Nick... — *Nunca vai acontecer*, ela queria dizer, mas ela não podia na frente de seus amigos. O que provavelmente foi por isso que ele os trouxe, para ser honesta. — Eu te vejo depois, ok?







— Ok — ele disse. — Mais uma vez: estudo, livros, festa, tatuagens. Topa?

— Não — ela disse. — Mas obrigada. Divirtam-se.

— Oh, nós nos divertiremos — o outro menino disse, e beijou Sarah, que deu uma risadinha. — O azar é seu, Tex, qual é o nome dela?

— Claire — Nick disse, ainda olhando para ela. — O nome dela é Claire.

— Certo. Bem, o meu é Robert, mas todo mundo me chama de Drag. Não pergunte.

— Eu não vou — ela disse, e deu um passo para trás sobre o limiar. — Boa noite. Fiquem seguros, pessoal.

— Você também! — Foi um coro, e o grupo se afastou com suas mochilas e entusiasmo, e por um momento, ela queria muito mudar de ideia e se juntar a eles. Apenas para ser parte de algo novo, e não ficar presa aqui no escuro.

Mas ela fechou e trancou a porta e subiu as escadas em vez disso.

Nada de Liz. Claire olhou o seu e-mail, ligou para os seus pais, e finalmente trocou para os seus pijamas. Ela estava preocupada o suficiente nessa hora para ligar para o celular de Liz, e obteve uma resposta, finalmente.

Liz estava bêbada. Epicamente. Pelo barulho, ela estava em um bar ou em uma festa muito barulhenta. Claire não entendeu muito exceto que ela não estava pensando em voltar para casa em breve, e sim, ela pegaria um táxi.

— Todo mundo está se divertindo, menos eu — Claire murmurou, e jogou o celular na mesa de cabeceira em aborrecimento. Ela apagou as luzes, e virou de um lado para o outro, incapaz de dormir com os rangidos e estalos desconhecidas da velha casa.

Ela deslizou para fora da cama e caminhou para as escadas da cozinha sem acender as luzes, abriu a geladeira e tirou a caixa de leite para se servir em um copo. Ela tinha acabado de colocar o leite de volta e fechou a porta quando ouviu o som da abertura da porta da frente, e quase disse: *O quão bêbada você está*, mas algo a deteve.

Algo subliminar que ela não percebeu até um total de dez segundos depois: ela não tinha ouvido um carro, ou Liz tropeçando nos degraus, que ela assumiu que seria o que Liz estaria fazendo.

Isso foi absolutamente tranquilo.

Claire pegou seu copo de leite e recuou para o armário estreito da despensa, onde ela se agachou, banhada pelo aroma de especiarias velhas; havia alguns grandes pacotes de papel higiênico e toalhas de papel ali, comprados de alguma loja de varejo com caixas grandes, e ela rapidamente colocou-a na frente dela por precaução. Ela não tinha fechado a porta da despensa completamente, então ela sabia que ela ia ver quando as luzes se acendessem...





Mas as luzes não se acenderam. Em vez disso, ela viu o brilho de uma lanterna iluminando o outro lado da cozinha e, em seguida, a porta da despensa se abrindo e a lanterna deslizando em linha reta. Ela se escondeu atrás da parede de toalhas de papel, e depois de um segundo de parar o coração, a lanterna se afastou e a porta da despensa se fechou.

Foi tudo feito tão calmamente.

Claire esperou até que ouviu as escadas rangendo e, em seguida, moveu o papel para fora do caminho para ir para a porta. Ela não podia ver muito, mas ela achou que a cozinha estava vazia. Quem quer que fosse tinha ido lá em cima; ela ouviu passos bem em cima, então eles tinham ido para o quarto de Liz.

Derrick?

O pensamento fez seu coração disparar, e ela pegou uma faca de açougueiro, para prevenir. Shane tinha ensinado o jeito certo de lutar com uma faca, mas isso não significava que a ideia não a aterrorizava; se Derrick colocasse as mãos nela, ela já era. Ele era muito grande, e muito louco.

*Fique longe, Liz. Apenas fique onde está.*

Claire pegou o celular da cozinha e ouviu um tom de discagem abençoadamente claro. Ela ligou para o 911 com dedos trêmulos, e sussurrou as informações ao operador dizendo que ela estava se escondendo na cozinha com uma faca e havia alguém na casa. O operador parecia impressionado, mas profissional, e prometeu que a polícia estava a caminho, e para ela se esconder até que eles chegassem, mas manter a ligação.

Era o que Claire pretendia fazer, mas, em seguida, ela ouviu a voz estática de um homem lá de cima como se fosse em um walkie-talkie. Ela foi até a porta da cozinha, olhando para as escadas, e viu um homem vestido de preto saindo de seu quarto, e outro saindo do de Liz. Ela abaixou-se e se espremeu contra a parede da cozinha, mas não parecia que qualquer um deles tinha visto ela.

Um deles estava falando. — Nada. Ninguém em casa, e não encontramos nada. Parece uma menina da faculdade normal para mim, senhor. Ela tem *Jogos Vorazes* na parede, livros e roupas, não muito mais aqui. A cama estava desfeita, mas ela não está aqui, nós olhamos. Olhei todas as caixas, nada... não, senhor, eu tenho certeza. Ela provavelmente está com os amigos.

Ele estava falando sobre ela. E isso não tinha a ver com Derrick, nem mesmo se Derrick tivesse trazido um amigo. Isso soava calmo e profissional. Os dois homens desceram as escadas e saíram pela porta da frente sem parar e fecharam-na silenciosamente atrás deles.

Em seguida, eles trancaram ela.





Claire correu para o olho mágico e olhou para fora. No brilho das luzes da rua ela viu dois caras de aparência completamente normal em camisas escuras e calças descendo os degraus. Atlético, com mais ou menos vinte a trinta e poucos anos. Cortes de cabelo curtos. Eles poderiam ser Testemunhas de Jeová ou da CIA, ela não tinha ideia.

Mas de qualquer forma, eles foram capazes de entrar e sair da casa sem deixar uma marca.

A Dra. Anderson tinha estado certa ao levar o dispositivo para guardar, porque Claire tinha quase certeza de que quem quer que esses caras fossem, eles estavam procurando por provas de que a pequena aluna de Morganville era outra coisa.

E ela sabia, de alguma forma, que isso significaria um monte de problemas se eles descobrissem a verdade.

O telefone ainda estava ligado, e a voz do operador estava zumbindo como uma abelha. Claire segurou-o até a sua orelha e disse: — Desculpe, alarme falso, era a minha companheira de casa. Estamos bem.

Precisou mais do que isso, porque a operadora estava preocupada que Claire estivesse sob coação, e a polícia ainda apareceu para verificar, mas Claire assegurou-lhes que estava tudo bem.

Não estava, no entanto.

Realmente não estava.

E, em seguida, Liz voltou para casa, bêbada demais para dar passos por conta própria, e vomitou por todo o banheiro, e Claire teve de limpá-lo e colocá-la na cama e lidar com a ressaca lamentável que veio mais tarde... mas o tempo todo, tudo o que ela estava pensando realmente era, *quem está atrás de mim? Por quê?*

E, de vez em quando, *por que Shane não ligou?*





# CAPÍTULO 7

SHANE

**C**laire me viu.

Por uma fração de segundo, tudo o que eu conseguia pensar era *lá está ela*, e eu congelei, porque eu queria tanto pegar outro vislumbre dela... e então a realidade entrou em cena, porque ela estava do outro lado do salão, no Florey's, e ela estava olhando diretamente para mim.

Eu não pensei sobre o que eu ia fazer, eu só fiz: eu me movi, rápido, e bloqueei sua visão com um monte de barulho, os clientes clamando enchendo o bar. Então eu despejei a carga de copos na prateleira onde os barmens poderiam facilmente agarrá-los, e gritei no ouvido de Jesse: — Minha namorada Claire está no bar. Não diga que estou aqui, ok? Eu não deveria estar em Cambridge!

Ela me lançou um olhar arregalado e incrédulo, mas ela quase não teve tempo para discutir; ela estava abrindo a tampa de uma cerveja com uma mão (sem um abridor de garrafas, ela tinha algum tipo de técnica louca com o polegar que era muito mais rápido) e misturando um rum e Coca-Cola com a outra. Os dois outros garçons atrás do bar estavam igualmente ocupados. Eles acabariam a carga de copos que eu tinha entregue em cerca de uma hora, e eu já tinha duas máquinas de lavar louça de tamanho industrial em execução e estava fazendo o abastecimento com as próprias mãos. Esse era definitivamente o dia mais movimentado do Florey's que eu tinha visto desde que eu cheguei.

Eu agarrei a bacia com os copos sujos nela, ergui ela no meu ombro esquerdo e a usei para mascarar a mim mesmo quando eu virei para a cozinha. Meu braço — aquele que tinha sido mordido e curado — doeu quando eu fiz isso, mas não havia nada que um pouco de exercício não curasse. Ainda queimava, de tempos em tempos. E sim, isso me preocupava. Eu tinha sido mordido por um cão do diabo, afinal de contas. Podia haver efeitos secundários. Mas eu não estava com febre, ou me sentia doente ou algo assim, e eu sabia que ir a um médico tradicional não ia revelar nada.





A última coisa que eu queria era ficar à mercê dos vampiros, até mesmo um doutor residente deles, que era um cara muito bom apesar de ser sanguessuga. Estremeci com o pensamento.

Quando eu estava nos fundos eu larguei a bacia no balcão e coloquei água quente fresca, e tentei não pensar sobre o que diabos *Claire*, de todas as pessoas, estava fazendo em um bar numa noite de jogo. Ela deve ter vindo com alguém. Quem? Amigos, talvez. Sim, tinha que ser amigos. Este não era o seu tipo de cenário, e eu sabia disso. Ela não estava aqui sozinha, e ela não estava aqui para fazer novos amigos bêbados, tampouco.

Então por que todos os ossos do meu corpo demandavam para eu sair, tirar o avental, agarrá-la e tirá-la de lá? Ela não estava em perigo, exceto de ser pisada no meio da multidão. Ninguém iria machucá-la. Pete comandava o bar firmemente, e qualquer um que saísse da linha respondia a ele. Ninguém estava ansioso para fazer isso.

*Por que ela estava aqui?*

Ela não poderia estar procurando por mim. Ela não podia.

Lavei dez copos, depois sequei minhas mãos, peguei meu novo celular, disquei e apoiei a coisa em cima do balcão longe do lava-louças no viva-voz. Precisou de três troques, mas Michael finalmente atendeu. — Ei — eu disse. — Não tenho tempo para falar, mas você disse a Claire onde eu estava?

— O quê? Não, cara. Você me fez prometer. Eu não vou dizer a ela. Isso é problema seu.

— Eve? Será que Eve disse a ela?

— Não. Ela quer dizer, mas ela não vai.

— Merda. Bem, Claire está aqui.

— Aqui, onde?

— No bar. Onde eu estou trabalhando. Oh, e morando. No quarto no andar de cima. O trabalho meio que vem com hospedagem e alimentação. Por isso, não é como se eu pudesse permanentemente me esconder dela se ela captar as coisas.

— Você falou com ela?

— Claro que eu não falei com ela! Eu estou lavando pratos na parte de trás! — Isso, e eu estava com medo de que ela me odiasse por segui-la. Com medo de que ela pensaria que eu tinha quebrado a minha promessa, embora eu realmente não o fiz — eu estava mantendo distância. Estava apenas... ao alcance, se ela precisasse de mim. — Olha, só... eu não sei se ela me viu ou não, mas se ela pedir para falar comigo, apenas diga que eu estou no trabalho. Não vai ser uma mentira.





— Você está deslizando sobre a linha do melhor amigo para o amigo que me pede para encobrir ele — Michael disse. — Apenas piscando o sinal de aviso, cara. Pedir a alguém para mentir para sua namorada nunca é um bom passo em um relacionamento.

— Eu sei. Eu só... olha, eu vou dizer a ela, mas eu quero que ela tenha o tempo que ela quer, isso é tudo. Estou tentando ficar fora do caminho dela... — fui interrompido por um grito na área do bar; eles estavam sem canecas de cerveja, novamente. Eu gritei de volta que elas estavam indo, e como era de se esperar, Luis, o outro lavador de louças, pegou a pilha e levou-a para fora. — Olha, eu tenho que ir. Estamos bem?

— Estamos bem — Michael concordou. — Tome cuidado.

— Certo. Meu pior problema agora são mãos estragadas de lavar louças.

— Vou enviar-lhe um pouco de loção e esmaltes. Quer que eu te pague uma mani-pedi, também?

— Filho da p... — Ele desligou na minha cara antes que eu pudesse falar o resto, o que foi provavelmente melhor. Eu balancei a cabeça e esfreguei os copos — caramba, eu odiava batom, pelo menos neste contexto — por mais 20 minutos, ou mais, antes de Jesse de repente bater no meu ombro. Eu pulei e quase deixei cair um copo de martini, que teria saído do meu não tão grande salário, mas ela o pegou no caminho para baixo. Ela tinha ótimos reflexos.

Bons demais.

— Sua namorada é Claire Danvers? — ela me perguntou, e colocou o copo de martini na bandeja limpa.

— Sim. Ela ainda está aqui?

— Não, eu não a vi mais lá, mas eu recebi uma mensagem de que ela estaria esperando na parte de trás. Você quer falar com ela?

*Sim.* Eu queria tanto falar com ela que meu estômago se agitou. — Não — eu disse. — Só não diga a ela que estou aqui, ok? É complicado. — Droga, meu braço doeu novamente, e os músculos queimaram e contraíram. Eu o esfreguei, franzindo a testa, e me perguntei se eu tinha estado trabalhando em excesso e prejudicando um pouco a recuperação.

— Entendido, amigo. Tudo bem, ela está procurando por mim, então eu vou. Continue com o bom trabalho. — Ela piscou para mim, e sim, ela era mais gostosa do que qualquer garota que já tinha piscado para mim, pelo menos em um sentido teórico. Mas eu tinha muita experiência em torno de moças vampiras gostosas, e nunca terminava bem para mim. Então eu mandei de volta um aceno de cabeça não-comprometedor, e tentei não olhar a bunda dela enquanto ela se dirigia para a porta. Eu era o único conseguindo resistir,







ao que parecia. Ela chamava a atenção do sexo masculino da forma como plantas carnívoras devoravam insetos... e o resultado seria o mesmo.

Você poderia se afogar naquele mel.

Jesse se foi por uns quinze minutos de sua pausa, e quando ela voltou me deu um rápido polegar para cima. — Ela está bem — ela me disse. — Indo para casa. Então, apesar de não ter dito isso, eu suponho que você também é da cidade natal dela.

Eu balancei a cabeça sem me comprometer com qualquer coisa; eu não sabia se Jesse realmente sabia de onde Claire era, afinal de contas. Mas ela devia saber, porque ela olhou ao redor da cozinha para ter certeza de que Luis estava até o pescoço em seu próprio trabalho antes de voltar para mim com os olhos queimando em um breve e sangrento vermelho. Seus lábios se separaram apenas o suficiente para me mostrar as pontas de suas presas, deslizando suavemente para baixo, afiadas o suficiente para perfurar aço.

Em resposta, eu mostrei-lhe meu pulso esquerdo, que estava coberto por uma pulseira grossa de corrente de prata. Parecia na moda, mas também era uma arma, e uma boa. Então eu puxei para baixo o colarinho da minha camisa para mostrar a ela o colar combinado.

Ela riu suavemente, e o brilho e as presas foram imediatamente banidos. — Eu só estou brincando com você — ela disse, e me deu um sorriso peculiar de entre-na-piada. — Você é frio, Shane.

— Contanto que eu não tenha que ser um frio.

— Eu sabia que eu gostaria de você. Você tem... — ela lambeu os lábios, não sugestivamente. Ok, talvez um pouco. Ou muito, — tempero.

— É o meu desodorante corporal, é realmente másculo. Não tome isso como um convite. Eu não tenho nada para você, Jesse.

— Não se venda por pouco, bonitão, mas em qualquer caso, você não é meu sabor preferido de lanche. E eu não sou uma daquelas que entram sem ser convidada, se é que você me entende.

— Entendi. Você gosta de pensar que você é uma boa vampira.

O sorriso desapareceu, e o que foi deixado em seu lugar era simplesmente... perigoso. — Não vamos chamar de nomes uns aos outros. Alguém pode se machucar. O que você está fazendo aqui? Caçando? Porque se essa é a sua praia, podemos trabalhar com isso em outro lugar. Eu tenho que ganhar a vida aqui.

— Apenas querendo um cheque de pagamento, o mesmo que você — eu disse. — Olha, eu realmente não esperava correr atrás de nenhuma vam... moça muito agradável, assim como você mesma em uma cidade como esta. Eu





pensei que todos eles estavam concentrados na minha cidade, onde a Fundadora ficava de olho neles.

— Ela amaria colocar a mão sobre nós — Jesse concordou. — Eu deixei a cidade há trinta anos atrás, e eu fiz algumas viagens, encontrando outras pessoas e trazendo-as para casa. Quando a professora Anderson veio aqui, fui designada pela Fundadora para tomar conta dela.

— Ou vigiá-la?

Ela encolheu os ombros. — Eles não são mutuamente exclusivos, como se vê.

Isso era desconfortavelmente perto do que eu estava fazendo com Claire, então eu decidi deixar essa parte para lá. — Você está atribuída aqui, então. Oficialmente.

— Sim. — Ela lançou seu olhar em volta mais uma vez, e olhou para o relógio. — E porque você entende os resultados, nós nunca tivemos essa conversa, ou eu vou ter que entrar em contato lá na sua cidade e perguntar o que eles querem que eu faça com você e sua adorável boca tagarela. Está claro?

— Claríssimo — eu disse. — Se eu descobrir que você está caçando aqui, no entanto, eu não vou ficar feliz.

— Bem, não queremos isso agora, não é?

— Não, nós não queremos — eu disse, — já que eu sou o filho de Frank Collins.

Isso fez ela fazer uma pausa e me reavaliar, com cuidado. Em seguida, o sorriso voltou, um pouco temperado. — Eu conheci o seu pai uma vez, quando tinha a sua idade. Eu gostava dele — ela disse. — Ele sempre foi direto. E eu vejo que você é exatamente como ele.

— Não — eu disse. — Eu não sou. Mas sou o suficiente para que você saiba de onde eu vim, e que eu não lido bem com besteiras. Se alguma coisa acontecer com Claire por causa de você, essa vai ser uma conversa bem diferente.

— Não tenho nenhum interesse em ver alguma coisa acontecer com ela — Jesse disse. — Eu gosto do mundo aqui fora da maneira que é. Eu não tenho nostalgia de forquilhas e tochas, e eu tenho um companheiro disposto a fornecer as minhas necessidades, e se eu ficar com fome de um cardápio um pouco diferente, há sempre pessoas dispostas a fazer uma doação. Você apenas tem que saber para onde ir, e quando parar.

Isso parecia bom, mas eu ainda estava desconfiado. Ela estava apropriadamente cautelosa comigo também; eu vi isso em seu último olhar para mim quando ela atravessou a porta para a área do bar. Bem, estávamos em um lugar público, pelo menos. Agora eu teria que tomar cuidado ao redor





dela, e de Pete também, se Pete soubesse do segredo de Jesse. Eu tinha que assumir que ele sabia.

Em seguida, um dos outros barmens berrou que ele estava com poucos copos de doses, e eu tive que voltar ao trabalho.

A vida glamourosa.



A hora do fechamento era quando todos os clientes iam para casa, ou cambaleavam para fora da porta, de qualquer maneira, mas não era o fim do turno para o resto de nós. As tropas de batalha cansadas da cozinha limpavam tudo lá, em seguida, limpavam as mesas e carregaram o resto dos copos para as máquinas de lavar louça antes de sair. Os barmens computaram seus apurados, entregaram o dinheiro ao gerente, e contaram suas gorjetas, bocejando e com os olhos turvos. Pete e seus outros dois seguranças ajudaram na coleta do lixo e na arrumação geral, e na hora que terminamos já passava das três da manhã, as ruas estavam frias e vazias, e eu levei o lixo para a lixeira antes de ir para o andar superior para cama. Eu odiava as acomodações, mas porra, o trajeto era ótimo.

O colchão estava frio e irregular, e todo o lugar (e eu) cheirava a sabão industrial e cerveja, uma mistura desconfortável e tóxica. Mick, o gerente do Florey's, me avisou que se uma cerveja desaparecesse do refrigerador de vez em quando, bem, isso era provavelmente apenas uma pequena perda, mas se fosse uma quantidade muito grande ele teria que começar a verificar.

A cerveja que eu tomei no andar superior foi a primeira que eu tinha roubado. Era uma cerveja escura, importada, e tinha um gosto muito melhor do que a rugosa e barata que Michael e eu tínhamos começado a beber em Morganville quando estávamos roubando da geladeira do meu pai. Quando meu pai tinha uma geladeira. E uma casa. E uma família.

*Eu estou vivendo como o meu pai, eu pensei, e tomei um gole de cerveja. Queimou um pouco na descida – viciante, maltado e escuro, como o meu estado de espírito. Eu não tinha nada além de uma mochila, algumas armas escondidas e uma atitude ruim. E eu continuava correndo em direção aos vampiros. Devia ser a sorte dos Collins.*

Isso trouxe de volta muitas coisas que eu engoli ao longo dos últimos anos. A sorte dos Collins. Sim, nós éramos uma tribo sortuda, tudo bem. Minha irmã queimou com a casa. Minha mãe morreu em uma banheira de sangue, talvez nas mãos de vampiros, talvez não. Meu pai tinha se transformado em um vampiro, se conectado a um computador e morrido em Morganville, ou





pelo menos eu esperava que ele tivesse morrido. Nunca dava para saber com esses bastardos.

Eu não tinha família sobrando. Bem, exceto por Michael e Eve, que tinham adotado a mim e todos os meus traumas... e Claire, que eu pensei que ia ser o meu lar, para sempre. Só que ela tinha deixado muito claro que o lar tinha limites, e eu tinha cruzado eles, e agora eu estava do lado de fora olhando para dentro. Doía. Doía profundamente, de um jeito com autopiedade e raiva. Eu sabia que eu era o culpado, e era a minha própria maldita culpa, mas isso não impedia que alguma parte do garotinho em mim a culpasse por me afastar. Ela deveria me perdoar, certo? *Da forma como a sua mãe perdoou o seu pai quando ele bateu nela? É isso que você quer?* Deus, eu odiava aquela maldita voz da razão, a que mantinha o menininho irritado e egoísta sob controle a maior parte do tempo.

Tomei outro gole da cerveja, e outro, e em pouco tempo todas as paredes que eu tinha construído tão cuidadosamente em volta da minha dor se tornaram lama macia, fluída e pegajosa. Lembrei-me de ver Claire pela primeira vez, frágil, ferida e necessitada. Lembrei-me da primeira vez que eu a beijei, e a intensidade trêmula disso. Lembrei-me da primeira vez na cama com ela, ofegante e ansiosa, a bela imperfeição disso, o terror, a luxúria e a alegria, tudo misturado. Lembrei-me de mil coisas maravilhosas, e então todas as coisas ruins vieram logo após elas, porque quando a parede caiu era tarde demais para tentar construí-la novamente.

A caixa de Pandora foi aberta.

A garrafa estava vazia. Eu fui para o refrigerador e peguei um pacote de seis cervejas, e fiz isso enquanto tentava esquecer a decepção do meu pai furioso comigo, seu abuso, a sua vontade de me sacrificar pela causa... e, em seguida, uma vez que eu tinha revidado, todas as vezes que eu tinha estado à mercê de um par de presas, e indefeso. Muitas vezes, em Morganville.

E então, eu meditei sobre os *draugs*.

Eles foram o pior, os *draugs* — criaturas da água, criaturas que eram piores do que os vampiros e mais estranhas do que qualquer coisa que eu realmente poderia imaginar. Eles não tinham sentimentos, exceto uma fome fria, e eles me tiveram por um longo tempo em seus tanques. Alimentando-se de mim. Prendendo-me em sonhos e pesadelos, até que eu não tinha certeza que eu poderia dizer a diferença entre os dois mais.

Até o momento em que eu tinha conseguido trabalhar nesse trauma, eu acabei as cervejas, e cambaleei bêbado, e eu senti um... vazio. Apenas um vazio. Não havia mais raiva, mais medo... apenas um grande vazio que precisava ser





preenchido com algo diferente de toda a fúria que eu tinha guardado lá dentro, e finalmente liberei.

Eu precisava de Claire. *Precisava dela.*

E assim eu desajeitadamente destranquei o Florey's, restabeleci o alarme quando saí, e cambaleei ao longo das calçadas silenciosas indo para o apartamento dela. Eu não pensei no que eu ia dizer a ela. Eu acho que na minha mente encharcada de cerveja tudo iria apenas funcionar magicamente, e ela ficaria tão feliz em me ver que ela esqueceria todo o resto. Porque todo mundo adora ter o namorado bêbado com autopiedade batendo em sua porta às quatro e meia da manhã. No momento, ei, parecia uma ideia fabulosa.

Eu nunca cheguei lá.

Veja, eu esqueci todas as lições que tinham estado grudadas na minha cabeça em Morganville: primeiro, nunca saia andando bêbado, porque você nunca sabe quando você vai precisar da sua inteligência e dos seus reflexos. Em segundo lugar, veja a primeira regra.

E em terceiro lugar, nunca faça isso após o anoitecer.

Por alguma razão, eu pensei que Morganville era o equivalente ao Nível Doze de *Dead Space*, e tendo sobrevivido a isso, eu não avaliei as ruas livres de vampiros de Cambridge mais do que o Nível Dois.

Acontece que não era com vampiros que eu tinha que me preocupar. Era apenas com um bando de caras que tinha terminado sua noite mal e estava procurando alguém para culpar, e eu estava cambaleando pela maldita rua errada. Havia seis deles, e cerca de um quarto de mim, o que não eram boas chances em nenhum jogo.

Na vida real, você não tem um reset, e você não consegue vidas extras, e a minha estava uma porcaria. Eu realmente não sei como isso aconteceu; eu os vi vindo, gritando, berrando e batendo uns nas mãos dos outros, e então eles se calaram quando me viram e eu acho que eles não gostaram da camisa que eu estava, ou talvez eles achavam que eu era algum garoto estúpido rico que fora dar um passeio, mas após o primeiro soco tudo era apenas um borrão, porque não havia nenhuma maneira de lutar com seis caras ao mesmo tempo. Era mais uma questão de se abaixar, curvar e tentar sobreviver ao estar vagamente consciente de que a cerveja não estava fazendo com que fosse menos doloroso, e que um deles tinha uma voz muito alta, estridente e áspera quando ele gritou *viado* no meu ouvido e me chutou no fígado.

E então eu ouvi o anel de metal no concreto, e eu fiquei parado, porque um deles tinha encontrado um pedaço de vergalhão caído ao lado, e eu sabia com certeza repentina que esses caras iam me matar aqui mesmo nesta calçada estúpida, por *nada*, nem mesmo pela razão de saber meu nome ou odiar minha





política. Eles simplesmente iam me matar, porque eles precisavam matar alguém, e eu estava mais próximo.

Pelo menos zumbis teriam tido uma razão.

Eu teria morrido se a Equipe Vampiro não tivesse voado e salvado a minha bunda bêbada.

Eu não vi quase nada disso, já que eu tinha uma boa concussão e sangue nos meus olhos, mas eu vi a pele pálida, um sorriso matador, um cabelo vermelho brilhante chicoteando pela rua, e curvas que seriam bastante impossíveis de esquecer. Jesse tinha vindo em meu socorro, assim como Pete; meu amigo parecido com um hidrante tinha pego o vergalhão e estava estrategicamente armando seus braços e pernas com uma calma desapaixorada. Houve um monte de gritos, e dentro de segundos, *segundos*, tudo estava terminado e havia sete caras no concreto.

Então Jesse me ajudou a me levantar, e havia seis.

— Não se preocupe, eles não estão mortos — ela disse, e me deu uma apreciação implacável. — Você está uma merda, Collins.

— Obrigado — eu murmurei. Eu não quis dizer pelo elogio. — Bem, essa caminhada foi uma droga.

Ela riu quando eu cuspi um bocado de sangue, e se ela pensou que eu estava desperdiçando comida, pelo menos ela não disse isso. Pete trouxe o vergalhão junto com a gente, e fomos para um carro estacionado em um quarteirão depois. Foi uma longa caminhada. Eu passava todo o tempo imaginando (provavelmente em voz alta) por que Pete tinha trazido junto sua vara de ferro. Eu sei que foi em voz alta, porque ele finalmente disse: — Impressões digitais — quando ele jogou-a no porta-malas do carro e ajudou Jesse a me colocar na parte de trás. — Você está bêbado.

— Você é perceptivo — eu disse, e deslizei lateralmente até que minha cabeça colidiu com o vidro da janela. — Ai. — Isso não era adequado à situação, mas eu não acho que era viril chorar como uma menina. Puxei-me em uma posição inclinada e respirei fundo, tentando não pensar em como o mundo estava girando. — Foi apenas um pacote de seis.

— De?

— Russian Imperial Stout.

— Oh, querido — Jesse disse a partir do assento do motorista, claramente divertida. — Os russos não têm nada para fazer na maior parte do inverno além de beber como um hobby. Você realmente devia trabalhar essa coisa. Ouça isso de mim, eu estava por perto quando Gregory Rasputin ainda era o homem que ganhava em um jogo de bebidas. Você vai se arrepender disso.







— Ele vai se arrepender muito mais — Pete disse. Ele estava me cutucando, um fato que eu percebi tarde, e quando eu ineficazmente bati nele para ele parar, eu errei e bati em mim mesmo em algum lugar que já estava machucado. Não tenho certeza onde. — Devíamos levá-lo ao pronto-socorro. Ele poderia ter hemorragia interna.

Jesse ergueu a cabeça e olhou para mim, e eu vi aquele brilho vermelho em seus olhos novamente. Estranhamente, parecia reconfortante agora. Caseiro, até mesmo. — Ele pode ter, mas ele não tem — ela disse. — Eu saberia se ele tivesse. Oh, ele tem várias hemorragias, mas elas não são com risco de vida. E ele não é nenhum estranho a cortes e contusões. Cuidado com a cabeça, no entanto. Eu os vi dar umas boas pauladas, pelo menos duas vezes.

— Ele vai ter um inferno de uma dor de cabeça do contragolpe, mas não se parece com nada muito ruim. Pode querer fazer um raio-X, no entanto.

Eu estava começando o meu tempo em Cambridge praticamente da mesma maneira que o meu retorno à Morganville: com visitas ao hospital. — Que diabos — eu suspirei. — Eu não fiz um bom raio-X em um longo tempo. Poderia ser divertido. — Porque diferentemente da maioria dos caras durões bêbados, eu tinha visto o suficiente para saber que os ferimentos na cabeça não eram nada com que se brincar. Você podia parecer e se sentir bem por um dia, em seguida, cair morto de veias inchadas e explodindo.

— Eu acho que você está confundindo os raios X com algo de um filme pornô — Jesse disse, — mas claro. Uma visita ao pronto-socorro chegando. Espero que o que quer que você teve com esses caras tenha valido a pena todo o esforço. O que eles fizeram, chutaram um filhote de cachorro, insultaram a sua mãe...?

— Nada — eu disse. — Eu não fiz nada. Eles só queriam machucar alguém, e eu estava lá.

Depois de um momento de silêncio, ela disse: — Sim, eu sei como isso pode acontecer. — Ela parecia triste, como se ela pessoalmente soubesse disso, e ei, ela provavelmente sabia. Ela poderia ter sido até mesmo a receptora, mas você nunca poderia assumir esse tipo de coisa de vampiros. — Por que você estava vagando no escuro, Shane? Estou assumindo que vindo de Morganville você sabe melhor das coisas.

— Eu pensei que seria mais seguro aqui.

Pete riu. Ele tinha um tipo estranho de riso, que engatava no meio. — Você não sai muito, Shane. Isso é meio esperto. Dê um passeio em uma zona de genocídio e me diga se os seres humanos não podem ser piores do que os sanguessugas. Estamos programados para sermos bastardos, aceite isso de alguém que fez trabalho voluntário no Congo.





O problema é, eu já sabia disso perfeitamente bem, porque eu sabia do que Amelie, a Fundadora de Morganville, tinha medo. Ela tinha mais medo do que nós. Os humanos. E nossa tendência era matar qualquer coisa que temíamos e/ou odiávamos.

Nossas capacidades de direcionar as coisas eram diferentes.

Eu não era melhor, eu pensei. Eu odiei vampiros a maior parte da minha vida, e eu ainda não me sentia totalmente confortável em torno deles, mesmo que Jesse tivesse acabado de alegremente chutar algumas bundas para me salvar.

Pete provavelmente estava certo sobre isso.

Eles me levaram para o pronto-socorro que estava um pouco deserto, e levou apenas cerca de quatro horas (algum tipo de recorde, eu estava certo) para me levarem para o raio-X e descobrir que sim, eu ainda estava funcionando, mas com um cérebro levemente ferido, e que nada importante foi quebrado no resto de mim. Nesse tempo, o confortável amortecimento da cerveja tinha evaporado, e com a luz fria da madrugada chegando Jesse tinha ido embora e me deixado com Pete. Ele não parecia especialmente chateado por perder o sono de beleza; talvez ele estivesse acostumado a ficar acordado até de madrugada, dado o trabalho no bar e sua aliança clara com Jesse, o que parecia ser mais sobre negócios do que prazer. Jesse tinha deixado o carro para ele e ido caminhando a pé; ela deveria ter algum buraco escondido nas proximidades porque ela parecia bastante casual sobre o nascer do sol. A menos que ela fosse muito velha, ela ainda estaria suscetível a queimaduras entregues pela luz do dia... e mesmo que ela fosse velha, ela não gostaria de estar lá fora nele.

Uma vez que eu tinha pago a conta (que comeu todas as minhas economias, além de um empréstimo de Pete, silenciosamente oferecido) eu caí de volta no carro e deixei ele me levar de volta para o Florey's. Passamos pela casa de Claire ao longo do caminho, e eu me lembrei do nevoento plano malformado de cambalear até a porta dela, e deixar que ela me perdoasse e me arrastasse para a cama no andar de cima. Uau. Isso não tinha sido inteligente. Era quase bom eu ter vagado e levado uma surra ao invés. Pelo menos eu tinha conservado o meu autorrespeito.

Porque agora, sóbrio, eu sabia exatamente como isso teria acontecido. Claire teria sido gentil e compassiva, e me daria uma aspirina, um cobertor e um travesseiro, e eu dormiria em algum sofá terrível e desconfortável com ela no andar de cima e inatingível. E então eu teria o despertar constrangedor, as explicações, o pedido de desculpas, e... o quê?

Eu tinha medo de que não houvesse nada depois.





— O que vocês estavam fazendo? — eu perguntei a Pete, quando ele parou em frente ao Florey's. — Como vocês me acharam?

— Não achamos — ele disse laconicamente. — Estávamos procurando aqueles idiotas. Eles já tinham espancado um cara gay dois quarteirões abaixo. Policiais nem sempre chegam rápido nestas coisas em nosso bairro, então nós fazemos isso. É uma espécie de hobby.

Fiz uma pausa no ato de abrir a porta e olhei para ele com o que eram, provavelmente, os olhos arregalados de desenhos animados. — Espere um segundo — eu disse. — Então, você é o melhor amigo de uma garota vampira gostosa que gosta de couro.

— Sim.

— E juntos vocês combatem o crime? — Eu não pude evitar. Eu ri.

— Todo mundo precisa de um hobby, cara — Pete disse. — Agora vá para dentro porque você vai começar a vomitar em breve e eu não quero isso no meu assoalho.

Droga.

Ele estava certo sobre isso também.





# CAPÍTULO 8

Claire começou a ligar para a professora Anderson para contar a ela sobre os seus visitantes noturnos, mas ela percebeu que era provavelmente uma ideia muito ruim... se o governo realmente estava envolvido, eles tinham o poder e a capacidade de monitorar a comunicação por celular tão facilmente como respirar. Na verdade, a conversa dela com Michael e Eve, mesmo criptografada pelo sistema de Morganville, era provavelmente vulnerável de alguma forma, ela imaginou que a paranoia de Amelie era um firewall bem decente contra tais coisas. Algumas coisas precisavam ser ditas pessoalmente, no entanto. Em um ambiente seguro.

Assim, mesmo que tenha dormido muito pouco, e sentisse a ressaca pela falta de sono, Claire levantou-se cedo e correu para o laboratório. Ele estava muito tranquilo a essa hora — logo após o amanhecer, na verdade — e ela passou sonolenta por alguns alunos indo para sessões iniciais. Os corredores da área de segurança estavam desertos e silenciosos. Claire rapidamente passou o crachá na área de Anderson, e encontrou a professora já lá, sentada à mesa no canto, teclando. Anderson virou-se, franzindo a testa quando ouviu o aviso sonoro da porta de segurança, e seus olhos se arregalaram quando ela viu Claire.

— Está tudo bem? — ela perguntou, e levantou-se para se aproximar. — Você está pálida.

— Longa noite — Claire disse, e respirou fundo. — Posso falar aqui?

— Me dê o seu celular. — Claire entregou-a, e Anderson levou-o até o computador. Ela ligou-o com um cabo e apertou alguns botões do teclado, e entregou-o de volta cerca de um minuto mais tarde. — Eu tenho instalado um aplicativo para bloquear qualquer tentativa de espionagem. Eles vão receber uma conversa inofensiva em vez disso para que eles não sejam capazes de dizer que há algo de errado. Agora você pode falar livremente.

— A minha casa foi revistada ontem à noite por dois homens. Eu acho que eles pensaram que eu tinha saído, como a minha companheira de quarto. Professora, eles não arrombaram, eles simplesmente entraram, como se eles tivessem as chaves.

— Você conseguiu ver eles?





Claire assentiu. Anderson se sentou em sua cadeira de computador e abriu uma tela. Com mais movimentos do mouse e no teclado, de repente Claire estava olhando para um álbum de fotos de vigilância... não do tipo embaçado, no entanto. Estas eram nítidas e claras como fotos de alta resolução. — Você vê alguém que você reconhece?

Claire apontou sobre o ombro de sua professora para um dos homens retratados lá. — Ele era um deles, com certeza. Eu não tenho certeza do outro, eu só dei uma olhada rápida. Poderia ter sido um dos outros, mas eu realmente não tenho certeza. Quem são eles?

— Bem, eles não são as pessoas com quem trabalho diretamente, mas tem muitas pessoas não confiáveis. Melhor ter cuidado. Você tem um sistema de alarme?

— Não, eu disse a minha companheira de casa que precisamos conseguir um.

— Convença ela. Não faria mal para você aprender a usar a faca que eu te dei, tampouco.

— Eu sei como usá-la — Claire disse muito calmamente, levando em conta que de repente ela estava metida em agências governamentais e espões estrangeiros quando ela pensava que tudo o que ela estava se metendo era na política de vampiros. — Professora, você tem certeza de que isso que não é mais do que podemos lidar, de alguma forma? Isso está relacionado ao VLAD?

— Eu não tenho nenhuma maneira de saber com o que está relacionado — Anderson disse, o que era lógico, Claire imaginou. — Eu estou sob contrato de vários financiamentos do governo e grupos privados; qualquer um deles poderia ter decidido que você deveria ser cuidadosamente checada. Não vamos pensar muito nisso, certo?

— Eles entraram *na minha casa!*

— E deixou você e seus bens ilesos. Não vamos chamar um ataque aéreo ainda. — Anderson deu a ela um sorriso quente reconfortante. — Agora, estou feliz por você estar aqui mais cedo. Tem algumas coisas no VLAD que ainda me intrigam, e eu gostaria de rever isso antes do nosso teste de hoje.

— Teste? — Claire teve um momento de pânico ofuscante; ninguém tinha avisado que iria acontecer um teste.

— Não é para você — a professora dela disse rindo, porque o pânico deve ter sido visível. — Vamos testar o VLAD em um sujeito vivo ao meio-dia.

— Por sujeito, você quer dizer...

— Vampiro, sim, isso é exatamente o que eu quero dizer.

— Tem vampiros aqui?





— Na própria escola, não. Mas por perto. Porque, claro, Amelie não confia que ninguém deixe Morganville sem um pouco de supervisão, especialmente alguém que tem sido tão profundamente da confiança de Myrnin. Felizmente, eu sou uma amiga da minha supervisora particular, e ela concordou em manter o segredo, por enquanto. Eu prefiro não envolvê-la, mas precisamos de um sujeito vivo, e ela é a única que eu tenho por perto.

— Mas... eu pensei que você estivesse com medo de Amelie descobrir sobre o VLAD!

— Eu estava. Mas o fato é, ela vai descobrir. É mais importante para nós fazermos progressos rápidos e eficientes do que ficarmos cuidadosos. Myrnin ficaria do meu lado, e do seu; acho que ele pode ser capaz de conter a paranoia, pelo menos por um tempo. E mesmo que isso seja um risco, provavelmente temos de tomar. Agora. Vamos para as perguntas.

A Dra. Anderson trouxe o VLAD para fora da área de segurança, e Claire respondeu por cerca de uma hora as intensas perguntas detalhadas sobre o funcionamento interno. Algumas das perguntas a assustou, levando-a a discussões sobre melhores formas de canalizar e concentrar a energia a ser gerada. Era... bem, emocionante. A solução de problemas era sempre emocionante para Claire, e claramente era para Anderson também.

Finalmente, sua professora assentiu com a cabeça e guardou VLAD à distância, e Claire que estava pronta para fazer algo ainda mais emocionante.

Ficou desapontada.

— Às vezes ser minha assistente não vai ser tão cheio de ação — Anderson disse, e apontou para uma enorme caixa cheia de papel. — Picote tudo isso depois leve os pedaços para o incinerador no final do corredor para ser queimado. Eu gosto de ser cuidadosa.

— O que é tudo isso?

— Projetos antigos — a professora dela disse. — Não leia. Apenas rasgue e queime ou seus olhos vão derreter. — Ela disse isso com uma naturalidade que Claire teve um momento de hesitação antes da outra mulher rir. — Não se preocupe. Eu não aperfeiçoei a tecnologia derretimento-de-olhos completamente ainda. Vá picar ali.

Assim que iniciou uma manhã emocionante e viva com ela sentada em uma cadeira alimentando uma máquina de picotar papéis, e colocando os pedaços em um saco de plástico gigante quando o compartimento estava cheio. Levou um total de três horas para acabar com a pilha de papel, e Claire rapidamente aprendeu que papel picado podia ser mais volumétrico do que plano, mas não era realmente muito mais leve do que o peso total. Ela lutou







com o saco no fim do corredor, localizou a sala do incinerador, e jogou o papel na rampa antes de apertar o botão vermelho grande para ligar o fogo do forno.

Ela não conseguia evitar de pensar que isso era muito conveniente, uma coisa como esta tão perto do laboratório. Ou para laboratórios que faziam todos os tipos de coisas misteriosas, biológicas. Ela imaginava cenários macabros em que erros haviam descido por essa rampa, e estremeceu.

Quando ela se virou com o saco vazio na mão, Jesse estava de pé na sala de incinerador, observando-a. O aparecimento súbito da mulher fez os pelos de Claire subirem na parte de trás do pescoço dela, e ao mesmo tempo ela sentiu uma descarga desconfortável em sua pele. Algo em Jesse atraía impulsos contraditórios pelo que parecia. Ela parecia tão calma e composta como ela esteve na noite anterior, embora ela não estivesse vestindo couro agora; ela estava com uma camisa solta preta, jeans e botas pesadas que Eve teria desmaiado ao considerar todas as fivelas. Seu cabelo vermelho estava torcido para trás em um coque frouxo e desleixado e fixado com um par de pauzinhos.

— Ei — Jesse disse. — Irene me enviou para saber se você terminou. Parece que sim.

Claire sacudiu o saco. — Parece.

Jesse estava avaliando-a de uma forma estranha, ela pensou, e enquanto as duas caminharam de volta para o laboratório pelo corredor branco e limpo, Claire finalmente disse: — Eu tenho uma grande mancha de tinta no meu rosto, ou...?

— Não — Jesse disse, e sorriu lentamente. — Eu só estava pensando que há mais em você do que os olhos veem, isso é tudo. Você inspira uma certa paixão imprudente nos outros, você sabia disso?

— Eu faço isso? Em quem?

Jesse não respondeu a isso. Ela passou o crachá no laboratório de Anderson e Claire teve que esperar para a seguir; pelo tempo que ela levou para entrar, Jesse estava na mesa com a professora e o dispositivo — VLAD — que foi colocado em uma mesa de laboratório em cima de uma almofada de espuma. — Não parece muito — Jesse disse. — Você tem certeza, Irene?

— Não, claro que eu não tenho certeza, ou eu não teria lhe pedido para vir — Anderson disse com um toque de impaciência. — E eu não gosto de fazer isso, em ninguém; eu realmente não sei qual vai ser o resultado. Mas precisamos ter uma linha de base, e goste ou não, você é a única opção que eu tenho na cidade.

— Única opção na... — Claire repetiu, e sentiu a verdade atingi-la violentamente. Ela fixou o olhar firmemente sobre Jesse. — Você é uma vampira?





— A garota é direta — Jesse disse. — Sim, querida, eu sou um membro de carteirinha dos mortos-vivos. Lembra que eu não entrei na sua casa, mas Pete sim, para pegar a caixa? Eu pensei que você fosse sacar, sendo uma criança de Morganville e tudo mais, mas você não pareceu suspeitar de nada.

— Eu teria, se estivéssemos em casa, mas eu não esperava encontrar... um de vocês aqui.

— Erros como esse te matam — Jesse disse. — Não há muitos de nós fora, com certeza, mas ainda existem alguns, e a maioria deles não são tão bons como eu sou. — Ela deu um sorriso a Claire que poderia ter vindo de Eve. — Relaxe. Eu não mordo.

— Oh, ela morde — Anderson disse. — A não ser que ela não seja convidada.

— Bem, você sabe como é — Jesse ronronou, e riu quando as faces da Dra. Anderson se tornaram cor-de-rosa.

— Tudo bem, agora que você já fez o seu propósito, sente ali, Jesse. O que vai acontecer é que eu vou apontar essa arma para você e apertar o gatilho, e você deve me informar exatamente o que sente. Ela não deve machucá-la.

— Não deve? — As sobrancelhas de Jesse subiram mais alto. — Não tenho certeza de que eu gosto da variável nessa declaração. Claire, você testou isso em quaisquer outros vampiros antes?

— Myrnin — Claire disse.

— Machucou ele?

— Eu acho que não.

— Bem, eu não sou Myrnin, e eu não estou tão disposta a pegar o trem louco, mas tudo bem. Só por você, Reenie.

Anderson revirou os olhos. — Deus, por favor, não me chame desse nome. Apenas sente na cadeira. Eu prometo, vai ser uma exposição muito breve.

Jesse atravessou a sala até a cadeira de alumínio simples que estava encostada contra a parede, colocou a mão sobre ela e disse: — Aqui?

— Sim, por favor.

Jesse sentou-se, cruzou as pernas, e colocou as mãos no colo como uma senhora da igreja, o que ela certamente não era. — Preparar, apontar, fogo.

— Não é engraçado — Anderson disse suavemente, mas ela levantou o VLAD, mirou e puxou o gatilho.

Nada saiu da arma — sem raios ou fumaça ou sinal visível de qualquer tipo — mas Jesse sentou-se muito ereta com os olhos ficando amplos. Anderson imediatamente soltou o gatilho e colocou o VLAD sobre a almofada de espuma. — Você está bem? — ela perguntou, e deu um passo adiante. — Jesse?





— Pare — Jesse disse, e estendeu a mão. Ela parecia... estranha, e seu rosto estava totalmente inexpressivo. — Irene, pare aí, por favor.

A Dra. Anderson parou, parecendo muito preocupada, até que Jesse finalmente soltou a mão no colo e relaxou. — Isso foi... interessante.

— Aparentemente — a Dra. Anderson disse e sorriu, embora fosse claramente uma espécie de sorriso preocupado. — O que aconteceu com você?

— Eu realmente não estou muito certa. Eu posso dizer-lhe que, quando eu me sentei, eu estava me sentindo um pouco nervosa com o que estava prestes a acontecer, e eu também estava me sentindo um pouco... — Jesse levou seu olhar em direção a Claire por um segundo, e provavelmente alterou o que ela estava prestes a dizer, — um pouco divertida, eu suponho. E, de repente, eu estava sentindo as duas coisas ainda, mas multiplicado. Foi... desconcertante, porque essas duas emoções não ficam muito bem juntas. Você entende?

— Ele amplia — Claire disse. Ambas focaram nela. — A maneira que eu configurei no começo, o que quer que o vampiro sinta é amplificado pelo dispositivo. Eu acho que meio que funciona em seres humanos também. Mas é mais em vampiros, obviamente.

— Bem, se a sua dúvida era essa, funcionou... funciona. — Jesse começou a se levantar, e — incrivelmente — de repente vacilou e segurou-se contra a parede. — Uau. Ele também faz com que você fique tonta, no caso de você não saber disso.

— Eu não sabia — Claire confessou. — Você está bem?

— Bem. Só tenho que me afastar disso. — Jesse afastou-se da parede e sorriu para a Dra. Anderson. — Eu não sou uma cobaia, a menos que isso me faça receber extras especiais.

— Pode ser — a Dra. Anderson disse. — Sinto muito. Eu não deveria ter lhe pedido para fazer isso, mas eu precisava saber se isso era algo que tinha potencial, ou apenas uma promessa vazia.

— Oh, ele tem potencial sim — Jesse disse. — Se eu estivesse com fome e essa coisa tivesse me atingido, eu teria ido atrás das veias de vocês, e você teria que me impedir da maneira que você poderia. Então esteja avisada. Não é um brinquedo, e pode fazer um vampiro irritado ficar com uma *maldita* raiva.

— A ideia é reverter essas emoções — Claire ofereceu. — Para deixar um vampiro irritado menos irritado, um faminto menos faminto... e como você disse, é desconcertante. Eu suponho que poderia ser usado como uma espécie de arma de choque em vampiro, eu acho.

— Você está procurando por algo não-letal para usar para se defender — Jesse disse. — Bem, isso não é um objetivo ruim, e não é um mau começo.





Acho que eu ficaria bem em testá-lo para você quando você levá-lo para o próximo nível. Mas lembre-se: eu não sou uma vampira usual também. Eu tenho um bom controle sobre mim mesma. O próximo que você testar pode não ser tão controlado.

— Jesse... eu não estou pronta para relatar a Amelie sobre essa coisa. Myrnin escondeu dela por uma razão quando Claire estava trabalhando nela; Eu tenho certeza de que ela teria impedido se soubesse. Eu realmente gostaria de proceder com esta linha de investigação, mas eu tenho medo que ela se oponha. Então, podemos concordar em manter isso em segredo, por agora? Por favor?

Jesse ficou em silêncio por um longo, longo momento, franzindo a testa. Ela cruzou os braços e caminhou um pouco, e então, finalmente, mordeu o lábio e assentiu. — Por um tempo — ela disse. — Mas você sabe que eu não posso esconder isso dela por muito tempo. E se ela me fizer uma pergunta direta sobre isso, eu não posso mentir.

— Eu sei — Anderson disse. — Você sempre deixou bem claro onde a sua lealdade realmente reside.

Havia algo estranho em seu sorriso, algo quase um pouco irritado, e ela e Jesse encontraram os olhares por um momento, o que se estendeu por muito tempo para o conforto.

Então Jesse sorriu também. — Você sabe, isso é super divertido, mas eu realmente tenho que me afundar em algumas bebidas hoje à noite, e eu preciso me arrumar. Ficar linda assim não é fácil, você sabe.

— Se você está dizendo — Anderson disse. — Vá, e fique longe do sol.

— Não se preocupe. Eu vou usar o super protetor solar. — Jesse mostrou a língua para fora, assim como uma criança de três anos de idade, e Claire teve que rir. Havia algo estranhamente infantil nela, considerando que ela também era capaz de se tornar fria num piscar de olhos como qualquer vampiro. Ela era certamente velha para vagar indiferentemente por aí durante o dia, e ela não estava nem mesmo usando camadas grossas de casacos e chapéus de proteção que a maioria dos vampiros preferiam. — Vocês duas não façam nada divertido por aqui. Estou cansada de resgatar as pessoas de problemas pelos próximos par de dias. Eu tenho estado ocupada.

— É? Quem você gostaria de socorrer hoje?

Por nenhuma razão aparente, Jesse sorriu e fez um movimento de tampar os seus lábios. — Não posso dizer — ela disse, — mas ele era muito, muito bonito. Talvez eu lhe conte a história mais tarde.

— Seria melhor.





Jesse balançou as pontas dos dedos e deslizou o seu crachá para sair do laboratório, e parecia que metade da luz tinha saído da sala, de alguma forma. Ela era... intensa, Claire pensou. E meio que legal.

A Dra. Anderson certamente pensava assim; ela olhou para a porta por um total de dez segundos depois que Jesse tinha ido embora, então se sacudiu e limpou a garganta, pôs os óculos e voltou para olhar VLAD. — Certo — ela disse. — Nós temos trabalho a fazer. O primeiro passo é desmontarmos, etiquetarmos e digitalizarmos cada parte dele para que possamos fazer um modelo virtual. Eu quero ser capaz de criar protótipos dele na impressora 3-D da próxima vez.

— Na... o quê?

— Impressora 3-D — a professor repetiu, e apontou para uma coisa grande e de aparência estranha no canto mais distante do laboratório. — É preciso um bloco de papel sólido, plástico ou metal para repetir um projeto. Com boas características suficientes você pode imprimir qualquer coisa. Os caras no corredor estão trabalhando na impressão 3-D de órgãos humanos. Você se lembra dos replicadores de *Star Trek* que poderiam fazer qualquer coisa que você quisesse a partir de um sanduíche de carne assada com um programador por etapas? Estamos trabalhando nisso. E, na verdade, nós fizemos uma quantidade assustadora de progresso.

Isso era... novo. Claire pensou em Myrnin, agarrando-se aos seus microscópios antigos e ferramentas testadas há muito tempo, e se perguntou o que ele acharia sobre tudo isso. Ele provavelmente sentiria que era muito longe da natureza e dos ciclos da lua e do sol; isso era o que ele sempre dizia das coisas que ele não entendia. Com toda a sua genialidade, e ele *era* genial, ele simplesmente não conseguia livrar-se dos laços de sua experiência em alquimia.

Talvez ele mudasse de ideia se ela levasse uma impressora 3-D nova e brilhante, e uma cópia que *funcionasse* de VLAD. Talvez elas pudessem resolver os problemas de peso também, se pudessem fazê-lo com alguns materiais mais leves. Talvez, com imaginação suficiente, elas até mesmo fossem capazes de moldar um cérebro vampiro e imprimir um artificial para caber dentro do computador de Myrnin, eliminando a necessidade de qualquer um morrer pela ciência em Morganville.

Bem, ela poderia sonhar, de qualquer maneira.

A Dra. Anderson foi colocando para fora uma grande variedade de ferramentas para desmontar, e apontou para Claire um dispositivo de digitalização 3-D de escanear; o trabalho dela, enquanto cada peça era desmontada do VLAD, foi marcá-las com número e descrição, digitalizá-las





individualmente, e colocá-las em uma caixa. A Dra. Anderson era muito cuidadosa; quando ela chegou nos pequenos frascos de líquido borbulhante – adições de Myrnin, juntamente com todas as engrenagens girando – eles continuavam com o líquido, embora tenham diminuído um pouco com o teste. Pouco a pouco, o dispositivo se desfez em suas partes componentes, e o laboratório começou a cheirar a solda quente e metal resfriado.

No momento em que terminou, Claire bocejou, se espreguiçou e olhou para o relógio. Já era cinco horas. Ela não tinha a intenção de ficar tanto tempo, mas havia ainda mais a ser feito; o scanner tinha que baixar para o computador, de modo que a Dra. Anderson pudesse começar a trabalhar com as peças componentes em forma de 3-D.

– Você deveria ir – a Dra. Anderson disse e bocejou. – Desculpa. Eu me levantei cedo, e eu sei que tem sido um longo dia para você. Eu posso lidar com esta noite de remontagem.

– Quer que eu leve as peças? – A caixa estava cheia agora, e tão pesada quanto todo o dispositivo tinha sido. A Dra. Anderson acenou com a cabeça e Claire levou-a de volta para o painel escondido, que ainda estava aberto. Ela deslizou a caixa dentro e, por instrução de Anderson, apertou a mão no painel lateral. Ele se iluminou com vermelho e a porta se fechou.

– Eu programei com a impressão da sua palma – Anderson disse. – Você pode abrir e fechar sozinha agora. Mas somente se não tiver mais ninguém no laboratório, a não ser eu. Se alguém tentar forçá-la a abrir, ele vai simplesmente ficar fechado, então você diz que você não tem autorização. Sem autorização, você não seria de qualquer utilidade para eles.

Ela pensava adiante, Claire pensou, e era um pouco arrepiante que ela tenha pensado em alguém segurando uma arma na cabeça de Claire e forçando-a a tentar abrir o esconderijo.

Mas isso era alguém de Morganville – sempre pensando no pior cenário.

Claire disse boa noite e foi para casa.

Ela estava andando pela rua do Edifício Mudd, esquivando-se dos grupos de estudantes animados que estavam aparentemente se dirigindo para o Laboratório de Biomoléculas quando seu celular tocou – não, não tinha tocado na verdade, porque ela tinha recebido uma mensagem de voz, não uma chamada. A falta de área do laboratório, ela imaginou.

A chamada era de Liz, assim como as três mensagens. Todas estavam alertando ela, com bom humor alegre, que Liz tinha convidado alguém para jantar, e que por favor chegasse em casa a tempo, antes das seis.

Claire olhou para o relógio. Ela ainda tinha tempo tempo.







Elizabeth encontrou Claire na porta, que se abriu antes que ela chegasse até a maçaneta. Ela estava usando um vestido extravagante, sapatos bonitos, brincos, um colar cintilante e ainda tinha colocado batom.

Claire piscou. — Eu pensei que nós iríamos apenas receber alguém para jantar.

Liz arrastou-a para dentro e fechou a porta. Ela se inclinou mais para perto para sussurrar: — Nós vamos, mas coloque algo bonito. Eu quero impressioná-lo, ok? É importante!

— Hum... ok. — Claire não tinha certeza do porquê ela tinha que se vestir para impressionar o cara de Elizabeth, mas ela estava disposta a satisfazê-la por uma questão de bom karma com a sua companheira de quarto. Ela subiu as escadas para o seu quarto. Ela jogou a mochila na cama ainda desfeita e olhou através de suas escolhas de vestuário limitado, escolhendo uma blusa branca sob medida e umas calças pretas. Simples, mas bonito. Ao adicionar um dos colares que Eve lhe dera — um crânio do Dia dos Mortos pintado em todos os tipos de cores brilhantes — incrementou um pouco. Claire afofou seu cabelo no espelho e decidiu que ela não ia recorrer a maquiagem; afinal de contas, era o encontro de Liz, não dela.

Quando ela desceu as escadas, ouviu Elizabeth rindo, e ela abriu a porta da cozinha e viu-a usando um avental de verdade sobre o seu vestido extravagante e mexendo uma panela. Um homem estava sentado na mesa da cozinha pequena — não um garoto de faculdade, um homem de cerca de quarenta anos provavelmente, com pequenas mechas cinza nas têmporas e os olhos azuis cintilantes num rosto bronzeado. Mesmo sentado, ele parecia alto. Ele estava usando uma camisa social de brim com o colarinho aberto e um casaco esportivo, e ele tinha um pequeno sorriso em seu rosto que de alguma forma Claire realmente não gostou.

Ela raramente tomava uma antipatia imediata por qualquer pessoa, mas... ela podia fazer uma exceção, ela decidiu.

— Claire, este é Patrick — Elizabeth disse. O que a pegou de surpresa. De alguma forma, Claire tinha pensado que ela iria apresentar o homem como o seu pai, o que ele certamente tinha idade suficiente para ser. Ou um tio, ou algo assim. Mas simplesmente Patrick? — Dr. Patrick Davis, eu quero dizer. Ele é um dos meus professores.

— Sério? — Claire ergueu as sobrancelhas e cuidadosamente acenou para ele. — Qual classe?







— Biologia — Patrick disse. — Elizabeth é uma aluna muito brilhante. Eu espero que você não se importe de ela ter me convidado para uma refeição.

Claire evitou responder isso, e se juntou a Liz no fogão. — O que você está fazendo?

— Frango temperado, ervilhas e cenouras — a sua companheira de casa disse. Seu sorriso parecia animado, mas ele tremeu um pouco nos cantos. — Parece bom?

— Delicioso. O que eu posso fazer?

— O pão? Apenas coloque para aquecer no forno.

Claire fez isso, e foi buscar um copo de Coca-Cola da geladeira. Ela não perguntou ao Dr. Davis se ele queria alguma coisa, porque quando ela estava colocando o gelo no copo ela o pegou olhando para Liz de uma forma que não era muito típica de professor. Era mais predatória.

Oh, Deus. É sério? *Nojento*.

— Engraçado — Claire disse, — mas eu acho que eu nunca convidei nenhum dos meus professores para casa para jantar. Nem mesmo os que eu gostava.

Liz deu-lhe um olhar suplicante. — Bem, isso é muito ruim. Você não teve os professores fantásticos que eu tenho, eu acho — ela disse. — Patrick é ótimo.

— Eu tenho certeza que é. — Claire tomou um gole de Coca-Cola por um minuto, pensando nisso, e então disse: — Você sabe, eu acho que eu realmente deveria estar estudando, e...

— Oh, não, por favor, não deixe que a minha presença te afaste — Patrick disse. Ele parecia sincero e amável, e ele ainda tinha um pouco de sotaque irlandês, o que a jogou fora de seu jogo cauteloso. — Liz me garantiu que ela não cozinha muito frequentemente; eu quero que você compartilhe a recompensa. Eu gostaria muito de conversar; Liz me disse que você está fazendo um trabalho muito interessante.

— Eu... como é? — Claire parou no ato de pegar a bandeja de pão para se virar para olhar para ele. Liz manteve o olhar fixo firmemente na bandeja que ela estava mexendo, como se não tivesse ouvido nada. — Trabalho interessante?

— Bem, eu ouvi que você está matriculada em um programa de estudo individual no ITM. Eu não acho que teve muita gente que já viu isso em toda a história da universidade. Diga-me, como é que isso aconteceu?

Claire se obrigou a se mover — para ligar o fogão, abrir a porta, empurrar a gaveta interior do forno. Mas ela sabia que ela parecia um pouco estranha e nervosa. *Muito* estranha. Seu cérebro estava lutando para manter-se com a mudança de cenário. Ela tinha pensado no Dr. Davis como um *daqueles* professores... daqueles que utilizavam os seus postos de trabalho para





conseguir uma presa fácil, como Liz, que ansiava por aceitação e proteção. Ela tinha certeza de que ele estava em uma missão para seduzir a sua companheira de casa, se ele já não tinha seduzido.

Então isso parecia uma mudança de direção muito repentina, na melhor das hipóteses. E em uma direção preocupante.

Ele estava claramente à espera de sua resposta, então ela disse: — Eu estou realmente aqui apenas temporariamente. É uma espécie de um projeto especial. Eu estou trabalhando com uma das professoras. Eles fazem esses tipos de projetos com ajuda estudantil o tempo todo. Talvez você tenha ouvido falar sobre o menino da África que encheu a sua aldeia de tecnologia a partir de objetos encontrados...

— Oh, sim, eu sei tudo sobre os projetos de relações públicas — ele disse. — Mas eu acho que o que você está fazendo é muito mais... interessante. Não é verdade?

Claire estremeceu e fechou a tampa do fogão; ele tremeu no chão e tocou como um sino, o que forneceu uma distração sonora agradável do que ela tinha certeza de que ia ser um silêncio muito revelador. Ela se atrapalhou com a tampa da panela, e Liz inclinou-se ao mesmo tempo, e na confusão Claire sussurrou com urgência: — O que diabos ele quer?

— O quê? Nada! — Liz pegou a tampa da panela de suas mãos e enxaguou-a na pia antes de colocar na panela que ela estava tomando conta. — Se eu soubesse que você ia ser tão crítica eu não teria lhe pedido!

— Você não pediu — Claire sussurrou de volta.

— Tanto faz.

— Está tudo bem, moças? — o Dr. Davis perguntou, e Liz virou-se, respirou fundo, enxugou as mãos no avental e sorriu como um manequim de plástico enquanto levava a panela até a mesa e a colocava lá.

— Está tudo bem, Patrick — ela disse. Quando Claire deu-lhe um olhar, ela ficou na defensiva. — Ele me disse para chamá-lo assim. Eu sei que parece estranho chamar um professor pelo primeiro nome, mas...

— Mas eu gosto de ser informal — ele interrompeu. Ele se levantou da mesa e pegou os pegadores de panela de Liz para mover os peitos de frango na mesa, e, em seguida, as ervilhas. — Por favor, deixe-me ajudar. Fiquem sentadas, moças. Posso pegar outra bebida para você, Liz?

— Oh, apenas água — Liz disse. Enquanto ele se ocupava na pia com copos e gelo, Liz agarrou o ombro de Claire com um punho de ferro. — Não estrague tudo para mim. Eu preciso de uma boa nota, e eu gosto dele!

— E ele gosta de você — Claire sussurrou de volta. — Provavelmente um pouco demais, você não acha? Ele veio para o jantar? Quem faz isso?





Os olhos de Liz ficaram furiosos, e ela apertou com mais força. Deliberadamente beliscando a pele. Claire conteve um estremecimento. — Como eu disse, não estrague tudo — ela disse. — Eu mereço algo de bom para variar. Eu tive o suficiente de coisas ruins na minha vida.

Talvez ela merecesse uma coisa boa, mas Claire não estava cem por cento convencida de que isso era. O Dr. Davis era agradável e casual, mas ele também era pegajoso e manipulador, e ele a assustava. E qual era o interesse no programa de estudo pessoal dela? O que ele sabia?

Talvez muito. Talvez demais. Claire sentiu como se estivesse jogando um jogo mortal sem conhecer as regras ou os jogadores. Isso a fazia sentir falta da violência direta de sua casa.

— Então — Patrick disse, e depositou o copo de água fria na frente de Liz, deu um tapinha no ombro dela, e caminhou até a sua própria cadeira em um triângulo entre as duas. — Do que estávamos falando? Ah sim...

— O frango parece delicioso — Claire disse. — Como é que você cozinhou? — Isso provocou uma inundação nervosa de informação de cozinha vinda de Liz; Rachael Ray teria ficado orgulhoso porque Liz parecia ter memorizado a receita inteira, do início ao fim, e ela tinha um monte de etapas. Até mesmo para o tempero. O sorriso do Dr. Davis era obcecado e amargo, mas ele esperou a onda de maré de informações. Seu olhar principalmente direcionado a Liz, mas Claire sentia quando ele mudava para ela.

Ela não gostou.

A coisa de servir o frango e legumes tomou a maior parte do tempo e, em seguida, quando o Dr. Davis tentou reformular a sua pergunta, Claire se levantou para pegar o pão do forno e passar ele ao redor também. Liz nervosamente tagarelou, claramente morrendo de medo de que o Dr. Davis pensasse que ele não era bem-vindo (e ele não era, por parte de Claire), o que teve o efeito colateral agradável de interromper as tentativas dele de empurrar Claire numa conversa novamente.

Por um tempo, ele desistiu, preferindo ter conversa fiada com Elizabeth — nada disso requerendo ou exigindo qualquer participação de Claire, então ela jantou com apenas esse foco. O frango estava realmente bom. Ela realmente precisava aprender a fazer.

No momento em que o seu prato estava vazio, os outros dois na mesa estavam apenas na metade, e Claire bebeu o resto de sua Coca-Cola e se levantou para levar o seu prato para a pia. — Obrigada, Liz — ela disse. — Eu realmente tenho que ir estudar.





— Oh — Liz disse. — É sério? Bem, se você precisa mesmo. — Foi um protesto simbólico, com uma pontada de *por favor, vá embora e nos deixe em paz agora*. O que foi um alívio, e Claire se dirigiu para a porta da cozinha.

Ela mal chegou lá antes do Dr. Davis dizer: — Eu entendo que você esteja estudando com a Dra. Irene Anderson. Ela tem uma reputação de ser, digamos, excêntrica, mesmo para a ITM. Como você começou a trabalhar com ela?

Teria sido rude continuar a caminhar, mas ela abriu a porta e ficou no limiar enquanto respondia. — Bem. Olha, eu realmente tenho que...

— Estou muito intrigado com a pesquisa da Dra. Anderson.

— Você conhece ela?

— Muito bem, na verdade. Ela tem um grande interesse em criptozoologia, projetando as capacidades e vulnerabilidades de criaturas imaginárias. Tais como, digamos, lobisomens, zumbis, vampiros. Nós debatemos o assunto com frequência. É um tópico de discussão animada. O que você diria sobre a vulnerabilidade principal de um vampiro?

Claire sorriu levemente para ele. — Desculpe, eu nunca pensei nisso. Eu não tenho tempo para esse tipo de coisa. Eu tenho muitas coisas do mundo real para me preocupar agora. — Isso tinha a intenção de uma interrupção total e rejeição, mas ele não aceitou a indireta. É claro.

— Bem, hipoteticamente, você é uma jovem muito inteligente, Claire. Hipoteticamente, você acha que os vampiros poderiam ser controlados e serem bons utilizados como, por exemplo, soldados? Ou agentes secretos? Eu suponho que seria ótimo para todos os tipos de profissões perigosas que os seres humanos hesitariam em fazer. Portanto poderia garantir totalmente o cumprimento.

— Eu suponho. — Ela realmente não gostava para onde isso estava indo. — Liz, obrigada pelo jantar.

— Foi um prazer conhecê-la — o Dr. Davis disse. — Senhorita Danvers.

— Claro — ela disse sem rodeios, e deixou a porta se fechar atrás dela.

Ela subiu as escadas para o quarto e trancou a porta, colocou os seus fones de ouvido, e tentou bloquear o mundo. Se ele viesse bater, ela iria ignorá-lo. E ela com certeza iria dizer a Dra. Anderson sobre isso. E talvez Amelie também.

Uma hora depois, ela tirou os seus fones de ouvido, bocejou, e pressionou o ouvido na porta para ver se o caminho estava livre para ir ao banheiro. Estava. A cozinha estava em silêncio e o banheiro estava vazio. Após sua ida, no entanto, ela ouviu sons vindos do quarto de Liz no segundo andar, e ela subiu as escadas, rápido.





O Dr. Davis estava definitivamente aproveitando mais do que apenas o jantar de frango. E pelo som, Liz estava curtindo cada minuto disso.

*Eca.*

Claire colocou os fones de ouvido novamente e aumentou a música só para ter certeza de que ela não ouviria qualquer parte daquilo. Isso realmente não ajudou. E isso a deixava inquieta, irritada, preocupada, frustrada... de várias formas, na verdade.

Shane não tinha ligado. Por que ele não tinha ligado? Ela olhou para o telefone, e sim, a bateria ainda estava cheia. Tudo estava bem.

Ela raivosamente tirou os fones de ouvido e, impulsionada por uma mistura de emoções que ela realmente não queria analisar muito de perto, escolheu o seu número e pressionou a chamada.

E desta vez, ele atendeu. — Claire?

Ele parecia... ele parecia próximo. E sem fôlego. Como se ela pudesse ser capaz de estender a mão e tocá-lo, apenas... cair em seus braços e deixar tudo isso ir embora por um tempo. Tornar tudo certo de novo. E ela queria, queria tanto. Tanto que por um momento longo e trêmulo ela não conseguiu nem mesmo se obrigar a falar.

— Claire...? — Sua voz estava mais suave agora, quase um sussurro. — Deus, por favor, fale comigo.

— Eu estou aqui — ela sussurrou de volta. De alguma forma, ela não queria elevar o nível de sua voz; soava íntimo desse jeito. Perto. Pessoal. — Eu liguei para você. Você não atendeu.

— Eu sei. Sinto muito. Por favor, isso não significa que eu não me importo, eu só... — Ele se moveu, e ela ouviu ele respirar. E ela soube que a sua voz não estava muito boa também. — Eu simplesmente não podia ligar de volta.

Ela endireitou-se, porque todos os seus sinais de alarme estavam tocando agora. — Shane, você está bem? O que aconteceu? Você está ferido? — Porque ele estava. Ela podia ouvir, especialmente quando ele tentou rir.

— Estou bem.

— Você não está, não adianta tentar me dizer isso. O que aconteceu?

— Eu levei uma surra — ele disse. — Não é exatamente novidade. Exceto que por incrível que pareça não teve nada a ver com vampiros, você acredita? Bem, até teve, porque uma vampira me salvou de ser pisoteado até a morte. Portanto, aí está. É uma história divertida. Eu vou contar a você algum dia.

Ela queria chorar, doeu-lhe tanto por não estar com ele. Por não cuidar dele quando ele precisava dela. — Você não parece bom. O quanto você está ferido?





— Cortes, contusões, uma bela e legal concussão que está latejando. Nada quebrado, o que é um milagre. Eu já tive piores. Inferno, Claire, você teve piores. Não se preocupe, eu estou bem. Eu realmente estou. — Sua voz baixou novamente para um sussurro e ronronar baixo. — Você está? Ok?

— Sim — ela sussurrou de volta. — Eu sinto a sua falta. Eu sinto falta de Eve e Michael. Eu sinto falta de casa. Isso é ruim? Provavelmente é ruim. Você vai pensar que eu estou me lamentando como uma criança.

— Não. Eu... — Ela teve a estranha sensação de que ele estava prestes a confessar uma coisa também, mas então... então ele suspirou. — Eu acho que você é incrível. E eu acho que é bom que você esteja fazendo isso. É o seu sonho, Claire. Eu não gostaria de ficar no seu caminho.

— Você acha que você ficou? Você não ficou. *Eu* estava na frente do meu caminho. E... eu não estou tão certa de que este é o meu sonho, afinal. Está se transformando... em uma espécie de pesadelo. — Um gemido particularmente alto surgiu através do assoalho, e Claire enterrou a cabeça debaixo do travesseiro com o celular embalado perto de seu ouvido. — Eu realmente odeio morar com Elizabeth. E ela está ficando com um professor safado agora.

— Agora?

— No andar de baixo. É nojento. Eu não posso nem mesmo expressar o quanto é nojento. Não há palavras.

— Ok, então ouça a minha voz — ele disse. Ela fechou os olhos, e focou no som de sua respiração. — Você não tem que ouvir mais nada, só fale comigo. Diga-me o que está acontecendo na sua vida.

— Estou apenas... — Sua voz estava embargada, e ela disse a si mesma, muito firmemente, que ela absolutamente não iria chorar. Ela limpou a garganta. — A minha professora e eu estamos trabalhando na coisa que eu trouxe. Você sabe? Mas não é como se fosse lá em casa. Eu me sinto como se eu realmente não pudesse confiar em ninguém aqui. Eu não sei se alguém está protegendo as minhas costas. Tem Liz, mas ela acabou sendo uma total estranha; sinceramente, eu nem sei se eu gosto dela mais. Quer dizer, eu me sinto mal por ela, ela passou por algumas coisas ruins e tudo, mas não somos nada parecidas, Shane. Nada. A minha professora, eu nem mesmo a conheço. Eu não sei se eu posso confiar nela ou não. Às vezes eu sei que eu posso, e então...

— Então, realmente, não é diferente do seu último trabalho, certo?

Ela riu um pouco, mas parecia miserável. — E eu realmente não conheço ninguém, e as pessoas que eu conheço, as pessoas que eu quero me encaixar, eu simplesmente não me encaixo, e eu não posso. O que é pior é que... eu não







importo aqui, Shane. Eu sinto que eu simplesmente não importo. Estúpido, certo?

— Não — ele disse. Soou tão suave que partiu seu coração. — É como a maioria das pessoas se sentem na maior parte do tempo, Claire. Você cresceu sendo especial, e é assim que a maioria das pessoas vivem suas vidas... sozinhos. Por conta própria. Despercebido. E eles se acostumam com esse sentimento. É apenas novo para você.

— Sim — ela sussurrou. — Sinto muito, eu não deveria reclamar. Isso é muito egoísmo e eu não quis, eu não...

— Shhh. — O som sussurrante que ele fez deu-lhe calafrios, e ela se enrolou apertado debaixo das cobertas, imaginando o calor dele ao lado dela, imaginando suas mãos deslizando para baixo dos seus braços. Reconfortantes, doces e ternas, e cuidadosas. Tão cuidadosas. Era difícil pensar que ele estava muito distante quando ela precisava tanto dele. E ele precisava dela. Ela podia sentir isso saindo do celular como um calor febril. — Não faça isso. Você é a pessoa menos egoísta que eu já conheci, Claire. Você me ensina a cada dia como ser um pouco melhor. E eu sinto falta de você, você sabe disso? Eu não posso ficar sem vê-la, sem tocar em você... — Sua voz era suave, e foi tremendo, e ela sentiu arrepios agora em lugares profundos e secretos. — Eu amo tudo em você. Eu te disse isso antes? Tudo.

Ela conseguiu, de alguma forma, dar uma pequena risada frágil. — Você teve uma concussão, com certeza.

— Não, eu estou falando sério. Claire, eu... olha, minha vida é uma longa série de fracassos e más decisões, e eu sei disso. Eu mereço isso. Mas você... eu só quero que você seja feliz. E me machuca quando você não está.

— Eu estou feliz com você — ela sussurrou, muito, muito calmamente. — E eu te amo. Deixar Morganville não foi por causa de você, você sabe disso. Foi por causa de mim. E talvez eu esteja descobrindo que todos esses sonhos que eu tinha... talvez eles não sejam realmente o que eu quero, afinal de contas.

— É mesmo? — Ela ouviu o sorriso em sua voz desta vez. — Então o que você realmente quer? A vida de contos de fadas em Vampireville, com a sua vida em risco todos os dias?

— Eu estou considerando isso.

— Bom — Shane disse. — Isso é bom. Então... você está dizendo que você vai levantar as estacas? Voltar?

Deus, ela estava tão tentada. *Tão tentada.* — Eu... olha, você sabe como eu sou, não é? Eu não gosto de desistir. Eu não gosto de fugir. E eu não tenho certeza de que é um bom momento para deixar Liz aqui sozinha.







— Eu pensei que você não gostasse dela.

— Bem... eu não gosto, mas ainda é muito cruel da minha parte fugir e deixá-la com um pagamento de aluguel gigante quando ela tem um perseguidor atrás dela.

— Perseguidor? — Sua voz estava severa. — Me conte.

— Não. Porque você só vai vir correndo para o resgate.

— Claire...

— Não. Está tudo bem. Podemos lidar com isso. — Ela conseguiu parecer firme, e depois de um longo silêncio, ele suspirou, e ela aceitou isso como sinal de rendição. — Diga-me sobre o seu dia — ela disse. — Não a parte de apanhar. O que você fez. Coisas normais. Eu quero saber.

— Eu tenho um emprego — ele disse. — Eu sei, quais são as chances, certo? Está tudo bem. O trabalho é duro, mas eu não tenho medo disso. Longas horas, baixos salários, mas ninguém veio atrás de mim com uma faca ou uma arma ou presas até agora, por isso é uma coisa boa. Além disso, eu não tenho que limpar esgoto entupido. Lembra daquele trabalho? Foi divertido.

— Você só durou trinta minutos.

— O que foi vinte e nove minutos a mais do que esperado. Então, qual é a sua coisa favorita em Cambridge?

— As pessoas — Claire disse. — Elas são peculiares. Eu gosto delas. O ITM está cheio de pessoas nerds impressionantes e eu me sinto em casa com eles. É só que... todo o resto. Eu me sinto como se eu fosse algum tipo de fugitiva aqui, como se eu estivesse me escondendo de algo. Talvez de mim mesma.

— Veja, eu pensei que você fosse dizer que a sua coisa favorita era o feijão. Não fazem feijões cozidos em Boston? Quem não gosta deles?

— E pizza. Eles fazem uma boa pizza.

— É disso que eu estou falando. Você sabe como eu adoro uma boa pizza.

— Você deveria vir por aqui.

Ele hesitou por um longo, longo momento, e disse: — Você está falando sério?

— Eu não sei. — Ela se enrolou apertado em uma bola; De repente, o quarto estava frio, e ela puxou as cobertas em torno dela. — Se você viesse, eu não sei o que isso significaria. Eu não poderia deixar você ficar no apartamento; Liz iria surtar. Mais uma vez.

— Essa é a mesma Liz que atualmente está transando com o professor dela lá embaixo?

— Ok, você tem razão. Mas eu ficaria no laboratório durante todo o dia, e você estaria...





— Deslocado — ele terminou para ela. — Sobrando. Sim, eu entendo. Você não precisa de mim por aí e tornando as coisas difíceis, já que eu não sou da ITM.

— Não, não, eu não quis dizer...

— Claire, está tudo certo. Você queria espaço, eu estou dando a você. Quando você estiver pronta para me ver, eu estarei na sua porta mais rápido do que você possa imaginar. Mas não até que você esteja pronta. Eu prometi isso, e eu vou manter a promessa.

— Ok. — Ela deu uma respiração lenta e soltou. — Michael está cuidando de você? Se certificando de que você não tenha qualquer tipo de hemorragia cerebral ou algo assim?

— Oh, eu tenho pessoas me observando como falcões. Eu não posso nem levantar para fazer xixi sem escolta. É super divertido.

— Bom. Fico feliz que eles estejam cuidando de você. Por favor, cuide de si mesmo também. Eu gostaria... eu gostaria de poder estar aí.

— Eu gostaria também. Você quer compensar?

— Sim.

— O que você está vestindo?

Ela sorriu na escuridão de sua pequena caverna de travesseiro. — Pijama Footie e um cinto de castidade.

— Você sabe que não está seguindo o script, certo?

— Eu pensei que você tivesse dito que amava tudo em mim.

— Não o cinto de castidade. Ouça, é melhor...

— Sim — ela disse. — Sim, eu sei. Descanse um pouco. Se cure. Shane... eu te amo.

— Eu também te amo — ele disse. — Tome cuidado.

Ele desligou primeiro, mas realmente não importava até então; ela sentiu que ele estava tão perto dela que ele poderia muito bem ter estado ali mesmo no quarto.

Ela cuidadosamente tirou o travesseiro de sua cabeça e escutou.

Um silêncio abençoado. Talvez o professor McRepulsivo já houvesse partido, mas se não, pelo menos a ginástica tinha acabado.

Ela adormeceu com o celular na mão, segurando perto de seu coração.



Elizabeth não saiu de seu quarto na manhã seguinte quando Claire bateu; ela recebeu um abafado e choroso “vá embora” através da porta, e Claire balançou a cabeça. Sim, ela tinha esperado por isso. O professor Babaca tinha





quase certamente ido embora e dito a Liz para não ligar para ele de novo; ele teria muitas outras meninas de idade universitária para encantar. Claire tinha conhecido alguns professores mais velhos como ele, e eles a faziam se sentir mais do que um pouco enojada. Podia não ser ilegal, mas parecia muito errado.

E poderia ter sido nada além de coincidência, como ele ficava em cima do assunto de vampiros, mas ainda a assustava.

— Posso pegar alguma coisa para você? — Claire perguntou. — Liz, você vai ficar bem?

— Eu estou bem — Liz disse, e explodiu em mais lágrimas molhadas. Então, o único dano era, provavelmente, no seu coração e seu ego. — Eu sinto muito. Eu deveria ter sido mais esperta, não deveria?

— Todo mundo comete erros — Claire disse. — Você não vai cometer esse outra vez.

— Não. — Liz fez um som estrangulado de engolir e assoou o nariz. — Eu nunca vou *olhar* para outro homem novamente. Eca. Eles são todos maus. Maus!

Claire sabia que alguns não eram, mas este não era o momento para discordar. Era o momento necessário de uma Amiga Solidária. — Todos maus — ela concordou. — Não se pode confiar neles. Olha, você tem certeza de que está bem? Tem certeza de que ele não te machucou ou qualquer coisa?

— Ele rasgou o meu coração! — Liz gritou, e mais berros seguiram, e Claire assumiu que significava um não, pelo menos no sentido de agressão física. — Pode ir. Eu vou ficar bem.

Liz disse essa última palavra em um sussurro teatral e heroico. Claire revirou os olhos, porque ela sabia que seu papel era o de insistir em ficar, fazer-lhe algum café da manhã, secar as suas lágrimas, ouvir a história do Grande Romance Fracassado repetidas vezes, dar chocolate para ela, e não dizer nada que não fosse um acordo total. Ela tinha feito isso com Liz antes, na escola, e ela simplesmente não podia encarar isso. Não hoje. Não sentindo tanta falta de Shane.

Então ela aceitou a palavra de Liz e disse: — Ok, então, eu te vejo hoje à noite! Você vai para a aula?

— Não! — Liz gemeu.

Claire escapou enquanto podia.

Ela estava a meio caminho em direção ao campus quando seu celular deu um sinal sonoro, e ela verificou a mensagem. Ele simplesmente dizia, SÓ VENHA DAQUI A 2 DIAS. Não do celular da professora Anderson, estranhamente; esse era um número desconhecido e bloqueado.





Provavelmente, Claire percebeu, de Jesse... o que talvez não estaria associado com a professora Anderson e, portanto, não monitorado. Mais intrigante. Isso fez a sua cabeça doer.

Bem, pelo lado positivo, ela tinha um dia livre já que Anderson tinha exigido que ela dedicasse todas as suas horas de crédito a estudo independente. Não era uma coisa ruim, na verdade. Mas de jeito nenhum ela ia ficar encurralada em casa com Liz, tampouco. Ela sabia como aquele dia seria, e ela realmente não estava a fim de rever *O Diário de Uma Paixão* e ser bombardeada de açúcar com sorvete.

Em vez disso, ela passou uma tarde completamente livre de estresse vagando pelo campus, a comprando café, andando pela lanchonete e navegando na internet... e indo até Nick.

Ele estava sentado sozinho, estudando, e quando ela passou por ele com o seu mocha, ela achava que ele não a tinha visto... até que ele olhou para cima e sorriu.

Ela parou. Não era uma decisão, exatamente, era mais um instinto que ela não podia controlar. Ele tinha um sorriso muito doce, e um pouco desequilibrado. Como Myrnin, na verdade. — Ei — ela disse. — Como vão as coisas?

— O oposto de agitadas é a resposta mais estúpida que eu consigo pensar — Nick disse. — Ou, você sabe, nada demais. O que também seria verdade. — Ele chutou a cadeira na frente dele. — Precisa de um assento?

Ela hesitou, como se ela estivesse se comprometendo com alguma coisa, mesmo que seja apenas compartilhar uma mesa. — Claro — ela finalmente disse, e se sentou. Ela não relaxou, no entanto. Nick assentiu com a cabeça, e manteve a sua expressão completamente neutra — ela supôs que ele tinha medo de que pudesse assustá-la. O que era verdade. Se ele tivesse feito outra coisa, ela poderia ter apenas pego o mocha e saído correndo. — Você está estudando?

— Tentando — ele disse. — Mas curiosamente tudo o que eu consigo pensar é em pizza. Você já teve dias como esses? Dias de pizza?

— Dias de pizza, dias de sorvete, dias de hambúrgueres... por que nunca ansiamos coisas que são boas para nós?

— Ninguém em sã consciência tem dias de brócolis. Isso é conversa de louco.

Eles conversaram por um tempo, sem jeito, mas tranquilo, e depois uma terceira pessoa chegou para quebrar a tensão, e a ousadia amigável dela fez as coisas parecerem bem. Antes de muito tempo, mais duas pessoas chegaram, e formou um grupo, e o grupo estava apenas... divertido.





Antes que ela percebesse, eles tinham encomendado pizza (para o Dia da Pizza) e tinham debatido os méritos dos filmes nerds favoritos, e discutido o tipo de telhados e hacks em túneis que estavam sendo planejados para o semestre em suas várias residências, e uma tonelada de outras coisas que só a fez se sentir em casa...

Até que o seu celular tocou.

Ela nem sequer realmente prestou atenção no identificador de chamadas, ela apenas atendeu, ainda rindo sobre algo que a menina de cabelos pretos, Jacqui, tinha dito e, em seguida, teve de bloquear o seu ouvido da risada de Simon para dizer: — Alô?

— Claire? — Era Eve, e ela parecia estressada. — Ei, hum, desculpe incomodá-la, mas eu estou apenas lhe dando uma rápida atualização...

— Sobre?

— Hum, as coisas estão meio que um pouco loucas aqui agora. Então, aparentemente Myrnin meio que desapareceu? E ele pode possivelmente estar indo atrás de você. Só para você saber.

Claire sentou-se ereta, em seguida, pegou a sua mochila e levou o celular para longe da mesa ainda cheia de pessoas rindo para um canto mais calmo. — O que aconteceu?

— Tudo o que eu sei é que Myrnin ficou irritado e foi embora, e Amelie não está com um verdadeiro bom humor. Ela é assustadora quando ela está com raiva. Então, ela quer que Michael vá atrás dele e certifique-se de que Myrnin chegue em casa rápido e seguro. E, claro, não se esqueça de que ele pode fazer algo louco o suficiente para fazer as pessoas erradas prestarem atenção. E eu acho que eu vou com Michael? Você tem alguma cama de hóspedes?

— Eu tenho espaço no chão — Claire disse. Ela sentiu uma mistura completamente conflitantes de exaltação e terror... Myrnin, por conta própria, vagando pelo mundo? E por que ele estava vindo atrás dela? Mas isso significava que ela iria ver Michael e Eve novamente, e isso poderia ser uma coisa boa. — Quando vocês vêm?

— Uh, estamos realmente no carro agora. É uma longa viagem na estrada, porque, você sabe, vampiros não se dão muito bem com o voo, surpreendentemente. Eu acho que é o medo das pessoas abrirem o sombreador das janelas e acontecer toda a fritura e gritos. Além disso, parece que muitos deles têm medo das alturas. — Claire ouviu a voz indistinta de Michael em segundo plano, e Eve acrescentou: — Não ele, no entanto. Ele disse.

— Diga a ele que eu disse oi.





— Ele está soprando um beijo. Ok, na verdade, ele não está, mas ele deveria, então eu estou dizendo o que ele fez. Mas o ponto é, nós vamos estar aí em um par de dias, já que Michael disse que não pretende dormir. Se Myrnin aparecer com aquela cabeça louca antes disso, me ligue e tente mantê-lo, você sabe, estável.

— Ele está instável?

— Eu não sei, como eu posso saber? Você é a observadora de loucura!

Ela tinha razão. Claire não conseguiu deixar de sorrir com isso. — Então, Shane vem com vocês?

Houve um longo momento de silêncio na outra extremidade. Muito longo. E, em seguida, Eve disse: — Ele... ele está trabalhando, querida. Sinto muito, só vai ser nós... hum, Michael, docinho, isso é um carro da polícia?... Ah Merda. Ok, eu tenho que ir, amo você, tchau!

Antes que Claire pudesse dizer qualquer outra coisa, Eve tinha ido embora e tinha deixado um vazio.

*Trabalhando?* Shane estava trabalhando, e ele não viria com eles? Isso não fazia sentido nenhum. Ele teria fugido do trabalho para dar o fora da cidade com os seus dois melhores amigos. Especialmente se eles estavam vindo em direção a ela.

Isso era perturbador. E preocupante.

Claire guardou o celular e colocou a mochila no ombro. Ela lançou um olhar melancólico para trás sobre a mesa. Eles estavam todos conversando animadamente, sem saber que ela tinha se afastado. Tinha sido meio que uma falsa amizade, ela pensou; ela sentiu como se fosse um deles, mas realmente, ela não era. Eles não iriam sentir falta dela.

Nick iria. Ele estava olhando para ela, e ele ergueu as sobrancelhas e gesticulou com boca, *you are good?*

Ela assentiu com a cabeça e apontou o polegar em direção à saída. *Tenho que ir.*

Ele parecia que iria se levantar, mas, em seguida, Jacqui disse algo a ele, e ele respondeu a ela, ainda olhando para Claire, e recostou-se em sua cadeira.

Ela foi embora. Isso era uma coisa boa, ela estava pensando; era uma coisa boa que ele não fosse segui-la. Ela não estava interessada.

*Maldição*, ela sentia falta de Shane. Por que ele não viria?

O que eles não estavam dizendo a ela?







Os próximos par de dias se passaram em um borrão, porque Claire continuou a tentar falar com Michael, Eve ou Shane no celular, e nenhum deles atendeu. Era como se eles estivessem se esquivando dela. Ela nem sequer tinha trabalho para mantê-la ocupada; a Dra. Anderson chamou-a para dizer-lhe, de uma forma calma, mas firme, que ela precisava de um tempo sozinha para completar um projeto especial, de modo que ela tinha atribuído a Claire uma leitura on-line para acompanhar. Eram coisas complicadas, e era uma coisa que Claire poderia realmente ser grata; ela raramente tinha sido desafiada antes por um professor, mas este era definitivamente um outro nível de dificuldade. A Dra. Anderson não estava subestimando ela.

Liz finalmente saiu do seu quarto, e — é claro — exigiu uma noite de meninas com pizza e um filme romântico. Claire combateu sugerindo *Kill Bill*, porque isso provavelmente iria fazê-la se sentir melhor no final. Liz concordou. Ela não estava chorosa mais; tinha passado do choque para raiva, e raiva era uma coisa boa, na opinião de Claire. Liz estando com raiva significava que ela não ia cometer um erro semelhante em breve. Isso também, estranhamente, fez dela mais agradável. E mais como a menina que Claire lembrava da escola.

Claire saiu por pizza. Boston era repleta com excelentes opções de pizza, e havia uma a apenas um par de quarteirões da casa; ela reflexivamente olhou em volta por Derrick, e viu-o em seu lugar de sempre do outro lado da rua. Ele estava sentado em um banco da parada de ônibus, lendo um livro. Ou fingindo. Quando ele viu Claire, ele acenou.

Ela deu o dedo do meio. Isso pareceu divertí-lo, o que era muito ruim; ela estava esperando que realmente o irritasse o suficiente para ele fazer algo que poderia fazê-lo ser preso.

Ela pegou a pizza quente e estava andando de volta com ela quando ela avistou o assustador professor Davis sentado em um café ao ar livre, desfrutando de um café com uma menina jovem o suficiente — de novo — para ser sua filha. Ela parecia encantada também. Sonhadora e ingênua, e disposta a acreditar que o professor Davis era a figura paterna que faltava em sua vida e que iria resolver todos os seus problemas.

Claire não pôde resistir.

Ela mudou de rumo.

O Dr. Davis e sua nova conquista estavam tão envolvidos um com o outro — ou, pelo menos, ela estava sem fôlego por ele, e ele estava gostando — que levou pelo menos um minuto inteiro para qualquer um deles perceber Claire quando ela parou na mesa deles. O Dr. Davis ainda empurrou a sua xícara de café em direção a ela, como se ela fosse o garçom, antes de parecer





aborrecido, então confuso, e depois — gratificadamente — preocupado. Ele endireitou-se em sua cadeira, e ela sorriu para ele.

*O que Eve faria?*

Era fácil canalizar o talento de sua melhor amiga para a destruição sarcástica.

— Você não retornou as minhas ligações, Patrick — Claire disse, em sua melhor voz magoada e zangada. — Eu pensei que você fosse aparecer para falar sobre os nossos problemas.

— Claire — ele disse, o que era um erro óbvio e novo; isso significava que ele sabia quem ela era, e ela viu a expressão de desgosto em seu rosto quando ele percebeu isso. Ele se virou para a garota que ele estava, sem dúvida para protestar a sua inocência.

Claire não lhe deu a chance. — Eu fui até a sua esposa no shopping e ela disse que não vai lhe dar o divórcio, então o que eu deveria fazer com os bebês? Apenas esperar. Eu quero ter certeza que você seja um bom pai para os nossos gêmeos! Você prometeu!

Ela não esperou para ver os resultados da bomba que tinha soltado; ela só manteve a cabeça erguida e caminhou com a pizza e não olhou para trás. Ela não precisou. O raspar da cadeira de ferro forjado da menina no piso e os protestos feridos e magoados de Patrick eram tão bons quanto qualquer imagem. Poderia não importar, e provavelmente não importava; ela tinha atrapalhado um encontro, mas ele teria outro amanhã, ou no dia seguinte.

Ainda assim. Foi bom se vingar por Liz.

Claire estava cantarolando baixinho enquanto ela corria para cima os degraus, pegando as chaves... mas ela parou quando viu que a porta já estava desbloqueada. Não apenas desbloqueada... estava deixada aberta por polegadas, e balançando suavemente na brisa.

— Liz? — Claire entrou com o coração batendo, e jogou a caixa de pizza no chão quando ligou a luz do teto do hall de entrada. A lâmpada amarela barata inundou-o com uma luz forte, mas o que dizia a Claire era que ninguém tinha invadido... em vez disso, todas as fechaduras tinham sido ordenadamente fechadas, incluindo o ferrolho. Liz tinha aberto a porta. — Liz!

Ela irrompeu na cozinha, mas não havia nada estranho lá. Liz deve ter lavado os pratos, porque eles estavam empilhados ordenadamente no escorredor, e os balcões estavam limpos.

Claire subiu correndo os degraus, mas ela abrandou quando se aproximou do patamar até o quarto de Liz. A porta do quarto estava aberta, e o quadrado escuro parecia opressivo e assustador para ela. Ela estendeu a mão em torno da abertura da porta, encontrou o interruptor de luz e ligou.





A cama de Liz estava desfeita. As roupas espalhadas na cadeira no canto. A maquiagem caída aleatoriamente em cima da penteadeira. Uma vela elétrica queimando na mesa de cabeceira.

E no chão a alguns centímetros perto da porta, sangue, ainda fresco. Não era apenas uma gota. Era salpicos e manchas, formas indistintas impressas nas manchas. Sangue na parede ao lado do interruptor de luz também.

Claire passou por cima com cuidado e verificou debaixo da cama, em seguida, no armário. Não havia nenhum sinal de sua amiga. Ela recuou para o patamar, pegou o celular com as mãos trêmulas, e se forçou a olhar ao redor com uma nova visão. Havia manchas de sangue ali também – não muitas, mas agora que ela estava procurando por elas, ela viu para onde Liz tinha sido levada, para fora da sala. Elas desapareceram alguns centímetros depois, como se ela tivesse sido envolvida em alguma coisa, ou sido levantada e transportada.

Claire correu e verificou o seu próprio quarto, só para ter certeza, mas parecia intocável. Enquanto ela estava fazendo isso, ela discou o número que tinha enviado a mensagem no início do dia.

– Holla – uma voz calorosa e abafada disse na outra extremidade. Houve um farfalhar de pano e, em seguida, o tom preguiçoso foi embora quando Jesse disse: – Claire?

– Alguém levou a minha colega de casa – Claire disse. – Foi você?

– Eu o quê?

– Você é uma vampira. *Você levou ela?*

– Claro que não, eu não peguei ninguém. – A voz de Jesse tinha ficado firme agora, e Claire quase podia imaginá-la de pé e andando de uma forma predatória como os vampiros faziam. – O que você quer dizer com alguém a levou?

– Quero dizer que ela se foi, a porta estava entreaberta, e eu acho que tem sangue no quarto dela – Claire disse. Ela estava começando a tremer agora, uma reação tardia, o que significava que era difícil segurar o celular. Ela agarrou-o com mais força. – Eu vou ligar para a polícia.

– Maldição. Não, não faça isso, não ainda. Fique aí. – Havia uma voz murmurada fora do celular, e Claire de repente percebeu que Jesse poderia ter um visitante, um visitante íntimo. – Diga-me exatamente o que aconteceu, Claire.

– Eu fui atrás de uma pizza. Minha companheira de casa estava aqui sozinha, pelo que eu sei, mas quando eu voltei a porta estava aberta e tinha sangue no quarto dela. Ela foi ferida. E ela não está aqui.

– Existe algum sinal de arrombamento?





— Não — Claire disse. — Ela estava destrancada, e... — Em um flash, ela lembrou-se dos homens vestidos de preto que entraram na casa na outra noite. Desbloqueando as portas. — Oh, Deus. A Dra. Anderson disse a você sobre os homens que invadiram uma noite dessas?

— Sim. Claire, tem alguma possibilidade de que eles pudessem ter confundido a sua companheira de casa com você?

Ela honestamente não tinha pensado nisso até que Jesse disse, mas seu estômago deu um nó, e ela soltou um suspiro trêmulo. — Pode ser.

— Ok. Faça uma coisa: fique exatamente onde você está. Não toque em nada, não feche a porta, não tente resolver o mistério sozinha. Eu preciso ver do jeito que está. Eu chego em três minutos. Eu vou avisar a Irene.

Ela desligou, e Claire hesitou alguns segundos antes de se sentar nos degraus. Ela estremeceu. A casa estava fria e vazia, e ela odiava deixar a porta aberta assim; ela meio que esperava ver o rosto assustador de Derrick, o assediador de Liz, espiando.

Sem Derrick, no entanto. Isso era estranho. Ele não estava quase sempre rondando à espera de Liz sair? E ele tinha estado nos degraus antes, Claire tinha visto. Derrick teria finalmente conseguido coragem para ferir Liz? Mas ela o deixaria entrar? Os instintos de Claire diziam que não, mas talvez tivesse havido algum tipo de emergência falsa, ou Derrick tinha usado alguma outra maneira de conseguir entrar... A mente de Claire estava girando, e seu dedo pairou sobre o botão de chamada de emergência em seu celular, enquanto os segundos se arrastavam com intensidade torturante. *Se ela demorar mais do que três minutos, eu vou chamar a polícia*, ela prometeu a si mesma. E se realmente tivesse sido Jesse, afinal de contas? E Jesse estava vindo para limpar a bagunça e fazer Claire desaparecer também?

Ela estava prestes a pressionar o botão 911 quando, de repente, apareceu uma forma de pé na porta. Não chegando — apenas esperando. *Oh, Deus*, Claire pensou em alarme, e se levantou... e então percebeu que era Jesse. Ela usava um moletom que ela tinha puxado sobre a cabeça, e um boné de beisebol sob o capuz que sombreava o seu rosto pálido, e ela estava com as mãos em seus bolsos; era uma aparência normal para uma cidade como esta, nada que pudesse ganhar uma segunda olhada. Muito menos óbvio no sol do que os casacos de couro extravagantes e grandes chapéus que os vampiros de Morganville pareciam gostar.

Um segundo mais tarde, no entanto, Jesse não falou, Claire percebeu que ela estava esperando, e disse: — Entre.

Jesse não respondeu, apenas entrou no hall de entrada. Ela deslizou com uma misteriosa velocidade silenciosa que Claire estava acostumada, mas





nunca ok com ela, e empurrou o capuz para trás, tirou o chapéu, e olhou em volta do hall de entrada com uma calma metódica. Seus olhos — um vermelho turvo agora — passaram por Claire, mas não pararam. Ela fez um circuito de caminhada rápida na área limitada, então cruzou para a escada e se ajoelhou para colocar seu rosto perto de um dos degraus. Então ela desceu alguns degraus e fez isso de novo. Jesse caminhou rapidamente até o patamar do segundo andar, examinou o sangue lá, e então entrou no quarto de Liz.

Tudo foi realizado em um silêncio assustador. Jesse não falou com Claire, ou reconheceu a sua presença até que ela finalmente saiu do quarto de sua amiga e olhou das escadas para ela. A expressão no rosto da vampira estava neutra — o suficiente para que Claire não tivesse certeza se ela deveria esperar ou correr.

Então Jesse disse a coisa que Claire menos esperava ouvir. — Não é o sangue da sua companheira de casa.

— O quê? Mas... tem que ser! — A menos que Liz tenha lutado, talvez cortado um dos intrusos... ela supôs que isso poderia ter acontecido, mas a ideia de Liz realmente acertando um golpe era bem difícil de acreditar. — Você sabe dizer de quem é?

— Não é fácil assim. Se eu já provei o sangue, eu sei, mas o que está manchado em torno daqui, eu sei que é de um homem de trinta anos que bebe Red Bull demais. — Jesse deu de ombros quando Claire encarou silenciosamente ela. — Aquilo tem um certo cheiro. O mesmo acontece com o café e licor forte. Mas eu posso definitivamente dizer a você que não foi uma menina da sua idade que foi ferida aqui. Você disse que a porta estava aberta. Talvez ela tenha lutado com alguém, machucado e corrido. Isso explicaria a porta aberta, se ele saiu correndo perseguindo.

— Você consegue... rastrear eles?

— Não eles. Apenas ele. E somente se ele continuar sangrando. Que se dane, nós podemos tentar, eu acho. — Jesse colocou o chapéu de volta e depois o capuz. — Vamos. Nós temos mais chance de resolver isso do que a polícia agora, e eu realmente não quero os policiais envolvidos em nada que possa ser rastreado até mim, ou Irene.

— Mas... e se Liz...

— Confie em mim — Jesse disse.

Claire odiava quando os vampiros diziam isso, e ela estava prestes a dizer isso quando alguém escureceu a porta no fundo das escadas. Alto e musculoso, e ela pensou imediatamente que era Derrick, e sentiu uma onda de fúria.

Não era Derrick.





Shane estava ali de pé na soleira da porta, olhando para ela. Seu rosto estava firme e pálido, e todo o seu corpo dizia que ele estava preparado para um contato doloroso, mas ele apenas acenou para ela e disse: — Então, eu não tenho nenhuma dúvida de que vamos falar sobre isso mais tarde, e que vai ser difícil, mas por agora, você vai precisar da minha ajuda.

Jesse franziu o cenho. — Shane?

Claire de alguma forma desceu alguns degraus da escada sem nem mesmo perceber que ela tinha feito isso. De repente ela estava no patamar fora da porta do quarto de Liz, e sua mão estava doendo da força com que ela estava segurando o corrimão. Seus joelhos tremiam, mas o resto parecia... dormente. — Espere — ela disse. — Você conhece ele?

— Sim, é claro que eu conheço. Ele é a máquina de lavar louças do Florey.

A boca de Claire abriu e se fechou, mas ela não conseguia tirar o turbilhão de palavras que voam ao redor de sua mente. *Eu não estava errada. Eu o vi.*

Isso significava que Shane tinha estado aqui por dias. Talvez mais tempo.

Tempo suficiente para que ele mentisse para ela sobre isso, assim como Michael. E Eve.

— Oh, nós vamos conversar — ela disse, em seguida, e a frieza em sua voz a surpreendeu. — Mas, por agora, é melhor que você me diga o que você acha que sabe sobre isso.

— Lá fora — Shane disse. — Precisamos nos mover. Agora.

— Por quê? — Jesse perguntou.

— Porque as pessoas que pegaram a amiga de Claire podem voltar.





# CAPÍTULO 9

SHANE

**D**e todas as maneiras que eu queria ficar cara-a-cara com Claire de novo, essa não era a que eu teria preferido. Eu sabia que havia uma pequena chance de que poderíamos acidentalmente nos encontrar, mas isso não foi nenhum acidente; eu estava aparecendo de propósito em sua porta, e não havia nenhuma maneira de fingir que eu não estava aqui, não estando interferindo em sua vida, não mantendo os olhos sobre ela.

Porque eu estava prestes a confessar tudo isso.

O disfarce anti-sol de Jesse era muito bom; já que ela estava usando seus óculos de sol grandes e com as mãos nos bolsos, a maior parte de sua pele pálida estava protegida da exposição acidental solar. Ajudava que hoje estava um pouco nublado e chuvoso. Claire trancou a porta da frente da casa e seguiu Jesse para a rua, onde eu estava esperando por elas debaixo de uma árvore (que foi educado da minha parte, eu pensei, olhe para mim, estou todo sensível com os vampiros). Eu balancei a cabeça para ambas e liderei o caminho em uma rápida caminhada por um par de quarteirões, em seguida, virei a esquina. Havia um café lá com um toldo. Eu me sentei em uma das mesas de aparência frágil, e Claire e Jesse se sentaram no outro lado de mim. Jesse não parecia satisfeita.

Claire — na verdade, eu estava com muito medo de olhar para ela diretamente para dizer *o que* ela podia estar sentindo. Ela não tinha pulado em meus braços e declarado seu amor eterno, então eu estava supondo que eu estava em apuros. Grande problema.

Não importava agora, dada a situação.

O olhar de Jesse foi de mim para Claire, em seguida voltou novamente, e eu vi ela fazer as conexões. — Shane, só para ter certeza que eu estendi isso muito bem: você seguiu ela de Morganville, mas não contou a ela sobre isso. E você, Claire, você não sabia que ele estava aqui.







— É isso mesmo — Claire disse. Eu não disse nada, mas por outro lado, eu não precisava; apenas estar aqui era uma concordância silenciosa. — Eu não sabia que ele viria.

— Isso é por causa de mim. Eu não queria que você soubesse.

Eu sabia que ela se conteve, e porque eu conhecia ela, eu também sabia que ela estava pensando que os nossos problemas pessoais de relacionamento não era a pior coisa que estava acontecendo hoje. — Então me diga o que aconteceu hoje.

— Ok, aqui está a verdade — eu disse. — Eu passei pela casa de vez em quando, que é meio que o meu caminho para o trabalho, ok? E na última vez que eu passei por aqui, eu vi um cara grande tentando arrombar a sua porta da frente. Eu avisei para ele ir embora e pedi aos policiais para intensificar as patrulhas.

— A carta avisando a tentativa de invasão — Claire disse. — Derrick estava tentando arrombar?

Eu balancei a cabeça. — Sim, ele se apresentou. Ele é um babaca.

— Ele é o perseguidor de Liz.

— Bem, isso explica. Ele tinha a vibe.

— Então foi Derrick que entrou para pegar ela.

— Não — eu disse, e me inclinei para abaixar a minha voz. — Foram quatro caras em uma tática militar muito astuta, um em uma van de entrega com uma porta deslizante que bloqueava a visão da frente, e três que estavam dentro. Eles tinham chaves mestras porque abriram rapidamente e entraram calmamente. Em seguida, cerca de um minuto depois, eles saíram com uma menina com uma capa preta sobre o rosto — como uma espécie de execução extraordinária da CIA dos filmes. Ela não estava protestando demais; eu acho que ela estava com muito medo. Eu estava indo me mover, porque eu sinceramente pensei que poderia ser você, Claire, até que eu a vi entrar na van; ela não se movia como você, e ela era tão alta quanto Eve, então eu achei que deveria ser a sua amiga. Um dos homens voltou para dentro, e então, de repente, Derrick apareceu. Eu não acho que ele sabia o que estava acontecendo — ele chegou até seu lugar habitual, parado perto do poste de luz. Tudo o que ele sabia era que a porta estava aberta, por isso ele entrou; ele nem sequer sabia que tinham levado a menina.

— Liz — Claire disse suavemente. — O nome dela é Liz.

— Eu sei. Desculpe. Eu teria feito alguma coisa, exceto que eu não estou na melhor forma no momento.

Ela fez uma pausa, mordendo o lábio, analisando o meu rosto. — Deus, Shane. Você não estava brincando, não é? Você realmente apanhou.





Eu apanhei, e eu estava dolorido. As dores estavam ruins o suficiente, mas metade do meu rosto latejava, e eu sabia que o ferimento iria escurecer em um padrão espetacular. Além disso, meu maldito braço ferido parecia que tinha rompido um osso, embora eu sabia que não tinha, ou pelo menos os raios-X não tinham mostrado. A pele coçava loucamente, como se eu tivesse caído em um grupo de hera venenosa. Não era muito provável, mesmo se estivéssemos próximos a Ivy League.

Eu realmente não queria olhar para Claire diretamente, porque apesar da aparente preocupação em suas palavras, sua voz tinha um tom frágil e severo que eu não gostei. Eu não sei o que teria sido pior, ver a pena dela, ou ver... outra coisa. Em vez disso, eu olhava para um ponto descolorido em cima da mesa e raspava ele com o meu polegar enquanto eu continuava a minha história. — Derrick e o outro cara vieram tropeçando para fora em menos de um minuto mais tarde, e Derrick pareceu machucado. Jogaram ele na van também, e foram embora.

— Você sabe para onde eles levaram eles?

— Não faço ideia — eu disse, — mas eu tenho uma foto da van e da placa, além de pelo menos uma dos caras. — Eu peguei o meu celular e passei para Jesse, que navegou pelo menu com uma quantidade impressionante de facilidade, considerando que ela era uma sanguessuga antiga; eu já tinha chegado a conclusão de que ela tinha que ser muito velha, porque ela não estava particularmente preocupada com o sol. Mesmo com o capuz e chapéu a maioria dos vampiros teria ficado assustado, mas Jesse parecia fria, calma e nem mesmo um pouco inflamável. — Talvez você tenha alguns contatos que possam usar isso?

— Provavelmente — Jesse disse. — Tudo bem, Claire, você obviamente não pode voltar para casa. Mesmo que isso seja algum evento separado relacionado com a sua amiga — e eu vou checar os históricos e a família dela — ou se isso tenha a ver com você e o seu trabalho com a Dra. Anderson, não é seguro para você lá, e é nossa culpa que você ficou tanto tempo em uma situação difícil. Quando você relatou o primeiro evento para Irene, eu deveria ter insistido que você saísse daquela casa imediatamente, mas ela estava convencida de que eles estavam apenas procurando pelo dispositivo, e já que ele tinha sido movido...

— Espere — eu disse. — De que evento estamos falando? — Porque me parecia que eu tinha perdido alguma coisa importante. Algo que Claire deveria ter me dito.





Provavelmente era errado da minha parte estar chateado com isso, considerando o quanto eu tinha escondido dela, no entanto. Isso não me impediu.

Quando ela não começou a falar imediatamente, porém, Jesse contou por ela. — Dois caras espíões entraram na casa uma noite dessas — ela disse. — Enquanto Claire estava lá. Ela se escondeu, e eles procuraram pelo lugar. Ninguém se machucou.

Eu senti o meu queixo ser pressionado, e eu tentei realmente não cerrar muito os dentes. — Até agora, você quer dizer. A menos que você não conte com os seres humanos serem sequestrados como *machucados*.

— Calma, garoto. Eu não sou a sua inimiga. Claire me chamou para ajudar. — Jesse deu um sorriso breve e cortante para mim. — Depois que ela me perguntou se eu tinha lanchado a amiga dela, é claro. Mas isso é uma questão sensível e sensata para alguém que viveu onde vocês viveram. Eu também teria perguntado se eu estivesse no lugar de vocês. Relaxe. — Ela moveu os dedos no teclado do celular dele muito rápido, e depois devolveu. — Eu já transmiti as imagens para um amigo que pode fazer o trabalho. Você pensou rápido ao tirar a foto. E não se antecipou. Você teria acabado sendo levado como Derrick, eu acho. Sem ofensa, mas é provável que esses homens sejam treinados para um sequestro rápido e tranquilo. Não é como lutar contra os vampiros.

— Nada aqui é como lutar contra os vampiros — eu disse. — É mais como lutar contra a fumaça. Eu acho que eu gostava quando eu tinha um inimigo real para enfrentar.

— Oh, não se preocupe, você tem alguns. Nós apenas não os vimos ainda — Jesse disse. — Mas nós iremos. E quando virmos... — Ela mostrou as presas, apenas por um momento; qualquer um que tivesse visto um vislumbre teria duvidado da sua sanidade, especialmente porque os dentes desapareceram em um flash. — Quando virmos nós vamos resolver no estilo de Morganville.

— O que vamos fazer em relação a Liz e Derrick? — Claire perguntou. — Eles não têm nada a ver com isso, se é por causa de mim e da professora Anderson e os vampiros. Eles foram apenas pegos no meio.

— Você sabe o que geralmente acontece com as pessoas pegas no meio, Claire? — Jesse perguntou enquanto se levantava. — Fogo cruzado. — Ela me espetou com um longo olhar, e eu joguei-o de volta para ela. — Shane, leve ela para algum lugar seguro. Eu estou deixando *você* como responsável. Eu tenho o seu número de celular agora, e eu vou estar em contato quando eu tiver alguma coisa. Até então, fiquem quietos.





— E quanto a polícia? — Claire perguntou. — Eu não deveria ligar para eles?

— Ligue, se quiser — Jesse disse, — mas quando ligar, eles vão pedir a você para explicar por que você despejou uma pizza fresca no chão dentro da casa, encontrou sangue no quarto da sua companheira de casa e não ligou para a emergência imediatamente. Eles vão comparar o recibo de compra com a sua rota e o tempo que eles foram vistos entrando na casa. E a primeira pessoa que eles vão deter é *você*. Você tinha as chaves. Não houve entrada forçada. E na experiência da polícia, geralmente a pessoa que vive na casa é a primeira pessoa suspeita.

Era tudo muito, muito lógico. Brutalmente lógico. Claire engoliu em seco e assentiu. — Sem polícia então.

— Garota esperta.

Eu observei Jesse enquanto ela se afastava com o capuz para cima e as mãos nos bolsos. Ela nem sequer se apressou. Sim, isso era alguma confiança assustadora considerando que ela estava essencialmente vulnerável aqui fora, sozinha. — Desculpe — eu disse. Não para Jesse, mas para Claire. Eu ainda estava tentando não olhar nos olhos dela. — Eu prefiro falar sobre tudo isso em algum lugar mais seguro. Podemos ir?

— Eu prefiro falar sobre isso aqui — ela disse, — porque, pelo menos, se eu estiver aqui, eu posso pedir café, e eu provavelmente não vou gritar de frustração em voz alta. Pense nisso como uma zona pública de tampão.

Oh, ótimo. Eu estremeci, mas eu fiz a pergunta. — Então, você sente vontade de gritar? Especificamente comigo?

— Um pouco — ela disse. — Mas Deus, isso não importa agora, não é? E quanto a Liz? O que vai acontecer com ela? Quero dizer, nem mesmo Derrick merece isso... Jesse não estava falando sério sobre o fogo cruzado, não é?

— Eu não sei — eu disse. — Claire, este não é um bom lugar para ficar. Jesse disse para mantê-la segura, e na minha opinião uma mesa aberta na calçada não é exatamente a definição do manual de segurança...

— Você tem um apartamento?

— Eu tenho um quarto no Florey's. Não é espaçoso. Ou limpo. Mas é barato, e funciona. Vai servir até as coisas se acalmarem, se você, ah, não for muito exigente.

— Bem, não poderia ser muito pior do que onde eu estava morando. — Claire suspirou. — Todas as minhas coisas estão lá, no entanto. Todas as minhas roupas, de qualquer maneira. Eu estou com o meu computador e livros, e isso é que importa. Ei... você sabia que Jesse era... — Claire fez o sinal





universal de Morganville para os dentes no pescoço, e eu sorri, só um pouco. Cuidadosamente. Não apenas porque doía pra caralho.

— Ei, sou eu — eu disse. — Eu posso reconhecê-los a uma milha de distância. — Eu só queria que isso fosse verdade; isso teria evitado muitos problemas ao longo dos anos. Meu pai era o único com o nariz para o Nosferatu... não eu. — Pete é humano, a propósito. No caso de você estar se perguntando. Ele cortou-se em uma garrafa um dia desses, e eu ajudei ele a cobrir a ferida. Não curou imediatamente.

Claire assentiu com a cabeça, porque era uma boa prova, porque os vampiros não podiam controlar a velocidade em que eles se curavam, não sem colocar algo sobre a ferida para mantê-la aberta ou continuar a queimar, como prata. — Jesse é a única que você viu?

— Sim, até agora. Embora seja muito raro encontrar uma sozinha aqui fora, não é? Vampiros estão seguros em números, porque eles são tão raros, especialmente nestes dias. Se ela se sente confiante o suficiente para estar aqui fora sozinha, eu tenho certeza que ela não é alguém que a gente queira mexer. — Eu me mexi, porque meu braço estava doendo de novo, palpitando no fundo do osso como se eu tivesse acabado de bater com força em uma parede de tijolos. E coçava como um louco. Eu apertei e lancei meu punho e, em seguida, sacudiu-o, na esperança de que ficasse melhor. Não ficou.

— O que há de errado? — Claire perguntou. Ela ainda parecia distante, e um pouco relutante em perguntar, mas ela estava perguntando. O que era encorajador.

— Bem, quando você encontra uma associação de caras espancadores, mesmo que eles geralmente sejam uma droga nisso, você sente mais tarde — eu disse. — Não é grande coisa. Eu vou viver. — Sim, eu estava tentando ser um cara durão. Eu não me sentia assim naquele momento; eu queria me enrolar contra ela, sentir aquelas mãos macias maravilhosas tocar o meu rosto e traçar levemente sobre os machucados. Ela sempre, sempre fez eu me sentir melhor. Havia algo tão cicatrizante em estar com ela; parecia em pé no sol quando eu passei minha vida inteira no escuro.

Mas o melhor que eu podia sentir dela agora era... bloqueio.

Ficamos em silêncio por um momento longo e doloroso e, em seguida, um garçom veio e nos perguntou se queríamos alguma coisa, naquela voz irritada que os garçons desenvolvem em cidades de faculdade, quando percebia que você mal iria pagar a conta e que gorjetas estava fora de questão. Eu tentei pedir um café simples, Claire tentou pedir um mocha, falamos ao mesmo tempo, e nós dois olhamos para cima ao mesmo momento, e...





...e nós ficamos parados, apenas olhando um para o outro. Porque, de repente, era real. O momento era real, e não havia como evitá-lo mais. Suspiros irritados do garçom finalmente despertaram-me para dizer sem rodeios: — Cai fora. — E ele foi embora, murmurando baixinho o tempo todo. Eu não me importava. Eu não me importava se Jesse descesse sobre nós com as presas para fora, e toda a horda de zumbis de *Dead Rising* de repente começasse a cambalear através do restaurante. Eles poderiam esperar.

Claire disse: — Eu realmente pensei que você estivesse em Morganville. Você fez Michael e Eve mentirem para mim.

— Eu só pedi a eles para não dizer onde eu estava, isso é tudo. Eu sei que foi a coisa errada a se fazer, mas às vezes, às vezes isso não importa. Certo, errado, é apenas a coisa que você tem que fazer. E eu tinha que te ver. Eu tinha que saber que você estava bem. Eu vou pedir desculpas por basicamente te perseguir, mas eu não posso me desculpar por estar preocupado com você. Eu não bati na sua porta e exigi ver você. Eu só... fiquei por perto.

— Me observando de longe — ela disse. — Você não confiou em mim o suficiente para me deixar ir.

Eu senti uma onda de pânico, seguida por um raio confuso de concretização. Ela estava certa? Era uma coisa de confiança, e não uma coisa de preocupação? Como parecia do ponto de vista dela... como se eu tivesse seguindo ela, espionando ela, julgando ela? Sim, provavelmente e terrivelmente parecia isso. Não era o que eu estava fazendo, ou pelo menos eu não acho que era.

Eu me inclinei para a frente com os cotovelos na mesa, e eu segurei seu olhar quando eu disse: — Claire, eu não quero deixá-la ir. Mas isso não tem nada a ver com não confiar em você. Eu confio em você com a minha vida. Sempre confiei.

Eu não continuei falando pois eu praticamente disse tudo o que eu queria dizer. Ela piscou devagar, pensando sobre isso, e então suspirou, sacudiu a cabeça e disse: — Você é um idiota, mas eu sei que você está falando sério. E você não está com raiva, eu sei disso também. Você apenas...

— Queria você — eu disse. — Precisava de você. É por isso que eu estou aqui. Talvez seja uma coisa ruim, eu não sei; se você me olhar nos olhos e dizer para mim voltar para Morganville, eu vou. Eu não vou gostar, mas...

De repente, ela se sentou com os olhos se alargando como se alguém tivesse espetado um alfinete nela, e ela pulou para a frente e segurou as minhas mãos. Eu fiquei surpreso, mas não muito surpreso para não enrolar as minhas ao redor das dela. Tocá-la calou uma voz dentro de mim que eu nem sabia que estava gritando.







— Michael e Eve — ela disse. — Eles te ligaram?

— Não há dois dias... espere. — Eu verifiquei o registro de chamadas do celular, e lá estava, uma chamada perdida de Eve. Nenhuma mensagem de voz. — O que está acontecendo?

— Mesmo se você voltasse para lá, você ia acabar aqui novamente — ela disse. — Michael e Eve estão vindo. Amelie enviou eles atrás de Myrnin.

— Myrnin está vindo aqui? Sozinho? — Eu admito que me deu uma onda de frustração cansada tão forte que eu queria estacá-lo eu mesmo. — O que diabos ele está fazendo?

— Eu não tenho ideia, e nem Eve, mas eles estão seguindo ele. Eles deveriam levá-lo de voltar para casa.

— Eu não vou voltar para casa em um carro com o Homem Bipolar — eu disse, e eu estava falando sério. — É sério. Eu tenho armas.

Ela não soltou a minha mão após o susto e eu pensei que era um bom sinal. Eu tentei pensar no que eu ia fazer se ela tentasse se afastar e sentar. Soltá-la, eu imaginei, embora meu instinto fosse tentar segurar.

Mas ela não se afastou neste momento.

— Você estragou tudo — ela me disse. — Eu não acredito que você me perseguiu assim.

— Se eu estivesse perseguindo você, eu teria estado fumando cigarros do outro lado da rua com Derrick — eu apontei. — Eu estava trabalhando de forma independente na mesma cidade, não ligando e não falando com você. Se você quiser chamar isso de perseguição, eu tenho que pedir uma revisão do jogo pelo árbitro.

— Muito ruim para você que as relações não têm árbitros.

— Você está certa, isso é uma droga. Eu poderia precisar de um replay em câmera lenta nesse momento.

— Você é um idiota — Claire disse, e eu fiquei frio por dentro, e muito parado. Esse era o momento em que eu estava tentando muito evitar pensar, que quando Claire percebesse que eu não era o cara inteligente com perspectivas que ela precisava estar... mas então ela sorriu, só um pouco, e o gelo congelando meus pulmões e coração começou a descongelar um pouco. — Você é um idiota, mas eu sei por que você veio. Você está condicionado a pensar que tudo é uma ameaça, e você estava com medo de que eu fosse ficar em apuros aqui sozinho. Você estava tentando me salvar. Mas Shane, *eu nem sempre preciso ser salva*. Entendeu?

— Oh, sim — eu disse. — Você me salvou muitas vezes. Eu entendi. Mas ninguém de Morganville deveria estar aqui fora sozinho. Não é seguro, e você sabe disso.







— Nada é seguro — Claire me disse em seguida, com a convicção de alguém muito mais velho. — Ninguém nunca está seguro. Mas isso não significa que você não tenha que respeitar o que eu quero, Shane.

— Me desculpe, eu te decepcionei — eu disse. — Mas eu não podia ficar lá enquanto você estava aqui. Não sem ter certeza de que você ficaria bem. Como você disse, condicionamento de Morganville. Se você quer que eu vá, eu vou. Apenas me diga. Agora.

Eu alarmei e preocupei ela, e forcei-a a parar de analisar, e ela piscou lentamente e disse: — Eu não quero que você vá. Eu senti falta de você, Shane. Eu senti tanto a sua falta.

Sua voz falhou na última palavra, e eu vi o brilho de lágrimas em seus olhos. Tensão desenrolou como uma bobina dentro de mim, e eu queria colocar os meus braços em torno dela e abraçá-la... mas, em seguida, o garçom apareceu próximo à nossa mesa novamente e incisivamente limpou a garganta, e eu resisti à vontade de dar uma cotovelada ilegal e forte na barriga dele.

— Nós vamos embora — eu disse a ele, e me levantei sem largar a mão de Claire. Eu levantei ela. — Vamos. Eu vou fazer um café para você no Florey's.

Nós atravessamos um quarteirão antes que eu não aguentasse mais. Eu parei, apertei ela contra o lado do tijolo de um edifício, e me inclinei. Eu consegui me conter de beijá-la, e disse: — Está tudo bem?

— Cale a boca — Claire disse, e me agarrou pelo colarinho para me puxar para perto dela.

Era como chegar o verão... quente, doce e ardente. Eu precisava tocá-la, e eu toquei; eu precisava beijá-la, e a sensação úmida e suave de sua boca quente fez todos os tipos de coisas comigo. Um alívio doce, e tensão desesperada, tudo ao mesmo tempo. Isso durou por um tempo, lábios e línguas se reunindo e se fundindo, e fui eu que me afastei primeiro, porque *caramba*, eu tinha esquecido do poder entre nós. Como ela me fazia sentir. Como eu fazia ela se sentir. Os lábios da minha pequena e doce Claire estavam vermelhos e corados, e suas bochechas estavam rosa, e seus olhos muito brilhantes. Ela parecia bêbada com prazer e deleite, e eu imaginei como ela pareceria na luz da manhã, do jeito que eu adorava vê-la melhor.

Eu apertei a mão dela e disse: — Eu preciso te levar para casa. Agora.

Ela assentiu com a cabeça e colocou seu braço no meu, e nós caminhamos rapidamente a curta distância até o Florey's.

Quando viramos a esquina, no entanto, havia um carro de polícia parado na frente com as luzes piscando, e o gerente Mick estava na porta conversando com dois policiais e parecendo muito sério. Eu puxei Claire para uma parada e vi Mick me identificar.





Ele me deu uma inclinação lenta de cabeça para o lado. *Saia daqui.* Eu entendi o sinal e puxei Claire para trás. — Mudança de planos — eu disse. — Florey's está fora de cogitação. Você tem algum outro lugar onde podemos ir?

— Na verdade, não, o que está acontecendo?

— Não faço ideia, mas seja lá o que for, lembre-se que eu sou de Morganville.

Ela não entendeu por um segundo, e então ela olhou atentamente para mim. — Oh, Deus, Shane, você trouxe armas?

— Só as minhas favoritas — eu disse. — Mas elas são meio ilegais.

Ela balançou a cabeça e puxou a minha mão. — Vamos.





# CAPÍTULO 10

Claire não tinha certeza de que a polícia estava *realmente* atrás de Shane, mas se estivessem, ficar à vista era uma má ideia. Ela comprou (sobre seus protestos) um moletom do ITM para Shane de uma das lojas de lembranças, e ele vestiu com um suspiro irritado. Ela puxou o capuz para cima para ele. — Apenas confie em mim — ela disse. — Você realmente não precisa chamar atenção. Estes policiais não vão ser do tipo que você pode chamar e apelar para a Fundadora; eles são sérios. E não se esqueça, meu próprio dormitório é uma cena de crime. Se eles me conectarem a você e encontrarem as suas armas, vai parecer ainda pior.

— Ok — ele disse, — você tem razão. Então, para onde estamos indo? Procurar algum amigo que não se importe de esconder fugitivos procurados? Porque geralmente demora um pouco mais do que alguns dias para conseguir.

Shane tinha razão, e ela realmente não tinha uma resposta, mas isso realmente não importava. Shane já tinha pego o seu celular e verificado alguma coisa. Ele mexeu, apertou em botões e colocou o celular no ouvido.

— Para quem você está ligando? — ela perguntou.

— Pete — ele disse. — Olha, o cara estava saindo com uma garota vampira e deve ser meio que um vigilante da meia-noite. Ele provavelmente não é muito crítico quando se trata de esconder segredos de outras pessoas.

— Você acha que ele sabe sobre Jesse?

— Sim, eu tenho certeza que ele sabe. Espere... — Shane virou parcialmente para longe dela, com o foco na nova voz em seu ouvido. — Ei, cara, é Shane... sim, eu sei sobre os policiais. Falando nisso, eu preciso de um lugar para ficar longe da vista. Você tem alguma sugestão? — Ele escutou por alguns segundos, em seguida, fez um gesto de rabiscos para Claire, e ela procurou por uma caneta e papel e entregou-os. Shane escreveu algo e entregou-os de volta para ela. Era um endereço. — Entendi. Vou ficar te devendo, Pete. E muito.

Ele desligou e deixou o celular cair no bolso de seu capuz. Claire levantou o endereço. — Para onde ele vai nos mandar?

— A casa dele — Shane disse. — Não é muito longe. — Ele ofereceu-lhe o cotovelo, e ela enfiou o braço através do seu cotovelo, e eles partiram em





direção ao sul, descendo a rua arborizada. Engraçado o quanto isso parecia tão *familiar*, até demais... apenas outra rua em outra cidade, mas os dois estavam juntos, e tornava isso um lar. Mesmo sabendo o que ela fez — Liz estava desaparecida, a polícia estava atrás de Shane — ela se sentia estranhamente calma agora. O que quer que fosse acontecer, eles enfrentariam juntos.

Shane fez uma careta e a soltou para esfregar o braço sob a manga do moletom. — Não é nada — ele disse antes que ela pudesse perguntar. — Isso coça como um louco, e queima. Eu nunca tive alergia a nada, mas talvez seja isso. Talvez eu seja apenas alérgico a meninas universitárias gostosas e inteligentes.

— Há, há — ela disse, e pegou o seu outro braço. — Talvez você seja alérgico a estar em apuros o tempo todo.

— Não, eu sou completamente vacinado contra isso. Está nos genes. — Shane olhou seu pedaço de papel, em seguida, o mapa de seu celular, e acenou com a cabeça até a rua. — Daqui a um quarteirão, depois à direita. A casa dele é à esquerda.

Não havia nenhum sinal de presença policial, pelo menos, enquanto eles faziam a última curva e avistavam o endereço do papel. Era um pequeno edifício de tijolo ofuscado pelos mais altos, com mais casas elegantes em fileiras de ambos os lados, e aos olhos de Claire ele parecia mais um galpão de armazenamento do que uma casa. A porta da frente era uma madeira de planície verde e desbotada, sem design nenhum. Ela não viu quaisquer janelas do lado.

— Ele está aqui? — ela perguntou.

— Não, mas ele me disse como entrar. — Shane se aproximou, contou os tijolos, e puxou um para fora. Atrás dele, ele encontrou a chave e usou para abrir a porta. — Depois de você.

— Não, é sério, você vai primeiro. Eu mal conheço esse cara. E se ele estiver trabalhando com as pessoas que levaram Liz?

— Pete? — Shane balançou a cabeça, evidentemente achando todo o pensamento engraçado, embora Claire sentisse que tinha sido uma precaução bastante razoável. — De jeito nenhum. Mas tudo bem. Eu protegerei você.

Ela bateu-lhe em seu ombro. — Eu não preciso de você para me proteger.

— Então por que eu vou primeiro?

— Para você poder dar o primeiro soco enquanto eu dou o segundo?

— Então eu sou a isca? Ai. Você esteve em Morganville há muito tempo, garota. — Mas ele estava sorrindo quando disse isso, e ele entrou primeiro, alerta e pronto para qualquer coisa. Ela foi por trás dele, fechou a porta — sempre impeça a capacidade de um inimigo de esgueirar-se por trás de você se





você puder — e trancou-a. — Pete? Tem alguém aqui? — Ele balançou a cabeça e o silêncio continuou. — Ele disse que não tem nenhum companheiro de quarto. Eu acho que estamos bem.

Eles desceram um corredor curto e estreito para uma sala muito larga que servia como a casa inteira. A casa tinha sido separada por algum tipo de divisores portáteis sobre rodas em uma área de dormir com uma cama bem arrumada (Pete, Claire pensou, era um dono de casa muito melhor do que Shane nunca tinha sido), uma pequena cozinha limpa com uma mesa para duas pessoas, e uma pequena área de estar com um sofá e TV. Não havia muito mais, exceto livros. Pete tinha quantidades impressionantes deles, alinhando cada polegada das paredes com estantes construídas personalizadas. Shane assobiou quando ele olhou em volta, e balançou a cabeça. — Ok, eu pensei que eu conhecesse Pete, mas eu pensava nele como um cara de revistas, na melhor das hipóteses — ele disse. — E só tem *Sports Illustrated*. Você acha que ele leu tudo isso?

— Eu teria — Claire disse. Ela não era invejosa muitas vezes, mas de alguma forma, este lugar pequeno, bem cuidado e limpo parecia perfeito para ela. A única coisa que tinha suas próprias paredes para separar era o banheiro, situado em uma esquina — que continha um vaso sanitário, pia, balcão, piso de azulejos e chuveiro no canto. Ela espiou, sentindo-se como uma intrusa e, ao mesmo tempo, uma turista na vida de outra pessoa. Ela gostou. Pete parecia um cara do tipo calmo, organizado e interessante.

— Eu vou ter que dar a merda de crédito para ele por tudo isso — Shane disse, enquanto olhava ao redor. — Ele mora sozinho e arruma a cama? Quem faz isso?

— Pessoas que gostam das coisas arrumadas?

— Não é natural. — Shane se virou enquanto ela caminhava em direção a ele. A luz das janelas nos lados da casa capturou o rosto dele, e ela estremeceu um pouco com a visão das contusões — elas estavam ficando impressionantes agora, mas provavelmente não doíam tanto quanto antes. Ele parecia um pouco cansado, ela pensou, e, embora ele estivesse tentando não demonstrar, um pouco preocupado também. Ele sabia o quão solitários eles estavam aqui, longe de casa. E o quão vulnerável. Além disso, ele deveria sentir falta de suas armas, era bem provável.

— Então — ele disse. — Aqui estamos.

— Sim. Aqui estamos. — Ela não disse nada mais do que isso, e ele continuou a observá-la com cautela, como se ele já não estivesse certo do que ela estava pensando. Ela deu um passo para mais perto, e depois outro, até





que ela olhou para cima para o rosto dele. Seus olhos castanhos estavam semicerrados, e ela conhecia aquele olhar... saudade.

— Claire... nós dois estamos no mesmo lugar, mas... estamos juntos?

Era uma pergunta corajosa. Muita gente não teria perguntado isso, Claire pensou; teria sido mais fácil simplesmente assumir as coisas, fingir, disfarçar. Mas esse não era Shane. E ele não vacilou quando ela disse: — Eu quero estar. Você quer?

— Eu posso dizer com segurança que não há nada que eu queira mais na minha vida — ele disse. — O problema é que você tem que querer isso também. Ambos os ímãs têm que se atrair.

— Polos opostos — ela concordou, e deu o último passo para a frente, até que ela estava pressionada contra ele. Seus braços foram lentamente ao redor dela... não como eles estiveram na rua, cheios de confiança e força, mas testando ela. Vendo o que ela ia fazer. — Poderíamos falar o dia todo sobre magnetismo, polos e do princípio de exclusão de Pauli e o efeito de vidro de spin, ou eu poderia simplesmente fazer algo sobre isso.

Ela levantou-se na ponta dos pés e beijou-o. O segundo que seus lábios se encontraram, ela sentiu seus músculos tensos ficarem soltos, e ela quase podia sentir o alívio passando por ele. E a risada que vibrou contra os lábios dela vinda dos dele. — Eu adoro quando você fala sujo — ele disse, e, em seguida, a tensão estava de volta em seus músculos, mas era do tipo boa, e ele a pegou e caiu para trás, na cama bem feita de Pete, que saltou e chiou em protesto. Claire soltou uma explosão de risos surpresos também, e montou nele para se inclinar e beijá-lo novamente, profundamente, docemente, com um núcleo de calor que nunca deixou de chamuscar, mas nunca queimava. Não era que ela tinha esquecido o quão incrível isso era, mas que o seu corpo tinha deliberadamente escondido a memória disso para protegê-la do desejo, e agora todas essas terminações nervosas estavam acordadas, lembrando-se, e desejando novamente. As grandes mãos dele seguravam os ombros dela, então deslizaram-se para acariciar o rosto quente dela, e quando ela abriu seu moletom e puxou sua camisa, ele estremeceu e arqueou-se contra ela. Ele soltou um suspiro quando as próprias mãos dela se moviam ao longo do seu abdômen e até o peito dele. A pele dele parecia incrível — suave e quente como cetim contra as palmas das mãos dela.

Ele enganchou um dedo na gola da blusa dela, justamente onde os botões começavam, e quando ela se sentou, ele disse: — Se importa se eu te ajudar com isso? Porque eu acho que eu preciso ver o que você está vestindo por baixo.





Ela sorriu e moveu a mão dele, e desabotoou o primeiro botão. — Aqui — ela disse. — Que tal?

— Eu acho que eu preciso de pelo menos... quantos botões você tem? Mais seis.

Ela mordeu suavemente o lábio inferior cheio dele. — Só se você tirar a camisa.

Ele sentou-se como se tivesse sido atingido por um marcador de gado, e o capuz e a camisa saíram tão rápido que ela teve medo que ele tivesse distendido um músculo. Oh Deus, ele era adorável; mesmo com as contusões, que a fez doer por dentro, ele era tão incrivelmente lindo. Ele fez sua respiração parar em sua garganta. Assim como a luz radiante em seus olhos quando ele se acomodou para baixo sobre as almofadas.

— Sua vez — ele disse, e pôs as mãos atrás da cabeça. — Seis botões.

— Cinco?

— Só se você não quiser manter esse último na camisa.

Ela sorriu, e começou a desabotoar. Um de cada vez, lentamente, olhando o fogo intensificar em seus olhos, sentindo seu corpo tenso sob o dela, mesmo quando ele tentou parecer completamente relaxado.

O ar frio beijou seus ombros enquanto ela tirava a blusa. — Bonito — ele disse. Sua voz soava diferente agora, baixa e áspera como uma língua de um gato. — Eu acho que eu tenho que ver se esse sutiã tem um conjunto combinado de calcinha.

Tinha.

Ela não continuou com ela por muito tempo, no entanto.



Deitada, sonolenta e quente nos braços de Shane, Claire não podia imaginar como ela se afastou dele. Disso. Ela tinha tido muitas discussões francas com Eve sobre as coisas mais mundanas sobre sexo, sobre o que poderia ser bom e ruim nele. O pior, Eve sempre tinha dito, era quando o cara só estava em busca de suas próprias emoções e tratava a menina como uma boneca descartável. Sinal claro de uma relação que não ia a lugar nenhum.

Shane não era assim, nem um pouco. Era uma colaboração e uma parceria, e ele deixava os sentimentos dela alegres, satisfeitos e absolutamente, absolutamente calmos. Eles tinham muito com o que se preocupar, mas não com isso. Não entre eles. Ela fez um som sonolento, feliz e se apertou mais para perto dele; seus braços estavam em volta da cintura dela, e ele puxou um cobertor quente e grosso que estava pressionado contra as costas dela. Em







algum momento durante a tarde eles conseguiram puxar as cobertas sobre eles, o que foi bom, porque suas roupas estavam em algum lugar espalhadas pelo chão em ordem totalmente aleatória.

Shane beijou as costas do pescoço dela, causando nela um arrepio satisfeito. — Eu senti a sua falta — ele sussurrou.

Ela riu um pouco. — Eu percebi. Aquela primeira vez foi um pouco rápida.

Ele gemeu. — Você estava me matando.

— Só um pouco. A segunda foi muito melhor.

Ele lambeu a orelha dela, o que a fez soltar um pequeno grito de protesto, e ela virou-se para encará-lo. Ele apoiou-se num cotovelo, olhando para ela. Seu cabelo estava uma bagunça, e ela empurrou-o para fora de seus olhos. — Eu te amo.

— Eu sei. — Ele pegou a mão dela na sua, e beijou a palma da mão; seus lábios estavam quentes, úmidos e macios em sua pele. — E eu te desapontei. Eu sei disso. Eu não estou dizendo que não vou cometer erros; eu vou. Mas eu prometo que eu não vou cometer esse em particular novamente.

— Justo — ela disse. — Eu cometi muitos erros também, você sabe.

— Você quer dizer quais além de se envolver comigo?

Ela balançou a cabeça e o beijou. Era um beijo preguiçoso e sonolento desta vez, cheio de doçura e alegria. — Eu gostaria que fosse desse jeito. Só isso. Assim o tempo todo.

— A vida não é assim que funciona, você sabe disso.

— E se fosse?

— Nós estaríamos vivendo em uma caixa de papelão e morrendo de fome?

— Uau, você realmente sabe como mandar a tensão sexual para longe, não é?

— É um dom. — Os dedos de Shane acariciaram as suas costas, depois para cima, em um padrão aleatório. — Nós provavelmente deveríamos nos levantar e fazer algum jantar. Além disso, eu acho que devemos lavar os lençóis antes de Pete voltar. Parece que isso faz parte das boas maneiras.

— Estou espantada que você tenha até mesmo pensado nisso.

— Eu estou no meu melhor comportamento.

— Hum, eu poderia facilmente argumentar com isso. Oh... — Ela prendeu a respiração, de repente, porque ele tentou provar que estava certo. Ele beijou seu ombro, então seu pescoço, em seguida, sua boca, e então a paz preguiçosa se tornou intensa novamente, por um tempo. Desta vez, porém, eles estavam realmente exaustos, e levou pelo menos mais meia hora de sono murmurando um ao outro antes de Claire finalmente conseguir convencê-lo a levantar-se,





vestir-se e ajudá-la a tirar os lençóis e fronhas da cama. Pete tinha uma daquelas pequenas máquinas lavadora/secadora escondida no canto, e ela colocou tudo dentro com sabão, em seguida tomou banho e deixou seu cabelo molhado enquanto Shane se espremia para dentro depois que ela saiu. Não havia espaço para os dois, o que provavelmente era bom, considerando o quão dolorido seus músculos estavam. Um bom tipo de dor, mas ainda assim.

Eles estavam ambos vestidos, por pouco, quando a porta sacudiu, a fechadura virou, e Pete entrou. Ele virou o ferrolho atrás dele, e parou no final do corredor. Claire e Shane estavam sentados inocentemente no sofá; ela estava lendo um dos livros de Pete, um clássico de ficção científica de Isaac Asimov que ela tinha procurado, e Shane estava passando os canais na TV.

Pete disse: — Por que os lençóis estão fora da minha cama?

— Só estou tentar ajudá-lo, fazer um pouco de trabalho doméstico — Shane disse suavemente. — Ei cara. Obrigado por nos deixar ficar por um tempo.

— Se *por um tempo* você quer dizer *até de madrugada*, então sim, é um prazer — Pete disse. — Você é um cara agitado. Eu não estou falando apenas dos policiais. Os caras com uma vestimenta assustadora, você conhece eles, Claire. Você já os viu antes. Eles estavam procurando por você, e eles vieram à procura de Shane também. O que quer que você está metido, é bem sério. E quanto a minha cama, você dois...?

— Olhe pelo lado bom, nós lavamos — Shane. — Se fosse no sofá...

— É por isso que eu odeio hóspedes — Pete disse. — Então. Pizza, ok?

Ambos assentiram. Claire disse: — Eu sinto muito sobre a cama, Pete. Obrigada.

— Eu só estou brincando com vocês. Inferno, essa é a maior diversão que essa cama viu há anos. Se você está prestes a perguntar se eu soube de Jesse, não, eu não soube. Ela nunca apareceu para o turno dela, o que irritou Mick pra caramba, acredite em mim; ele já está estressado o suficiente com você e a grande bolsa divertida com armas ilegais que você estava mantendo na propriedade dele, Shane. Por que diabos você não me contou sobre isso?

— O que você teria feito?

— Diria a Mick.

— É por isso que eu não lhe disse. Olha, cara, não é que eu seja algum maluco com uma coleção de armas; tudo o que tenho lá vai manter a mim e Claire seguros do que você já sabe que está lá fora.

Pete não era estúpido, e seus olhos se estreitaram e ficaram duros e escuros quando ele pegou o celular. — Jesse não é o problema aqui.





— Jesse é uma vampira. Querendo ou não ela é problema, ela é a prova de que pode haver outros aqui fora que não são tão bem comportados. Você saiu com ela... você sabe o quão perigosa ela pode ser. Certo?

— Ela é uma das pessoas menos perigosas que eu conheço, porque ela faz exatamente o que ela deveria fazer, o tempo todo. Ela nunca perdeu o controle de si mesma, nem sequer uma vez. Eu não posso dizer isso de um monte de seres humanos. — Ele levantou um dedo para fazer uma pausa na conversa, e pediu uma pizza. Ele não perguntou o que eles queriam, o que Claire achava que era provavelmente justo; eles tinham abusado de sua hospitalidade um pouco, embora ele provavelmente não esperava outra coisa. Assim que ele desligou, ele foi direto de volta ao assunto. — Eu juro por Deus, se os seus problemas arrastá-la para qualquer tipo de problema sério, a surra que você levou ontem à noite vai ser um tapinha de amor, e eu vou usar seu crânio como um disco de hóquei.

Shane considerou isso por um segundo em silêncio. Claire sabia que ele levou Pete a sério, apesar das diferenças em suas alturas. Seja qual fosse as habilidades de combate que Pete tinha, claramente Shane tinha visto elas e as respeitava. — Entendido — ele disse. — Mas eu não acho que nada disso é culpa de Claire. Parece que Jesse se meteu com a Dra. Anderson, e a parte do governo está vindo de lá. Os policiais, eu não tenho nenhuma ideia. Eu não violei nenhuma lei.

— Ela violou — Pete disse, e apontou para Claire. — Eles estão dizendo que você pode ter matado a sua companheira de quarto. E que Shane ajudou você. E, a propósito, as suas armas escondidas não fazem você parecer menos culpado disso.

— Eu não matei ninguém — Claire disse. — Liz foi sequestrada. Shane viu. E Jesse está tentando rastrear a van. Olha, Shane tem fotos.

Shane pegou o seu celular e procurou pelas fotos, e Pete olhou para elas. Ele parecia aceitar isso, pelo menos; ele entregou-o de volta sem fazer comentários, exceto um aceno de cabeça. Em seguida, ele entrou na cozinha e saiu com pratos de plástico. — Cerveja? — ele perguntou. — Eu não vou dar o cardápio para vocês. Esse não é o meu trabalho.

— Eu quero uma — Shane disse assim que Claire disse que não; não era que ela era algum tipo de anti-álcool, ela simplesmente não gostava de cerveja em geral. Pete trouxe uma Coca-Cola em vez disso, e em seguida, ele se sentou na pequena poltrona ao lado do sofá. Todos eles assistiram a TV cintilar em silêncio, um substituto frio de um incêndio e, finalmente, Shane disse: — Então, eu acho que vocês dois já se conhecem, mas Pete, essa é Claire, a minha...





— Noiva — Claire disse. Ela não tinha certeza porquê ela se sentiu compelida a dizer isso agora, de todos os momentos e lugares, mas ela disse. Shane virou a cabeça e olhou para ela, e a surpresa (e prazer) em seu rosto a fez sorrir. — Ei, você me pediu, lembra? E eu disse sim? Meses atrás. Eu apenas achei que talvez fosse a hora de começar a dizer.

— Noiva — Shane repetiu. — Tipo, eu vou me casar com ela.

— É mesmo? — Pete perguntou. — Parabéns. Quando?

— Nós não falamos sobre isso ainda — Claire disse. — Em breve?

— Em breve — Shane concordou. Seus dedos entrelaçados, e ele se aproximou dela no sofá. — Claro, isso poderia ser um romance de cadeia se não formos cuidadosos. E isso seria um saco. Nós já fizemos isso várias vezes. Eu dentro de uma prisão, você fora...

— Bem, para variar, talvez fosse melhor eu dentro da prisão dessa vez, e você fora para descobrir como me libertar. Embora eu esteja com medo da loucura que você poderia fazer para conseguir.

— Isso poderia envolver atividade ilegal, sim — Shane disse. — Eu não me importaria nem mesmo em acabar na prisão com você, mas eles provavelmente nos separariam. E isso não seria o que eu tinha em mente. Eu acho que a nossa única opção é ficar fora da jaula, então.

— Eu acho que isso é um bom plano — ela concordou. — Você recebeu alguma coisa de Jesse, Pete?

— Eu recebi uma mensagem, ela disse que estava seguindo uma pista. Só isso. Eu estava esperando que ela viesse aqui em breve... ela geralmente só aparece sem aviso prévio. Parece que os vampiros de verdade não respeitam a privacidade pessoal.

A máquina de lavar tocou avisando que o ciclo foi completado, e Claire levantou-se rapidamente e carregou os lençóis molhados para a secadora. Parecia o mínimo que ela podia fazer. Pete e Shane não conversaram. Não era como Shane e Michael, que tinham uma conexão fácil e quase inconsciente, sendo que nenhum deles realmente tinham que pensar muito; Shane tinha que analisar Pete, tentar descobrir o que ele realmente queria dizer e sentir. Talvez essa conexão fosse se desenvolver ao longo do tempo, mas por agora, Pete apenas pareceu um pouco cauteloso e cuidadoso.

Talvez fosse apenas o jeito dele.

Houve uma batida na porta da frente, e Pete foi até ela. Shane levantou-se também, franzindo a testa. — Isso foi muito rápido para ser a pizza — ele disse. Pete balançou a cabeça sem parar; ele tinha um taco de beisebol escondido nas sombras perto da porta, e ele pegou o pedaço de madeira em seu caminho. Em seguida, ele verificou o olho mágico.





— É a polícia? — Claire perguntou. Ela sentiu um pouco de falta de ar, de repente, porque se fosse, não parecia ter uma maneira fácil de sair deste lugar. Protegido, mas com refúgio limitado. E eles não podiam lutar para forçar a saída, não contra policiais humanos regulares. Seria errado em todos os sentidos, mesmo que eles não fossem culpados.

— Não — Pete disse. Havia uma tensão estranha em sua voz, e ele afastou-se da porta, abriu-a e disse: — Entre, rápido.

Aconteceu rápido — um segundo ele estava parado sozinho na soleira da porta, e no próximo... no próximo, havia três pessoas que se aglomeraram no corredor com ele. Dois carregando uma terceira pessoa mole e talvez inconsciente.

Quando Pete fechou e trancou a porta, Claire se aproximou. Assim como Shane.

E Eve soltou um pequeno som estrangulado que era metade grito de alegria, metade soluço.

Ela e Jesse estavam apoiando o peso morto de um Michael Glass pálido e muito parado.

Com uma estaca de madeira em seu coração.



— Cristo, aquele cara está morto? — Pete deixou escapar quando viu a estaca. Shane ignorou, pegou Michael pelos ombros, e ajudou Jesse a levá-lo até o sofá. Eve os seguiu, e Claire abraçou-a com força quando ela parou para tentar recuperar o fôlego. Ela estava tremendo toda.

— Ele está bem — Claire disse, e esfregou suas costas. — Eve, está tudo bem, vai ficar tudo bem...

— Tire — Shane virou-se para Jesse, que tinha se agachado ao lado do sofá para olhar para a estaca no peito de Michael. — Vá logo, ele é muito jovem, isso realmente pode machucá-lo.

— Pare! Não toque. Está com mola — Jesse disse, e apontou para um símbolo queimado na lateral da madeira. — Eu conheço essa marca. É um sinal do inventário da Fundação Daylight. Essa estaca tem uma carga útil de prata embutida. Se você tentar removê-la, ela vai inundar o coração dele com prata. Isso vai matá-lo.

Shane tinha estendido a mão para a estaca, mas agora ele se afastou com os olhos apertados e fervendo de raiva. — O que diabos é a Fundação Daylight?





— Confie em mim, ninguém que você queira se meter — Jesse disse. — Tem um método para desarmar essa coisa, mas temos de ter muito cuidado. Eu tenho alguma experiência. Deixe-me lidar com isso.

— O que diabos aconteceu lá fora? — Shane perguntou. Ninguém respondeu a ele, nem mesmo Eve; ela estava olhando para Michael, para o seu rosto pálido. Claire se agarrou a ela, porque parecia que, depois de ter feito o esforço obstinado de manter Michael em segurança, Eve tinha perdido completamente todas as suas forças para manter-se na posição vertical. Ela não estava chorando. Ela não estava fazendo nada, exceto... esperando, com uma espécie de paciência fatal e desesperada. O anel de casamento rubi brilhava e tremia em sua mão esquerda cerrada. — Claire. *Claire*. Vá verificar a porta, certifique-se de que ninguém veio atrás deles.

Ela não queria deixar Eve, mas ele estava certo; era importante. Pete parecia preso ao chão, olhando para o segundo vampiro completamente inesperado em sua sala de estar; ele parecia estar repensando toda a sua estratégia de vida naquele exato momento.

— Vá — Eve sussurrou. — Eu estou bem. — Ela se manteve em pé sozinha, de alguma forma, e Claire apertou seu braço e correu para a porta para olhar pelo olho mágico.

Havia um poste convenientemente situado do lado de fora que lançava um brilho forte sobre a calçada, que parecia deserta, exceto pelo carro de Jesse estacionado do outro lado da rua. O olho mágico não oferecia muita visão para os lados, mas Claire estava certa de que tudo estava calmo. Ela virou-se e deu um sinal de polegares para cima para Shane, que assentiu com a cabeça e olhou para Michael novamente com um silêncio tenso e desesperado.

Então a porta atrás das costas de Claire vibrou sob uma batida muito forte e súbita. *Muito* forte. Claire gritou e se virou para olhar pelo olho mágico de novo, e viu um rosto pálido sob um punhado de cabelo preto descontrolado pelo vento. Nenhum ser humano era naturalmente pálido assim.

Ela abriu-o e disse: — Entre, rápido! — Porque era Myrnin... e por trás dele, Oliver.

Os dois vampiros entraram em uma corrida de ar deslocado, e Oliver rapidamente fechou e trancou a porta novamente. Ele se inclinou contra a porta, parecendo cansado — estranhamente — e Claire teve a chance de pensar, *Por que Oliver está aqui?* Porque mesmo que ele tenha sido exilado de Morganville por Amelie, ela não achava que ele tinha qualquer razão para estar bisbilhotando esta parte do país. Oliver parecia esfarrapado também — e vestido com jeans azuis sujos com óleo desgastados, uma camisa frouxa e desbotada com algum tipo de design de lobo nele, e seu cabelo encaracolado







e longo ruivo em um rabo de cavalo frouxo e desleixado na parte de trás. Não parecia ter sido lavado recentemente. Nem ele mesmo.

E Myrnin... bem, pelo menos ele não estava se vestido pior do que normalmente, mas ele parecia muito pálido, e não mais limpo do que Oliver. Ambos tinham viajado muito, ela imaginou, embora os vampiros realmente não cheirassem ruim, a menos que eles entrassem em contato com coisas que cheirassem. Pelo fedor em torno deles dois, eles tinham estado em torno de lixo podre por um tempo.

Myrnin olhou para ela por alguns longos segundos, em seguida, afastou o seu cabelo desordenado para trás de seu rosto, e disse: — Eles não pegaram você, então. Mas eles pegaram *aquilo*?

— *Aquilo*? O que significa isso? — Claire perguntou. Ele não respondeu. Ele apenas abraçou-a, de repente e violentamente, e antes que ela pudesse fazer um som de surpresa ele já tinha se afastado. Era como ser abraçada por um boneco de neve, apenas menos... úmido. E mais desagradavelmente perfumado.

Oliver disse: — Nós fomos ver Irene Anderson. Myrnin tem um bom relacionamento com ela, mesmo agora. No entanto, ela foi... inútil. Ela não tinha ideia de onde você tinha ido, só que você tinha pego o dispositivo do laboratório dela.

— Eu... espera, o quê? Eu não peguei nada!

— Oh — Myrnin disse, e voltou para ela de onde ele estava ao lado de Eve. — Oh, isto é uma má notícia. Porque se você não pegou, alguém pegou. Alguém com acesso ao laboratório, já que eu, pessoalmente, analisei os registros.

Myrnin parecia... são. Apesar do cabelo emaranhado, as roupas de estilo sujas de sem-teto, o cheiro de lixo e o cheiro de coisas muito piores. Ele parecia tenso, preocupado e paranoico, mas *não* louco.

Então, as coisas estavam muito, muito ruins. Claire às vezes pensava nele como apenas recreativamente louco; quando as coisas estavam entre a vida e a morte, seu chefe (e amigo) parecia fazer um esforço centralizado para ver as coisas com uma precisão fria. Ele pagava por isso depois, mas ela nunca tinha sido menos do que grata a ele por fazer o esforço.

— Você está dizendo que alguém invadiu o laboratório da Dra. Anderson e pegou o VLAD.

Ele levantou as sobrancelhas. — VLAD?

— O dispositivo. Dispositivo de Nivelamento de Ajustamento de Vampiro. — Ela percebeu, tardiamente, que Oliver, que não era decididamente do seu círculo íntimo de pessoas que ela confiava, estava







ouvindo, mas ele se absteve de comentários. Sua atenção estava fixada em Michael, como se ele realmente se importasse.

Que, conhecendo Oliver, na verdade ele se importava, porém sem sombra de dúvidas ele negaria.

Ela tinha quase certeza de que Myrnin iria enlouquecer por ela nomear o seu projeto de estimação com o nome de um vampiro famoso – Vlad Tepes, comumente pensado para ser a inspiração histórica para o Conde Drácula – mas ele só balançou a cabeça em impaciência. – Temos de ir, e rapidamente. Não podemos ficar aqui – Myrnin disse. – Oliver e eu estamos sendo caçados.

– Quem?

– Por quem, minha querida garota, *por quem*, gramática realmente desceu até o fundo...

– Myrnin!

– Eu não tenho ideia. – Seu tom era estável, e havia perigosas chamas de vermelho em seus olhos. – Quando eu descobrir, farei um ajuste de contas por Michael.

– Ele levou a flecha disparada para mim – Oliver disse. – Estúpido. Eu provavelmente poderia ter evitado isso se ele tivesse me dado a chance.

Isso fez Eve girar e encará-lo com um olhar incandescente. – Provavelmente? *Provavelmente?* Seu imbecil, ele salvou a sua vida!

Normalmente, ter um humano usando esse tom com ele teria feito Oliver rosnar, mostrar presas e “lhe ensinar uma lição”... mas ele não fez nada disso. Ele só olhou para longe, e Eve o olhou por um momento antes de se ajoelhar ao lado de Michael e pegar a sua mão pálida e frouxa na dela.

– Ele está com frio – ela disse a Jesse. – Por favor, se você vai fazer alguma coisa...

– Eu estou pensando – Jesse retrucou. – Fique *tranquila*, todos vocês. Eu já vi isso duas vezes antes.

– O que aconteceu? – Shane perguntou. – Das outras duas vezes?

Ela não respondeu, o que significava, Claire pensou com um calafrio, que os vampiros que tinham tido aquelas estacas em seus corações provavelmente não sobreviveram.

Jesse finalmente disse: – Certo. Não tem nenhuma forma segura de desarmá-la. Oliver, eu preciso de você.

Ele não se moveu até que ela virou a cabeça, franzindo a testa para ele, e, em seguida, moveu-se para o lado de Michael. – Sim?

– Você é mais rápido e mais forte do que eu – Jesse disse. Ela não disse isso como um elogio, apenas uma simples declaração de fato. – Eu preciso de você para puxar essa estaca para fora, em linha reta e tão rápido quanto você





puder. Eu vou colocar a minha mão sobre o ferimento no caso de a prata disparar; eu posso ser capaz de impedir que ela entre na corrente sanguínea dele.

— Ao custo de sua mão — ele declarou.

— Não tem outra escolha — Jesse disse. — Eu sou velha o suficiente. Eu posso sobreviver. Os Daylighters não me mataram ainda.

Claire prendeu a respiração quando Oliver balançou a cabeça, estendeu a mão e segurou a estaca. Ele prendeu o seu olhar com o de Jesse, e ela começou a contar. *Três, dois, um.*

No *um*, Oliver se moveu em um borrão, mais rápido do que o olho humano poderia capturar, e a mão de Jesse deu um tapa no lugar, cobrindo a ferida ainda aberta quando a estaca de madeira se soltou. Ou, pelo menos, era o que Claire tinha presumido que aconteceu, porque ela não chegou a *ver*, apenas a mão de Jesse no peito de Michael, e a estaca se movendo em uma velocidade de bala e quebrando na parede de tijolo ao longe.

Ela salpicou com líquido prata por toda a parede.

Jesse não se moveu, embora ela fez um som — um pequeno, na parte de trás de sua garganta. E, em seguida, Claire percebeu porquê.

A mão dela estava coberta de prata. Gotejando com ela. E ela não podia se mover até que a ferida de Michael se curasse, ou ele seria envenenado, e em sua pouca idade, provavelmente morreria rapidamente.

Sua mão estava queimando. Crepitando. Claire colocou a mão sobre a boca para segurar as náuseas quando ela viu pele corroer e os tendões aparecerem embaixo, e Jesse ainda estava sentada muito quieta, imóvel e pálida como uma estátua de mármore.

— Eu acho que fechou — Jesse finalmente sussurrou, e só... desmaiou. Oliver se moveu, mas — surpreendentemente, Claire pensou — Myrnin já estava lá, agarrando-a quando ela caiu para trás e deitando-a no tapete colorido em baixo.

Eve se jogou para a frente e freneticamente verificou o peito pálido de Michael por qualquer sinal de machucado. — Ele está bem — ela disse. — Michael? *Michael!*

Ele abriu os olhos azuis, piscou e disse: — Eve? — Sua voz estava surpreendentemente fraca, mas ele estava vivo.

Myrnin tateou nos bolsos de seu casaco grande demais — havia um monte de bolsos, alguns oscilando soltos — e tirou um pequeno frasco de pó com tampa. Ele apoiou a cabeça e os ombros de Jesse em seus joelhos quando ele puxou a tampa com os dentes e esvaziou o pó sobre a sua mão queimando.





Ela gritou e arqueou-se para o ar, e ele agarrou ela enquanto ela se contorcia e lutava. — Calma, moça, calma, isso vai parar, a dor vai parar, isso irá parar a prata e curar a sua ferida, embora as cicatrizes possam levar algum tempo... calma, Senhorita Grey, fique calma...

*Senhorita Grey?* Ele conhecia Jesse — bem, é claro que ele conheceria, não é? Porque ela tinha sido enviada por Amelie de Morganville para começar. Mesmo assim. Claire piscou, porque ela nunca tinha visto Myrnin agir tão... gentil. Ou tão formal. E Jesse soltou um suspiro longo, tremeu e sorriu para ele. Tudo o que ele tinha dado a ela tinha funcionado. O machucado ainda era bastante grave, mas pelo sorriso, e pela forma que sua vitalidade foi aumentando de segundo a segundo, a dor foi diminuindo. Myrnin colocou a mão na bochecha dela com uma pequena carícia reconfortante — algo que Claire não conseguia se lembrar dele fazendo antes. Não desse jeito.

— Bem — Jesse disse, com uma alegria em sua voz que não tinha estado lá antes. — É um dia doce e raro trazer você para fora da sua caverna, pequena aranha.

— E um mais raro ainda ver você abatida, Senhorita Grey. Um ato corajoso. Muito valente.

— Tolice se o menino não sobrevivesse — ela disse. — Oh, não se incomode, deixe a minha mão para lá. A prata ainda está fazendo arder, mas vai passar. Estou muito velha para que ela faça muito mais danos.

— Você não parece nem um dia a mais do que mil — Myrnin disse. Meu Deus, Claire pensou. Ele estava realmente *flertando*? Bem, se ele estava, ela não poderia culpá-lo. Jesse era... meio que estonteante.

Michael estava tentando sentar-se no sofá, algo que Shane e Eve estavam tentando impedir; Claire se juntou a eles, e quando se tornou claro que “não” não era uma opção viável, ela ajudou a sustentá-lo de pé. — Ei — ela disse a ele, — você não deveria *parar* de causar problemas, e não estar muito no meio deles?

— Não deu muito certo — Michael disse, e tossiu. Tinha um som assustadoramente estranho. Eve pegou um punhado de tecidos de uma caixa na mesa de café, e quando ele parou de tossir e tirou a mão para longe de sua boca, elas estavam sujas de sangue fresco e vermelho. Mas ele parecia estar se sentindo melhor. — Eu acho que eu cheguei o mais próximo da morte.

— Praticamente — Shane concordou. — Você já ouviu falar de alguém colocando um injetor de prata dentro de uma estaca antes?

— Nunca — Michael disse, — mas parece que é uma ótima maldita ideia, exceto quando está no meu peito.

— Sim, é isso que eu estava pensando. — Shane apertou o seu ombro e se agachou ao nível dos seus olhos. — Você está bem, mano?





— Eu estou bem. E é bom ver que você manteve a tradição de levar uma surra mesmo quando você está em um bom lugar civilizado.

— Não foi minha culpa.

Michael apenas balançou a cabeça. Ele ainda parecia muito pálido, e seus olhos estavam vermelhos. Ele estava segurando a mão de Eve, e ele puxou-a, trazendo-a para sussurrar em seu ouvido. Ela assentiu com a cabeça e se virou para Pete — que ainda estava de pé exatamente onde ele estava, parecendo totalmente pasmo pelo que tinha acontecido. Como ele deveria estar, Claire pensou. Ele tinha estado preocupado com os lençóis sujos de sexo, e de repente havia vampiros feridos e uma grande sujeira de prata escorrendo em sua parede de tijolos. Mesmo para alguém que tinha conhecido Jesse, este súbito ataque de mortos-vivos podia ser um pouco difícil de lidar.

— Com licença — Eve disse a ele. — Você tem algum, ah, sangue? Em bolsas?

Pete deu-lhe um olhar vazio, e, finalmente, apenas se virou e caminhou até a poltrona. Sentou-se, pôs a cabeça entre as mãos e se desligou da realidade atual.

— Acho que isso foi um não — Eve disse. — Tudo bem. Desculpe, pessoal, mas ele precisa se alimentar, e eu vou ser a voluntária de uma veia. Então, se vocês tiverem escrúpulos, virem-se.

Claire se virou, não tanto porque ela ficava enjoada com a visão de sangue, mas porque parecia desconfortavelmente íntimo para ela. Shane virou-se também, e deu uma olhada ao redor da sala. Oliver estava examinando os restos da estaca de madeira, embora ele estivesse tendo muito cuidado para não tocar qualquer um dos restantes de prata vazando para fora dela. Myrnin e Jesse pareciam estar muito aconchegantes. — Bem — Shane disse, — pelo menos nós não estamos sozinhos nessa fuga mais. Aparentemente, a polícia pode ser a menor das nossas preocupações no momento. — Ele colocou o braço em volta da cintura dela e puxou-a para mais perto, e ela foi voluntariamente. — Você está bem?

— Tudo bem — ela disse, e estremeceu. — Isso foi repentino. E intenso.

— Eu acho que Pete está com uma enxaqueca. E eu não tenho certeza se a prata vai sair do tapete dele, tampouco.

Jesse tinha se levantado antes de ele terminar a frase, e ela caminhou para o pequeno banheiro e voltou em um segundo com um grosso rolo de atadura de gaze. Ela levou-o até Myrnin e estendeu-o com as sobrancelhas levantadas. — Você se importa? — ela perguntou a ele.

Ele curvou-se um pouco, tirou a gaze, e segurou a sua mão firmemente enquanto envolvia as bandagens. Ele era bom nisso, Claire percebeu; ele





definitivamente tinha muita prática com tratamento de lesões, e para isso, não importava se era um vampiro ou humano. As bandagens eram todas as mesmas. Ele rasgou uma das extremidades da gaze em duas, envolveu-a confortavelmente e amarrou-a; o que, Claire tinha certeza, veio de experiência de eras onde coisas como fita adesiva ainda não haviam sido inventadas. Uma vez que estava pronto, ele alisou as ataduras e sua mão permaneceu sobre a dela.

Jesse deu-lhe um sorriso lento e brilhante, e as bochechas pálidas de Myrnin ficaram vermelhas, apenas um pouco. Ele soltou ela. — Bem melhor — ele disse. — Minha senhora.

— Meu senhor — ela disse, e fez uma bela reverência, considerando que ela estava usando calça jeans e uma camisa decotada de malha preta. A trança vermelha escura balançou para a frente sobre o seu ombro como uma corda grossa, e quando ela olhou para cima através de seus cílios para ele, Claire pensou que Jesse tinha provavelmente praticado a arte de flertar por pelo menos algumas centenas de anos. Pobre Myrnin.

Ele foi definitivamente superado, e estava muito sem prática porque ele limpou a garganta e virou as costas para ela — não o fim mais gracioso para essa conversa — e disse: — Claire. Venha comigo.

Ela moveu-se automaticamente para segui-lo enquanto se dirigia para a cozinha, mas Shane não a soltou; seu agarre forte a puxou para uma parada, e Claire olhou para ele, franzindo a testa.

— Eu vou ficar bem — ela disse. O que ela viu em seu rosto não era ciúme, ou preocupação, ou qualquer coisa assim; era cuidado, puro e simples. Isso tudo era descontroladamente estranho hoje. Ela entendeu exatamente como ele se sentia, querendo desacelerar as coisas e torná-las um pouco mais compreensíveis. — Deixe-me falar com ele e ver se eu posso colocar sentido em tudo isso.

— Você vai falar com Myrnin — Shane disse. — Eu acho que isso é pedir demais. — Mas ele a soltou, e ela seguiu o seu amigo, seu chefe e sua dor de cabeça para a pequena área da cozinha. Ela olhou para Michael e Eve quando ela fez isso; ele tinha terminado de beber do pulso de Eve, e estava usando a gaze de Jesse que tinha sobrado para usar como um curativo limpo ao redor da pequena ferida. O olhar em seus olhos enquanto ele observava o rosto de Eve era vulnerável, grato e muito mais do que um pouco desolador.

Qualquer um que acreditasse que os vampiros não podiam sentir como as pessoas vivas nunca tinha conhecido Michael Glass.

Eles foram o mais longe dos outros quanto possível, dentro das paredes do pequeno apartamento de Pete, e Claire tentou colocar pelo menos alguns





centímetros entre ela e Myrnin. Eca. Por onde ele tinha andado, pelo depósito de lixo da cidade? Mas ficou claro que a higiene não era o maior problema dele no momento pela intensidade do fogo de seu olhar sobre ela. — Você e Irene — Myrnin começou. — O que vocês têm feito?

Claire foi pega de surpresa, porque ela não esperava que ele a acusasse assim. — Nada! — ela disse, e cruzou os braços sobre o peito. Ela sabia que parecia defensiva, e ela não se importava. — Você que me disse para trabalhar com ela, Myrnin, por isso não me culpe se algo deu errado em tudo isso. Eu só queria vir para a faculdade!

— E isso está funcionando tão bem! — ele disse. — Eu confiei em Irene cegamente. Ela tem sido a minha representante aqui no mundo por algum tempo, e ela ajudou a esconder a nossa verdadeira natureza daqueles que vêm à procura.

— Como o governo?

Myrnin não respondeu. Ele não podia ficar parado, e agora ele parou de se mover desconfortavelmente de um pé para o outro para se mover em direção ao balcão e inquietamente abrir e fechar as gavetas. Claire teve um vislumbre de lixo em uma, garfos e colheres em outra. Ele não estava procurando por nada, ele só precisava se mover. — Irene sempre teve laços com o governo federal — ele disse. — Mas isso nunca nos preocupou diretamente, até recentemente.

— Apenas me diga o que aconteceu! O que fez você deixar Morganville e vir até aqui em primeiro lugar? Eu sei que Oliver já estava na estrada — você correu atrás dele, ou ele encontrou você?

— Isso é um grande número de perguntas consecutivas. Oh, olhe, ele tem manteiga de amendoim. Você gosta de manteiga de amendoim?

— Myrnin!

— Mas é crocante... — Ela olhou para ele com frustração inarticulada, e ele colocou o pote de volta na despensa e fechou a porta. Havia alguns braceletes de borracha pendurados na maçaneta, então ele pegou um par para fora e começou a mexer com eles. Isso era bom. Seria uma menor distração, para ambos. — Eu deixei Morganville, porque eu captei uma comunicação que alegava ser capaz de provar, sem qualquer dúvida, a existência de vampiros no mundo.

— Oh, Deus, Myrnin, você encontrou na internet? Porque você não pode acreditar em tudo o que tem lá.

— Eu sei disso! E não, eu não *acreditei*. Não a princípio. Mas não era fã animado de filmes postando para os seus amigos; era um médico, que estava preparando um artigo acadêmico. Foi um alerta do Google, a propósito. — Ele







parecia ridiculamente contente que ele tenha descoberto como configurar um.  
— Ele morava em Boston. Eu senti que tinha que haver alguma razão para tal revelação ser localizada tão perto de Irene, e eu liguei para ela. Ela não me atendeu.

— As pessoas fazem isso às vezes. Isso não quer dizer...

— Eu enviei você para cá, Claire. Eu enviei você até Irene por segurança. E eu estava com medo... Eu tinha medo de que ela pudesse ter nos traído. Talvez até mesmo acidentalmente. Se a história dos vampiros vazar, e for levada a sério, então seria apenas uma questão de tempo antes que a notícia de Morganville se espalhe também. Nós controlamos esse tipo de evento; senão seremos apagados da face da terra. Normalmente Oliver teria despachado agentes para ver isso, mas Oliver estava, ah, indisposto...

— Exilado, você quer dizer.

— Sim, sim, mas eu não podia esperar Amelie decidir quem estava mais preparado para lidar com esta crise. Eu conheço Irene, e eu tinha um bom senso de onde localizar Oliver. Eu pensei que nós dois juntos poderíamos facilmente lidar com as coisas.

— E como foi isso?

Ele estalou um dos braceletes de borracha em um movimento convulsivo, e deixou-o cair no chão. O segundo era mais forte, mas ele estava puxando-o com muita força. — Não... muito bem — ele admitiu. — Eu ainda não consegui localizar este médico que o Google encontrou tão facilmente. O mundo humano é muito mais confuso do que eu me lembro. E Oliver foi terrivelmente não cooperativo. Em seguida, Amelie tentou me levar de volta à Morganville. Foi tudo muito estressante.

Claire suspirou e resistiu ao impulso quase impossivelmente atraente de sacudi-lo. — Diga-me o que aconteceu *hoje*.

Ele piscou para ela e inquieto enfiou o bracelete de borracha em seu pulso. — Oliver e eu tentamos rastrear esse médico em seu escritório, mas ele não estava lá. Oliver entrou em uma briga com alguém que nos chamou de vagabundos desabrigados e tentou cuspir em cima de nós. Eu consegui impedi-lo de fazer qualquer coisa muito tola, mas não foi um momento muito bom para o nosso atormentador, eu receio. E depois fomos para a casa do médico, mas, novamente, ele não estava lá. Eu estava um pouco perdido em como proceder. Geralmente eu não estou acostumado a precisar de tanto empenho. — Ele foi até a pia e girou as torneiras ligando e desligando. Claire teve uma tênue esperança de que ele poderia usar a oportunidade para se lavar, mas, evidentemente, ele não pensou nisso. — Michael nos encontrou assim que estávamos tentando ver Irene; fomos novamente barrados na entrada da







universidade por causa do nosso vestuário e desalinho geral, e ele prometeu nos ajudar a conseguir um quarto de motel onde poderíamos nos lavar. Eve disse que iria conseguir coisas novas para vestirmos.

Isso teria sido interessante. Claire teria pago para ver o que Eve teria comprado para Oliver, ainda mais para Myrnin. Isso seria, no mínimo, uma loucura incrível.

— Eu suponho que as coisas não chegaram tão longe — Claire disse, — já que você ainda está fedido e vestindo trapos.

Myrnin olhou para si mesmo e suspirou. — Me desculpe. A vida pode ser dura. Sim, nós fomos seguidos quando saímos da universidade por homens em algum tipo de veículos grandes. Quando paramos no motel e conseguimos a chave do quarto, fomos atacados sem aviso. Michael conseguiu se colocar no caminho quando o cara com a estaca veio para cima de Oliver, que estava ocupado lutando com outro; não sabíamos imediatamente que a estaca era qualquer coisa além de madeira. Mas Oliver tinha visto algo parecido antes, e me fez parar antes de eu tentar puxá-la para fora. Eu lembrei-me de que a Senhorita Grey estava aqui, vigiando Irene, e eu pedi a ajuda dela. E ela nos trouxe aqui.

— E eles seguiram vocês?

— Não — Myrnin parecia muito certo disso, e Claire se perguntou porquê, por um momento, até que ela entendeu. Eles não teriam deixado ninguém para trás capaz de segui-los. — Mas nós não achamos prudente esperar a polícia chegar. Jesse achou que este seria o lugar mais seguro. Eu não esperava encontrá-la aqui.

— Tem sido uma manhã memorável para nós também — Claire disse. — Minha amiga foi sequestrada, e a polícia acha que Shane e eu temos algo a ver com isso.

— É verdade? Você tem?

— Não! Por que eu teria?

Myrnin deu de ombros. — Eu não sei, mas eu tinha que perguntar. Essa sua amiga, ela tem qualquer conhecimento de vampiros?

— Nem um pouco. Ela não acredita neles. Nem mesmo da forma “talvez seja real” que um monte de universitários parece ter.

— Hmmm. Então, o desaparecimento dela pode não ter nada a ver com a gente, e, portanto, não é nenhuma preocupação.

— Com é? *Nenhuma preocupação?* Ela é minha amiga!

Isso pareceu surpreender Myrnin, que franziu a testa e parou de esticar o elástico como se ela tivesse capturado a sua atenção, pelo menos por um momento. — Nós estamos em perigo, Claire. Perigo muito real. Irene disse que





o dispositivo desapareceu do laboratório dela; alguém com credibilidade real no mundo tem a intenção de produzir provas de vampirismo, talvez isso inclua exemplares reais capturados. Isso são coisas que não podemos permitir, por nossa própria saúde e sobrevivência. Precisamos localizar essas pessoas, detê-las e apagar todo o conhecimento deste evento; quando essas coisas acontecem, elas são como câncer, e deve ser cortada. Você entende?

— Eu entendo que tem mais acontecendo aqui do que apenas o que você está sabendo — ela disse. — A Dra. Anderson tem lidado com alguns espiões assustadores, que, provavelmente não por coincidência, estiveram na minha casa quando eles pensaram que eu não estava lá, à procura de algo que poderia ter sido o VLAD. E então a minha amiga é levada por homens em uma van? Parece que eles foram para um novo patamar, para mim. Talvez isso esteja conectado aos planos de publicação do seu médico.

— Se for, se houver envolvimento do governo em tudo isso, é grave, Claire, grave, de fato.

— Então não é como um câncer.

— Não, ainda é muito parecido com um. Mas eu vou precisar de um bisturi muito maior. — Ela esperava que ele não quisesse dizer isso literalmente; com Myrnin, você nunca poderia ter certeza. — Nada disso importa agora. Temos de sair deste lugar, e encontrar Irene. Ela é exatamente a coisa que os nossos inimigos, se eles pretendem ser os nossos inimigos, vão precisar, um ser humano com um profundo conhecimento de todas as coisas de vampiros. Um com laços com a comunidade e credibilidade. Não podemos deixar que exista a chance de que ela caia em mãos erradas.

A lógica de Myrnin era muitas vezes confusa, mas desta vez parecia que ele tinha acertado em cheio. A Dra. Anderson *era* vulnerável; se tantas peças estavam se movendo no quadro, ela precisava estar segura antes que mais alguma coisa acontecesse. *Antes de resgatar Liz*, uma parte de Claire lamentou, mas ela sabia que não podia ajudar Liz, não imediatamente.

Ocorreu-lhe então em perguntar a Myrnin a questão mais importante. — Qual é o nome do médico? O que tem a prova sobre os vampiros?

— Dr. Patrick Davis — ele disse. — Eu duvido que você saiba algo sobre ele.

— Bem — Claire disse, — você pode estar errado sobre isso.

E ela começou a ver como todas as peças díspares se ajustavam juntas, para formar uma imagem nem um pouco bonita.

Oliver se moveu em direção a eles, e deu uma carraca impaciente a Myrnin. — Se você terminou de fofocar com a sua amiguinha, precisamos deixar este lugar — Oliver disse. — Agora. Aparentemente aquele garoto idiota,





Shane, está metido em problemas com a polícia. Eles certamente vão rastreá-lo mais cedo ou mais tarde, mas eles não são os idiotas completos que desejamos.

— Talvez devêssemos deixar Shane para trás, então — Myrnin disse casualmente. — Iria simplificar consideravelmente os nossos problemas.

— Não! — Claire disse bruscamente. — Deixe-o, e você me deixa. E eu não acho que Eve e Michael vão estar muito felizes com isso, tampouco. Você é bem-vindo para falar isso para eles.

Myrnin olhou como se ele estivesse com a intenção de tentar, mas Oliver parou-o decisivamente. — Nós não vamos deixar ninguém para trás. E Shane sabe muito, se não mais, sobre Morganville que qualquer outra pessoa; não vamos ousar em deixá-lo para trás. Ele seria uma mina de ouro de informações.

— Ele nunca falaria isso — Claire disse.

— Todo mundo falaria — Oliver disse. — A questão é, eles dizem a verdade quando eles falam? Eu não confio na linhagem do menino. Há vislumbres do pai dele nele ainda, e eu não estou certo de que ele não faria isso por um pouco de glória por acabar com Morganville de uma vez por todas em memória de sua família. Então, ele vem com a gente, e não vamos mais falar sobre o assunto.

De repente — e Claire teve de confessar a si mesma que ela tinha esquecido completamente dele — Pete se levantou. Foi um movimento tão súbito que chamou toda a atenção para ele. Ele parecia pálido, tenso e desagradável, e ele disse: — Jesse, eu sei que eu disse que eu estava ok com toda essa merda louca de vampiros, mas isto é demais. O que eu deveria fazer, só... aceitar tudo isso?

— Sim — Jesse disse. Ela parecia gentil sobre isso, mas firme. — Sinto muito, Pete, mas você tem. Eu não quero vê-lo machucado.

— Você acha que poderia me machucar?

— Eu acho que eu não precisaria — ela disse. — E mais uma vez, me desculpe. Venha conosco. Ficar aqui significa que nós vamos deixá-lo vulnerável para as pessoas que nos caçam, e você já viu até onde eles vão. A amiga de Claire, e o atentado contra a vida de Michael... as perguntas deles para você não serão suaves. Se você vir junto, eu vou cuidar de você.

Pete sorriu, de repente. Era uma espécie de sorriso sombrio, mas pelo menos ele tinha algum tipo de relação com o humor. — Eu não costumo conseguir isso de uma menina, você sabe.

— Eu não sou uma garota — Jesse disse, e inclinou uma sobrancelha para cima. — Sou?





— Dificilmente — Myrnin disse. Ele parecia envergonhado no instante seguinte, e caminhou de forma decisiva para a porta da frente. — Avante.

Claire parou ao lado de Eve e Michael, e ela trocou um abraço rápido e caloroso com Eve, e um com Michael também. — Você está se sentindo bem? — ela perguntou a ele. Michael deu-lhe um aceno de cabeça. — Bom o suficiente para prosseguir?

— Eu estou ótimo — ele disse, o que era provavelmente um exagero, como o tipo de coisa que Shane diria. — Shane, cara, quem chutou o seu traseiro por você?

— A sua avó — Shane disse. — Vamos.

Claire tinha realmente esquecido o seu celular até ele tocar — e, em seguida, ela entrou em pânico, porque se a polícia estava à procura dela, um celular era tão bom como uma placa de néon dizendo EU ESTOU AQUI, VENHA ME PRENDER. Ela agarrou ele e verificou a tela e em seguida, atendeu quando o número registrado era desconhecido. — Alô?

Qualquer esperança de que poderia ser um número errado desapareceu quando ela ouviu a respiração rápida e aterrorizada na outra extremidade. — Claire? — Era um sussurro, mas era a voz de Liz. — Claire, você está aí? — A voz da sua amiga era fraca e trêmula, e ela estava claramente com medo de ser ouvida.

— Liz? Liz, estou aqui! Onde você está? — Claire tampou a sua orelha livre quando Shane começou a perguntar a ela alguma coisa, e se afastou de todos eles para se concentrar em ouvir. — Liz, você pode me ouvir?

— Você tem que me pegar, por favor, Claire, por favor, venha me pegar... — A voz de Liz estava calmamente desesperada, e cheia de medo. — Eles me levaram para fora da casa. Derrick tentou detê-los, mas...

— Derrick está com eles?

— Não, não, ele viu e tentou detê-los, mas eles levaram ele para longe e me colocaram no escuro com... com algo que... eu me sinto fraca, eu estou tão tonta, por favor, você tem que vir e me... — Ela começou a chorar, e o coração de Claire se partiu. Havia um desespero tão de garotinha que doía.

— Eu vou — Claire prometeu. — Diga-me onde você está, querida.

— Eu... — Liz respirou profundamente e com força, e por um longo segundo, ela ficou em silêncio. Quando a sua voz voltou, era ainda mais suave, e as palavras correram mais rápido. — Eu peguei o celular de um dos caras que veio me checar, mas eles vão sentir falta dele, eles vão saber... eu estou nos túneis, os túneis de vapor, sob o anexo de armazenamento da biblioteca... oh, Deus, eles estão vindo ... — Essa última parte foi dita em um sussurro ofegante,





e, em seguida, Claire ouviu um grito agudo, e um barulho, e o celular ficou mudo do lado de Liz.

Quando ela se virou, todos eles estavam olhando para ela. Shane, Eve e Pete: os seres humanos. Oliver, Myrnin, Michael e Jesse: os vampiros. À espera de ouvir as novidades.

Ela disse: — Os túneis de armazenamento do anexo da Biblioteca. Agora. Minha amiga está em apuros.

— Você já considerou a possibilidade de que poderia ser uma armadilha planejada?

— Sim — Claire disse. Ela abriu a parte de trás do seu celular e tirou o cartão SIM, que ela segurou. — Se eles entregaram o celular para ela me ligar, eles vão estar acompanhando isso. Eu preciso mantê-lo tão longe de nós quanto possível.

— Um momento — Myrnin disse e, em seguida, a porta estava aberta e ele se foi. Todos olharam um para o outro, esperando, e em outro momento, ele estava de volta novamente. Segurando um pombo muito irritado. Claire estava com medo do que ele pretendia fazer com a pobre criatura, mas ele entregou o pássaro para Eve segurar — ela fez isso no comprimento do braço, fazendo uma careta — e ele pegou a gaze que ele tinha usado para embrulhar a mão de Jesse e usou o resto para embrulhar o cartão SIM em um pequeno embrulho, que ele então amarrou ao redor da perna escamosa do pombo. — Um de nós aprendeu alguma coisa com os anos de se comunicar por pássaros voando. — Ele pegou o pombo e desapareceu do lado de fora novamente, em seguida, voltou com um sorriso de satisfação quando ele limpou as mãos em suas calças. Eca, cocô de pombo. — Ele vai andar milhas para ficar longe de mim.

— Você tem esse efeito sobre as pessoas também — Oliver disse. — Lave as suas mãos.

Myrnin estreitou o olhar para ele, mas Claire murmurou *por favor*, e ele foi lavar, afinal.

Então, sem mais discussões, eles se dirigiram para fora.

Para os túneis.



O sistema de túnel do ITM era bizantino e tradicional; alunos utilizavam os mais amplos para abrigo e viagens durante o inverno severo de Massachusetts, e os hackers de túnel regularmente exploravam e mapeavam eles. Mas, mesmo assim, havia sempre novas áreas a serem encontradas — alguns há muito tempo esquecidas e seladas, como os famosos chuveiros de





tijolos ou o túmulo da escada esquecida. Claire verificou os mapas on-line através do celular emprestado de Michael, mas não encontrou nenhum sinal de um túnel sob o anexo de armazenamento da biblioteca, que estava na borda mais distante do campus... e isso não significava que não havia nenhum. Apenas que tinha sido isolado dos outros.

Resumindo, um lugar ideal para se esconder de alguém, porque, em suas breves visitas aos túneis de vapor, Claire tinha percebido rapidamente que eles eram *barulhentos*. Alguns gritos aleatórios não iriam chamar qualquer atenção especial, mesmo se houvesse alguém por perto para ouvir.

— Não se incomode com este absurdo — Oliver disse, enquanto eles estavam fora do prédio às escuras; já era tarde, e com pouca agitação lá fora. — Falsa precaução gera falha. Venham. — Ele foi direto para a porta, o que Claire estava menos propensa a fazer, mas realmente não havia muita escolha — seguir, ou não, e Oliver tinha a atração por perseguir um rastro como um líder nato.

Jesse, no entanto, tinha o cérebro de estrategista, e ela puxou Pete, Michael e Shane para o lado. — Porta dos fundos, ela disse. — Claire, você, eu e sua amiga... estranha.

— Eve — ambas disseram simultaneamente, e Eve estendeu o punho para ela bater. — Ou, você poderia me chamar de Eve, a Grande Senhora de todas as Opinies. Mas Eve é mais breve.

Jesse sorriu com um sorriso verdadeiro, com os olhos vivos e enrugados. — Muito prazer em conhecê-la, Senhora Eve. Ah, você que se casou com o vampiro, então?

— Eu sou tão famosa?

— Famosa o suficiente entre os mortos-vivos, nós somos fofoqueiros terríveis e antigos. Além disso, nós somos terríveis apostadores, por isso não se surpreenda por ouvir as probabilidades contra vocês dizendo que vocês não completariam um aniversário. Espero que você não se incomode.

— Não muito — Eve disse, — embora eu mesma poderia colocar o meu próprio dinheiro para apostar em mim mesma. Eu gostaria de fazer um pouco de dinheiro com a minha própria sobrevivência para variar.

— Eu acredito que eu poderia gostar de você, menina.

— Eu também, Ruiva. Você não parece uma sugadora com presas tanto quanto alguns dos outros que eu ando. Honestamente, por que vocês vampiros com a aparência jovem parecem velhinhos fofos por dentro, de qualquer maneira?

— Porque vampiros são nascidos para serem egoístas, e nós são pioramos ao longo dos anos — Jesse disse. — Isso leva a um conservadorismo terrível.







— Hum... Jesse, sobre estes Daylighters que você estava falando antes... — Claire disse.

— Um assunto profundo e pesado, não temos tempo para isso agora — Jesse disse. — E eu espero que eles não estejam por trás disso. Mas apenas digo que eles são um grupo que acredita na existência de vampiros, e acredita que somos melhores mortos. Algo que eles têm sido bastante peritos em realizar ao longo dos últimos anos.

— Olha, isso é interessante, mas antes de termos uma festa do pijama e trançar o cabelo, talvez devêssemos, sabem, mostrar aos meninos como isso é feito? — Eve sugeriu.

— Excelente ideia — Jesse enfiou a mão na jaqueta de couro, e tirou uma faca surpreendentemente intimidante — cerca de quinze centímetros, com uma curva perigosa nela. Ela tinha uma borda distintamente reluzente e que parecia afiada o suficiente para raspar titânio... e parecia muito familiar. Claire tinha uma igualzinha em sua mochila. Jesse segurou na sua mão esquerda sem curativos. — Depois de você, senhoritas.

— Você tem alguma arma impressionante? — Eve sussurrou para Claire, enquanto elas se dirigiam atrás de Oliver.

— Sim — ela disse, e sorriu. Eve parecia cabisbaixa.

— Bem, eu posso responder com um comentário maldoso, no entanto, só isso. Eu vou esmagá-los com sagacidade.

Oliver estava todo negócios na porta, onde ele abriu o edifício simplesmente por esmagar a porta de vidro grossa com um único soco. Não sutil, mas eficaz o suficiente, e embora alarmes provavelmente soaram em algum lugar, Claire não ouviu um som dentro em resposta à intrusão. Oliver entrou, e ela o seguiu, os sapatos pisavam com força sobre os pedaços quebrados. — Procurem por algum tipo de armário mecânico — ela disse. — Talvez não esteja sinalizado. Ouçam o som de manipuladores de ar, compressores, esse tipo de coisa.

— Desse lado — Oliver disse, e desceu pelo corredor com passos confiantes de pernas compridas. Ele encontrou um conjunto de escadas para baixo, e desceu-as; no final do patamar de concreto havia um conjunto de portas duplas sem identificação pintada com um bege sem graça. Não havia uma fechadura apenas um buraco da fechadura. Ele franziu a testa para ele por alguns segundos, então — mais uma vez — utilizou o método mais direto de lidar com o problema. Ele esmurrou a porta. Seu punho atravessou inteiramente o metal fino, e ele pegou a abertura quebrada e arrancou. Algo quebrou, provavelmente a fechadura, e as portas caíram abertas.







Todos os socos, Claire percebeu, não tinham acontecido sem algum custo para ele; sua mão estava sangrando, e as juntas pareciam deformadas. Ele estremeceu um pouco e pressionou alguns dos dedos até os ossos voltarem ao lugar, em seguida, limpou os cortes em suas roupas sujas. Eles já tinham fechado. Ele encontrou os olhos arregalados de Claire por um momento, e lhe deu um pequeno sorriso sinistro. — E então? — ele perguntou. — É sua amiga que estamos procurando. Talvez você deva ir na frente.

— Não se preocupe com ele — Jesse disse. — Ele sempre foi um homem malvado e limitado. Eu realmente não sei o que todo mundo vê nele.

— Quieta. Você só foi rainha durante nove dias. E você só sobreviveu a sua própria execução pela intervenção de Amelie, ou você não estaria aqui me repreendendo. Decapitação é definitivo para os seres humanos e vampiros.

Isso, Claire pensou, era o começo de uma história interessante que não parecia combinar com a perspectiva moderna e vibrante de Jesse, mas não havia tempo para fazer perguntas.

— Não deveríamos esperar pelos outros? — Claire perguntou.

— Você quer que a sua amiga esteja viva? — Oliver perguntou, o que resolveu totalmente a questão. Pete, Shane e Michael teriam que acompanhá-los.

A sala de mecânica era escura e fresca, mas Eve tinha convenientemente trazido algumas pequenas lanternas de LED, que ela e Claire utilizaram com bons resultados enquanto os vampiros saíam na frente no escuro. O ruído dos manipuladores de ar, que tinham estado suaves do lado de fora, elevou-se a um rugido maçante enquanto eles passavam as fileiras de tubos com códigos de cores e canos de metal; depois de uma breve colisão ardente com uma curva não isolada de uma das tubulações, Claire ficou muito mais cuidadosa. Havia uma abundância de bordas afiadas também. Seria um lugar perigoso para se ter uma luta — muitas coisas que você poderia bater e queimar. A falta de jeito seria tão mortal como um adversário.

Mas nenhum adversário se apresentou. Havia apenas tubagens e canos, painéis de controle, indicadores e luzes com brilhos suaves, e não muito mais. Não era nem mesmo empoeirado. Claire identificou um rato olhando para eles com surpresa (e provavelmente ultraje) do topo de um conjunto de canos; ele fugiu assim que ela olhou para ele, provavelmente para avisar ao Reino dos Ratos que tinha gente aqui em baixo... e seu cérebro tagarelo foi momentaneamente distraído com a imagem de um rato rei sentado num trono com uma coroa gigante e cercado por um bando de outros ratos todos secretamente conspirando para matá-lo e tomar o seu lugar. Porque se ela





tinha aprendido alguma coisa ao estar em Morganville, era que um governante nunca poderia relaxar.

Oliver de repente parou, assim como Jesse, que estava se movendo ao lado dele; sua mão pálida e magra se levantou com um punho cerrado, em um gesto que Claire sabia por andar com Shane que significava *pare aí e espere*. Ela e Eve pararam e ficaram prontas para qualquer coisa, e depois de um momento Jesse assentiu para Oliver e apontou para o próprio peito, em seguida, para a direita. Ele acenou de volta. Então correu rapidamente para as sombras.

Oliver virou-se e apontou para Claire, então gesticulou imperativamente para ela ir na frente dele.

Como isca?

Esse não pareceu ser o momento de ter uma discussão, já que tudo estava sendo feito em tal silêncio. Claire foi na frente com a sua luz LED apontando para baixo em direção aos seus pés; isso serviu apenas para fazer a escuridão ao seu redor parecer mais densa e asfixiante. Ela evitou uma colisão perigosa na altura do seu olho em um canto com um metal pontudo, ela abaixou-se e rastejou para a frente. O teto foi ficando menor, ao que parecia, e ela podia ouvir um som de chiado fraco que ela assumiu que eram mais ratos soando em alarme.

Claire deslizou a luz para a frente, tentando ver para onde estava indo, e... e lá estava Derrick.

Derrick estava morto. Branco e drenado. E havia marcas de perfuração enormes e irreais em seu pescoço e a pele áspera em torno delas. Uma única gota vermelha tinha deslizado pelo seu pescoço e pingou no concreto em baixo, e seus olhos estavam abertos, arregalados e surpresos. Eles tinham ficado opacos e cobertos com cinza – secos da exposição ao ar.

Claire engasgou e pulou para trás. Ela não pôde evitar; encontrar um homem morto aqui, nessa zona assustadora, era algo que despertava instintos que ela não podia controlar, não importava o quanto tentasse. Ela quase bateu a cabeça no canto de metal afiado que ela tinha evitado, mas a mão estendida de Oliver a parou friamente. – Quieta – ele sussurrou, e sua voz era tão rígida e indiferente como o metal. – Ele está morto há horas, ajuda não vai adiantar. Tem algo aqui com a gente.

– Algo?

– Sim. Não cheira como um vampiro, mas ele se move como um. – Isso soou... sinistro. Claire fez uma pausa para tirar sua mochila e pegar a faca afiada e brilhante que a Dra. Anderson lhe dera. Ela desejava que ela tivesse algo mais longo ao alcance, como o lança-chamas de Shane, mas ela interrompeu o pensamento quase imediatamente; Shane sempre tinha dito a





ela, *você luta com o que você tem, não com o que você quer ter*. — Tinha uma porta do outro lado do corpo. Vá abrir. Podemos precisar nos mover rapidamente.

Mais uma vez, ela era a isca — uma isca quente e pulsante que qualquer coisa remotamente parecida com um vampiro iria achar deliciosamente atraente. E ela sabia que ele queria que ela fosse exatamente isso, mas ao mesmo tempo, era um movimento estratégico decente. Jesse estava em algum lugar nas sombras com a sua própria faca assassina; Oliver era uma força mortal, mesmo sem uma arma. E Eve, em algum lugar atrás dele, era mais do que capaz de ajudar, mesmo desarmada. Não era apenas a sua sagacidade que podia ser mortal.

Claire passou cuidadosamente sobre o corpo de Derrick — e não que isso não tenha lhe dado uma lembrança do pesadelo de todos os filmes de terror — e moveu-se para a única porta pequena, que estava localizada para baixo na parede. Ela era pequena demais para passar em pé. Ela colocou a lanterna em seus dentes e puxou a maçaneta da porta, e ela protestou — ela não estava bloqueada, apenas emperrada. Seu segundo puxão conseguiu puxá-la, e ela se abriu com um silêncio surpreendente. Ela esperava um rangido apropriadamente sinistro, no mínimo, mas alguém tinha — preocupadamente — colocado óleo para garantir que ela não fizesse barulho.

E então algo bateu nela, com força e incrivelmente sem aviso, do lado da esquerda, e a lanterna girou para longe.

Claire não teve sequer uma chance de gritar; sua respiração foi expulsa dela em um estouro sem som um instante antes de suas cordas vocais responderem, e então ela estava deitada de costas, com a cabeça zumbindo do impacto com um tubo de metal, e ela não conseguia entender o que tinha acontecido, e havia *algo* se inclinando sobre ela, algo pálido, nu e horrível com olhos como uma fossa em chamas, e ela sentiu a baba fria de sua saliva em sua garganta. Foi só por um instante, mas foi uma imagem instantânea de um pesadelo: um espelho distorcido de um ser humano, com uma mandíbula extremamente exagerada aberta e muito grande com presas de vampiros mais largas e mais longas do que ela já tinha visto estendidas e prontas para cortar. O nariz era esmagado e encolhido como o de um morcego, as orelhas murchas com pequenos tufo nas laterais da cabeça, e se a coisa já tinha tido cabelo, tinha desaparecido. Impossível dizer se era homem ou mulher; Claire não podia sequer imaginar pensar nisso dessa forma.

E depois ele estava se lançando para sua garganta.

Ela reagiu instintivamente, empurrando a faca profundamente em seu peito. Isso ajudou — manteve-o longe de sua garganta. Mas ele ainda estava agarrando ela, não morrendo rápido o suficiente. Ela fechou os olhos





convulsivamente, e isso era bom, porque ela não viu o que aconteceu a seguir, embora ela deduziria mais tarde. Em vez da gelada mordida em seu pescoço, ela sentiu um frio repentino do respingar da enxurrada de um líquido sobre ela que cheirava a estragado, como carne crua deixada dentro do frigorífico durante meses a fio. O peso sobre ela convulsionou e caiu, e Claire se enrolou em uma posição fetal em direção a parede com ânsias de vômito.

A cabeça da coisa bateu contra o seu quadril e rolou para longe. Decapitado, pela faca extremamente afiada de Jesse. — Claire. *Claire!* — Era a voz calma de Jesse, e sua mão estava no ombro de Claire. — Levante. Precisamos ir, rápido.

Era quase impossível se livrar desse evento horrível facilmente, mas de alguma forma Claire conseguiu... ela aceitou a ajuda de Jesse para ficar de pé e vomitou novamente, até ficar vazia do mau cheiro da coisa morta que tinha tentado matá-la. Ele era um vampiro, ela imaginou, mas não qualquer tipo de vampiro que ela conhecia. Até mesmo os erros de laboratório de Myrnin — e ele tinha cometido mais do que alguns — não eram assim tão nojentos. Era como uma espécie de fusão de DNA entre um morcego, humano e aranha. Ela tentou não olhar para ele muito de perto quando Jesse empurrou-a de volta para a pequena porta agora aberta. Felizmente, Jesse não pediu-lhe para ir primeiro; a mulher vampira, embora mais alta, facilmente se curvou e moveu-se com fluidez pela abertura estreita. Claire a seguiu, colocando as mãos e os joelhos no espaço claustrofóbico de concreto. Não tubos aqui pelo menos. Claire percebeu que ela tinha deixado cair a sua lanterna com a prioridade de segurar firmemente a sua faca, mas mesmo que ela tenha deixado cair, Eve se moveu atrás dela e virou a dela para iluminar o caminho. — Você está bem? — Eve murmurou — e quando Claire olhou para trás, ela percebeu que Eve estava segurando a lanterna na boca, para rastejar melhor para a frente.

— Não — Claire disse, e tossiu novamente. Ela não podia arriscar vomitar aqui, isso seria repugnante para todos, mas o fedor... Eve estava tossindo também. Não era só ela. Os vampiros pareciam imunes, e ela brevemente e violentamente os odiava por isso. — Eu vou estar, no entanto.

O pequeno túnel parecia estranhamente longo, mas era provavelmente apenas o choque do pesadelo tomando conta de Claire; ela se sentia estranhamente instável, e todo o seu corpo sentia os efeitos posteriores. Iria doer mais tarde, ela presumiu, mas por agora, ela estava dormente na maior parte e desajeitada. Ela também sabia que havia coisas neste túnel que ela iria se arrepender mais tarde de tocar; ela podia sentir pequenos ossos esmagando





sob a pressão de suas mãos e joelhos, por exemplo. Mas agora, ela realmente não se importava.

O mundo estreitou para um túnel escuro de concreto, e a forma de Jesse desapareceu rapidamente à sua frente — *como é que ela rastejava tão rápido?* — e então, de repente, abriu-se novamente em uma sala grande e com eco. Claire ouviu o som de vidro na parte inferior do seu tênis quando ela se levantou, e por um momento ela ficou cega até que Eve se levantou atrás dela, e girou a lanterna ao redor.

— Selvagem — Eve disse, e limpou a boca com um antebraço. — Eca. Caramba. O que diabos é isso?

Isso, parecia ser o projeto de alguém há muito tempo abandonado... por causa da grande tradição do ITM, alguém tinha descoberto este lugar, e começado a colocar cerâmicas nessa sala grande, o que provavelmente tinha começado como uma espécie de área de armazenamento. O mosaico começava no meio da sala em redemoinhos de preto e branco, e prolongava em um padrão em direção às bordas. Claire não podia decidir se ele foi feito para ser hipnótico, ou uma representação de um buraco negro, mas ele a fazia se sentir como se ela estivesse de pé sobre estrelas. Estava inacabado nos cantos, e as ferramentas e pedaços de cerâmicas cortadas estavam negligentemente empilhados ao lado do grande volume de um antigo grupo de tubos que estava estourado para fora da parede como um polvo congelado de ferro.

Algemada aos tubos estava Liz. Ao contrário de Derrick, ela ainda estava viva, mas ela parecia pálida e assustada, e havia uma ferida aberta em sua garganta — não tão ruim como a de Derrick, mas o sangue ainda estava escorrendo, e havia muito se espalhando ao redor dela. Ela estava tremendo e apenas semiconsciente. Eve correu para ela e fechou a mão sobre a ferida, e Jesse usou a sua faca para cortar um pedaço de sua blusa para usar como uma bandagem.

— Você consegue quebrar isso? — Eve perguntou, e apontou para as algemas. Jesse assentiu com a cabeça e partiu o metal sem muito esforço; quem as tinha colocado não tinha tomado a precaução de revestir com prata, o que era uma sorte. — Ok, vamos levantá-la.

Claire pegou Liz do outro lado, e trabalhando juntas, ela e Eve conseguiram levantar a terceira garota. Jesse poderia ter ajudado, mas neste momento, Claire preferiu ter ela livre e pronta para lutar.

Porque não tinha como ser tão fácil assim.

Como esperado, houve um som metálico pesado por trás delas, e quando Eve girou a luz para aquele lado, Claire viu que uma grade sólida havia descido sobre a porta de entrada que dava para o pequeno túnel estreito para fora —





uma barreira pesada, revestida com uma camada brilhante e impecável de prata. Jesse e Oliver não conseguiriam movê-la, não facilmente, de qualquer maneira. E Jesse já estava em desvantagem já que a mão queimada não poderia ter curado tão rapidamente.

— Fique com ela — Claire disse para Eve, e pegou a lanterna para olhar ao redor do resto do quarto. Era bastante vazio: paredes de concreto, a grande quantidade de tubulação onde tinham encontrado Liz, e um cubículo de concreto em um dos lados. Nada que eles poderiam utilizar. — Talvez os outros caras pudessem chegar até nós e nos ajudar a sair daqui.

— Assumindo que os vilões já não pegaram eles — Jesse disse. — E já que eu duvido que tudo isso foi executado remotamente, eu quase posso garantir a você que eles têm problemas próprios. Precisamos sair por conta própria.

— Maldição — Oliver rosnou, e tirou a camisa. Ele envolveu-a firmemente em torno de suas mãos e moveu-se para o portão de prata, segurou ele e tentou forçá-lo para cima. Quando ele o fez, no entanto, um jato de prata líquida ativou e salpicou sobre ele.

Seu peito nu suportou a maior parte do ataque, e ele se afastou com um grito; no brilho do relâmpago de Claire, seu peito parecia branco como osso, em seguida, estava manchado com queimaduras vermelhas e bolhas enquanto a prata devorava ele. Não era fatal, mas devia ser muito doloroso. Ele esfregou a camisa sobre a pele para tirar o líquido antes que mais danos fosse feito, mas parecia bastante óbvio que a armadilha não tinha acabado ainda; outra tentativa só iria despejar ainda mais, a menos que eles pudessem encontrar uma forma de bloquear o jato em algum lugar. Claire inclinou a lanterna para cima e encontrou o tubo e traçou o circuito de ativação.

Ela puxou para fora o fio que tinha lambuzado ele e rapidamente cortou-o em dois com a faca. — Está seguro — ela disse.

— Mais uma vez, então — Oliver disse. Seu peito parecia cheio de cicatrizes, e pelo brilho vermelho em seus olhos ainda doía muito, mas ele se aproximou, envolveu as mãos e pegou de novo na grade revestida de prata.

Ela grunhiu, deformou e balançou, mas não se moveu. Ele foi forçado a recuar e deixar que suas mãos machucadas se recuperassem.

Claire olhou para a grade, e depois usou a lanterna para chegar perto. Ela havia descido dos trilhos. Havia algum tipo de liberação? Tinha que ter, provavelmente do outro lado, onde ela não podia ser vista. Alguém tinha vindo aqui para trabalhar; eles não iriam querer se arriscar a ser presos sem uma saída.

— Eve — ela disse. — Eu preciso de algo rígido, mas flexível. Você tem alguma coisa que pode... — Antes de Claire terminar a frase, Eve estava







segurando algo para ela — a gargantilha de couro que ela usava em torno de sua garganta, cravejada de prata. A coisa básica de defesa anti-vamp. Claire correu para buscá-la e voltou para a grade. *Se eu projetasse isso, onde eu colocaria o gatilho?* Ela imaginou como um esboço em sua cabeça, em seguida, girou ao redor. Certo. No trilho, onde estaria escondido da vista, mas alcançável. Não facilmente acessível, porque isso iria contra todo o propósito. Mas Claire pegou o colar — que era perfeito, na verdade — e, cuidadosamente colocou do lado do trilho.

Um dos prisioneiros conseguiu algo — apenas uma ligeira redução do atrito, mas o suficiente para dizer-lhe onde a abertura poderia estar. Claire diminuiu a sua força sobre o colar e usou a fivela desta vez. Levou seis tentativas antes de a prata enganchar, mas ela conseguiu formar um contato firme, e puxou para baixo.

Algo clicou.

Claire pegou as barras e tentou levantá-las. Elas deslizaram para cima por um centímetro, em seguida, dois, antes que seus músculos trêmulos desistissem da luta. Ela sentiu algo distender em suas costas, e estremeceu.

— Aqui — Oliver rosnou, e empurrou-a de lado. — Deixe isso para aqueles com força, pelo amor de Deus. — Suas mãos estavam queimadas, ela podia ver as listras vermelhas pavorosas vívidas no brilho do lanterna, mas ele usou a camisa novamente como uma proteção e a agarrou. Um forte puxão, com ombros se dobrando e um número surpreendente de músculos flexionados sob a pele branca como papel, e a grade grunhiu lentamente para cima. Ela chegou ao topo, e houve um segundo clique. Ele a soltou. Ela ficou no lugar, escondida com apenas as pontas afiadas para baixo. Se ela não soubesse que estavam lá, ela não saberia só de olhar.

Oliver caiu para trás com o peito arfando enquanto ele puxava desnecessárias respirações após respirações; as queimaduras tinham subido por todo o caminho até os ombros, e a carne vermelha e brilhante parecia machucada e extremamente sensível. Mas Oliver era *velho*. Por que foi tão difícil para ele? Amelie poderia lidar com as coisas, afinal. Mas por outro lado, Jesse tinha sido gravemente queimada também. Era apenas que alguns vampiros eram menos sensíveis a prata do que outros? Ou talvez seja até mesmo algo na linhagem — a linhagem de Bishop seria mais resistente. Problema interessante, e parte do seu cérebro afastou isso mesmo quando ela lhe perguntou: — O que eu posso fazer?

— Vá embora — ele falou com raiva, e fechou os olhos. Seu rosto estava tenso com o esforço, e Claire recuou. A maioria dos vampiros com







queimaduras de prata tinham que ter sangue, rapidamente. Ela não necessariamente queria ser a unidade de suporte de vida portátil de Oliver.

Jesse avançou com seu braço ao redor de Elizabeth ainda parada-quase-frouxa. — Vamos lá — ela disse. — Você pode entrar em colapso mais tarde, mas por agora mova o seu traseiro, Oliver. A ajuda estará do outro lado, se os nossos amigos não estiverem com problemas maiores do que nós. Claire, você vai primeiro. Eu vou cuidar da sua amiga. Mas não podemos ficar aqui. Você não constrói uma armadilha a menos que o caçador venha pegar o seu prêmio, mais cedo ou mais tarde.

Claire mergulhou no túnel estreito e de concreto. Seus joelhos, cotovelos e palmas das mãos já estavam arranhados da viagem anterior, e desta vez doeu como o inferno. Ela, ou todos eles, havia derramado pequenas lascas da porta de vidro ao longo do caminho, e ela podia sentir os cacos arranhando em sua pele. Um grande exercício de dor, exaustão e claustrofobia, e ela estava muito feliz em ver o metal da porta no final.

Espere.

*Nós não fechamos isso*, ela pensou, e colocou a lanterna na boca dela para que ela pudesse se inclinar para frente e jogar seu peso contra ela. Nada. Nem mesmo um balançar. Sem fechadura desse lado, e mesmo se houvesse, Claire pensou que poderia ter sido quase impossível de conseguir a quantidade de força nesse ângulo curvado e estranho que ela tinha que estar. Ela lembrou-se que tinha sido difícil abrir antes.

Ficar onde ela estava não parecia muito uma boa opção. Nem mesmo voltar; atrás dela, Jesse foi de alguma forma conseguindo equilibrar a cabeça e ombros de Liz e rastejar para trás, arrastando a menina com ela; Eve deve ter estado tentando apoiar as pernas de Liz.

O que, pelo comprimento do túnel, teria deixado Oliver no outro quarto, ou perigosamente perto daqueles picos de prata no portão.

Claire pulou para a frente e bateu com o ombro na porta — uma, duas, três vezes... e, de repente, a porta cedeu, empurrando-a para o outro quarto. Ela rolou através de uma poça de sangue fria e podre, e as náuseas brotaram novamente quando ela viu a cabeça decepada da coisa-morcego, e o corpo de Derrick... e, em seguida, um feixe de luz brilhante tomou conta dela, cegando-a, e ela ouviu Shane dizer: — Claire! — em um tom sem fôlego que a fez estremecer no fundo de sua alma. A próxima coisa que ela sabia é que ela estava em seus braços, e perdida em um abraço forte e envolvente. — Deus, esse sangue...

— Não é meu — ela disse. — É cheira nojento.





— Eu não ia mencionar isso — ele disse, e riu um pouco, mantendo-a perto. — Eu suponho que seja cortesia daquela coisa lá?

— Sim. O que quer que aquilo seja.

— Nojento. Você que matou?

— Isso teria sido incrível, mas Jesse fez as honras... — A voz de Claire desapareceu enquanto ela se afastava, e ela olhou para o túnel. Jesse já tinha saído, e Myrnin estava ajudando a puxar Liz para fora. Michael, que estava parado pronto para alcançar a mão agitada de Eve puxou-a para fora também, e diretamente para os seus braços.

Ninguém abraçou Oliver. Sem surpresas. Embora Michael fez uma careta ao vê-lo. — O que diabos aconteceu com você?

— O que parece? — Oliver rosnou quando colocou a camisa de volta sobre os seus braços desgastados de prata. Deve ter doído. — Alguém construiu uma ratoeira muito agradável com a menina como o queijo. E embora me doa admitir, sem a esperteza de Claire nós poderíamos estar presos lá.

— Más notícias então, porque nós podemos estar presos aqui também — Pete disse. Ele foi mais para trás, para proteger o seu traseiro, Claire imaginou. — Temos companhia, pessoal. E eu estou um pouco sem balas. Jesse?

— Estou indo — ela disse. Ela ainda parecia imperturbável, um total contraste com a tensão que todo mundo parecia sentir; era como se nada disso incomodasse ela nem um pouco.

E Myrnin parecia bem impressionado, Claire pensou; ela nunca o tinha visto olhar para qualquer pessoa com tanta admiração. Surpreendeu-a que isso a fez se sentir um pouco... o que era isso? *Ciumenta*? Não podia ser.

— O que temos? — Shane perguntou. Ele andou para a frente também, porque se houvesse qualquer tipo de luta, Shane Collins tinha que estar na linha de frente dela; Claire revirou os olhos e puxou-o de volta. — O quê? Foi apenas uma pergunta!

— Parece que tem seis caras lá fora — Pete disse. — Seis que eu pude detectar, de qualquer maneira. Todos armados. Quatro de vocês podem ser à prova de balas, mas eu não estou com vontade de tentar me esquivar de rodadas de semiautomáticas hoje. Alguma ideia?

— É a única maneira de sair — Claire disse. — Pelo menos, que eu saiba. Eve, você pega esse caminho, procure por algo que não tenhamos visto antes. Eu vou por aqui.

Mas na verdade foi Shane que encontrou a saída — uma grade de ferro enferrujada apenas suficientemente grande para uma pessoa passar, situada no chão, no canto ao lado de um encanamento de água igualmente enferrujado. Controle de enchentes, Claire imaginou; isso deve dar diretamente ao





escoamento do túnel. Bem, isso era uma coisa boa. Os escoamentos dos túneis geralmente levavam para fora em algum lugar, e se não o fizessem, haveria outras maneiras de sair. As equipes de manutenção regularmente vinham para limpar matos e detritos que prendiam ali.

Enquanto Jesse erguia a grade — pesada demais para qualquer outra pessoa exceto Oliver, e suas mãos estavam bastante machucadas no momento — Pete chamou eles de volta com um novo tom tenso em sua voz. — Ok, eles ouviram isso. Eles estão vindo, eu consigo ouvi-los falar. Olha, eles provavelmente estão vindo meter bala, a menos que eles tenham algum tipo de dispositivos anti-vamp.

— Meter bala? — Claire perguntou a Shane, que deu de ombros e fingiu disparar uma arma automática. — Oh. Isso não é bom.

— Não. — Ele se curvou e acrescentou os seus músculos aos de Jesse. Com os dois, eles conseguiram puxá-la para cima, e ela caiu com um grande estrondo pesado do outro lado. — Ok, Jesse, você primeiro.

— Não — ela disse. — Eu vou ficar. Michael, você vai, certifique-se de que o caminho está livre. Eu vou ajudar Eve a descer.

Ele não protestou; Michael pulou, e Claire não tinha ideia do quão baixo era, mas parecia uma longa queda. De jeito algum eles conseguiriam sem ajuda de um vampiro, ou sem o risco de ossos quebrados pelo menos. Seria muita idiotice morrer de um pescoço quebrado depois de todo este problema.

— Pronto — a voz de Michael ecoou. Jesse se inclinou em cima do buraco e estendeu as mãos para Eve. Que hesitou.

— Talvez haja alguma outra forma — ela disse.

— Talvez você gostaria de ver se você é à prova de bala — Jesse disse. — Mas eu acredito que o seu marido não vai deixar você cair.

— Sim, mas eu não sei você — Eve disse. Ela suspirou e estendeu as mãos. — Bem. Se eu morrer, eu vou voltar para assombrar você.

— Isso vai ser divertido. — Jesse segurou o peso de Eve facilmente, mesmo com a mão ferida de prata, e colocou-a para baixo, em seguida, a soltou. O grito surpreso de Eve ecoou de volta para cima, seguida de uma risada sem fôlego.

— Tudo bem — ela disse. — Bela pegada, bonitão.

— Qualquer coisa por você — Michael disse. Eles devem ter se beijado. — Pronto, quem é o próximo?

— Claire — Shane disse, e Myrnin acenou com a cabeça. Ela não gostou, mas ninguém parecia que ia aceitar um não como resposta neste momento. Ela estendeu as mãos, e Jesse a pegou, piscou para ela e lhe deu um sorriso tranquilizador, e balançou-a para fora. Claire teve um momento vertiginoso





de terror, porque mesmo que ela soubesse que Michael estava lá em baixo dela na escuridão, pronto para pegá-la, isso não importava muito. Os seres humanos temiam o escuro, e temiam que caísse nele, e uau, foi assustador.

Antes que Jesse pudesse soltá-la, Pete gritou: — Se abaixem! — E Claire sentiu que estava sendo balançada para longe do buraco, lançada em direção ao chão, e um monte de coisas aconteceu ao mesmo tempo. Um estouro de tiros ensurdecador de-estourar-os-ouvido sucedeu no espaço fechado. Luzes brilhantes. Gritos e gritos. Corpos em movimento contra as explosões de luz.

A única coisa que Claire podia fazer era se enrolar e tentar ficar pequena.

Shane caiu em cima dela, deixando-a sem fôlego, mas ele não estava ferido, apenas protegendo-a do caos; ela podia sentir a pressão quente de sua respiração contra o pescoço dela. — Você foi atingida? — ele gritou, e ela disse que não, mas ela não tinha certeza se ele podia ouvi-la.

Um silêncio sinistro súbito caiu. O cheiro de pólvora de metal queimado a estava sufocando, e Claire tossiu um pouco, mesmo quando ela tentou não chamar a atenção. *Ficar pequena, ficar segura*, seus instintos lhe diziam. *Não se mexa.*

E então Shane moveu-se, rolando para longe e ficando de pé, porque Pete estava gritando e atirando-lhe algo que Claire reconheceu segundos mais tarde como uma arma grande. Algum tipo de fuzil de assalto, ela imaginou. Shane segurou-o como se ele tivesse disparado algo como isso antes — e ele provavelmente tinha, sabendo do treinamento paramilitar de seu pai — e caiu ao lado de Pete. — Gritem! — ele gritou. — Me avisem se vocês estão bem!

— Estou bem — Claire ouviu Oliver dizer. Então Jesse, com uma voz baixa e tensa, afirmando que ela e Liz estavam bem. Pete estava bem também. Claire disse o mesmo.

Mas Myrnin não respondeu.

Claire encontrou-o ainda deitado no chão, de olhos fechados, e ela pensou que poderia ter realmente gritado; ele estava deitado como Derrick, pálido, parado e ensanguentado, e o sangue que estava em seu rosto pingava para o concreto.

Em seguida, ele abriu os olhos e disse, com uma voz pequena e irritada: — Ai. Isso não acontece há anos. Eu continuo não gostando disso. — E uma bala literalmente se empurrou para fora de sua testa.

Claire caiu de joelhos. Ela assistiu a bala cair de sua pele e bater no concreto em câmera lenta; ela deixou uma pequena trilha de sangue espirrando enquanto saía, até que deu uma cambalhota e rolou até parar contra uma parede. Ela viu isso, mas ela não acreditou exatamente... ela já





tinha visto vampiros se curarem, mas ela nunca realmente pensou sobre balas, e para onde elas poderiam ir.

Mas elas tinham que ir para algum lugar, e esse lugar era para *fora*.

— Ainda bem que foi você e não eu — Shane disse, e ofereceu Myrnin uma mão para levantá-lo. — Algum dano cerebral?

— Já que a bala efetivamente repassou o cérebro dele, então sim, menino idiota, certamente teve danos cerebrais — Oliver disse. E para provar isso, Myrnin tentou levantar-se, e o seu lado esquerdo não funcionou corretamente, e ele tropeçou e caiu como um bêbado no chão. Oliver suspirou em aborrecimento e ajudou-o a se levantar de novo, e desta vez o segurou quando Myrnin cambaleou. Um pé não parecia estar respondendo. — Isso vai passar. E o cérebro dele é a coisa menos frágil nele, de qualquer forma.

— Você diz as coisas mais gentis — Myrnin disse. Ele balbuciava as palavras, e jogou um braço em volta do pescoço de Oliver. — Case-se comigo.

— Exatamente que parte do cérebro a bala atingiu? — Shane perguntou, à beira de uma risada maníaca.

Oliver suspirou. — Ele quis dizer *carregue*. E não. Eu não vou.

Claire sacudiu-se para fora da estranha fuga que ela parecia estar, levantou-se e foi até Pete, que estava na porta. Havia dois homens mortos lá. Ambos estavam vestindo ternos, e havia broches de ouro em suas lapelas — algum tipo de horizonte e um sol estilizado erguendo-se sobre ele. Pete estava de joelhos com os olhos na entrada, enquanto apalpava os cadáveres — pelo menos Claire assumiu que eram cadáveres. Eles não estavam se movendo, e havia um inferno de um monte de sangue. Ou, em termos de vampiros, jantar desperdiçado. Ela supôs que deveria se sentir chocada com isso, mas esses mesmos dois homens tinham tido a intenção de matar ela e Shane, e se Myrnin não fosse um vampiro, ele estaria deitado morto.

Ela não conseguia sentir muita coisa no momento.

— Alguma coisa? — ela perguntou. Pete balançou a cabeça.

— Sem identidade — ele disse. — Mas eu não acho que isso importa agora. Derrubamos dois, e faltam mais quatro lá fora. Não é uma probabilidade muito ruim, mas o problema é que eles nos têm exatamente onde eles precisam. Se fizermos qualquer tentativa de sair pela porta, eles podem escolher apenas acabar com a gente.

— Não os vampiros — ela disse.

— Eles não são estúpidos. Eles sabem como colocar um tiro na cabeça; eles fizeram isso no seu amigo um tempo atrás. Os vampiros não conseguem chegar até eles antes de uma bala no cérebro derrubá-los, pelo menos temporariamente.





— Mas nós não vamos sair pela porta, vamos?

— Não. Mas alguém tem que ficar para garantir que eles fiquem fora até que todo mundo saia. — Pete deu-lhe um sorriso breve e engraçado, e ela foi atingida, de repente, pela forma do quão estranhamente bonito ele era. — As probabilidades são de que não vai ser um dos vampiros. Eles gostam de deixar os seres humanos para esse tipo de exercício de ganhar tempo.

— Não é verdade — Jesse disse. Claire não sabia de onde ela tinha vindo, mas de repente ela estava lá, de pé ao lado de Pete. Foi gratificante que Pete evidentemente não tinha visto ela chegar; ele se encolheu da forma que Claire sabia que já tinha feito cerca de mil vezes, por pura surpresa. Ele enviou a Jesse um olhar exasperado. Ela reconheceu isso, também. — Eu vou ficar por último, Pete. Você vá e ajude a levar todo mundo para a segurança.

— Jesse...

— Apenas vá — ela disse. — E me dê uma arma. Eu posso atirar, sabia? Eu aprendi quando as armas de fogo eram ainda mais simples com pólvora e chumbo, e eu certamente sobrevivi a pessoas muito piores do que estas. — Ela parecia absolutamente certa disso, tão calma como se estivesse discutindo um simples passeio no parque. Como se ela fosse dar um passeio com um fuzil de assalto. Ela virou-se para a porta, levantou a arma e deu quatro tiros competentes e rápidos. — Vão. Isso vai dar-lhes algo em que pensar um pouco.

Pete empurrou Claire de volta para o buraco, onde Shane estava gesticulando com urgência; Myrnn já tinha ido, caído para Michael pegar, ela presumiu. Oliver estava descendo Elizabeth para baixo. — Cuidado com ela — ele disse para Michael. — Não quero ela sangrando. Podemos precisar dela mais tarde. — Isso soou... nem um pouco altruísta, embora Claire esperava que Liz não entendesse a referência.

Ela não parecia ter entendido. Ela estava tão tonta que ela nem sequer gritou quando foi solta ou quando foi pega.

E então era a vez de Shane e Claire. — Você primeiro — ele disse.

— Por quê?

Shane e Pete trocaram olhares. — É sério? — Pete perguntou.

— Sim, ela é assim. — Shane se virou para ela. — Porque você é minha namorada, e eu não vou até que você esteja segura. Que tal isso?

— Bom o suficiente — ela disse, e então Oliver estava segurando-a e balançando-a como uma isca saborosa sobre o abismo...

...e ela estava caindo.

Ela de alguma forma conseguiu não gritar, embora cada instinto dissesse-lhe para gritar; pareceu durar uma eternidade, mas depois ela estava pousando em um forte par de braços que amorteceram ela, que ajustou habilmente seu







peso e a colocou sob seus pés tão bem quanto se ela tivesse acabado de flutuar até parar graciosamente. — Shane! — Michael disse. — Venha!

— Eu odeio isso — Shane disse. Quando Oliver tentou se aproximar dele, ele estendeu a mão em uma recusa direta. — Pronto?

— Pronto — Michael disse.

Shane saltou. Michael segurou-o e jogou-o sobre os pés tão bem como se fosse um ato acrobático regular. *Cirque du Soleil*, só que com vampiros, Claire pensou. Mas por outro lado, como alguém poderia ter certeza que aquelas pessoas flexíveis já *não eram* vampiros?

Pete não foi tão autossuficiente; ele se aproveitou da ajuda de Oliver para colocá-lo para baixo, e parecia grato por estar no chão de pedra do escoamento do túnel quando pousou em segurança. Aqui estava principalmente seco, Claire percebeu; um fio fino e escuro de umidade corria para baixo do centro, mas que tinha sido ressecado recentemente em Cambridge, fora de temporada. Pelo menos eles não tinham que se preocupar em manter a cabeça acima da água.

Oliver pulou, e Michael ficou de lado para dar espaço para Oliver pousar; como todos os vampiros, ele fez isso graciosamente e sem esforço.

Acima, a arma de Jesse de repente soltou uma saraivada de tiros assassinos, todos ficando cada vez mais altos. E foi coberto por um rugido muito mais alto e prolongado de disparo revidando. — Ela está vindo — Oliver disse, de onde ele ainda estava apoiando Myrnin, que estava dando-lhes um sorriso desequilibrado e maluco. — Fiquem prontos!

Mesmo com o aviso, eles não estavam, e Michael teve que lutar para sair do caminho quando Jesse caiu de repente para baixo do buraco, sua trança vermelha e torcida balançando no ar enquanto ela despencava. Ela estava sem fôlego, a ponta do cano do fuzil de assalto estava quente e fumaçando, e ela estava sorrindo como se ela estivesse tendo o melhor dia possível de sua vida quando pousou como se ela tivesse amortecedores para as pernas, erguendo suavemente de volta numa posição relaxada e imperturbável. — Hora de ir, crianças — ela disse. — Agora.

— Desse lado — Oliver disse, e afastou-se para a sua direção escolhida. Não havia muito a fazer além de seguir. Ele arrastou Myrnin ainda cambaleando com ele. Jesse deixou todos eles irem primeiro; ela estava olhando para o buraco, pronta para atirar em qualquer rosto que aparecesse em cima, mas parecia que no momento, seus adversários estavam ou perplexos, ou cautelosos, ou ambos.

Ela estava bem atrás de Claire enquanto eles corriam pelo túnel. De jeito nenhum eles poderiam executar a velocidade de vampiro, sobrecarregados por





seres humanos, mas Jesse parecia ter prática em regular a sua velocidade para uma corrida leve; ela não ultrapassou Claire nem mesmo quando Claire teve que desacelerar para evitar os detritos vagamente a vista que se espalhavam pelo escoamento do túnel. Os ossos de um cachorro de grande porte tentou fazê-la tropeçar uma vez, e a mão forte e pálida esquerda de Jesse agarrou seu braço para firmá-la. — Cuidado — Jesse disse. Ela parecia divertida. — Não gostaria que você quebrasse uma perna quando você está quase segura.

Claire sabia que eles não podiam assumir que estavam seguros até que eles estivessem longe, muito longe daqui, e ela começou a dizer — e então era óbvio, porque a armadilha a fez se calar.

Claire realmente não percebeu a ramificação do túnel escuro quando eles se aproximaram dela; o brilho da iluminação pública no final era muito sedutor. Foi só quando um grupo de pessoas pisou para fora dela, no caminho deles, que ela foi forçada a derrapar a uma parada. Havia três deles de frente para ela — dois homens armados, e um parado no centro que não se encaixava no padrão que ela se acostumou a ver.

Um homem, mas carregando algo diferente. Volumoso.

Jesse praticamente não parou. — Armadilha! — ela gritou, um som repentino e chocante que ecoou no concreto do túnel como um trovão. Ao mesmo tempo, ela empurrou Claire para fora do caminho, contra a parede oposta, para tirá-la da linha de fogo.

Quando Jesse levantou o seu fuzil de assalto, totalmente despreocupada em estar em menor número, a figura no meio levantou desajeitadamente a coisa volumosa que ele estava segurando, mirou e disparou. Ou pelo menos era o que Claire assumiu que aconteceu — não havia luz, nenhum som, nada além de um arrepio que percorreu os nervos de Claire como se ela tivesse ficado perto de um raio.

E Jesse suspirou, *deixou cair a sua arma*, e cambaleou para trás com as mãos batendo as palmas na cabeça como se ela tivesse sido atordoada. Ela soltou um forte grito de agonia, e de repente caiu e se agachou — uma posição de medo, uma tentativa fútil de uma criança de se esconder de seus torturadores.

Ela estava soluçando.

E o que estava acontecendo atingiu Claire com uma onda incandescente de raiva. Isso era o VLAD. O VLAD dela, sendo usado em sua amiga.

*Mas ele funcionou*, alguma parte fria dela disse. O teste de campo foi bem sucedido. Ela disse para essa parte dela para calar a boca e morrer, e pulou para fora da parede, tentando chegar ao homem que segurava a sua criação e apontava para Jesse.





Era o Dr. Davis, e ele parecia eufórico. Na verdade, ele estava sorrindo em triunfo.

Claire gritou em fúria inarticulada, e avançou em direção a ele. Ela viu um dos homens armados que estavam ao lado do Dr. Davis voltar-se para ela, e o cano da arma balançou com ele...

...e, em seguida, Michael estava no caminho, pegando a arma e batendo-a com uma força impressionante no rosto do homem. Seu quase atirador caiu como um saco de lama... mas, em seguida, o Dr. Davis atingiu Michael nas costas com um disparo do VLAD, e Claire, correndo até ele, e viu o rosto de Michael ficar branco alabastro, seus olhos azuis ficarem terrivelmente grandes enquanto ele se apoiava sobre os seus joelhos.

Como Jesse, ele se enrolou em uma bola de proteção, tremendo. Ao contrário de Jesse, ele estava gritando e fazendo um leve som rouco.

Myrnin estava cambaleando em direção ao Dr. Davis, e ele — por acidente ou planejado — caiu antes que ele pudesse ser atingido. Atrás dele, no entanto, veio Shane. Ele pegou um galho de árvore estilhaçado comprido e grosso, se aproximou e jogou-o como se ele estivesse tentando fazer um gol de placa com o segundo atirador. Ponto. Aquele caiu também, tão inconsciente como o que Michael tinha derrubado.

O Dr. Davis não focou em Shane, mas sim em Oliver, o último vampiro de pé. Claire pulou sobre o corpo curvado-de-lado de Michael e colocou toda a sua força em um empurrão no ombro do Dr. Davis quanto ela conseguiu.

Foi apenas o suficiente para ele errar. Mas o Dr. Davis não tinha desistido, não tão precipitadamente; ele gritou, bateu com o cotovelo nas costelas dela e, simultaneamente com a erupção da dor incandescente, Claire ouviu Shane gritar também.

Só que o grito de Shane foi um aviso. — Reforços! — ele disse, e agarrou o braço de Claire para empurrá-la em direção à saída. — Apenas vá, dê o fora daqui!

Pete, Liz e Eve já tinham ido embora, mas se Claire conhecia Eve, ela sabia que Pete deveria estar com as mãos ocupadas tentando impedi-la de voltar para defender Michael. Havia mais homens que apareceram para fora do túnel, e Michael, Jesse e Myrnin estavam derrotados, e Oliver estava indo embora...

— Pegue Myrnin! — Shane gritou. Ele fez uma pausa para agarrar o braço de Michael e puxá-lo para cima. Era como puxar um saco de macarrão molhado — macarrão molhado que fracamente resistiam a ajuda. — Claire, saia daqui! — Havia muitos chegando, e Shane sabia disso. Ele já tinha feito uma decisão no comando... Jesse ajoelhou-se impotente e tentando se distanciar





para fora do túnel, e ele sabia que não poderia alcançá-la e sair a tempo. Ela percebeu com horror que ele já tinha desistido dela. Ele estava salvando o que podia.

Mas ele estava certo. Ela tinha que salvar um deles, e tinha que ser Myrnin.

Claire ajudou ele a se levantar, e embora ele estivesse desajeitado, ele se manteve em movimento enquanto eles corriam/tropeçavam para o fim do escoamento do túnel, onde Oliver já tinha ido. Ela olhou para trás. Shane estava arrastando o peso de Michael como os bombeiros carregavam, e estava se movendo tão rápido quanto podia, com o rosto contorcido do esforço. Michael estava mole como um cadáver.

Claire viu homens com armas formando-se atrás dele, e sabia com uma dor no coração que ela estava prestes a ver Shane morrer. Se eles quisessem Michael, que ela achou que eles queriam, então não significaria muito para eles matar ambos. Shane não sobreviveria. Michael sim.

Ela gritou de horror, porque ela podia ver isso, tão inevitável como um acidente de trem – o barulho das armas, o sangue, Shane caindo sem vida.

Mas isso não aconteceu.

– Cessar fogo! – o Dr. Davis disse rigidamente. – Deixem eles irem. Nós temos o que precisamos.

Eles precisavam de apenas um vampiro, então. Não importava qual.

E quando Shane chegou até ela e passou por ela, Claire percebeu com o coração doendo e pesado que eles iam ter que abandonar totalmente Jesse.





# CAPÍTULO 11

**D**ois quarteirões de distância, um monte de voltas e becos mais tarde, o pequeno grupo deles reformou novamente. Era uma área aberta com um armazém abandonado que não era usado há anos de acordo com o cheiro empoeirado dele. Oliver se afastou de trás do muro quebrado, deu um soco na porta trancada, e empurrou todos para dentro.

Assim que Shane desceu Michael para uma posição sentada, ele se agachou para olhar para o seu melhor amigo. Michael estava silenciosamente chorando com o rosto escondido atrás das mãos tremendo. Ele estava muito *afetado*, e Claire engoliu em seco quando viu o quanto o VLAD havia afetado ele. Seja quais forem os ajustes que a Dra. Anderson tinha feito nele quando ela o tinha remontado, ela o elevou para sua máxima capacidade.

Shane colocou a mão no ombro de Michael, apertou delicadamente e então se levantou com seus punhos cerrados enquanto se avançava em direção a Oliver. — O que diabos foi aquilo, cara? Você deixou Jesse para trás! Você nos deixou para trás! — Ele não parou. Ele foi diretamente para cima de Oliver e o empurrou. Era como empurrar uma parede de pedra, e foi Shane que foi empurrado um passo para trás. Isso não o fez se acalmar. Na verdade, o rosto de Shane ficou ainda mais furioso. — Seu filho da puta, você *correu*!

— Sim — Oliver disse friamente. — Eu corri. Isso é uma tática chamada recuar, talvez você nunca tenha ouvido falar. Quando as probabilidades estão contra você e a vitória é impossível, retirada estratégica a fim de reagrupar é a opção favorável. E você, menino estúpido, é o que nós costumávamos chamar de carne para canhão. É *claro* que eu deixei você.

— Sim, você sabe de uma coisa, Sun Tzu, correr também é chamado de covardia. Você acha que é muito melhor do que os seres humanos, mas você sabe o quê? Nós não abandonamos os nossos amigos, *nós voltamos*. Idiota.

Oliver ignorou, o que foi um feito impressionante, já que Shane estava com raiva em seu rosto, e bem dentro da distância de socos. Em vez disso ele se concentrou em Claire. — O dispositivo — ele disse. — Ele era seu. Aquele que desapareceu do laboratório de Anderson. — Ele empurrou Shane para fora do seu caminho como se ele fosse um zumbido de mosca irritante, e caminhou em direção a Claire. — Você deu para ele? Você sabia o que ele faria com ele?





*Você sabe o que você fez?* — Shane tentou entrar em seu caminho mais uma vez, mas Oliver não estava dando oportunidade. Ele empurrou Shane de volta com uma mão, pegou Claire e rebocou-a para onde Michael estava encolhido contra a parede, com Eve segurando-o em seus braços. — Olhe para ele. Olhe! Você sabe o que você fez com ele? Quanto tempo pode durar? Você tem alguma ideia do tipo de destruição que você desencadeou contra nós? É a morte para nós, você entendeu? *A morte para nós!*

Não foi Shane desta vez, mas Myrnin que entrou em cena. Ele estava obviamente se sentindo melhor; ele parecia estável o suficiente quando pegou no ombro de Oliver, e ao contrário do esforço meramente humano de Shane, a força de vampiro enganosa e forte de Myrnin forçou o outro homem em direção a ele. — Não grite com ela — ele disse, e apesar de sua ocasional loucura e comportamento errático, neste momento ele estava completamente estável. — Se você quiser desabafar seu mau-humor, me enfrente. Eu permiti que ela construísse e testasse. Eu permiti que ela removesse da minha custódia. Eu mandei ela para Irene. Tudo isso é culpa minha, não dela. E se você colocar a mão nela, eu vou rasgar você. — Essa última parte foi falada com tal seriedade mortal que Claire teve um arrepio. — Pare de distribuir culpa e comece a resolver o problema, Oliver. O que está feito, está feito, e morto está morto, mas Jesse ainda está viva, assim como Michael. Devemos recuperar o dispositivo, reverter estes efeitos, controlar o dano desse *especialista em vampiro* que nenhum de nós previu que fosse operado. *Esse é o plano.* Agora, cabe a você produzir a estratégia, *meu senhor.*

Oliver rosnou, e suas presas saíram; seus olhos brilhavam com uma máscara profana de raiva, e por um momento Claire realmente, realmente achava que ele iria rasgar Myrnin com tudo que ele tinha... mas ele parou. Ele parou e ficou em silêncio por um momento com os olhos fechados, antes de dizer: — Você pode muito bem ser louco, mas você não está errado. Essas são as metas que devemos focar. Muito bem. Primeiro, precisamos de sangue. E já que estamos muito longe do território amigo, ou retiradas de nosso próprio banco de sangue, eu sugiro que você treine os nossos seres humanos para eles puderem nos ajudar melhor. Especialmente Michael vai precisar de sangue, se ele vai lutar contra essa... influência. E você parece fraco como um gatinho.

— Pareço? — Myrnin perguntou, e sorriu lentamente. Havia uma ponta afiada de loucura nele. Ele fez um som baixo, um ronronar na garganta. — Não tente me domesticar, então. Você pode sentir o quão afiadas as minhas garras podem ser quando crescerem na sua garganta.

— Tolo.

— Seu Cabeça Redonda idiota.







— Seu maníaco insolente...

— Já chega! — Claire gritou forte o suficiente para que todos eles olhassem para cima. — Nós não vamos brigar entre si. Myrnin acabou de dizer, e você concordou: vamos pegar Jesse de volta. Vamos pegar VLAD. Nós vamos parar o Dr. Davis. Certo?

Oliver assentiu a contragosto. Myrnin sorriu.

E Eve disse, de onde ela estava sentada e segurando firmemente o corpo tremendo de Michael. — E nós vamos ajudar Michael. Nós vamos ajudá-lo, Claire.

— Sim — Claire disse suavemente. — Nós vamos ajudá-lo. Eu sinto muito. Eu nunca quis...

Os olhos escuros de Eve fixaram nela, vermelhos de tanto chorar. — Eu não quero ouvir isso — ela disse. — A ciência não corrige tudo. Às vezes, ela apenas estraga tudo, está bem? Ele não machucaria você. Ele *nunca* machucaria você. Por que teve que ser ele? — Michael estava reagindo à raiva e angústia de Eve, balançando-se para frente e para trás agora, e Eve se acalmou, esfregando as costas dele, acalmando-o como uma criança inquieta. — Shh, está tudo bem, querido. Eu estou aqui. Eu estou aqui com você. Vai ficar tudo bem.

Seu olhar desafiou Claire para fazer isso acontecer. Agora.



Liz basicamente estava inconsciente, ainda; ela tinha perdido muito sangue, e Claire pensou que seu mecanismo de enfrentamento era apenas para tentar dormir até que tudo acabasse. Não era um plano ruim, na verdade, mas não ajudava ninguém a lidar com os problemas. Além disso, ela não estava apta a doar qualquer sangue, o que deixou para Shane, Pete e Eve. Eve, no entanto, já tinha dedicado o sangue a Michael, e ele ia precisar de mais; Claire sabia que isso seria sua responsabilidade. Deveria ser, porque ela era a razão de Michael estar tão gravemente ferido.

Ela sentiu a culpa disso borbulhando em seu estômago, como ácido.

Havia problemas entre os doadores em potencial, porque Pete não estava aceitando nada disso. — Claro que não — ele disse de onde ele estava sentado com Liz. Sua voz era dura e totalmente firme. — Nenhum vampiro vai tirar a merda de uma gota para fora de mim. Especialmente esses vampiros. Eles deixaram Jesse para trás. Ela confiava em vocês, e vocês decepcionaram ela.

— Pete — Claire começou, mas Shane colocou a mão em seu braço, silenciando-a.





— Olha cara, eu também não gosto exatamente disso — Shane disse. — Mas, se queremos recuperá-la, vamos precisar de sua ajuda. Você viu o que Davis tinha do lado dele? Ele tinha dez homens, todos armados. Claro, nós acabamos com alguns, mas eu tenho o pressentimento de que ele pode conseguir mais. Ele tem recursos de fora, algo que precisamos interromper rápido e definitivo, para a proteção de todos, inclusive de Jesse. Não é só por eles estarem com ela. É o que eles estão planejando fazer com ela que é o problema.

Isso atingiu ele, Claire viu; Pete se encolheu um pouco, e finalmente assentiu. — Tudo bem — ele disse. — Vou suportar essa merda por mais algum tempo. Mas eu estou dizendo a você, cara, o dia ainda não chegou em que eu vou deixar um vampiro me morder. Nunca vai acontecer.

— Você nunca... e quanto a Jesse?

— Jesse não é assim. Ela não saía por aí mordendo as pessoas. Ela tinha um código.

— E ele nunca falhou?

Pete desviou os olhos de Shane por um segundo. — Quase nunca. De qualquer maneira. Nunca comigo.

— Você gosta dela, certo? Você confia nela? Você quer salvá-la?

— Claro que sim!

— Então este é o melhor jeito — Shane disse. — E confie em mim, eu nunca, nunca pensei que eu estaria discutindo para deixar um vampiro morder alguém, mas, honestamente, nós precisamos disso. Ela precisa disso, e tudo o que precisamos para nos dar uma vantagem, porque não sabemos com o que estamos lidando. Pete, você é um cara durão, inferno, eu não sou tão ruim tampouco. Mas nós não sabemos nos ocultar, não sabemos essas merdas de segredos de espionagem e nem temos armas secretas semiautomáticas. Então não vamos ceder a única vantagem que temos, tudo bem?

Era um bom argumento, e Pete a contragosto finalmente assentiu. Shane deu-lhe uma espécie de aceno de volta de bom-para-você, e eles bateram os punhos. Em seguida, Shane foi direto para Myrnin, olhou-o nos olhos e disse: — Aqui. — E ofereceu seu braço, subindo a manga para mostrar as veias. — Não significa que nós vamos virar namorados.

Myrnin olhou para ele por alguns segundos, em seguida olhou para Claire; ela podia ver a confusão nele, e o desejo de trocar Shane por ela, mas ela continuou parada e não fez a oferta. Principalmente, ela teve que admitir, porque ela estava curiosa para ver como isso funcionaria — com a antipatia entre seu namorado e seu chefe/amigo deixada de lado nesta troca realmente estranhamente e íntima.





E Myrnin não estava em nenhuma posição a ser exigente; ele ainda estava fraco e instável, e as brasas vermelhas piscando em seus olhos estavam mais rápidas do que antes. Então ele pegou o braço de Shane e, sem qualquer alteração visível de expressão, suas presas se estenderam e morderam, atingindo a veia com uma facilidade sem esforço.

Shane fez uma careta e fechou os olhos enquanto a boca de Myrnin fechava sobre a sua pele, e ela podia ver seus impulsos profundos para se afastar dele. De alguma forma, ele controlou, embora parecesse que precisou de tudo dele para ficar pacientemente quieto. Myrnin, por sua vez, foi educado o suficiente para parar depois de menos de trinta segundos, e até mesmo colocar pressão sobre a ferida para parar o sangramento antes de recuar. Nem uma gota tinha escapado, e sua expressão de máscara nunca mudou. — Obrigado — ele disse, com uma cortesia perfeita — ou, pelo menos, teria sido cortês, se você não soubesse que normalmente ele dizia essas coisas. Como seu rosto, seu tom de voz estava perfeitamente em branco.

Shane, por outro lado, era tão fácil de ler que ele era praticamente uma placa de néon piscando. E o que ele demonstrava não era bom, mas ele acenou de volta. Um mínimo de polidez, e eles deram dois passos gigantes para trás para colocar espaço entre eles.

*Homens.*

Claire balançou a cabeça, foi para Oliver e estendeu o pulso.

Ele deu-lhe um olhar longo e estreito e disse: — Não, obrigado.

— Eu não sou boa o suficiente para você?

— Não seja idiota, sangue é sangue. Mas eu não estou atualmente precisando. Não se preocupe, eu tenho certeza que será um desastre catastrófico pelo qual nós estaremos lamentavelmente despreparados, se tivermos sorte.

— Porra, Oliver, isso é um sarcasmo poderoso — Shane disse. — Eu estou surpreso. Eu pensei que você estava guardando ele para algo especial, como o Apocalipse, ou pelo menos a hora do chá.

— Eu posso facilmente evitar a hora do chá. É um privilégio de ser vampiro. Ninguém perguntou a você.

Myrnin levantou a mão. — Eu perguntei.

— E nós nunca mais vamos discutir isso novamente — Oliver disse. — Sentindo-se melhor?

— Claro, eu só perdi parte do meu cérebro. Não era sequer a parte mais importante. — Claramente, Myrnin não queria dizer nada menos do que cortesia sobre Shane, ou seu sangue. — Sim. Estou restaurado. Agora, vamos resgatar Lady Grey.





— Sua incapacidade de compreender a noção mais vaga de prioridades sempre me surpreendeu — Oliver disse. — Nós tentamos ataque frontal na última hora, como você se lembra. Desta vez, vamos enviar um olheiro para examinar a situação, em vez de tropeçar como tolos bêbados diante de um bordel.

Uau. Oliver estava realmente soltando sarcasmo como armas. O que significava, pensou Claire, que ele também foi seriamente abalado pelos acontecimentos — e talvez pela captura de Jesse, já que ele não parecia desprezá-la quase tanto quanto fazia com a maioria das outras pessoas. — Eu vou — Claire disse.

— Não, você não vai — Shane disse, — já que eu sou a escolha lógica para fazer a aferição. Não tenho medo do escuro, sou capaz de usar praticamente qualquer tipo de arma, posso esmurrar um vampiro na cara, tenho formação em me meter perto do inimigo... e também, eu tenho pulsação, o que significa que eu não sou realmente valioso para os bandidos como um de vocês são. Então, eu vou.

Eve levantou uma mão. — Você esqueceu as suas desvantagens. Não pode ver no escuro, não é tão à prova de balas como um vampiro, não pode dar um soco tão forte...

— Ei, eu pensei que você estivesse do meu lado!

Eve deu de ombros. — Eu prefiro que você não morra. — Ela olhou para Michael novamente, e o significado pareceu como um punhal na coragem de Claire. Ela não tinha, afinal, se oposto a *Claire* ir. Michael despertou um pouco, e fez um som suave de protesto, e Eve o abraçou mais apertado. — Silêncio, querido, está tudo bem, está tudo bem, ninguém vai morrer. Está tudo bem.

Partiu o coração de Claire ver isso. Era culpa dela, e Eve estava certa em estar com raiva... Claire se odiava por causar toda essa situação. Ela desejava que ela nunca tivesse sequer pensado no maldito dispositivo idiota.

Mas ele funcionava, a parte fria e cientista de seu cérebro observou. *Ele está longe. E se você tivesse ele, e apontasse para um vampiro atacando você? Qualquer arma pode ser usada de uma maneira errada, mas se você usá-la da maneira certa ela pode salvar vidas...*

Ela não queria ouvir isso, não enquanto ela estivesse olhando para as consequências.

— Eu quero ir — Claire disse. — Por favor. — Ela deve ter soado tão miserável como ela se sentia. — Eu preciso ir.

Ambos olharam para Oliver, que estava definitivamente no comando agora; ele tinha sido um general um tempo atrás, e ele ainda tinha a clareza





implacável de um. — Shane vai — ele disse. — Ele é dispensável, no grande esquema das coisas, e apresenta menos tentação para os nossos inimigos.

— *Dispensável* não era a palavra que eu estava procurando ouvir para aumentar a minha moral, mas tanto faz. Boa escolha. — Shane já estava se movendo para pegar as armas, inclusive uma faca que Myrnin silenciosamente tirou de dentro de seu colete surrado e estendeu.

— Espere — Oliver disse. — Eu não terminei. Claire também deve ir.

— Espere um segundo — Shane disse, mas foi a vez de Claire de acenar. Ela se moveu e agarrou a faca de Myrnin. — Olha, se tem alguém que eles querem, é Claire. Ela pode dizer a eles tudo sobre como o dispositivo funciona, certo? Não faz qualquer sentido mandá-la lá para dentro! Eu não concordo com a coisa dispensável, mas pelo menos eu não tenho um monte no meu cérebro para ser analisado.

— Eles já sabem demais, o suficiente para usar o dispositivo, de qualquer maneira — Claire disse, e testou o peso da faca. Parecia pesada e fria em sua mão, mas serviria. Sem borda de prata sobre ela, o que fazia sentido para uma arma pessoal de um vampiro; ela iria servir contra os inimigos humanos, no entanto. — E eles não vão me pegar. Mas eu não vou deixá-los pegar você tampouco, Shane. Nós vamos proteger um ao outro, no estilo Morganville.

Ele não gostou, mas ele lhe deu um sorriso rápido e sem vontade. — Você pode tirar a garota da cidade, mas você não pode tirar a cidade da garota — ele disse. — Excelente. Vamos lá.

Claire baixou a voz e lançou um olhar em direção ao outro humano ainda com eles, que estava encostado na parede do armazém, com a cabeça baixa. — E quanto a Pete? Devemos levá-lo?

— Não tenho certeza se Pete consegue lidar com isso, honestamente. Ele é um bom rapaz, mas ele está fora de si profundamente. Ser um segurança nunca realmente precisou de descrição. Meio que o oposto, na verdade.

Então ela abraçou Shane, e ele a abraçou de volta, e então eles se afastaram para recolher outras coisas — uma lanterna de Eve, e por último, Claire pegou um pente de balas de Pete. Pete, ela não podia deixar de notar, não se ofereceu para ir. Não tinha sequer tentado. Shane estava certo, ser um segurança, mesmo em um bar razoavelmente agitado, não era qualquer tipo de preparação para o tipo de riscos de uma típica tarde em Morganville.

E então eles estavam a caminho. Liz dormia, enrolada nos pés de Pete; Michael e Eve estavam agarrados. Myrnin acenou tristemente, e Oliver... Oliver parecia régio, como um rei se despedindo das tropas que nunca esperava ver novamente.

— Eu odeio aquele filho da puta — Shane disse, sorriu e acenou de volta.





— Eu ouvi isso — Oliver disse, apenas alto o suficiente para ser ouvido.

E então eles estavam fora, correndo para o beco. Claire disse: — Ele está nos enviando como isca, não é?

— Sim — Shane disse. — É sério, *observadores*? Ele nem sequer está tentando esconder neste momento. Acho que somos a distração. Bem. Vamos começar a distração.

A noite estava começando a dar forma à sugestão fraca e distante da manhã, mas o corredor ainda estava se afogando em sombras de forma estranha. Claire usou a lanterna com cuidado, apenas pressões rápidas para mostrar os obstáculos e, em seguida, Shane liderou o caminho. Ele fez ela parar um par de vezes, seja por excesso de cautela, ou porque realmente ainda havia capangas seguindo eles... e em vez de voltar para os túneis — não tinha chance de eles subirem como eles desceram, de qualquer maneira — eles pegaram o caminho mais longo, através de ruas quase desertas. Quando um carro da polícia passou, os faróis iluminaram eles, Shane casualmente colocou um braço ao redor dela, e ela se aconchegou nele. Também ocultando as armas que eles estavam carregando.

A polícia seguiu em frente.

Eles chegaram de volta em frente da entrada da Biblioteca Annex, e Claire esperava que os policiais estivessem ao redor dela — afinal, Oliver tinha quebrado a porta da frente ao entrar. Mas em vez disso, uma madeira compensada limpa substituta tinha sido colocada, o vidro varrido para longe, e não havia nenhum sinal de que a polícia tinha estado lá.

— Seus amigos não querem companhia — Shane disse. — O que confirma por que não houve qualquer alarme. Eles tinham acabado de sequestrar alguém, e a última coisa que eles queriam era a polícia caindo sobre eles. Além disso, tem aquela estranha coisa-morcego e Derrick Morto para explicar. — Ele tentou abrir a porta — bloqueada, é claro. — Espere um segundo.

— Você precisa da lanterna?

— Não precisa de luz para arrombar fechaduras — ele disse alegremente. Ela não sabia como ele fez isso, mas por cerca de longos trinta segundos depois, ele deu um suspiro de satisfação, e ela ouviu o cadeado que bloqueava a porta se abrir. — Meu melhor recorde. Ok, entre, mas tenha cuidado. Território inimigo.

No interior, o edifício estava silencioso, tal como tinha estado antes; ela moveu-se passando os escritórios e áreas de armazenamento para a porta do armário mecânico, que estava novamente bem fechada.







E uma voz — a voz do Dr. Davis — disse: — Nada para ser encontrado lá em baixo, crianças. Se vocês estão procurando a amiga de vocês, ela está em boas mãos.

Ele estava de pé no final do ângulo do corredor ladeado por dois homens com armas. E sim, as armas estavam direcionadas para Claire e Shane, o que não a surpreendeu, mas seu coração deu um pequeno pontapé inicial de medo.

O Dr. Davis estava segurando o VLAD. Ele estava esperando um resgate com vampiros. Ela e Shane, sozinhos, era meio surpreendente.

Shane manteve as mãos para baixo em seus lados. — Não podemos falar sobre isso?

— Eu não vejo por que não, mas o fato é que a amiga ruiva de vocês não vai a lugar nenhum. Onde estão os outros vampiros? Os machos?

— Machos — Shane repetiu. — Suponho que você se refira a Jesse como a *fêmea*.

— Bem, sim, clinicamente; eles estão muito longe de serem humanos, você sabe, embora eles possam certamente simular quando desejam com bastante facilidade. Vocês têm alguma ideia do que vocês estão envolvidos, qualquer um de vocês? Como é perigoso confiar nestas criaturas? Vocês não podem. Elas vão matá-los.

— Vocês são os únicos com armas — Claire apontou. — E você que matou Derrick.

— Derrick não era da sua conta, e certamente não da minha — Davis disse. — Eu não creio que pegar vocês como reféns vai me dar alguma vantagem com os imortais. Eles não têm qualquer respeito pelos seres humanos.

— Claro que eles têm — Shane disse. — Eles nos consideram como refeições ambulantes. Mas não se preocupe, especialmente porque eles não viriam correndo para me resgatar. Meu pai era um verdadeiro assassino de vampiros.

— Sério? — Isso chamou a atenção de Davis. — Eu sempre suspeitei que haveria uma coisa dessas, com o próprio conhecimento e habilidades... o romance de Stoker deu tanto a entender. Eu presumo que os negócios não foram passados de pai para filho. Você não parece terrivelmente motivado.

Shane lhe deu um sorriso sem graça. — Oh, eu não sei. Eu tenho meus dias.

— Você veio atrás de Liz para chegar até mim — Claire disse. — Não é?

— Eu gosto de redundância em tudo o que eu faço — ele disse, e descansou uma mão proprietária no Vlad. — Você desenvolveu um objeto que nós precisávamos desesperadamente para manter na linha todos os capturados que





conseguimos. Os imortais são muito perigosos, como tenho certeza que você já sabe. Então, acho que a resposta à sua pergunta é sim. Liz era um meio para um fim, o fim sendo a sua aquisição para o nosso projeto.

— Por imortais, você quer dizer vampiros.

— É a palavra comum para eles, mas a coisa importante sobre eles a partir de um ponto de vista biológico é que seus tecidos simplesmente não envelhecem. Eles são — petrificados, em um sentido. E ainda vivos. Existem alguns outros organismos capazes deste tipo de comportamento extraordinário, mas...

— Não estamos realmente aqui para a aula de biologia, professor — Shane disse, interrompendo o que seria uma informação digna de Myrnin. Claire estava um pouco decepcionada, na verdade. — Queremos Jesse libertada. Agora. E essa coisa que você está segurando não pertence a você, então nós queríamos de volta também.

O Dr. Davis e seus dois agentes trocaram olhares divertidos antes dele dizer: — Isso está fora do seu alcance, garoto. Por favor, não blefe. É embaraçoso.

— Ele não está blefando, professor — Claire disse. — De verdade.

Shane balançou a cabeça. — Oh, vamos lá, não o chame de professor, ele não tem direito a isso. Ele é um babaca que fica com as meninas da faculdade por notas. Certo, Claire?

— Definitivamente. A propósito, Liz chorou a noite toda. Em caso de você estar interessado, *professor*.

— Aqui vai uma dica — Shane disse. — Se você deixar uma garota chorando, você provavelmente não está fazendo a sua rotina de Don Juan direito, imbecil.

O Dr. Davis não disse nada, mas sua expressão se comprimiu em uma máscara de raiva, e seus olhos perfuraram buracos neles dois. Seu aperto aumentou no VLAD.

E esse foi exatamente o momento em que os dois homens que estavam ao lado dele apenas... desapareceram. Não literalmente em um sopro de fumaça dramática, mas foi mais um movimento de borrão de *agora-você-vê-eles*, *agora-você-não-vê*. Davis nem percebeu por alguns segundos, e então já era tarde demais; Oliver estava lá com os dentes à mostra, de frente para ele.

O grito assustado de Davis e o tropeço para trás foi quase divertido de ver. Quase... e então Myrnin estava atrás dele, empurrando-o para a frente nos abraços de Oliver. Oliver girou o homem ao redor, e Myrnin tirou o dispositivo das mãos de Davis.





Então Myrnin congelou, olhando para Claire com uma expressão estranha e em branco, e disse: – Você construiu outro? Porque esse não é o modelo que trabalhamos.

E esse foi o momento em que a Dra. Irene Anderson saiu da porta mais próxima por trás deles, mirando a arma Vlad que ela estava segurando e disparando em Oliver com ela.

O efeito foi imediato e drástico. Oliver se atirou para longe do Dr. Davis, gritou, estendeu as mãos para a cabeça, e afundou-se contra a parede, tremendo. *Choramingando*. Ele estava apoiado em suas mãos e joelhos, tentando se levantar, e ela atirou ele de novo, e desta vez... desta vez Oliver não se levantou.

Claire, de boca aberta, olhou para sua professora, e não sabia o que fazer. O que dizer. *Talvez ela tivesse entendido mal, talvez...*

Ela não tinha.

A Dra. Anderson se virou para ela, e o olhar em seus olhos era indiferente, frios e muito assustadores. – Esses três estão fora de combate – ela disse. – Mas eu sei que Oliver não veio aqui sozinho. Onde está Myrnin?

Claire involuntariamente olhou de relance para o lugar que o Dr. Davis estava de pé, mas a área atrás dele agora estava vazia. Myrnin estava longe de ser visto. – Você me manipulou – ela disse. – Você me manipulou o tempo todo. Você concordou em me assumir como uma aluna não porque Myrnin pediu, mas porque você descobriu que eu tinha algo que você poderia usar. Algo que seus amigos loucos queriam. Eu confiei em você, mas você...

– Eu dei o fora de Morganville, Claire, assim como você, então, por favor, não finja que há alguma moral mais elevada onde você está. Os vampiros me usaram assim como usaram você; eles encontraram uma menina jovem, impressionável e brilhante e alimentou-a para o monstro. Você e eu sobrevivemos a isso. Nem todo mundo sobrevive.

Tudo o que a Dra. Anderson estava dizendo era verdade, mas – mas não descrevia Myrnin, não totalmente. Não era culpa dele. Ele tentava muito ser uma boa pessoa, uma pessoa real, não apenas um monstro desalmado sugando o sangue das pessoas.

Mas quando ele falhava, ele falhava espetacularmente, como um meteoro condenado em direção a Terra.

De repente Claire percebeu que o lugar sem sombra ao lado deles, aproximadamente dois metros de distância de Shane, não estava mais vazio. Myrnin tinha conseguido chegar até lá. Ele não tinha armas mais; suas mãos estavam vazias, e ele ficou muito calmamente e totalmente imóvel. À espera de uma oportunidade para atacar.





Mas qualquer segundo a Dra. Anderson poderia observá-lo. Então Claire continuou falando. — Isso não lhe dá o total direito de...

— De fazer o quê? — A mulher retrucou com os olhos brilhando. Ela deu um passo para a frente, em seguida, outro, e Shane instintivamente empurrou Claire para trás enquanto ficava no caminho. Isso também colocou Anderson mais perto de Myrnin e Claire esperava que ele fosse na direção dela... mas ele não foi. Ele estava esperando ela deixar a guarda cair completamente. — Para fazer exatamente o que você estava planejando fazer, desenvolver uma arma que permitiria que os seres humanos tivessem a oportunidade de realmente se defender de um ataque de vampiros? Para criar uma solução não-letal para o problema que você sabe que existe? Porque você que nos colocou nessa posição, Claire. Você resolveu o problema da doença que estava destruindo eles; você ajudou a derrotar as únicas coisas que eles temiam. Você colocou os principais predadores de volta ao topo, e você está certa em pensar que precisávamos de uma maneira de pará-los. — A Dra. Anderson tocou o revestimento do Vlad com uma mão leve e quase reverente. — Eu sou apenas aquela que apontou para eles primeiro.

Tudo isso soava certo, mas, ao mesmo tempo, errado, tudo errado, mas o entusiasmo das palavras de Anderson tirou de Claire a capacidade de argumentar... até que Shane fez isso por eles.

— Uma merda — ele disse, com um pequeno sorriso estranho e apertado. — Cara, você soa exatamente como meu pai. Ele foi realmente bom nisso também; bom em justificar toda a mentira, roubo, espancamento e assassinato que ele precisava fazer. Oh, é tudo por uma causa maior, garoto. Você não precisa se preocupar com os detalhes. Estamos lutando contra monstros, temos que sujar as mãos. Mas você *usou* Claire para trazer a arma até aqui, e então você usou ela para trazer Myrnin aqui quando ele soube que havia problemas. Então você usou Liz, porque você sabia que Claire iria vir atrás dela, e nós todos ajudar. Você não é exigente com quem você machuca. Portanto, não venha pregar como se você fosse algum tipo de santa. Você é apenas mais uma pecadora.

Claire assentiu. — Você poderia ter pego Myrnin quando você falou com ele sobre a arma desaparecida, que nunca esteve desaparecida para começar. Mas você esperou.

— Claro que eu esperei. Eu queria todos eles. Precisamos ter um tamanho de amostra tão grande quanto possível para realizar nossos testes, documentar os resultados e apresentá-los todos para a agência que o Dr. Davis e eu trabalhamos. E não, Claire, não é para o governo que eu estou trabalhando. Desculpe desapontá-la. Mas aqueles que eu trabalho são bem financiados, e





eles têm os melhores interesses para a humanidade. — Os olhos da Dra. Anderson se tornaram mais frios, e ela apontou diretamente o dispositivo no peito de Shane. — Eu sei que Myrnin está aqui, em algum lugar. Você provavelmente tem uma boa ideia de como encontrá-lo; você parece ter uma rédea sobre ele. Isso não vai matar seu namorado, mas vai machucá-lo durante horas, talvez dias. Talvez até de forma permanente. Ele está configurado em sua maior intensidade. Quer ver o que ele faz a um ser humano? Acho que não vai ser muito bonito.

Ela tinha reforços chegando. O Dr. Davis estava desaparecido, e ele estaria voltando com muita ajuda. Oliver estava indefeso. Assim como Jesse em algum lugar, e Michael e Eve não estavam a salvo, tampouco. Eles tinham força nos números, mas essa força se foi, tudo se foi. Shane não conseguiria chegar até ela antes que Anderson desse o tiro, e Claire estava enjoada com horror ao pensar que ela tinha construído algo, algo que ela tinha a intenção de ser uma coisa positiva, que poderia fazer muito dano a aqueles que ela amava.

Ela fechou os olhos por um longo segundo, e então abriu-os e disse: — Você não tem que fazer isso. Talvez você esteja certa, afinal. Eu vi como os vampiros podem fazer muito mal. Eu vi o quanto de morte houve. Eu não sou ingênua, Dra. Anderson; eu fiz essa coisa por uma razão.

— Então me ajude — Anderson disse. — Não faça eu machucar você ou Shane. Diga-me o que eu preciso saber.

Era o momento da verdade, e Claire não hesitou. Ela apontou para o canto onde Myrnin estava escondido na sombra. — Ele está bem ali. Sinto muito, Myrnin. Eu sinto muito!

Essa última parte veio com um lamento, porque ele estava saindo rápido, mas não rápido o suficiente.

Irene Anderson foi rápida no gatilho e a explosão de Vlad pegou ele não mais do que dois metros de distância do seu esconderijo. Claire observou, de repente sentindo um frio entorpecido quando Myrnin gritou, caiu para a frente no chão, rolou de lado, e olhou para ela com uma expressão atormentada e sombria. Não com raiva. Apenas... decepcionada.

— Sinto muito — ela sussurrou quando Anderson atirou nele de novo, e tudo o que Myrnin representava apenas... desapareceu de seus olhos.





# CAPÍTULO 12

SHANE

**S** seja lá o que eu esperava, não era isso. Não era Claire delatando Myrnin, de todas as pessoas. Oliver talvez; nós dois tínhamos motivos suficientes para fazer isso. Mas, sem qualquer tipo de aviso, sem nenhuma hesitação, ela entregou-o, sabendo que Anderson ia atirar.

Eu não posso dizer que eu não teria feito o mesmo, mas eu nunca disse que gostava muito do cara. Nós tínhamos uma espécie de aversão alegre acontecendo; ele salvava a minha vida por puro dever, e eu faria o mesmo por ele, mas nenhum de nós derramaríamos nenhuma lágrima em um trágico acidente.

Mas Claire... eu sabia que ela tinha essa *coisa* por Myrnin. Não amor, talvez; não amor no sentido romântico, de qualquer maneira. Mas sejam quais fossem os seus sentimentos, eles eram profundos, e assim como sua lealdade. Ela entregá-lo assim... me chocou. Me fez pensar naquele instante se eu realmente conhecia ela.

Eu estava pensando que ainda poderia salvar tudo isso — deixar Myrnin ficar com Anderson, pegar Oliver, dar o fora antes da cavalaria armada do Dr. Davis retornar. Mas Claire... Claire mudou tudo isso. Claire desistiu — ela desistiu de toda a ideia de ganhar. E eu nunca esperaria por isso.

Pelo choque congelado no rosto de Myrnin quando ela apontou para ele, não era o que ele esperava dela, tampouco.

Eu não amo o cara, mas eu estremeci e desviei o olhar quando Anderson continuou atirando nele. Nenhum ferimento visível, nem sangramento, mas a agonia era óbvia. Ela o estava machucando, e pela luz cruel e entusiasmada em seus olhos, ela estava gostando como um inferno. Eu me perguntava que tipo de sentimento ela abrigava por Myrnin por todos esses anos, só por ver Claire tomar o lugar dela no laboratório, e talvez a afeição do vampiro.

Tentei me atravessar na frente, mas Anderson virou-se para mim, pronta para disparar, e eu fui forçado a parar com as mãos para cima. — Sim, certo, tudo bem — eu disse, e eu mantive a minha voz baixa e calma. — Senhora, ele







foi derrotado, ele foi derrotado. Você pode parar agora. Ele não é nenhuma ameaça para você.

A Dra. Anderson parou de disparar então, e ela tinha um olhar em seu rosto como se ela estivesse enojada pelo que ela tinha feito — mas só por um segundo. E então desapareceu, substituído por aquele brilho que eu lembrava tão bem no meu pai. Ele era obcecado pela causa, e ele sacrificava tudo e todos por ela. Inclusive eu, é claro.

Eu fiquei imaginando o que, e quem, ela tinha sacrificado ao longo do caminho, se esta era a sua causa agora. A coisa louca era que Myrnin ainda tinha confiado nela — tinha confiado nela da mesma forma que ele tinha confiado em Claire. Ele nunca tinha suspeitado que ela se voltaria contra ele.

E agora Claire tinha dado uma facada também. Não era um bom dia para a Equipe de Vampiros.

Eu não tentei ir ver se Myrnin estava bem; era óbvio que ele não estava — assim como Oliver, que estava balançando e gemendo no canto. E Michael, que tinha sido deixado tremendo nos braços de Eve como um garotinho assustado. Eu estaquei vampiros antes, não me interpretem mal; eu não sou fraco quando se trata de fazer o que precisa ser feito, quando precisa ser feito.

Mas o que Anderson tinha feito, e estava fazendo... era cruel.

Claire ficou branca como giz, e seus olhos estavam enormes; eu estava com medo de que ela pudesse desmaiar também, quando a enormidade do que ela tinha feito atingisse ela, mas em vez disso, ela ergueu o queixo e encontrou o meu olhar sem vacilar. Como se ela estivesse tentando me dizer algo. Eu não tinha ideia do que era, mas talvez, apenas talvez, Claire tinha algum tipo de plano.

Fazia mais sentido do que pensar que ela de repente desenvolveu um talento para traição.

*Confie nela, algo em mim disse. Não importa o que pareça. Não importa o que ela diga ou faça, ou o que alguém diga ou faça. Pelo amor de Deus, confie nela.* Porque essa era a lição que eu aprendi tão arduamente ao longo das últimas semanas. Quando tudo ficou louco, quando nada fazia sentido... Claire fazia sentido. Eu só tinha que confiar, mesmo quando eu não sabia como.

Eu alisei as costas de sua mão com a minha em uma carícia silenciosa, e tentei fazê-la entender que eu estava prestes a fingir junto. Espero que ela tenha entendido a mensagem, porque depois disso, a primeira coisa que eu fiz foi empurrá-la para trás. — Que droga, Claire? Ele era a nossa única chance de sair dessa! O que diabos você estava pensando?

Ela tropeçou, parecendo atordoada, e por um segundo eu pensei que ela não tinha entendido a minha tentativa de segurança — mas então eu sabia que





ela tinha. Eu não sabia identificar como eu sabia... mas ela e eu estávamos em sincronia, de novo, e nós entendemos um ao outro. — Ele não era a nossa única chance, e nós não íamos conseguir sair — ela disse. — E não me empurre, Shane. Nunca *mais* faça isso de novo.

— Ou você vai fazer o que? Fazer a sua amiga dar um choque-vamp em mim? — Anderson estava nos observando de perto, e me certifiquei de colocar tanta amargura quanto eu podia. — Você esfaqueou Myrnin pelas costas, Claire. Eu pensei que você realmente gostasse dele.

— Mais do que eu gosto de você — ela revidou. — Eu deixei você, Shane. Eu deixei Morganville. Eu deixei Myrnin. Eu vim para construir uma nova vida e tentar ser outra pessoa, e todos vocês me seguiram! Por que eu sou a vilã, de repente? Ela não feriu eles, ela só... ela apenas desativou eles. Como você disse. Um choque, apenas para vampiros.

— Olha para eles. *Olhe!* Você está certa de que ele não tem efeitos duradouros? — eu perguntei a ela. — Você tem certeza de que Michael vai se levantar e rir disso? Sim, e mesmo que seja temporário, eu tenho certeza de que Oliver vai aceitar isso muito bem levando em conta que ele saiu chorando como uma menina. Você acabou de se certificar de que todos eles vão nos matar, realmente nos matar, você entende isso? Se você queria causar uma guerra com Amelie, você já fez isso. Ela nunca vai deixar isso prosseguir.

— Amelie nunca vai saber — a Dra. Anderson disse. — Oliver foi exilado. Ela enviou Michael para perseguir seu animal de estimação rebelde e louco perdido. Se todos eles desaparecem ao longo do caminho, bem. Acidentes acontecem, mesmo com os vampiros. E ninguém pode saber que eles estiveram aqui.

— Exceto por Liz, Pete, Claire, Eve e eu — eu disse. — Então eu acho que nós vamos ter que tirar um cochilo de fertilizante em seu jardim de rosas, certo? Oh, espere, você é a mocinha. Desculpe, eu estava confuso por um segundo.

— Posso assegurar a você que os quatro vampiros não serão mortos. Eles são as cobaias do laboratório de valor inestimável, desde que nós possamos a mantê-los dóceis, o que esta arma faz muito bem — a Dra. Anderson disse. — E eu acho que eu posso convencer o resto de vocês que o melhor interesse é manter silêncio. Liz é uma menina jovem e impressionável. Você, Shane — bem, se você não for convencido, eu tenho certeza que eu posso falar com Liz para ela culpar você pelo rapto dela. Você vai passar metade da sua vida na prisão.

— Você não tem que fazer isso — Claire disse. — Ele não vai dizer nada. Shane, me ouça. Se todos nós ficarmos juntos, se contarmos a mesma história,





podemos ficar seguros. Pela primeira vez em nossas vidas, seguros. Amelie não virá aqui, é risco demais. Podemos ficar aqui, viver nossas vidas sem ter medo para variar. Podemos ser felizes.

— E, claro, se você decidir que seus princípios são mais importantes, eu tenho certeza que ainda podemos voltar à Opção Um — a Dra. Anderson disse. — Eu admito, não é a minha primeira escolha. Eu não gosto de ferir os seres humanos. Meu objetivo é fazer um mundo onde os vampiros podem ser contidos, construtivamente gerenciados para a própria segurança deles e para a nossa. Se você concorda com isso, eu acho que todos podemos conviver muito bem.

— Você vai fazer Eve concordar com isso também? Em deixar Michael ser algum tipo de rato de laboratório? — eu exigi. — Merda, Claire, você sabe, isso nunca vai acontecer. Talvez você possa me convencer sobre o resto deles, mas não Michael. Ele é nosso amigo. Ele é meu irmão.

— Eu realmente não preciso de quatro indivíduos — a Dra. Anderson disse então, pronta para fazer a concessão apenas no momento certo. Meu pai teria ficado orgulhoso. — Três servirão. Michael pode ser mantido seguro, mas ileso. Isso responde as suas preocupações?

O que tinha acontecido, nos momentos desde que Claire tinha desistido de Myrnin, foi bastante surpreendente, porque tínhamos ido de estar no final mortal para negociar favores e fazer acordos, e eu não acho que a Dra. Anderson tenha percebido que ela estava sendo enganada tão completamente e magistralmente como ela tinha manipulado Claire. Foi impressionante. E um pouco assustador. Aquela arma assustadora não estava apontada para mim mais, nem mesmo vagamente; estava mirando o chão. Isso não significava que ele não poderia voltar para cima novamente, se eu fizesse algo estúpido, mas ao concentrar a minha raiva em Claire, eu tinha ganhado algum espaço para respirar enquanto eu era o verdadeiro alvo. Eu tinha colocado Claire e Anderson do mesmo lado, e agora elas estavam discutindo detalhes.

Eu só esperava que Claire não estivesse acreditando no que eu estava dizendo. Eu não sabia dizer agora. Ela ainda parecia pálida, chocada e frágil, e eu queria tanto pegá-la nos meus braços que doía... mas isso não ajudaria qualquer um de nós agora.

— Você vai ter que convencer Eve, não eu — eu disse. — Mas fique longe de Michael e eu poderei ser capaz de viver com o resto. Talvez.

— Não há, talvez, Shane. Talvez você vá para a prisão. Portanto, sugiro que pense bem na sua próxima resposta, está bem?

Eu deixei um momento passar, e então finalmente concordei. Eu estava tentando não olhar para Myrnin, porque ele estava enrolado em uma bola





fetal no chão, sussurrando para si mesmo, e se eu já achei que ele tinha parecido louco antes, bem, eu estava errado. Ele parecia destruído agora, e eu não tinha certeza se qualquer uma dessas peças iriam se juntar novamente. Myrnin tinha sido quebrado, e agora ele parecia despedaçado.

Claire tinha um olhar severo e sombrio em seus olhos, que eu reconheci; ela estava tentando manter tudo escondido, apenas para passar para o próximo momento sem sentir a dor. Eu conhecia aquele olhar, porque eu tinha inventado ele.

— Então o que você quer que eu diga? — eu perguntei, e olhei para ela diretamente. — Claire, me diga o que você quer que eu diga. Você sabe que eu vou fazer tudo por você. Eu sempre faço.

Ela deu uma respiração forte e trêmula, e disse: — Apenas diga que você vai me apoiar quando eu tiver que falar com Amelie. Diga que você nunca viu qualquer um deles, ou nada... disso. Diga a ela que, pelo que você sabe, está tudo normal aqui.

— E quanto a Jesse? Amelie enviou-a para observar a sua chefe aqui. Ela vai suspeitar quando Jesse estiver desaparecida também.

— Vamos lidar com Jesse — Anderson disse. — Ela tem pontos fracos e eu sei como usá-los. Ela vai fazer o que eu disser a ela quando precisar, e ela tem um pouco de amor por Amelie de qualquer maneira.

Eu sabia, de repente, exatamente qual ponto fraco era... Myrnin. Jesse adquiria um pouco de brilho especial quando falava com ele; ela ficava ok com Oliver, mas *super* ok com o Conde Crackula. A Dra. Anderson iria manter Jesse na linha, ameaçando machucar mais Myrnin. E estava tudo bem, porque inferno, eles eram apenas vampiros, certo? Não importava se eles se machucassem. Ratos de laboratório.

Eu podia sentir o fantasma do meu pai balançando a cabeça em concordância com isso, e isso fazia eu me sentir enjoado lá no fundo. — Eu achei que você e Jesse tinham algum tipo de amizade — eu disse.

— Nós tivemos uma vez — a Dra. Anderson disse. — E você de todas as pessoas devem compreender que você não pode confiar em um vampiro para sentimentalismo. Eles simplesmente não têm a fiação em suas cabeças para realmente sentir da forma que nós sentimos. É falso, uma máscara que eles usam para chamar a presa e mantê-las perto. Eles são predadores, puramente e simplesmente. Eles são extremamente bons no que fazem.

Havia sons no corredor, e eu ouvi alguns tipos de veículos parando em cima no estacionamento. A diversão acabou agora; Claire tinha feito sua tática, eu tinha apoiado, e agora... agora nós veríamos se a Dra. Anderson realmente acreditou em nós.





Patrick Imbecil Davis apareceu na porta. — Nós temos veículos seguros lá fora — ele disse. — Podemos algemar os vampiros com prata, eles não vão a lugar nenhum. E quanto a esses dois? Eles estão presos?

Eu sentia o peso do olhar de Anderson em mim. Eu estava pendurado sobre a fogueira, com certeza; ela não estava brincando sobre fazer Liz fofocar que eu tinha sequestrado ela, e isso me colocaria na prisão federal, por muito tempo. Eu estava acostumado a celas de Morganville, mas isso era outra coisa.

— Preciso de uma demonstração de boa fé — a Dra. Anderson disse. — Então, você vai nos mostrar onde você deixou os seus amigos Michael e Eve. Precisamos recuperar Pete e Liz, também. Para a própria segurança deles.

Essa frase me fez apertar os dentes, mas eu tentei não deixar transparecer. — Claro — eu disse. — Eu te levo lá.

— Claro que você leva — ela disse. — Porque se você não fizer isso, eu vou encontrá-los de qualquer maneira, e eu prometo a você, o resultado não será tão bom. Eu quero a cooperação e o apoio de Claire, e ela está claramente disposta a oferecê-los. Mas eu não preciso de você, Shane. Você pode desaparecer tão facilmente quanto os vampiros, e há um número surpreendente de anônimos que morrem em Boston todos os anos. Você poderia ser um deles, e o seu corpo ser doado para a escola de medicina. Está claro?

Tão claro que eu podia praticamente ver o brilho nisso. Eu balancei a cabeça, sem me importar em dizer qualquer coisa, e quando Patrick Davis fez um gesto para mim, eu o segui. Antes que eu chegasse na van escurecida, no entanto, eu me virei. A Dra. Anderson estava atrás de mim, com Claire ao seu lado.

— Só uma coisa — eu disse a Anderson. — Eu devo uma coisa ao Dr. Davis.

Ela provavelmente sabia o que estava vindo, porque ela não fez nenhum movimento, e eu não queria esperar por permissão. Às vezes, é apenas melhor pedir um pedido de desculpas.

Eu dei um soco na cara dele, e caramba, pareceu realmente bom, fez o caminho todo do meu braço até as minhas entranhas. Apenas um pouco de violência, para deixar sair o vapor da panela fervendo.

— Isso é por Liz — eu disse. — Idiota.

A Dra. Anderson riu. Davis caiu com força, embalando o nariz, quebrado provavelmente, e alguém fez uma piada sobre hemorragias nasais e vampiros, e eu não ouvi porque eu entrei no banco do passageiro, me sentei e descansei a minha cabeça contra o vidro. Por um segundo ou dois, a neblina vermelha se recusou a limpar. Esse é o perigo de deixar a besta sair da gaiola um pouco; às vezes, ela simplesmente não quer voltar. Mas no momento em que o





motorista entrou e fechou a porta, eu era o meu antigo eu bem-humorado de novo, e eu mostrei a ele os polegares para cima.

— Você é sortudo de um de nós não colocar uma bala em você — ele me disse.

— Eu vivo uma vida encantada — eu concordei. — Saia do estacionamento e vire à esquerda. Eu vou lhe dar as instruções.

Claire e a Dra. Anderson não tinham entrado na van com a gente. Eu virei a cabeça e vi as duas de pé com um outro conjunto de caras de terno, e eu esperava como o inferno que eu estivesse fazendo a coisa certa, porque se eu não estivesse, se de alguma forma eu tinha feito tudo errado...

Então todos nós iríamos sofrer por isso.



O armazém parecia tão deserto como sempre. Eu fiz o motorista estacionar um quarteirão de distância, para o caso de Michael ter se recuperado o suficiente para receber algum tipo de aviso; eu acabei na frente de uma coluna de quatro caras, inclusive o condutor. Ele era um tipo de cara frio e inexpressivo, mas depois de você colocar um terno escuro na maioria dos caras, eles começam a se misturar. Ele era um Afro-Americano, mas isso não fazia dele diferente dos outros, exceto pela altura normal, peso e variações de tamanho dos ternos.

— Então, qual é o negócio de vocês? — eu perguntei a ele quando nós descemos para o beco em direção ao armazém. — Vocês trabalham para algum tipo de empresa?

— Sim, criança, eu sou o vice-presidente da Corporação Van Helsing.

— Há, muito engraçado, sim, eu li *Drácula*, surpresa. — Idiota. — O que eu quero dizer é, você é algum tipo de crente verdadeiro ou apenas contratado?

— Você perguntou se eu já perdi pessoas para os vampiros? Porque sim. Nós todos perdemos. Então, cale a boca e faça o seu trabalho. Vamos fazer o nosso.

Isso respondeu à minha pergunta muito bem, na verdade. Os verdadeiros crentes. Não era uma grande notícia, considerando que eu tinha um monte de experiência com esses tipos de pessoas. Muito melhor lidar com caras contratados que não tinham uma participação emocional com o que estava acontecendo.

— Eu sou Shane — eu disse. Primeiro passo, tentar formar uma ligação. Qualquer negociador de reféns iria dizer para você que isso é importante para se manter vivo.







— Não me importa como a sua mamãe e o seu papai te chamaram — ele disse. — Agora cale a boca e nos mostre onde você os deixou.

E eu querendo formar uma ligação. Eu segui as instruções, e estendi a mão para a entrada de tapume do armazém onde tínhamos nos escondido. Eu apontei para ele e indiquei que ele deveria deixar eu ir primeiro. Ele assentiu. Eu não levei isso como qualquer tipo de promessa que ele iria esperar, no entanto. Ele poderia me dar um minuto, ou ele podia apenas entrar gritando com as armas prontas.

Eu entrei, e imediatamente estava com um bom pedaço afiado de garrafa quebrada na minha garganta. — Ei, ei, ei, garota, eu estou do seu lado — eu disse a Eve. Ela soltou um suspiro e deu um passo para trás, soltando o vidro, e depois avançando para mim para envolver os braços em volta de mim. Ela cheirava a lágrimas e desespero.

— Oh, Deus, obrigada, eu estava com tanto medo, Shane, ele não está ficando melhor, precisamos tirá-lo daqui, nós temos que... — Sua voz desapareceu enquanto ela se empurrava para trás de mim. Eu não tinha dito nada, mas eu imaginei que a minha linguagem corporal tinha dado uma pista de que algo estava errado. — Onde está Claire?

— Confie em mim — eu disse. Eu tinha pouco tempo para falar então eu disse isso rápido. — Confie em mim não importa o que aconteça. Ok?

— Ok — ela disse, mas sua voz tremeu, e pelo que eu pude ver em seu rosto, ela parecia aterrorizada. — Shane...

E, em seguida, o motorista entrou no lugar, prendendo ela no lugar com uma luz súbita de uma lanterna, e quando ela tentou bloquear a claridade, ele se afastou para deixar os outros entrarem. — Parados! De joelhos! — ele gritou, e então tudo acabou em segundos. Liz estava acordada, mas com medo, e ela gritou e tentou se esconder em um canto; Pete deu um par de socos, mas eram fracos, e ele foi jogado para baixo no concreto sujo em menos de dez segundos.

Eve, presa sob a mão do motorista, olhou para mim com olhos negros ardentes como carvão, e não disse absolutamente nada.

*Confie em mim*, eu gesticulei com a boca, e esperava que ela pudesse entender. Se ela tivesse com a garrafa quebrada naquele momento, eu tinha certeza de que eu estaria sangrando por todo o chão, especialmente quando dois dos quatro homens foram para Michael, agarraram ele e o arrastaram para longe.

Ele não estava melhor. Nem mesmo um pouco melhor. E me assustou ao vê-lo tremendo e chorando daquele jeito, como se todos os demônios do mundo estivessem amontoados em sua cabeça ao mesmo tempo.





Me assustou um pouco mais ao ver a promessa obscura nos olhos de Eve quando eles algemaram ela e empurraram-na para fora atrás dele. Então eu observei-os carregar Pete e Liz também.

O motorista voltou para mim e acenou com a cabeça. — Nada mal — ele disse. — Você pode ter algum potencial, afinal. Se você odeia vampiros, podemos usá-lo. Podemos sempre usar bons homens.

— Eu não acho que você entenda o que essa palavra significa realmente — eu disse, e caminhei sozinho de volta para a van. No caminho até lá, eu descobri uma necessidade súbita e urgente de lançar minhas entranhas ao lado da lixeira. Ela cheirava a comida chinesa estragado, mas eu tinha certeza que não era por isso que eu me sentia tão mal.

Traição tinha um gosto horrivelmente amargo, e não importava o quanto eu lavasse a minha boca com água engarrafada, eu não poderia me livrar dele.

Eu me perguntava se Claire estava saboreando isso também. Se *eu* estava sentindo isso, o que ela poderia estar sofrendo? Porque ela era a pessoa que sentia as coisas muito profundamente, se importava muito.

Eu esperava que ela não estivesse tão destruída quanto Myrnin quando tudo isso acabasse.

A viagem que veio depois disso foi surpreendentemente longa, e o sol já estava nascendo quando chegamos... em algum tipo de uma fazenda, pelo que eu pude ver da paisagem. Nós tínhamos saído da cidade e ido para a área rural, embora houvesse uma abundância de pequenos Starbucks. Na costa leste a “zona rural” não era o mesmo que era no oeste do Texas, onde você podia dirigir por 200 milhas e dificilmente vislumbrar um barraco em ruínas, muito menos uma praça da cidade.

A última cidade que eu tinha sido capaz de detectar com qualquer tipo de placa tinha sido Meldon, e já que eu não poderia pegar um mapa e tentar descobrir a nossa localização, eu só decorei tudo para mais tarde.

Não havia muito a aprender com os meus novos amigos; eles continuaram a ser indiferentes, e eles não estavam conversadores. Eve estava, mas o que ela estava dizendo era cruel e eu estava tentando não ouvir nada disso. Resumindo, ela me culpava. Eu acho que isso não era muito surpreendente. Melhor eu do que Claire, de qualquer maneira. Depois de um tempo ela se afastou para me dizer que eu era um traidor cruel e ela desejava que ela nunca tivesse me conhecido. Mas eu tinha mais medo do silêncio, o que apareceu depois, porque ele tinha uma espécie de gravidade densa e ardente.

E doeu. Muito. Eu podia provocar Eve, talvez até demais, mas eu a amava como uma irmã; eu achava ela brilhante e engraçada, e afiada como a minha





melhor faca. Pensar que ela me odiava, mesmo que ela reconsiderasse mais tarde... sim, cortava bem profundo.

Quando a van finalmente rolou até parar, eu dei o fora de lá, rápido, na esperança de simplesmente ir embora, mas eles não iriam tornar isso tão fácil. O motorista deu a volta no capô e me empurrou de volta para a van. — Você está no comando da tagarela — ele disse. — Cale ela ou eu vou fazer isso por você, e você não vai gostar de como eu faço isso.

Eu me senti mal, mas não havia muito o que eu pudesse fazer sobre isso. Eu só balancei a cabeça, agarrei Eve pelo braço e puxei-a para fora da van. Ela chutou e gritou, e eu puxei-a para perto o suficiente para que a luz do amanhecer ficasse direto em seu rosto e fizesse ela piscar.

— Me solta, seu imbecil! — ela disse, e me empurrou com as mãos atadas. — Eu juro por Deus, se você me tocar de novo eu vou mastigar os seus dedos!

— Eve, calma. Eu lhe disse para confiar em mim, não foi? — Eu mantive a voz baixa, quase um sussurro, mas eu puxei seu braço com força extra para que o motorista, que estava observando de perto, testemunhasse a dor que ardia em seu rosto. — Estou tentando mantê-la viva, você, eu, Michael, Claire e todos os outros. Então, apenas... se acalme. Me odeie tanto quanto quiser; na verdade, se isso ajuda. Mas apenas faça em um volume mais baixo, ok? Ou ele vai te machucar.

Ela olhou para mim, mas eu vi o aceno de cabeça, um pequeno. Não que ela estivesse a bordo de toda a coisa de confiança; eu pude ver o fogo nos olhos dela que ela não estava. Ela estava apenas me dando uma corda, para me sufocar com ela mais tarde. Se pendurar, ela teria dito, era bom demais para mim.

— Se alguma coisa acontecer com ele, ou com Claire, eu vou esfolar você e usar a sua pele como um tapete — ela disse.

O lugar cheirava a uma fazenda; havia um mau cheiro derivado de fertilizantes saindo dos campos, e eu podia ouvir o mugido baixo das vacas em algum lugar à distância, escondido por espessas camadas de névoa. Eu esperava que elas não fossem vacas vampiras. Eu não queria ser comido por um bife. Havia uma grande fazenda de dois andares com uma antiquada varanda em volta dela, completa com cadeiras de balanço pintadas de branco e pequenas estátuas de cerâmica de patos sobre os degraus que levavam a ela. Adorável e idiota, como Eve teria dito se ela estivesse com um humor melhor. Na névoa eu podia ver os contornos sombrios de um celeiro de algum tipo. Poderia ser vermelho, era difícil dizer.

— Para dentro — o motorista me ordenou, e eu empurrei Eve para subir os degraus e entrar na casa.





Era como se o tempo tivesse parado na década de oitenta, com todos os tecidos em tons pastel, babados e madeira branca. Se essa era a casa do Idiota Davis, a esposa dele definitivamente tinha decorado. Em seguida, ela provavelmente se divorciou dele, e ele não se preocupou em mudá-la; as camadas de poeira nos topos da cortina e nas decorações espalhadas ao redor me provou que eu estava certo.

Nós não tivemos muito tempo para admirar a decoração. Havia uma cozinha à direita, com a possibilidade divina de todos os tipos de objetos cortantes e substâncias químicas, mas o motorista estava bem atrás de nós com sua arma. Pete estava atrás dele, mas ele estava com Liz por cima do ombro, e ele olhou para mim como se toda a sua força tivesse saído dele. Atrás dele veio outro cara sozinho, e mais dois arrastando Michael, que ainda estava convulsionado em uma bola e estremecendo.

Além da sala da frente com seus patos de cerâmica empoeirados e papel de parede floral, porém, as coisas mudaram. O próximo quarto tinha sido renovado, com uma porta de aço, um piso de vinil, paredes brancas e incorporado com luminárias fluorescentes acima. Um laboratório. Eu sabia como eles pareciam, embora eu não gastasse muito tempo nas aulas de química. Esse tinha uma variedade de gaiolas contra a parede, desde pequenas suficientes para manter ratos presos, até grandes que poderiam manter um tigre em segurança.

Eles colocaram Michael nessa.

— Não, relaxe, está tudo bem — eu disse quando Eve tentou se livrar de mim. Eu mantive a minha voz baixa e suave, porque eu podia sentir o desespero nela agora, e sabia que ela estava à beira de desabar. — Ele está seguro. Nada vai acontecer com ele. Estou mais preocupado com a gente.

— Com a gente? — Ela franziu a testa para mim, ainda distraída; eu entendia. Se tivesse sido Claire na gaiola, eu não poderia ter me concentrado, tampouco. — Para que eles precisam de nós?

— Eles não precisam — eu disse. — É por isso que eu estou preocupado.

O motorista virou-se para os quatro de nós — eu, Eve, Pete e o corpo inerte de Liz — e disse: — Ali. — Ele enfatizou isso com um movimento da arma em direção a outra porta. De aço. Com um bloqueio proeminente sobre ela.

— Ei — eu disse, e levantei as mãos. — Eu estou do seu lado, lembra?

Ele riu. — Sim, garoto, você está. Dentro. Não se preocupe, você não está em perigo. Nós precisamos de você para manter a sua namoradinha inteligente na linha.

— Espere — Eve disse. Eu pensei que ela iria ficar agitada de novo, mas ela olhou para o cara com calma, e quando ele balançou a cabeça, ela





continuou: — Poderíamos talvez ir para o banheiro primeiro? Porque eu, pessoalmente, preciso desesperadamente fazer xixi.

Ele parecia irritado, mas não era como se os vilões não entendessem a necessidade de fazer xixi. Todo mundo precisava. Nem todo mundo se importava, no entanto, e eu preendi a respiração por um segundo esperando que ele só atirasse um balde no quarto ou algo assim, mas então ele concordou com relutância. — Vá com ele — ele disse, e apontou para um dos outros caras que estava segurando Michael. — A porta permanece aberta.

— Você está brincando? — A voz de Eve elevou-se, e ela colocou as mãos nos quadris. — O que você é, algum tipo de pervertido? Você gosta de olhar garotas adolescentes...

Ele se encolheu. — Está certo. Mas você tem um minuto, e se você não tiver terminado, a porta se abre. — Ele sacudiu a cabeça, e seu garoto levou Eve para fora da outra porta. — Alguém mais tem uma bexiga solta?

Pete e eu balançamos a cabeça. Eu levantei a minha mão. — Mas eu não diria não para o banheiro, tampouco.

— Eu também — Pete disse. — No caso desta ser uma longa estadia na prisão.

— Conte com isso — o motorista disse. — Tudo bem. Quando a menina voltar, você vai. — Ele apontou para Pete. — Você vai por último, Shane.

— Porque eu?

— Porque eu gosto menos de você.

*Idem*, eu pensei, e sorri para ele. Ele sorriu de volta. Eu estava pensando sobre como eu iria tirar a arma dele, e ele provavelmente estava pensando sobre o quão forte ele ia atirar em mim quando eu tentasse.

Diplomacia.

Com o canto do meu olho eu vi Michael, na gaiola, levantar a cabeça. Engraçado. Na minha visão periférica, seus olhos estavam queimando vermelho. Eu lembrei do que Myrnin tinha dito sobre Michael precisar de sangue para lutar contra o que quer que esta força estava atuando sobre ele... e não importava o quão forte aquela gaiola era, não era boa o suficiente para conter Michael, ou qualquer um dos vampiros, se eles realmente quisessem sair.

Acontece que eu estava errado sobre isso. Michael pegou duas barras — que se deslocaram silenciosamente — e começou a dobrá-las. Elas não foram longe. Ele continuou tentando, mas do que quer que seja que a gaiola foi feita, era definitivamente a prova dos músculos de vampiros. Não prata, porque não queimava. Era apenas... mais forte.





Ele soltou e, quando um dos guardas olhou em sua direção, caiu de volta para se encolher e tremer em uma bola de sofrimento.

Bom, eu pensei. Pelo menos tínhamos uma carta na manga, mesmo que estivesse trancada. Mais cedo ou mais tarde, eles subestimariam ele, e deixariam ele solto.

E, em seguida, o coringa seria definitivamente selvagem.

Eve voltou do banheiro, e Pete saiu; ela se inclinou contra a parede e cruzou os braços, olhando desafiadoramente para o nosso motorista. Ele se aproximou para verificar Liz, caída contra a parede. Eu já tinha feito isso. Sua respiração estava boa, mas eu não gostava da palidez de giz de sua pele. O que quer que tinham dado a ela para desacordá-la quando a tinham raptado, tinha realmente derrubado ela. Eu suponho que tivemos sorte de não termos recebido os mesmos tranquilizantes... ainda.

— Eu estive pensando sobre isso — Eve disse.

— Sobre o quê? — eu perguntei, ainda olhando para o motorista.

— Eu acho que você ainda é um idiota. — E ela se virou e me deu um tapa. Forte o suficiente para deixar uma marca. Eu pisquei e peguei a mão dela na segunda tentativa, e senti a outra mão, disfarçada por todo o drama, enfiar alguma coisa no bolso da minha calça jeans. Eu não olhei para baixo, apenas diretamente para o seu rosto.

— Bem — eu disse. — Eu acho que eu entendi. — Eu empurrei-a para trás, e o motorista ficou de pé, franziu a testa, e abriu a porta de aço. Ele empurrou Eve para dentro, depois eu, e arrastou Liz também.

— Se vocês querem se bater, façam isso lá dentro — ele disse. — Mas eu não vou enviar nenhum curativo. Se vocês querem lutar, vocês podem apenas sangrar livremente.

— Ele não vale a pena o esforço de um soco — Eve disse. Ela virou as costas e foi embora, de braços cruzados novamente.

Pete chegou e foi empurrado para dentro, e a porta se fechou com uma explosão. Eu não tive uma ida ao banheiro, provavelmente para me punir por ser eu mesmo.

O quarto, sob inspeção, era uma caixa de concreto simples, sem janelas, nada. Havia um leve cheiro de antisséptico, como se tivesse sido usado para o armazenamento de suprimentos médicos, mas não havia mais nada a não ser nós, e um pequeno ralo do tamanho de uma mão no centro do chão. Meu pai já havia dito que um corpo humano poderia passar através de qualquer tamanho de buraco grande o suficiente para acomodar a cabeça; era apenas uma questão de deslocar ossos suficientes. Sim, ele era divertido dessa forma.







Mas esse buraco não era nem suficientemente grande para o meu punho cerrado, quem dirá o meu crânio. Assim isso estava fora de cogitação. Felizmente.

Eu verifiquei a porta, o teto e os cantos. Eu não vi nenhuma câmera nos observando, mas eu não acho que eu poderia contar com privacidade; a tecnologia tinha avançado demais para isso. Nós vínhamos sendo espionados uma vez por alguém que nós tínhamos pensado – erradamente – como um amigo, e eu não iria espalhar os meus planos para o Imbecil Davis e seus amigos.

Eu estava com medo por Claire. Com o coração parado de medo. Ela estava sozinha, cercada por lobos que poderiam derrubá-la a qualquer momento, e a única coisa que ela tinha para usar era a sua coragem e sua inteligência.

Totalmente armada, então. Mas ainda me assustava.

Eu coloquei as minhas mãos nos bolsos da minha calça e comecei a caminhar como todo o punk da esquina de uma rua. Se me desse um boné, calças folgadas e uma camisa esportiva, eu estaria totalmente com a aparência. Mas não era só a atitude. Isso me dava a chance de descobrir o que Eve tinha conseguido enfiar dentro das minhas calças – uma coisa que eu não ia contar a Claire, aliás.

Era um pedaço de metal enferrujado, provavelmente algum tipo de flange para manter o ralo da pia sendo filtrado. Cerca de quatro polegadas de comprimento, irregular nas extremidades. Assim como eram as armas na prisão, desagradáveis. Praticamente perfeita, na verdade. Pena que eu não tinha conseguido uma ida ao banheiro; deveria haver muitas outras oportunidades lá para se divertir com mutilação. Você poderia matar alguém com uma barra de sabão se fosse esforçado o suficiente.

– Então – Eve murmurou com a cabeça baixa para que qualquer câmera não visse ela falando. – Qual é o nosso plano então?

– Ainda me odiando? – Eu conversei com os meus sapatos também, e mantive a voz baixa, no caso de haver microfones assim como câmeras.

– Sim. Vai demorar um pouco mais para a queimadura ir embora. Por quê? Eu estou ferindo os seus pequenos sentimentos de ternura?

*Sim*, eu pensei, mas eu disse: – Vadia, por favor. Você sabe que eu não tenho nenhum sentimento.

– E quanto ao plano?

– Sim, sobre isso – eu disse. – Parece que você vai ter que me matar.

– Que ótimo.





# CAPÍTULO 13



*que foi que eu fiz?*

Isso continuou correndo continuamente pela mente de Claire a uma velocidade vertiginosa... naquele momento em que Anderson tinha puxado o gatilho e o Myrnin que ela conhecia havia desaparecido. O que restava era um homem chorando e tremendo que nem sequer parecia ser um vampiro, apenas um resquício devastado de um ser humano. Se ela passasse por ele na entrada, ela teria assumido que ele era um sem-teto devastado, mentalmente perturbado.

O que, tecnicamente, ela achou que ele era. E ela tinha feito isso com ele.

Claire raramente se sentia tão sozinha. Ela pensou que atravessar o país para o ITM era um novo começo; ela pensou que ela estava aqui para aprender, para crescer, para mudar. Mas em vez disso, tinha sido uma farsa desde o início. Anderson nunca teve a intenção de lhe ensinar nada. Ela só queria o VLAD, e Claire foi o meio para o objetivo.

Falando do VLAD, a Dra. Anderson tinha trabalhado muito nele aparentemente, e havia revertido para um conceito rude enquanto que Claire estava pensando que elas iam voltar ao básico. Tudo o que ela esteve fazendo, ela entendeu agora, tinha sido apenas trabalho de distração, assim a Dra. Anderson poderia aperfeiçoar o que ela já tinha feito.

E testá-lo.

— Posso ver? — Claire perguntou a Dra. Anderson, que ainda estava segurando o VLAD; ela tinha adicionado uma alça de apoio necessário para ele, mas ele provavelmente estava começando a parecer realmente, realmente pesado. — Eu só quero entender o que você fez. Eu estava pensando em adicionar um modulador nele, mas...

— Nem sequer pense nisso — Anderson disse. Ela ajustou o peso um pouco, o que significava que ela estava começando a sentir a pressão, assim como Claire esperava. — E nós não vamos falar sobre tecnologia.

— Mas eu... eu pensei que você queria que eu ajudasse você...

Anderson deu-lhe um sorriso breve, frio e impessoal. — Nem tente. Você pode ter entregado Myrnin, mas isso não significa que eu confio em você com





os brinquedos ainda, Claire. Isso você tem que ganhar. Eu acredito em você enquanto eu puder jogar com o seu namorado agora. E ele é um cara com uma aparência muito forte.

Ela parecia cansada, Claire pensou, e até mesmo um pouco instável. Ela estava observando o professor Davis, que estava tentando conseguir algum tipo de amostra de sangue de Myrnin; ele estava levando um tempo com isso, não porque Myrnin estava lutando contra ele, mas porque ele não conseguia ficar parado. Finalmente, precisou de três homens armados para segurar Myrnin no chão, e ele fez um som entre um gemido e um soluço que rasgou Claire diretamente até a sua alma. *Eu causei isso. Eu causei tudo isso.*

Ela engoliu em seco. — E agora? — ela perguntou. Sua voz tinha ficado mais forte, e ela não conseguia amaciá-la. — Você tem Myrnin, Oliver, Jesse e Michael. Você tem Shane e Eve. O que mais você quer?

— Eu quero dados — a Dra. Anderson disse. — Você é uma cientista, Claire. Você percebe que essa é uma oportunidade rara, nós temos vampiros que podem ser testados em condições de laboratório. Nós podemos analisar a biologia, que é algo que o Dr. Davis tem estudado há algum tempo. Nós podemos *ganhar*.

— Eu não sabia que estávamos em guerra.

— É claro que estamos em guerra. E estávamos vencendo por um tempo; os vampiros estavam doentes quando eu saí de Morganville e ficando piores. Se você tivesse deixado para lá e deixado a natureza seguir seu curso, isso estaria acabado agora.

— Você os deixou doentes? — Claire perguntou, horrorizada. Myrnin nunca tinha acreditado completamente na ideia de que o vampiro pai de Amelie, Bishop, tinha desenvolvido e espalhado aquela doença. Isso tudo tinha acontecido na cara dele?

Mas a Dra. Anderson estava balançando a cabeça. — Não. Eu não posso reivindicar o crédito por isso. Eu só garanti que a pesquisa não desse em nada para combater a doença. Parecia que, pela primeira vez, a natureza estava favorecendo os seres humanos em vez de vampiros.

Claire estremeceu. Ela achava que ela entendia a Dra. Anderson; ela achava que elas eram parecidas. Mas elas não eram, lá no fundo. Ambas tinham sobrevivido a Morganville, mas isso resultou em algo completamente diferente.

— Se você não acha que estamos em guerra — Anderson disse, — então por que você fez isso? — Ela deu um tapinha na estrutura metálica de Vlad.

— Eu só queria... eu queria uma maneira de pará-los se houvesse uma briga. Isso é tudo. Era para ser usado para defesa.





— Bem, você sabe o que dizem: a melhor defesa é um bom ataque. Temos trabalhado em aprimorar o armamento antivampiro por algum tempo. Incluindo as armas biológicas.

— O Dr. Davis estava fazendo alguns experimentos — Claire disse. — Aquela coisa-morcego que matou Derrick. Era seu?

— Sim — Anderson disse. Ela estava observando Myrnin, mas não com qualquer compaixão ou remorso. Era tudo clínico, o olhar em seus olhos. Clínico e muito frio. — Ele tinha feito progressos consideráveis, mas as nossas amostras foram degradadas. Tivemos que depender do que eu trouxe comigo de Morganville, e não era muito. Eu estava trabalhando para conseguir que Jesse cooperasse comigo, mas apesar de todas as formas amigáveis dela, ela é mais esperta do que isso. Infelizmente. Se ela tivesse feito pacificamente, eu não teria tido que tomar as medidas que eu tomei.

— Jesse está...?

— Viva? Sim. Feliz? — Anderson balançou a cabeça. — Eu não queria fazer isso. Mas ela me obrigou. Eu tenho um monitor sobre ela. Até agora, os efeitos não passaram. Estou começando a me perguntar se o feixe faz dano neural permanente.

— Permanente? O que você fez com o VLAD? Ele não era para ser tão poderoso...

— Eu fiz ele funcionar — Anderson retrucou. — Seu trabalho agora, se você quiser ficar no lado certo da luta, é levar o modelo que o Dr. Davis estava usando e fazer ele funcionar também. Eu não tive tempo para concluí-lo antes desta crise eclodir. A chegada de Myrnin nos empurrou para um cronograma acelerado. Eu acho que nós começamos a conter a situação, mas se qualquer informação conseguir chegar para Amelie podemos ter uma luta em nossas mãos, e eu preciso de pelo menos mais um dispositivo funcionando para estarmos seguros. Então, você faz isso, e eu vou garantir que o seu namorado e os seus outros amigos saiam dessa inteiros. Está claro?

— Claro — Claire disse. — A arma do Dr. Davis não funcionou? Aquilo foi um blefe?

A Dra. Anderson deu de ombros. — Eu pensei que você iria reconhecê-la, e iria atrasar vocês, assim eu poderia usar a que funcionava.

Foi boa estratégia. Shane teria aprovado.

— Estamos prontos aqui — o Dr. Davis disse. Seus capangas estavam amarrando Myrnin em algum tipo de cinto de segurança. Oliver já estava sendo levado para fora, preso em uma coisa similar a uma camisa de força. — Volto para a fazenda?





— O mais rápido possível — a Dra. Anderson disse. — Ninguém está programado para vir a este edifício até dez, mas uma chegada mais cedo poderia comprometer tudo. Vamos nos mover para fora. Não vamos voltar aqui.

*Fazenda?* Claire não sabia se isso era algum tipo de código abreviado, mas não soava como o laboratório do ITM, de qualquer maneira. Ela foi junto com eles silenciosamente, e acabou sentada ao lado de Myrnin. Ele estava embrulhado como uma múmia na jaqueta de lona grossa, e sua cabeça pendeu para a frente assim que seu cabelo escuro caiu em cascata para baixo em ondas para cobrir seu rosto.

— Sinto muito — ela sussurrou para ele. — Eu sinto muito. — Ela podia sentir os tremores selvagem em seu corpo, onda após onda de dor ou terror, ou ambos. — Eu nunca quis que isso acontecesse, Myrnin, eu juro. Eu só... eu só não esperava por isso.

Ele virou a cabeça em direção a ela. Ela viu um clarão vermelho nos olhos dele por trás da cortina de seu cabelo, e sentiu um breve palpitar de alguma coisa nele — a fome, irritação, raiva cega. Depois suspirou, caiu para um lado, e descansou contra a parede de metal da van. Correntes tilintavam enquanto ele se movia. Eles não tinham deixado nenhuma chance, ela observou; as correias foram revestidas com prata, e assim como as algemas em torno de seus pulsos e tornozelos. Estavam queimando-o.

Oliver, em frente a ela, estava em um estado semelhante, mas ele não estava tremendo tanto. Talvez ele tivesse apenas mais prática em lidar com o medo e a dor, ou talvez ele não tivesse recebido uma dose tão grande de Vlad. Mas ele não parecia tão bom, tampouco.

Por último, eles carregaram Jesse.

Ela parecia horrível. Seu cabelo vermelho estava emaranhado em uma rede seca; seus lábios estavam secos, pálidos e descascando, e seus olhos estavam brilhando com um vermelho doloroso e aflito. Ela parecia estranha, e patética ao mesmo tempo, e ela também estava usando a camisa acolchoada e correntes, e eles a empurraram ao lado de Oliver. Ela não pareceu ver Claire, ou se ela viu, não compreendia nada do que estava acontecendo. E ela parecia *perigosa*.

Mas a visão dela parecia de alguma forma fazer Myrnin ficar um pouco melhor. Ele parou de tremer tanto e endireitou-se novamente. Então, talvez houvesse algo ainda lá dentro, afinal.

Claire esperava que sim. A alternativa era horrível demais para considerar.





Foi um passeio longo e silencioso. O Dr. Davis estava na frente com a Dra. Anderson, e a única companhia de Claire, além dos vampiros fora-de-si, eram os três guardas armados dentro. Nenhum deles era falante. Ela não tinha certeza de que eles *piscavam*. Ela tinha muito tempo para observá-los, nas luzes interiores escurecidas — não havia janelas aqui, o que era provavelmente uma sorte para os vampiros. Três homens de aproximadamente a mesma idade, trinta a quarenta anos; o mais velho tinha alguns cabelos brancos, mas não muitos. Todos ajustados. Todos vestindo o que parecia ser ternos escuros semelhantes. Claire não era uma especialista, mas eles não pareciam caros — eram mais como... uniformes.

E eles estavam todos usando um broche em suas lapelas. Um broche de sol nascente.

Isto parecia cada vez menos com o governo, e mais como algo privado que a Dra. Anderson mesma havia profundamente se metido. Privado, mas bem financiado. A *Fundação Daylight*. As pessoas que Jesse tinha estado tão preocupada.

De alguma forma isso era ainda menos reconfortante do que a ideia de o governo saber sobre os vampiros.

— Então — Claire disse ao homem sentado ao lado dela. — Você, ah, é de Boston?

Ele não disse nada. Ele nem sequer olhou para ela. Ele olhou para o seu relógio, porém, e ajustou o aperto sobre a arma. Ele parecia calmo o suficiente, mas ela não ia conseguir nada com ele. Ou qualquer um deles. Shane poderia ter conseguido; ele gostava de ser provocativo e confrontador, mas era uma tática que Claire sabia que ela não era boa.

Então, depois de mais algumas tentativas de conversa desastrosas e falhas, ela esperou.

Pareceu durar uma eternidade, mas eles finalmente saíram da estrada principal pavimentada até algo que parecia muito mais áspero, e eles finalmente pararam triturando o cascalho. A luz do dia que entrava quando a porta se abria fez os vampiros recuarem e espremerem os olhos fechados, mas todos eles tinham idade suficiente para receber um pouco de sol sem ferimentos. Ainda assim, Claire sofreu por eles quando as peles deles começaram a fumaçar com o brilho impiedoso. Oliver se tornou centelhas de fogo antes que eles o soltassem e carregassem para fora rapidamente.

Claire se levantou, e foi imediatamente agarrada pelo homem que estava sentado ao lado dela. — Ei! — ela protestou, mas isso não a levou a lugar nenhum. Então ela olhou ao redor em vez enquanto ele a empurrava para a frente.







*Fazenda* não tinha sido um código. Era uma fazenda de verdade, e até havia um celeiro de verdade e uma casa de fazenda quadrada de dois andares com uma varanda. Ela esperava que eles fossem para a casa da fazenda, mas em vez disso, eles direcionaram ela para o grande celeiro vermelho-escuro.

Ela esperava por feno e estábulos de cavalos, mas por dentro, a estrutura tinha sido transformada em um laboratório, um agradável que tinha um piso de concreto grosso, paredes limpas, mesas e armários de aço e iluminação de teto brilhantes. Ele estava cheio de equipamentos também. Alguns dos quais Claire reconhecia, mas outros que eram muito novos para ela. O Dr. Davis assumiu o comando dos três vampiros e os levou para o lado direito do grande espaço aberto, onde ele os algemou em grandes grampos de aço no chão. Todos os três prontamente desabaram em posições de proteção.

— Desse lado — o guarda dela disse, e arrastou-a ao lado dele, atrás de Irene Anderson.

Essa parte do laboratório era uma réplica do que a Dra. Anderson tinha no ITM, com algumas alterações; uma das mais vívidas sendo que as duas mesas estavam cuidadosamente projetadas com peças e esquemas. Claire reconheceu um deles como sendo os elementos componentes do VLAD; a segunda mesa, porém, era diferente.

Essas eram as peças da atualização, Claire percebeu. Isso iria dizer a ela exatamente o que a Dra. Anderson tinha feito para transformar o dispositivo dela em uma arma ofensiva. Claire pegou os projetos e estudou-os, pegou cada parte e analisou. Ela ainda estava examinando as coisas quando a Dra. Anderson desceu o peso do VLAD em cima da mesa... não o que funcionava, ela percebeu. Que ainda estava pendurado no peito de Anderson.

Este era o modelo de protótipo que ainda não tinha sido atualizado.

— Eu tenho certeza que você consegue entender isso — Anderson disse. — As instruções estão ali. Você queria ser minha assistente de laboratório. Faça o seu trabalho. Qualquer gracinha, e eu prometo a você, seu namorado vai sofrer por isso. Entendido?

Claire assentiu. Ela focou nos projetos primeiro. Anderson estava certa — era uma tarefa bastante simples, mas muito disso exigiu que ela desmontasse a base do modelo e remontasse na nova configuração. Ela estudou os esquemas, e examinou cada peça que ela iria adicionar dentro da máquina. Isso era um amplificador, capaz de impulsionar o sinal de pelo menos cem vezes além do que ela tinha originalmente planejado. *Essa* peça, que se encaixava por baixo, era um inversor que mudava o sinal de algo que era aprimorado para fazer cancelar — que era o que ela tinha previsto inicialmente, ser capaz de remover o desejo de um vampiro para atacar em vez de ter que





lutar primeiro. Estas eram as modificações que ela teria feito no decorrer de seus estudos... algo que teria feito de VLAD uma arma benigna e defensiva.

Mas a última peça era a mais sinistra. Era uma combinação complexa de várias peças diferentes, mas pelo que Claire podia decifrar, ele foi projetado para acionar um conjunto *diferente* de emoções. Medo, obviamente — terror esmagador e paralisante. Também parecia ter outro componente. Pelo que Claire tinha visto de seus efeitos, deve sensibilizar nervos e criar uma reação forte de dor. Como um laser, só que mais intenso, e de muita longa duração.

— O que você está fazendo?

Ela pulou. Irene Anderson estava olhando para ela, uma suspeita fria em seu olhar.

— Sinto muito — Claire disse. — Eu só queria ter certeza de que eu estava entendendo o que eu estava fazendo primeiro. Eu não queria cometer erros.

— Não — Anderson disse sem rodeios. — Você tem uma hora. Vá logo.

Claire respirou fundo, colocou o VLAD que não funcionava no centro da mesa de trabalho, consultou os projetos pela última vez e começou o trabalho.

Ela construiu a coisa, peça por peça. As ferramentas estavam todas ali, tudo precisamente e perfeitamente preparado por ela. Anderson estava observando ela, e ela se certificou de que ela não fizesse nada, absolutamente nada, que chamaria qualquer suspeita.

Nem mesmo a Dra. Anderson poderia manter sua concentração completa nela para sempre. Claire sentiu quando ela começou a desviar o olhar; era como uma pressão saindo dela, e ela teve que trabalhar duro para não mostrar qualquer tipo de sinal físico de que ela sabia que algo tinha mudado.

Apenas faça o trabalho. Faça o trabalho.

No momento em que ela estava no último, o foco de Anderson tinha ido para outro lugar, embora ela se manteve próxima. E quando Myrnin de repente convulsionou e gritou, contorcendo-se de suas restrições, chamou a atenção completa da Dra. Anderson por alguns decisivos segundos assim que Claire prendeu a última peça na máquina.

Ela já tinha identificado a oportunidade quando ela estava seguindo o projeto. O último componente tinha interruptores construídos dentro. Eles eram bem pequenos, não eram para serem manipulados sem ferramentas especializadas, mas ela tinha escolhido deliberadamente a menor chave de fenda possível, apesar de ser a pior ferramenta para o trabalho que ela estava aparentemente fazendo.





Eles encaixavam apenas o suficiente para deslizar os interruptores em direções opostas.

*Eu não tenho ideia se eu estou ajustando isso direito*, ela pensou. Mas tudo o que ela podia fazer era inverter a ordem das chaves, e esperar que funcionasse.

Quando ela terminou e pousou a chave de fenda, a Dra. Anderson foi à direita para assumir o controle — mesmo antes de ela conseguir tirar a arma para fora de sua base para entregá-la a ela.

— Bom trabalho, e feita em tempo também — Anderson disse. Ela entregou-a ao homem que tinha sido a sombra e o guarda de Claire por todo esse tempo. Ele não se incomodou com a alça de segurança. — É hora de ver se você é confiável, Claire. Se você não é — se você decidiu dar uma de esperta e me sabotar — então vamos descobrir agora, e não vai ser bom para você. Ou para seus amigos. Este é o seu teste final, você entendeu? Passe, e você ganha a vida das pessoas que você gosta.

Claire encontrou os olhos dela. — E se eu falhar?

— Então nós temos acres e acres de terra à espera de fertilizantes — a Dra. Anderson disse. — Eu estou lutando pela raça humana. Eu não vou recuar diante de qualquer coisa que eu tenha que fazer para salvar vidas inocentes para o futuro.

— Nem eu — Claire disse. — Você deveria ter confiado em mim. Eu estou realmente cansada das pessoas não confiarem em mim.

Shane teria reconhecido esse tom. Mas a Dra. Anderson não percebeu o aviso.

Anderson abriu o caminho para a outra metade do laboratório, através da porta de vidro claro que separava as duas partes. Os três vampiros estavam ajoelhados onde eles tinham sido deixados, todos ainda submissos. O Dr. Davis tinha amostras de sangue colocadas em suas mesas de laboratório, nitidamente marcados, e ele estava conversando com um nerd de laboratório com um jaleco branco — mas Claire percebeu que também tinha o broche do sol nascente na lapela. Ele olhou para cima quando viu Anderson, Claire e o guarda, e acenou com a cabeça.

— Excelente — ele disse. — Nós estávamos esperando.

— Você pode se dar ao luxo de perder um, Patrick? Apenas no caso de Claire ter tentado fazer algo interessante com o projeto?

— Eu tenho em excesso agora — ele disse. — Então sim. Se eu tivesse que escolher um, eu diria o de aparência mais velha. Ele parece ser o mais problemático.





— Oliver? — Anderson concordou. — Muito bem. Ele tem uma boa reputação como um assassino. Eu acho que parece apropriado. — Ela se virou para o guarda, pegou a arma pesada e estendeu-a para Claire. — Pegue.

Claire não hesitou. O peso se estabeleceu em suas mãos, deixando-a desequilibrada, mas ela se sentia melhor em tê-la. Mais forte.

— Antes de tentar usá-la em mim — Anderson disse, — por favor, lembre-se que o meu amigo aqui tem uma arma apontada para a sua cabeça.

Claire olhou para o lado e viu que o guarda atrás dela havia sacado sua arma, e sim — estava apontada para ela, firmemente e calmamente. Ele não hesitaria, ela pensou.

— O que você quer que eu faça? — ela perguntou. Mas ela já sabia.

— Eu quero que você atire em Oliver — Anderson disse. — Eu quero que você me prove que eu posso confiar em você. Ele parece que está se recuperando mais rápido do que os outros, e eu quero que você torne ele não ameaçador. Então eu quero que você continue atirando nele. Você entendeu?

Claire engoliu em seco, e olhou para Oliver. Ele não tinha levantado a cabeça. Ele parecia frágil, e inesperadamente velho e vulnerável. — Por quê?

— Porque eu preciso ter a certeza de que podemos matá-los dessa maneira — Anderson disse. — As simulações dizem que vai funcionar. Eu preciso provar a teoria, e documentar o tempo que leva para realizá-las. Você queria ser uma cientista, Claire. Isto é o que é preciso.

Oliver olhou para cima. Pareceu levar um grande esforço dado ao tremor de seu corpo, mas ele levantou a cabeça e encontrou o olhar dela. Seus olhos não estavam vermelhos. Eles estavam escuros, humanos e com medo.

— Por favor — ele sussurrou. — Por favor.

Claire honestamente não sabia o que ele estava pedindo. Ela não sabia o que ele queria. Mas ela sabia o que tinha que fazer. Tinha que ser feito rapidamente e com confiança e, acima de tudo, tinha que ser feito sem hesitação.

Ela respirou fundo e disse: — Eu realmente sinto muito, mas ela está certa. Eu tenho que fazer isso.

E então ela levantou a arma e pressionou o gatilho.

Pareceu durar uma eternidade. Oliver foi pego no feixe, contraindo-se com os olhos arregalados, a boca aberta, e as correntes bateram contra o ferrolho como dentes se batendo... e, em seguida, ele desmaiou. Um peso morto. Ele caiu com força, sem nenhuma tentativa de salvar a si mesmo, e bateu no concreto mole e sem vida. Toda a cor que permaneceu havia drenado de seu rosto, deixando-o estranhamente azul-branco; seus olhos estavam





abertos, escuros e em branco. Suas presas estavam para baixo, a boca entreaberta.

Ele não se moveu.

— Como podemos saber se ele está realmente morto? — Davis perguntou. Ele parecia totalmente isento da coisa toda. Claire se sentia quente, instável e anestesiada em silêncio. Ela não conseguia desviar o olhar dos olhos de Oliver.

A Dra. Anderson foi até Oliver, ajoelhou-se e usou uma faca de prata do seu cinto para cortá-lo. Nenhuma reação, embora sua pele ainda estivesse queimada e soltasse faíscas ao longo das bordas do corte.

Ela o esfaqueou. Nada.

— Ele está morto — ela disse. — Parabéns, Claire. É um bom avanço. Com um pouco mais de experiência podemos entender tudo sobre os vampiros, como usá-los, como controlá-los adequadamente. E é tudo graças a você.

— Eu sei — Claire disse. — Então é isso.

Ela não podia hesitar, não podia parar para pensar duas vezes. Ela virou a arma em direção a Jesse e atirou nela também. Em seguida, virou a arma para Myrnin. Ela não teve tempo para manter o gatilho sendo pressionado porque logo o guarda começou a correr sobre ela, claramente não tendo certeza se esta era uma situação de matar ou não, e decidindo ficar ao lado da cautela.

Foi tempo suficiente para ela esmagar o VLAD contra o piso de concreto e destruir o delicado circuito antes que ele a agarrasse.

— Não! — Anderson gritou, muito tarde. Myrnin e Jesse estavam sem vida no chão, assim como Oliver. — Não, você é tola, o que você fez?

— Acabei com a sua experiência — Claire disse enquanto os guardas empurraram-na para baixo para uma posição ajoelhada. — Porque você não é uma cientista. Você é um monstro. Não vou deixar qualquer um deles à sua mercê.

O rosto de Anderson ficou vermelho de fúria, e ela agarrou os destroços da arma do chão. — Atirem nela! — ela gritou. — Atirem nela, e atirem nos amigos dela também. E me tragam Michael. Pelo menos eu ainda tenho ele!

— Vamos lá — o guarda disse, e agarrou Claire pelo colarinho de sua blusa. — Você pode muito bem morrer com eles. Isso foi estúpido, você sabe. Realmente estúpido.

Claire sabia. Mas desta vez, fazer algo estúpido era a única maneira que ela poderia ser mais esperta do que os seus inimigos.

O Dr. Davis estava ajoelhado ao lado dos corpos. — Parece que eles estão mortos também. Em qualquer caso, eles não são de nenhuma utilidade para nós agora. Tirem eles daqui e se livrem dos corpos. Queimem.





Isso estava correto. Queimar era a única maneira de realmente ter certeza de que os vampiros foram mortos. Davis não queria correr nenhum risco... e Claire não queria que ele tomasse tampouco. Ela precisava que os vampiros fossem soltos.

O ar exterior do celeiro estava estimulante e frio, e parecia que a neve estava vindo, embora o sol ainda estivesse brilhando. Uma manhã bonita. Provavelmente o último nascer do sol que ela veria.

Ela meio que desistiu da ideia maluca de sobreviver a isso, ela percebeu, e tornou possível que ela tomasse uma respiração profunda e desfrutasse dos últimos momentos no mundo. Ela fez o que pôde. E talvez isso funcionasse.

Mas, muito provavelmente, não iria. O celeiro parecia mortalmente silencioso por trás deles. Ela imaginou os macacos de laboratório do Dr. Davis soltando Jesse, Myrnin e Oliver... e ela podia ver isso tão vividamente em sua mente, a maneira mole que seus corpos mortos caíam no chão.

Ou ela salvaria eles ou destruiria. Não havia meio termo.

E então ela ouviu os gritos vindo da casa da fazenda onde Shane, Eve e Michael estavam sendo mantidos, e o dia ficou apenas um pouco mais brilhante de alguma forma. *Sim*. Ela não era a única saindo do inferno.

Hora de sair um pouco mais.

Seu guarda foi distraído por um momento, e quando ela tropeçou em uma pedra e se jogou contra ele, ela deixou-o desequilibrado. Sua arma voou do alvo.

Claire viu em câmera lenta em sua mente, da forma que Shane tinha treinado ela. Contra um adversário armado você tinha que ser decisivo e rápido, porque qualquer hesitação seria a sua última.

Ela girou em seu aperto, jogando-o com mais força para fora de equilíbrio, e se movimentou em torno dele com uma dança estranha e tropeço. Ela ficou com seu pé entre os dele, e então eles estavam caindo, e ele instintivamente soltou a arma para amortecer a queda. Ela jogou seu peso contra ele quando eles desabaram, e estendeu a mão para pegar a arma enquanto ela se arrastava em direção a ela.

Ela quase perdeu. Seus dedos escorregaram do aperto, e ela se atrapalhou, mas recuperou com um último e desesperado esforço que puxou seus músculos do lado enquanto o peso dele continuava a rolar para a frente. Ela usou a física a seu favor neste momento, enrolou as pernas em volta dele, e usou a velocidade de deslocamento deles para golpear ele com força em suas costas enquanto ela rolava para cima dele.

Ela estava com a arma, e ela apontou direto em sua cabeça.







Ele deixou cair as mãos em seus lados, sinalizando rendição. Ele parecia jovem, e com muito medo de repente.

Claire não atirou nele, mas ela bateu nele com a arma, forte o suficiente para deixá-lo curvado e gemendo.

Então ela correu para a casa da fazenda, onde todo o inferno ainda estava sendo libertado. E por todo o caminho até lá, o medo afundou mais profundamente.

*E se eu simplesmente tiver matado todos nós?*





# CAPÍTULO 14

## SHANE

**O**que nos soltou foi um velho truque de luta livre, mas ei, tem uma razão para esses caras continuarem a fazer dinheiro. Primeiro, provoque uma luta – uma barulhenta, barulhenta o suficiente para atrair a atenção dos guardas. Em seguida, *lute*, quanto mais real, melhor. (E confiem em mim, Eve pode dar um soco quando ela tem que dar. Garotas sabem como tirar força dos ombros.)

Por último, marcar a si mesmo com um ferimento na cabeça sangrento, auto-infligido e minúsculo, para acreditar no espetáculo enquanto você cai derrotado, espancado e – neste caso – de preferência parecendo realmente morto. Faça os seus amigos fingirem muita angústia e gritos por ajuda enquanto estão com as mãos muito sangrentas. Eve talvez tenha exagerado demais, mas Pete convenceu direito – ele parecia sombrio, com medo e manchado de sangue como se eu tivesse tido um vazamento arterial e tivesse sangrado até a última gota.

Provavelmente os nossos novos amigos realmente não se importassem, mas como todos os funcionários eles seriam obrigados a explicar a alteração do estoque, e ninguém iria querer dizer que eles me deixaram sangrar no chão, sem algum tipo de diligência.

Eles abriram a porta, entraram, e eu passei a peça oxidada de metal para Pete que eu tinha usado para cortar a minha cabeça quando ele se inclinou sobre mim com as mãos pressionadas no meu pescoço. – Vamos, caras, apressem-se, ele está perdendo muito sangue! – ele disse para os dois guardas que entraram. Um veio em minha direção com sua arma no coldre. O outro ficou na porta e manteve a sua arma para fora e pronta.

Pete levantou-se e recuou para dar espaço para o guarda, que pousou em um joelho ao meu lado. Eve estava gritando e chorando, e continuou dizendo que ela não conseguia encontrar um pulso, o que foi bem perturbador. Pete continuou se afastando, e colocou as mãos sangrentas em seu rosto enquanto fazia isso; sacudindo os ombros com o que parecia lágrimas de verdade. Eu





fiquei impressionado. O cara tinha uma futura carreira no palco. Parecia tanto com uma verdadeira tristeza, e havia tanto caos acontecendo em torno do meu corpo mole que o guarda que estava na porta não percebeu o quão perto Pete estava ficando até que era tarde demais.

Pete se virou, agarrou o braço do homem com a arma e empurrou-o enquanto enfiava um joelho para cima em uma região que me fez estremecer. O guarda se dobrou. Eve, ao mesmo tempo, se lançou em torno do meu corpo para o guarda me checando, e eu despertei para derrubá-lo para baixo enquanto ela puxava a arma livre e levantava para apontar para ele.

A outra arma do guarda disparou enquanto ele e Pete lutavam, mas Pete derrubou-o com força com um golpe com a parte oxidada do metal, e pegou a arma. — Pegue ela! — ele gritou, e apontou para Liz quando ele se jogou para um lado da porta. Eu me levantei, agarrei Liz, joguei-a sobre o meu ombro e fiquei imediatamente desequilibrado quando ela começou a lutar.

*Droga*, essa não era a hora da garota acordar. — Precisamos sair deste lugar! — eu disse para Eve, que assentiu com a cabeça e se juntou a Pete na porta. Ela bateu no ombro dele para que ele soubesse que ela estava atrás dele, e ele se moveu rápido, para fora do lugar e atirando. Acontece que ele estava disparando deliberadamente para cima, porque quando eu segui ele e Eve, os guardas estavam caídos atrás das mesas de aço. Havia um monte de gritos confusos acontecendo.

Corremos através das barreiras antes que eles pudessem se organizar, porque não havia muito mais que nós pudéssemos fazer. Eve parou e correu para a gaiola de Michael, o que eu não teria deixado ela fazer se eu tivesse qualquer tipo de escolha, mas ela estava pensando no futuro; ela pegou as chaves do guarda que tínhamos derrubado, e enquanto Pete mantinha a cabeça dos outros para baixo, ela se atrapalhou com as escolhas e encontrou uma que virava o cadeado.

Michael não estava tão debilitado quanto parecia. Ele desenrolou-se da bola que ele tinha estado, se arrastou para fora e se lançou contra Eve.

Por um segundo assustador, eu estava com medo que ela tivesse acabado de assinar sua sentença de morte, mas era apenas um abraço, e não um ataque; as presas dele continuavam escondidas, e a energia que ele teve para se levantar parecia ser tudo o que lhe restara, porque ele caiu contra ela quase imediatamente, e ela teve que arrastar/levá-lo em direção à porta. Eu peguei um vislumbre de seu rosto por cima do ombro — meu garoto Mikey estava de *volta*. Não muito bem, nem metade, mas era ele olhando para mim através daqueles olhos azuis.

É você, bro.





Durou cerca de dez segundos, mas pareceu meia hora para atravessar o outro lado da sala; os guardas começaram a atirar de volta em nós na metade desse tempo, e Pete parou, mirou acima de suas cabeças e começou a perfurar buracos nas mesas de aço que eles estavam escondidos atrás. O que manteve eles para baixo. Eu quase caí para trás quando Liz começou a chutar e se contorcer; ela era mais alta, forte e aterrorizada do que Claire. Eu a deixei descer quando chegamos na porta, e ela quase desmaiou enquanto tentava colocar seu peso em ambos os pés. Quando ela tentou se libertar de mim, eu puxei-a para mais perto. — Eu sou o namorado de Claire! — eu gritei para ela. Eu acho que o sangue escorrendo por todo o meu rosto não me fazia parecer mais confiável, porque ela não parecia tranquila. — Vai! — eu empurrei ela na minha frente, e ela tropeçou nas pernas mal funcionando até a porta de aço fechada.

Ela não abriu.

— Eve! — eu gritei, e fiz um gesto para a arma que ela estava atirando. Ela jogou para mim e correu para a porta, tentando as chaves com uma pressa frenética. As pistolas semiautomáticas que Pete e eu estávamos disparando continham quinze tiros, mas Pete já tinha usado pelo menos nove, e Eve tinha disparado quatro. Não iria durar muito se fôssemos tentar intimidar uma sala cheia de caras com balas e homens treinados.

Nenhuma das chaves de Eve funcionou. Ela começou a tentar novamente, e eu usei mais quatro do nosso inventário de balas. Eu esperava que eu não atirasse em ninguém, mas, naquele momento, eu não estava realmente me opondo a isso, tampouco.

Michael veio em direção a nós. Ele tirou Eve para fora do caminho, agarrou a maçaneta e puxou com força. Ela quebrou e ele empurrou-a através do outro lado, estendendo a mão e puxando a lingueta da fechadura. Então ele meio que desmoronou novamente, e Eve teve que arrastá-lo pelos braços para o corredor.

Nós não estávamos fora do fogo, mas pelo menos nós estávamos fora da frigideira, e eu sei que Pete deu um suspiro de alívio quando nós escapamos. Michael gritou algo que eu não entendi, e então ele se levantou e atacou — pelos padrões de vampiros, foi mais um tropeção desajeitado do que um ataque, porque ele não estava se movendo mais rápido do que o resto de nós. Mas ele pegou um cara mirando em Eve, prendeu-o no chão, e seus instintos de vampiro finalmente entraram em ação. Eu ouvi o rosnado baixo-no-fundo-da-garganta, vi o flash de presas descendo e eu senti uma resposta súbita me queimar por dentro. Veio do meu braço primeiro; eu tinha quase esquecido da mordida que eu levei antes de sair de Morganville, mas isso fez eu me





lembrar, forte o suficiente para me fazer cambalear e me prender contra a parede. A dor se arrastou até o meu ombro, e se espalhou como fogo através dos meus ossos, e eu não sabia o que diabos estava acontecendo comigo. Eu caí, tossindo, e ouvi Pete exigindo saber se eu tinha sido atingido. Eu balancei a minha cabeça.

Eu não estava ferido, mas eu me sentia doente, muito doente, e eu sabia que era o Michael vampiro que tinha provocado isso. Algo estava errado comigo. Muito errado. Era como se eu estivesse reagindo a ele.

Liz estava confusa e assustada, e saiu correndo para a frente, tentando se livrar de todos nós loucos; eu não poderia dizer que a culpava. Nós não éramos exatamente a equipe de resgate mais credível do mundo, com todo esse sangue, Michael enterrando suas presas na garganta de um cara, Eve ignorando para pegar sua arma caída e eu tentando vomitar contra a parede.

Ela não foi muito longe.

O Dr. Davis saiu da cozinha. Ele estava segurando uma arma, e ele apontou para Liz; ela derrapou com os braços balançando descontroladamente enquanto tentava se impulsionar para a frente. Ela não conseguiu, e se chocou contra ele. Ele a agarrou, colocou um braço em volta do pescoço dela e abraçou-se com ela como um escudo humano enquanto Pete e Eve miravam suas armas nele.

Michael terminou com o jantar — eu gostaria de poder dizer que era uma piada — e olhou para Davis, seus olhos brilhando com um tom de vermelho que deveria existir apenas em filmes de terror. Ele lambeu os lábios, mas ele não se mexeu do agachar que ele estava. De alguma forma, isso era mais assustador.

E eu estava sentindo algo novo agora. Não melhor, exatamente, mas mais forte. Mais Rápido. E com isso, eu senti uma necessidade quase incontrolável de arrancar a cabeça de Michael do seu corpo. Como se ele fosse o único e verdadeiro inimigo do lugar.

Eu tinha certeza que essa última parte estava errada.

Eu balancei a cabeça para tentar limpá-la, e gotas de sangue voaram como suor após um bom treino. O corte na minha cabeça ainda estava sangrando livremente. Eu vi Michael senti-lo, eu senti ele senti-lo, e algo dentro de mim sorriu em antecipação, e rugiu para ele experimentar.

Michael não veio até mim, e de alguma forma eu consegui controlar esse impulso de ir até ele. *Liz*, eu me lembrei. A menina era inocente e estava em perigo, e nenhum de nós precisava de distração nesse momento com essa coisa estranha que estava acontecendo dentro de mim.





— Eu vou matá-la — o Dr. Davis disse, e se apoiou em direção à porta; ele estava arrastando-a com ele. Eu percebi que estávamos cercados, e seus caras viriam para fora raivosos da sala limpa atrás de nós a qualquer momento; eu recuei, agarrando a porta de aço grossa e a fechando. Não havia como bloqueá-la agora que Michael tinha arrebentado ela, mas pelo menos isso iria atrasá-los. Não por muito tempo, no entanto. Eu ouvi eles tirarem as mesas de metal para fora do caminho.

Eve deu um passo adiante em direção ao Dr. Idiota, e ela parecia uma princesa guerreira do gelo, se princesas guerreiras vinham armadas com semiautomáticas nesta época. — Vá em frente — ela disse. — Assim que você fizer isso, você está morto.

Ele lambeu os lábios, e eu vi a dúvida em seu rosto. Eu não acho que Eve iria puxar o gatilho a sangue frio, mas eu não estava realmente certo, tampouco.

Nem ele. Impasse. Isso não poderia durar, porque seus reforços estavam vindo rapidamente, e o nosso — bem. Nós realmente não tínhamos qualquer um que eu conhecia. Nossa única chance era chegar até a van, esperar que as chaves do carro estivessem no chaveiro que Eve tinha conseguido, e dirigir como o inferno.

Isso também significava deixar Claire para trás, no entanto. E enquanto eu não derramaria uma lágrima por causa dos vampiros com ela, não havia nenhuma maneira de eu deixar essa maldita fazenda sem a minha garota.

Acontece que eu não precisava.

A porta da frente se abriu atrás do Dr. Idiota, e Claire saiu. Ela parecia cansada, estressada, perturbada e ansiosa, e seus olhos deslizaram sobre nós, catalogando a situação e demorando por um longo segundo sobre mim. Eu não sabia dizer o que ela estava pensando ou sentindo, mas, meu Deus, eu a amei quando ela deu um grande passo à frente, pressionou a arma de sua mão nas costas do Dr. Davis, e disse muito calmamente: — Solte ela.

Eu teria provavelmente adicionado, *seu saco gigante de pau*, mas isso funcionava também. Davis parecia tão surpreso quanto um coitote suspenso sobre um desfileiro, e ele largou a arma e soltou Liz rapidamente. Liz se afastou cambaleando com um passo ou dois, em seguida, voltou e pegou a arma, que ela apontou diretamente para o rosto do bom doutor.

Uau. Isso *não* parecia amigável. Por um segundo doentio e sem fôlego, eu realmente pensei que a menina ia atirar... e então ela recuou, tremendo.

Davis afundou-se, se agachando com mãos para cima, claramente totalmente rendido.

— Vamos lá — Claire disse. — Vamos, nós temos que ir. Agora!







Ela não precisava emitir um convite formal. Todos nós seguimos ela enquanto ela saía. A fazenda atrás de nós estava envolvida em gritos, e eu ouvi a porta de aço se abrir; nós não tínhamos muito tempo antes que eles tivessem nós na mira. Para adicionar mais problemas, havia três guardas saindo do celeiro pelo pátio de cascalho.

Eles estavam arrastando três vampiros flácidos.

Eu não sei porquê, mas essa visão me chocou. Myrnin, Oliver, Jesse — não apenas pálidos como vampiros, mas azul-branco. Brancos de mortos. Meu Deus, o que *aconteceu* lá?

Os guardas gritaram quando nos viram, deixaram a carga cair, e foram atrás de suas armas. Fomos para o abrigo da van antes que eles fossem capazes de mirar e disparar, e eu deslizei a porta de trás para deixar Michael entrar primeiro — ele já estava queimando ao sol — e Eve, Pete e Liz entraram em seguida.

Claire não entrou. Ela colocou suas costas contra o metal frio, respirando com dificuldade, e ela parecia se sentir tão doente quanto eu. Sério, todo o meu sangue estava em chamas, e se nós não estivéssemos em uma situação de vida ou morte, eu provavelmente teria entrado em colapso por causa da dor... mas por agora, tínhamos que ir embora. Melhor queimar do que comer balas.

— Eu matei eles — ela me disse. Ela parecia devastada. — Eu pensei... eu pensei que estava salvando eles. Mas eu acho que eu acabei de matar eles.

Ela estava certa. Os três vampiros parados no sol não se moviam. A pele de Oliver tinha começado a fumaçar um pouco, como a névoa saindo de um lago. Não demoraria muito para que ele escurecesse e, em seguida, começasse a queimar. Os outros o seguiam. Myrnin era velho, Jesse poderia ser ainda mais velha, eu não tinha certeza. Mas no final, eles seriam cinzas e ossos.

Isso iria matá-la, ao saber que ela era a causa de tudo isso.

— Entre — eu disse a ela. Eve já tinha se movido para o banco do motorista e estava testando as chaves do chaveiro; uma funcionou e o motor pegou. — Temos que ir. Agora.

E nós tentamos. Nós realmente tentamos. Eu coloquei Claire dentro da van, entrei em seguida, fechei a porta, e Eve acelerou com força vomitando cascalho em direção a saída.

Outra van acelerou na frente para nos bloquear.

Ela recuou e gritou: — Espere aí. — E atravessou a cerca branca ao lado do celeiro, batendo e agitando através dos buracos secos do campo e indo para a estrada da fazenda que tinha nos trazido para cá.





Nós não nos afastamos muito da van — ela não era feita para terrenos acidentados. Os pneus espalharam sujeira, mas não conseguiram continuar, e quando Eve dirigiu para frente e para trás, ela apenas nos afundou mais ainda.

Presos.

Tínhamos um total de quatro armas, uma meia vazia, uma quase vazia, duas quase cheias. Tínhamos um vampiro que estava parecendo um pouco mais consigo mesmo, mas ainda operando com cerca de um quarto de sua velocidade, na melhor das hipóteses.

Tínhamos eu, que estava tremendo com a necessidade de disparar até o meu melhor amigo e rasgar seu corpo ao meio, por absolutamente nenhuma razão lógica que eu poderia pensar... e isso me apavorava. Era como se eu estivesse possuído.

Eu olhei para Claire, esperando que ela tivesse algum milagre na manga, algum movimento gênio que iria nos tirar disso.

Mas Claire parecia naquele momento como uma menina de dezoito anos de idade, vulnerável, assustada, anestesiada e oprimida, e eu arrastei-a em meus braços e segurei-a, porque essa parecia ser a única coisa que eu podia fazer, abraçá-la. Tentar, nesse último momento desesperado, mantê-la segura. Porque em qualquer segundo agora eles iriam cercar essa van e disparar balas suficientes para nos fazer parecer com uma pinhata. Eles não tinham nada a perder. Nós tínhamos provado que não íamos ser úteis para eles, e a Dra. Anderson não precisava mais de Claire já que ela tinha acabado de destruir seu estoque de ratos de laboratório em forma de vampiros.

E Michael iria viver a isso. Infelizmente.

— Eu matei eles — ela sussurrou para mim. A voz dela estava tremendo, e eu senti as lágrimas quentes molharem contra a minha pele. — Oh Deus, Shane, eu matei eles...

Eu não podia fazer nada além de abraçá-la. Eu não sei se ajudou, mas me ajudou a empurrar para trás os impulsos violentos dentro de mim que dizia que eu devia matar o único vampiro remanescente entre nós, antes que fosse tarde demais.

O tiroteio começou, e eu estremeci e joguei Claire no chão da van, cobrindo-a. Eu ouvi os outros atingindo o piso também. Eu esperei o som de metais amassando e vidro quebrando... mas isso não aconteceu.

Para onde quer que eles estavam atirando, *não era em nós*.

Esperei por mais alguns segundos, em seguida, cuidadosamente me levantei agachado. Eu não podia ver nada fora das janelas da frente, porque estávamos apontados para o lado errado, mas se ninguém estava atirando em nós, estava nos dando uma oportunidade que não podíamos perder.





Eu abri a porta da van. — Fora! Todos para fora! Corram daqui!

Eu nem sequer sabia para onde iríamos, mas ficar onde estávamos não era uma opção. Estar fora sob o sol estava sendo um inferno para Michael, porém, e eu procurei em volta por algo para ajudá-lo. Eu encontrei uma lona de plástico enrolada em uma lixeira atrás do banco do motorista, e eu joguei para ele; ele quebrou a corda que a segurava fechada e colocou a coisa em torno dele como uma tenda portátil.

— Eu vou primeiro — ele disse. — Cuide de Eve.

Eu balancei a cabeça. Com ele tão perto de mim era difícil não fazer algo violento. O conflito interior estava acabando comigo, mas eu tentei não demonstrar; mesmo assim, Michael me deu um olhar estranho antes que ele fosse embora, a lona azul se agitando em torno dele como o manto mais fortemente impermeável do mundo. Pete e Liz seguiram, depois Eve.

Claire e eu fomos os últimos.

— O que vocês estão fazendo? — eu gritei. — Se mexam... — Porque o resto tinha parado onde estavam, apenas alguns metros da van.

E então eu vi o porquê.

Os guardas foram derrubados. Bem, um ainda estava correndo e atirando descontroladamente, mas eu vi Jesse — Lady Grey — dar um salto e atravessar pelo menos seis metros. Ela pousou de surpresa na frente dele, agarrou-o pelo pescoço e jogou ele vinte metros para *trás*, para Oliver, que o pegou e — bem, quebrou ele. Eu tentei não ver mais do que eu precisava.

Myrnin estava de pé também, embora tudo o que eu via dele era um lampejo de movimento enquanto ele desaparecia no celeiro. Oliver terminou com o guarda, acenou para Jesse, e ele seguiu Myrnin.

Ela foi para a casa da fazenda. E então houve gritos.

Houve muitos gritos.

— Jesus — Eve sussurrou. Ela se benzeu, um movimento involuntário do hábito da infância; o que estávamos vendo era algo que nem mesmo eu tinha visto antes: vampiros livres de todas as suas inibições. A mais pura expressão de predador.

Foi sangrento e aterrorizante.

— Eles estão... eles estão matando... — Claire estava tremendo agora, e seu rosto estava em branco. — Eles estão matando todo mundo.

Eu coloquei os meus braços em torno dela e não disse nada. Eu me concentrei em respirar, na tentativa de esfriar o fogo no meu sangue; isso não estava ficando mais fácil. Na verdade, agora que os três vampiros mais velhos estavam de volta — limpando a mesa — estava realmente pior. Esses instintos estavam gritando para eu fazer alguma coisa.





*Mate eles. Mate todos eles.*

Eu larguei a arma que eu estava segurando. Eu estava com medo de continuar segurando ela. Eu não tinha certeza de que eu poderia controlar essa coisa dentro de mim por muito mais tempo.

Myrnin saiu do celeiro. Ele ainda estava pálido gelo, como um cadáver ambulante, e ele estava segurando duas armas grandes e desajeitadas — as coisas que Claire tinha desenvolvido e era usada para derrubar vampiros. Uma delas estava arrastando fios e circuitos quebrados.

Eu pensei que nós poderíamos precisar de uma daquelas que ainda estava funcionando agora, porque Jesse saiu da casa da fazenda, e ela parecia *diabólica*. Eu não acho que nada poderia ter sido deixado vivo lá dentro. Havia uma vibe lá dentro — uma de destruição total e obscura.

Oliver saiu do celeiro também. Eu já o vi com um humor relaxado, até com bom humor; eu o conhecia como um hippie proprietário do café pseudo-amigável, e como um homem sarcástico e superior com uma ponta de violência.

Mas eu não conhecia essa versão dele. Ele estava totalmente vampiro. Um deus da morte.

Ele ficou ali em pleno sol, branco como mármore, olhando para nós com olhos vermelhos como rubis e, lentamente, sorriu. Suas presas estavam para fora, e foi incrivelmente assustador. Ele estava queimando, ficando preto no sol. E ele não se importava.

Michael deu um passo adiante, escondido sob a lona e disse: — Vocês acabaram? — Ele não parecia assustado, ou incomodado. Eu imaginei que tudo isso fosse normal para ele, em algum nível realmente horrível. Ele entendia. — Porque tudo o que resta aqui são amigos. Compreendido?

Oliver assentiu.

Eu não tinha certeza se isso era alguma coisa além de um gesto, e eu me preparei para o ataque.





# CAPÍTULO 15

**V**er Oliver, Jesse e Myrnin desse jeito — reduzidos aos seus instintos de caça mais puros — tinha apavorado Claire em um nível muito profundo, mas o momento mais assustador foi no final, quando Oliver não tinha ninguém para lutar.

Ninguém além deles.

Por um longo segundo Claire estava convencida de que ele estava prestes a acabar com eles também... E então ele só se virou e foi embora.

— Espere — Claire disse. Shane tentou silenciar ela, provavelmente com medo de que atrair a atenção de Oliver fosse uma péssima ideia — e ele estava certo sobre isso — mas ela tinha que saber. — Você matou todos eles?

— O que você esperava que fizéssemos? — ele rebateu sem virar em direção a ela.

Agora Claire se sentia entorpecida por tudo; ela sabia que em algum nível matar todas essas pessoas tinha sido necessário, pois eles estavam fazendo de tudo para matar seus amigos, mas... mas ela não conseguia enfrentar isso. Ela começou a ir para o celeiro, mas Shane puxou-a de volta. — Não — ele disse. — Claire, não. Você não precisa ver isso.

— E quanto a Dra. Anderson?

— Ah — Myrnin disse. — Eu quase me esqueci. — Ele voltou para dentro do celeiro, e quando ele voltou para fora, ele estava arrastando a Dra. Anderson pelo colarinho de seu jaleco.

Ela estava viva. Machucada, espancada, mas *viva*. Ele colocou ela em uma das camisas de força que eles usaram nele e em Oliver, e amarrou-a com força demais para ela se mover, embora ela estivesse tentando lutar para se soltar. Ele até amordaçou ela.

Bom. Claire não poderia imaginar qualquer coisa que ela queria ouvir dela agora. Ela foi esmagada pela convicção de que se ela não tivesse começado aquele seu pequeno projeto estúpido, aquelas armas VLADs *estúpidas*, então nada disso teria acontecido.

Nenhuma dessas pessoas estaria morta agora.

Oliver e Jesse, entretanto, caminharam até a van que estava encalhada e presa no campo. Eles dois pegaram ela e facilmente transportaram de volta





para o cascalho. — Precisamos ir — Oliver disse. A Dra. Anderson estava gritando por trás do pano, e tentando chutar Jesse, que a ignorou. — Nós pegaremos ambas as vans. Myrnin vai com vocês. Michael...?

— Nós vamos com você — Michael disse, e Eve assentiu com a cabeça. Ele virou-se para Shane, e algo de estranho se passou entre os dois que Claire não conseguia entender. Ela pensou que eles estavam bem, mas havia algum tipo de cautela, alguma distância cautelosa. — Vejo você em casa?

Shane assentiu. — Fique seguro, cara. Você está bem?

— Melhor — Michael disse. Ele soou mais como ele mesmo, pelo menos; ele não estava tão pálido como os outros vampiros, e ele parecia menos... estranho, de alguma forma. *O que eu fiz com eles?* Claire se perguntou. Ela tinha que fazer algumas suposições sobre os ajustes que ela definiu no VLAD, e ela não tinha certeza se seria suficiente para reverter os efeitos das primeiras explosões... ela estava certa sobre a reversão, mas parecia que ela tinha feito algo mais também. Algo mais assustador. Era como se ela tivesse arrancado a humanidade essencial. Até mesmo a de Myrnin. Ela não conseguia encontrar o olhar dele; o que era muito estranho e muito... muito assustador.

— Nós não podemos deixar tudo isso aqui — Shane disse. — Nosso DNA está em todo o lugar.

— O que você propõe? — Oliver perguntou.

— Bem, é uma fazenda. Tem gasolina e fertilizante.

Pete balançou a cabeça, de repente parecendo muito mais estável do que ele tinha estado. — Eu vou te ajudar — ele disse. Ele e Shane moveram-se para um edifício de armazenamento ao lado do celeiro, e começaram a rolar tonéis e equipamentos. Não demorou muito tempo, com a ajuda dos vampiros, para fazer bombas improvisadas — algo que Shane tinha aprendido com seu pai, Claire presumiu — e configurá-las no celeiro e fazenda.

— O que era isso? — Claire perguntou entorpecida. — Eu... quem são eles?

— Eram — Myrnin disse. — Eram da Fundação Daylight.

— Mas o que eles querem? — Ela estava tremendo agora, estremecendo, e ela meio que esperava que Myrnin notasse para perguntar se ela estava bem.

Ele não perguntou. Não havia nada nele agora que se importava.

— Eles querem os vampiros mortos — ele disse, e o sorriso cruel e lento em seu rosto gelou ela. — A guerra tem acontecido por um tempo. Mas eles escolheram o caminho errado para iniciá-la de verdade.

Shane voltou com Pete, e todos eles subiram na van. Nesse veículo estavam Liz, Pete, Claire, Shane e Myrnin; Eve era o único ser humano na outra van, principalmente porque Michael provavelmente poderia proteger apenas um deles de cada vez.







Myrnin estava olhando para Liz e Pete. — Agora, o que devemos fazer com estes dois?

Claire estremeceu com a falta de sentimento em suas palavras e rapidamente disse: — Eles estão bem, Myrnin. Eles vão ficar bem.

— Eles não são de Morganville — ele disse. — E eles não estão bem. — Ele pousou as armas, e antes que Claire pudesse pará-lo, ele agarrou Liz e puxou-a para mais perto. Tanto Claire quanto Liz gritaram, e Pete pulou para a frente. Shane teria pulado também, mas ele tinha acabado de subir no assento de motorista. Nada disso importava. Myrnin ignorou a tentativa de Pete de retirá-lo, assim como ele ignorou as palavras de Claire que saíram implorando-lhe para não machucá-la, e Liz lutando para ficar livre.

Então Liz parou de gritar. Ela estava inteiramente parada nas mãos de Myrnin, olhando em seus olhos, e Claire engoliu e se afastou. Ela queria uma arma — uma de prata de preferência — mas não havia nada na van que poderia realmente ferir Myrnin.

Nada além do VLAD.

Pete já tinha pensado nisso, e pegou um dos dois — aquele danificado. Só Deus sabia se ele iria funcionar, mas se funcionasse, ele só iria piorar as coisas. — Não esse! — Claire gritou, e passou por cima para pegar o outro. — Guarde isso. — Pete guardou, e Claire virou o VLAD — a versão original — para Myrnin. — Por favor. Por favor, não me faça fazer isso. Eu não quero fazer isso.

— Claire — Shane disse suavemente. — Não.

Porque a cabeça de Myrnin se virou para ela, e o olhar que ele deu a ela era de gelar os ossos. Não era uma espécie de expressão humana. Ela lembrava do que eles costumavam chamá-lo nos tempos antigos e ruins; sua vizinha de Morganville, Vovó Day, ainda o chamava. *Alçapão aranha*. Essa era a pior versão antiga de Myrnin, e a mais poderosa.

— Largue isso, ou eu vou arrancar a cabeça dela como uma margarida e bater em você com ela — ele disse. Era quase um ronronar. — Eu não pretendo machucar ela. Mas eu fazer isso felizmente se você tentar usar isso em mim novamente. E eu não vou parar com ela. Você realmente quer mesmo estar presa comigo nessa van em um estado de assassino enlouquecido?

Ele soava racional, mas ele não estava, e Claire congelou. Ela não se atreveu a tentar atirar. Ele era rápido, ridiculamente rápido, e ele moveria o cano de lado nesse espaço apertado e então... então seria um banho de sangue.

Ele provavelmente se arrependeria mais tarde. Provavelmente.

Ela colocou a arma para baixo.

Myrnin retornou seu olhar para Liz, que parecia hipnotizada e aterrorizada ao mesmo tempo. — Agora — ele disse, com aquele mesmo





ronronar caloroso e aterrorizante. — Vamos ver o que seria melhor para você se lembrar. Oh, eu sei. Você foi sequestrada e mantida aqui neste lugar. Você não sabe qual é o negócio deles, mas você acreditava que se tratava de drogas e de escravos. — Ele fez uma pausa e franziu a testa, em seguida, pareceu confuso. — Eles ainda mantêm escravos esses dias?

— Escravas sexuais — Shane disse. — Sim.

— Ah. Que desagradável. Muito bem, eles negociavam com drogas e escravas sexuais aqui neste lugar. Houve um ataque por uma força rival. Todo mundo foi morto. Em seguida, a fazenda foi destruída. Você teve sorte de escapar com vida ao esconder-se nos campos. — Ele soltou Liz, que afundou de volta para o chão contra a parede traseira da van. — Ela não vai se lembrar de nada mais. Não fale com ela. Ela não vai ser capaz de responder, por enquanto.

Claire não tinha ideia de que Myrnin poderia fazer algo assim — embora ela supôs que ela deveria saber. Ele tinha construído uma máquina que poderia acabar com as memórias humanas. Ele teria sido capaz de fazer isso somente se ele tivesse tido a capacidade de fazer ele mesmo, e conhecesse as técnicas. Mas ela nunca tinha visto ele fazer isso completamente.

Ele parecia completamente alheio a ela agora. *Eu elevei ele para outro nível*, ela pensou, e teve de sufocar um riso aterrorizado e completamente insano. Essa era uma ideia muito ruim, ter Myrnin em um pequeno espaço fechado com quatro pulsos tentadores. Ele estaria com fome. Ele *deveria* estar com fome.

— Sim, eu estou um pouco — ele disse, e ela piscou. Aquele sorriso terrivelmente perturbador cresceu mais amplo. — Você se surpreende que eu possa ler os seus pensamentos? É culpa sua, Claire. Você ligou partes do meu cérebro que estavam desligadas anos atrás. Por razões de segurança. Eu imagino que Oliver e Jesse estejam tendo o mesmo problema. Eu espero que Eve não os irrite demais. Eu não tenho muita esperança para a pobre Irene, mas ela causou isso a si mesma.

— Myrnin...

Ele balançou a cabeça. — Deixe para lá. — Então ele se virou para Pete, e o prendeu no lugar com um olhar. — Agora, você. Eu acho que é melhor você nunca ter estado aqui. Eu deixaria você queimar com o resto, mas você é amigo de Jesse, afinal. Ela não iria apreciar isso. Então aqui é a sua história: Você estava em casa dormindo. Você não sabe nada sobre nada disso. Na verdade, você bebeu demais. Quando você chegar em casa é exatamente isso o que você vai ter feito: beber demais. Eu gostaria que isso seja o mais preciso possível. — Pete afundou-se contra a parede da van ao lado de Liz, olhando para a frente.





Tanto Liz quanto ele estavam em uma espécie de limbo, presos pelo poder da mente de Myrnin. Era perturbador o quão poderoso ele estava agora.

— Shane — Myrnin disse, e seu namorado virou o rosto para a frente.

— Se você tentar mexer com a minha cabeça, Conde Dickula, eu vou cortar a sua garganta — Shane disse. Havia uma monotonia tensa e trêmula em sua voz que Claire não se lembrava de jamais ter ouvido antes, mas ele estava provavelmente tão apavorado quanto ela se sentia no momento. — E você nem sequer pense em tocar em Claire. Eu estou falando sério.

— Dirija — Myrnin disse. Ele não parecia confuso. Na verdade, ele nem pareceu prestar atenção ao que Shane tinha dito. Claire hesitou, olhando dele para o olhar branco e zumbi de Pete e Liz, e, finalmente, subiu para pegar o assento do passageiro da van. Ela colocou o cinto bem na hora que Shane apertou o acelerador.

— Só para você saber, eu não estou dirigindo apenas porque ele me obrigou com o poder da mente dele — Shane disse. — Eu estou dirigindo porque quanto antes eu tirar ele daqui, melhor eu vou me sentir. — Ele hesitou, e estendeu a mão para pegar a mão dela enquanto ele dirigia a grande van sobre a estrada esburacada de cascalho. Claire suspirou de alívio com o toque quente de sua mão e o sentimento de segurança que lhe deu ao estar em contato com ele novamente. — Você está bem?

Ela riu. Ela não conseguiu evitar, e a risada tinha uma margem distinta de loucura que lhe rendeu um olhar alarmado dele. — *Bem?* Não. Não, nós acabamos de deixar um monte de pessoas mortas lá atrás, Shane. *Pessoas mortas.*

— Eu estou ciente disso. Mas eles estavam meio que tentando nos matar de forma rude e feia. Você realmente não achou que eles deixariam a gente sair de lá vivos, não é?

— Eu não sei. Eu apenas... — Os sentimentos ferviam dentro dela novamente — desespero, desesperança, sentimento de culpa. Raiva também. A raiva de si mesma, e Myrnin, Oliver e Jesse, e... do mundo. Mas principalmente de si mesma, por todos os erros que ela tinha cometido. — A culpa é minha. — Toda a miséria destilada dentro daquela sentença de quatro palavras de calor-nuclear. Tóxico. E Claire cobriu o rosto com as mãos, lutando contra as lágrimas.

— Ah, sim, adorável. A fase da culpa. Justamente o que precisávamos — ela ouviu Myrnin suspirar, e ouviu a cabeça dele bater com força contra a van.

Shane não disse nada. Ele apenas colocou a mão na perna dela e manteve-a lá, uma pressão suave e constante, enquanto eles se dirigiam para a luz do nascer do dia.





Eles estavam cerca de um quilômetro quando as bombas explodiram. Claire engasgou com a bola de fogo e olhou atrás deles; a outra van preta com o resto dos seus sobreviventes estava lá, seguindo de perto. A fumaça se levantou no ar claro da manhã como um balão preto, e em mais cinco minutos elas chegaram a intersecção com a interestadual. Eles relaxaram quando Shane fundiu-se com o tráfego, indo para Boston. Na estrada de acesso sirenes soaram — de incêndio, resgate e da polícia, dirigindo-se para a cena da explosão.

Claire enxugou as lágrimas com a manga e deu respirações profundas e centralizadas. — Nós vamos conseguir nos safar disso? — ela perguntou.

— Depende — Shane disse. Ele estava olhando o espelho retrovisor com uma intensidade especial. — Se alguém ligar estas vans com a fazenda, e as explosões, talvez não. Mas elas são muito comuns e, se tivermos sorte, a maior parte dos pequenos colegas da Dra. Anderson estavam lá naquela fazenda. Mesmo se não estiveram, eu não acho que eles vão estar interessados em falar com os policiais sobre o tipo de operação estranha que eles tinham, muitas perguntas a serem respondidas. Se nós pudermos atravessar a cidade e voltar para Morganville, estamos bem.

— Promete? — Claire perguntou.

— Eu prometo — Shane disse. — Eu prometo a você, nós vamos ficar bem.

Era uma promessa que ele não poderia manter, ela sabia disso, mas ela o amava intensamente por tentar. Todas as diferenças que ela tinha pensado que existia entre eles... se dissipavam quando levava tudo isso em conta. Ela ansiava uma vida normal no ITM, mas agora... agora ela tinha que enfrentar o fato de que Morganville nunca deixaria ela. Mesmo quando ela pensou que estava escapando por um tempo, ela a tinha seguido. Não, ela estava *esperando* por ela.

E olha o que isso tinha custado a ela, este pouco de liberdade. Olha quantas vidas ela tinha arruinado.

Claire fechou os olhos. De repente, ela estava esmagadoramente cansada, e honestamente, ela não tinha ideia se ela algum dia se sentiria melhor.



Ela não tinha nenhuma lembrança de dormir, mas quando ela abriu os olhos novamente, Shane estava parando a van no meio-fio perto do apartamento de Pete. Parecia calmo e pacífico; nenhum sinal de polícia, nada de anormal. — Acho que estamos bem — Shane disse. — Então, como é que





isto funciona, exatamente? Você só dá uma olhada gorda nele e despeja ele na calçada?

— Se você quis dizer que eu concluo a remoção das memórias dele e envio-o para dentro para beber até um estupor inconsciente, sim. Exatamente — Myrnin disse. Ele parecia um pouco mais como si mesmo, e quando Claire olhou para trás, viu que ele estava sentado e caído contra a parede, parecendo cansado. Ele estava massageando a testa com a palma da sua mão, como se doesse. Sua cor parecia melhor também... não tão luminosamente branca. — Mas primeiro eu devo consultar com a Lady Grey.

— Jesse? Por quê?

— Porque ele é o vassalo dela, não meu — Myrnin disse. Ele abriu a porta, levou um segundo para preparar-se, em seguida, lançou a si mesmo para fora da van e desceu a calçada em um ritmo deliberadamente normal para a outra van estacionada atrás deles. A porta se abriu para ele, e ele escalou dentro.

— Nós poderíamos simplesmente ir embora — Shane disse. — Poderia ser um bom plano, na verdade.

— Podia ser — Claire concordou, — mas você sabe que eles nos perseguiriam.

— Não pode correr, não pode se esconder — ele concordou. — É uma droga ser nós, certo?

— Nunca é uma droga se você está comigo — ela disse muito calmamente. Ele olhou para ela e deu-lhe um sorriso de derreter o coração.

— Tem todos os tipos de coisas impróprias que eu poderia dizer agora, mas eu vou ser um bom menino.

Eles ficaram em silêncio por um momento, e então Shane disse: — Atenção, — e Claire viu no retrovisor lateral que Myrnin estava voltando com Jesse. Os dois subiram e deslizaram a porta para fechá-la, e Jesse se agachou na frente de Pete. Ela parecia melhor também — menos feroz, mais sob controle. — Pete — ela disse. — É Jesse. Você pode me ouvir?

— Sim — ele disse. Esse foi provavelmente o tom mais monótono que Claire já tinha ouvido dele. — Eu ouço.

— Pete, eu preciso que você diga a todos no bar e a todo mundo que perguntar que eu deixei a cidade. Você não sabe para onde eu fui, apenas que eu estou com um cara do meu passado. — Ela olhou para Myrnin, e sorriu brevemente. — Nada de estranho nisso. Eu estou bem. Eu te ligo quando eu estiver acomodada. Entendeu?

— Sim — ele disse. — Você está deixando a cidade. Mas você vai ligar quando estiver acomodada.





— Bom — ela disse. Ela inclinou-se e beijou-o suavemente nos lábios, em seguida, na testa. — Você tem sido um bom amigo, Pete. Eu sinto muito que você foi metido em tudo isso, mas você não vai lembrar de nada em poucos minutos. Apenas lembre que eu amo você, ok?

— Eu também te amo — ele disse. Por um instante, o velho Pete estava de volta, e ele piscou para ela. — Jesse? Você acabou de me beijar?

Ela riu. — Apenas um pequeno beijo. Não ache que isso significa que estamos noivos. — Ela se inclinou para frente e alisou seu cabelo curto carinhosamente. — Cuide de si mesmo, Pete. Talvez eu volte. Coisas estranhas acontecem.

— Definitivamente — ele disse, e sorriu, só um pouco. — Até mais.

Ela se sentou sobre os calcanhares, e acenou para Myrnin, que se inclinou e capturou o olhar de Pete. Parecia levar mais esforço para ele agora, mas a expressão de Pete suavizou e assumiu aquela neutralidade novamente, e Myrnin disse: — Vá para casa, Pete. Você se lembra do que eu lhe disse para fazer?

— Sim — Pete disse. — Ir para casa. Beber. Esquecer tudo o que aconteceu hoje, exceto exatamente do que Jesse disse.

— Exatamente. Adeus, Pete.

— Adeus — Pete disse, e saiu da van. Ele caminhou até a porta da frente, abriu-a e estava dentro em trinta segundos.

Myrnin deslizou a porta da van fechada. — Em seguida, vamos dizer adeus a sua amiga, Claire. E nós estaremos prontos para ir para casa.

— E se eu não quiser ir? — Claire perguntou. Ela não estava falando sério, mas quase valeu a pena ao ver sua expressão estupefata. E a expressão muito ansiosa de Shane.

— Você não pode ficar aqui.

— Você poderia ao menos me perguntar o que eu quero fazer — ela disse. — Mas sim, eu sei que ficar aqui não é uma opção. Não mais. Há muitas perguntas. E muita chance de que eu poderia estar conectada ao que aconteceu lá fora. No mínimo Liz vai estar conectada, e isso significa que eu vou ser questionada também. Além disso, o meu namorado é basicamente um criminoso procurado.

— Não foi minha culpa — Shane disse. Ele colocou a van na engrenagem, e entrou em uma pequena garagem da casa que Claire tinha compartilhado com Liz. Não havia sinais de polícia, pelo menos, no entanto havia algum tipo de selo oficial na porta. — Nós não vamos querer ficar por aqui, pessoal. Eu suponho que a minha foto esteja sendo passada por aí, no mínimo.







— Vai ser rápido — Claire disse. Ela saiu da van, levou Liz pela mão e caminhou com ela até os degraus. Ela tirou o selo da porta com suas chaves da casa, abriu-a e fechou a porta atrás delas. No interior as luzes estavam apagadas, e a casa cheirava a pratos sujos e madeira velha.

Liz piscou e olhou em volta como uma sonâmbula saindo de um coma.  
— Eu... o que aconteceu... Claire? Claire, eu... essas pessoas, elas me levaram...  
— Ela piscou novamente, e Claire viu o horror surgindo em seus olhos. — Oh Deus, eu não acredito que eu fui embora. Eles iam me vender!

— Eu sei — Claire disse suavemente. — Mas você está segura agora, querida. Derrick era um deles. Ele já morreu. Você vai ficar bem.

Liz começou a chorar, e Claire conseguiu colocá-la em seu quarto, empacotando-a na cama, e sentando-se com ela por alguns minutos até que Liz caiu num sono exausto e inquieto.

Então ela subiu as escadas.

*Eu posso deixar tudo isso, ela pensou. Havia apenas algumas coisas que ela realmente precisava — memórias, principalmente. Coisas que importavam. Elas foram colocadas em uma mala.*

Ela se sentou e escreveu um bilhete para Liz. E para polícia, pois eles estariam procurando também.

*Liz, dizia. Sinto muito, mas você estava certa. O ITM não é para mim. Eu sou uma garota com o coração de uma cidade pequena, e a pressão aqui é muito intensa. Tenho saudades dos meus amigos, e eu sinto falta do meu namorado, e eu sinto falta da vida que eu tinha em casa. Então, eu vou. Eu venho buscar as minhas coisas em um par de semanas quando eu me acomodar novamente. Sinto muito pelo apartamento, e eu espero que você fique bem sem mim. Me Ligue em breve. Sua BFF — Claire.*

Não era muito, mas parecia certo, e ela teve a virtude de ser verdadeira... exceto pela parte do BFF, mas Liz teria esperado por isso.

Claire deixou o bilhete em cima da cama, pegou a mala e dirigiu-se para a van. Ela entrou, colocou a mala no chão e colocou o cinto no banco do passageiro.

— Pronto? — Shane perguntou.

Ela assentiu com a cabeça.

Eles passaram pelo campus do ITM, e ela deu um último olhar para a beleza cúpula dos Edifícios Maclaurin, ladeados pelo Lab Pierce e Building 2. Durante a noite alguém tinha feito um astronauta da MTV no topo da Grande Cúpula, completo com uma pequena bandeira americana. Alguém tinha feito uma outra nova modificação, uma estátua gigante dos Transforms no Killian Court; um estudante se aproximou e apertou um botão, e ele se transformou





de robô em um carro, completo com efeitos sonoros do filme. A multidão reunida aplaudiu, em seguida, foram dispersados para suas aulas.

*Eu poderia ter sido um deles*, Claire pensou. Ela poderia ter estado em um telhado e modificado um túnel. Ela poderia ter saído com Nick e seu grupo. Ela poderia ter sido Jack Florey levando a uma orange tour. Ela poderia ter feito qualquer coisa.

Mas em vez disso, ela estava fazendo isso. Voltando para Morganville.

E para a sua surpresa — sua grande surpresa, na verdade — estava tudo bem. *Eu não estou destinada a estar aqui*, ela pensou. Onde ela ia, Morganville ia, e a última coisa que ela queria fazer era trazer para cá a escuridão, para essa luz.

— Se cuide — ela sussurrou para ninguém em particular enquanto eles viraram na próxima curva e se dirigiram para a autoestrada, e para casa.



Em Ohio, eles abandonaram as vans, vendendo elas por dinheiro em um ferro-velho e comprando duas SUVs gigantes. Ter duas, eles decidiram, permitiria que quatro vampiros e quatro humanos viajassem em relativo conforto, e ser capazes de mudar os veículos significaria que eles provavelmente não iriam matar uns aos outros antes da viagem ter acabado.

Seja lá o que o raio do VLAD tinha feito com Oliver, Jesse e Myrnin, estava na maior parte desaparecendo. Eles pareciam e soavam mais como eles mesmos e menos como máquinas de matar a sangue-frio. Mas Claire não conseguia esquecer o que eles eram antes, na fazenda.

Ela sabia que ela nunca iria esquecer novamente. O que eles poderiam ser.

Michael e Eve escolheram viajar com ela e Shane por um tempo, e os três outros vampiros e a Dr. Anderson no segundo veículo, e isso deveria ter parecido normal novamente. Melhor.

Mas isso não aconteceu.

Talvez fosse apenas o cansaço, o estresse, o peso da culpa despedaçando, mas Claire sentia que eles estavam todos tentando descobrir como falar com ela. O que dizer.

Ela não tinha ideia do que dizer tampouco. Não por um longo tempo.

Eve brincava com o aparelho de som em busca de estações de rock alternativo até ele ser deixado estático e, finalmente, ser desligado. Shane estava dormindo nessa hora, e Michael dirigindo. Claire deveria estar dormindo também, mas ela não conseguia.





– Claire?

Ela abriu os olhos, pois havia fechado eles, e viu Eve observá-la da frente.

– Eu estou acordada.

– Eu só... olha, eu preciso saber. O quanto do que aconteceu você planejou?

– Quando?

– Do momento em que saímos do resgate de Liz daquela armadilha. Você ainda tinha um plano?

– Eu... – Claire engoliu. De repente sua garganta estava seca, apertada e desconfortável. – Não até que eu soubesse que a Dra. Anderson estava contra nós. Então eu tive que... eu tive que fingir. Ela sabia demais. E ela não precisava de ninguém, exceto dos vampiros para os testes de laboratório. Ela só precisava de mim se ela pudesse confiar em mim, então eu... eu tive que fazê-la confiar em mim, um pouco.

– Você nos entregou – Eve disse. – Você fez Shane nos entregar também, não foi?

– Sinto muito – Claire sussurrou. – Mas estava tudo fora de controle, Eve. Eu não sabia mais o que fazer.

Eve olhou para ela por um momento longo e doloroso e, em seguida, estendeu uma mão para trás. Claire não sabia o que fazer por um segundo, em seguida, ela agarrou-a. – Nunca mais faça isso de novo – Eve disse. – Eu não gosto de me sentir assim, ok? Somos nós quatro, sempre. Prometa.

– Eu prometo – Claire disse. Lágrimas brotaram nos olhos dela, e ela chorou um pouco, segurando a mão de Eve. – Eu prometo.

Shane não estava dormindo, afinal, porque ele sentou-se, colocou o braço em torno de Claire e disse: – Nós prometemos.

– É melhor mesmo, cara de bunda – Eve disse. – Como está a cabeça?

– Enfaixada – ele disse. – Está boa. Garotas curtem cicatrizes. Espere, você acabou de me chamar de cara de bunda? Nós acabamos de voltar para a escola?

– Eu te amo – Eve disse.

Ele fechou a boca, rápido, porque isso obviamente não era o que ele esperava. – Eu, uh, tudo bem. Eu também te amo. Podemos parar com isso? É desconfortável.

– Cara de bunda.

– Muito melhor.





Na parte da manhã, Shane foi designado a ser o condutor de um dos carros e Jesse assumiu o comando do outro. Eles foram o mais longe que podiam, em seguida, Oliver reservou quartos de hotel naquela noite. Ele, Myrnin e Jesse cada um ficou com suas próprias acomodações; Michael e Eve, é claro, compartilharam a deles.

Oliver entregou a Shane e Claire cartões para cada. — Não tenho conhecimento, nem interesse no relacionamento atual de vocês — ele disse. — Usem os dois, usem um, não usem ou durmam na van. Escolham o que me envolve menos. — Como Jesse e Myrnin, Oliver estava parecendo absolutamente exausto. Ele mantinha Irene Anderson com ele, mas Myrnin tinha — nos termos de Shane — intoxicado ela com submissão. Ela ficou passiva, e Oliver não precisava nem mesmo amarrá-la.

Claire não queria saber o que Oliver pretendia fazer com ela. Ela ainda não conseguia se fazer se importar.

Ela parou com a mala na porta de seu quarto, e olhou para o corredor. Shane estava conectando seu próprio cartão chave, descobrindo qual o modo que a seta ficava quando desbloqueava; ele sentiu seu olhar, e enviou-lhe um aceno de cabeça.

Claire assentiu com a cabeça de volta, entrou em seu quarto e colocou a mala na cama. Ela tirou suas roupas — roupas que ela nunca tinha a intenção de usar novamente — e entrou no chuveiro. O shampoo e condicionador do hotel cheiravam a mel e gengibre, e o sabão cheirava a limão; ela decidiu que iria acabar cheirando a despensa da cozinha de alguém, mas pelo menos era melhor do que como ela estava cheirando, como esgotos, sangue e medo.

Ela colocou um par limpo de jeans, uma blusa azul clara e andou até o quarto de Shane. Ela bateu na porta.

Ele atendeu. Ele tinha estado no chuveiro também... Seu cabelo ainda estava úmido e ele estava usando o roupão do hotel.

— Oi — ela disse, e entrou. Ela fechou a porta atrás dela. — Eu não quero passar outra noite sozinha, se estiver tudo bem por você.

— Você acha que eu poderia seriamente me opor a isso?

— Não — ela disse, e deu um passo para mais perto para segurar o nó do roupão dele. — Mas e quanto a isso? Qualquer objeção? — Ela desamarrou um laço do nó, e hesitou. Ele estava olhando para ela com uma intensidade estranhamente vulnerável. — Shane?

— Eu te amo — ele disse. Isso saiu rapidamente, como se ele mal pudesse esperar para empurrar para fora. — Eu amo você, e Jesus, você me assusta. Desistir de você foi a coisa mais difícil que eu já fiz, Claire; eu não posso fazer





isso novamente. Por favor, me diga, por favor, me diga que você vai voltar de vez. Ou, pelo menos, se você for embora, deixe-me ir com você.

— Você veio comigo dessa vez.

— Eu *seguir* você. Eu não vim *com* você. — Parecia ser importante para ele que ela entendesse a diferença. E ela entendia, ela realmente entendia.

— Eu precisava estar longe de Morganville. — Então ela disse a ele: — e eu precisava ter certeza de que era o que eu realmente queria. Eu queria o que eu tinha antes por um pouco de tempo? Uma vida comum? Foi bom, Shane, mas... mas não sou eu. Não mais. É muito tarde para mim viver essa vida. Mas não muito tarde para nós vivermos a nossa vida juntos. Se você ainda quiser...

— Sim — ele disse. — Sim, eu quero. Se você não acredita em mim, desate o resto do nó.

Ela riu um pouco, e se moveu para seus braços. O beijo começou suave, tornou-se urgente, doce e úmido, e então ele a levou de volta para a cama de hotel leve de plumas e estendeu-a no edredom. Tudo parecia quente e confortável, e no consolo dele, ela flutuou.

Não. No conforto, no calor dele, na paixão dele, ela *voou*.

E quando ela flutuou de volta para a Terra, ele ainda estava lá, quente e confiável, segurando-a.

Antes que ela adormecesse, ele beijou a mão dela. Não, o anel que ele tinha dado a ela, aquela promessa de um dia de vida juntos.

Depois de toda a dor, toda a culpa, todo o horror da noite e do dia... ele era a única coisa que segurava-a de volta.

Ele sempre era a única coisa que lhe daria esse espaço seguro e acolhedor que tornava possível respirar.



Na parte da manhã eles partiram para Morganville.

Foram necessários mais dois dias completos de condução, dia e noite, com breves paradas em motéis para chuveiros e cochilos, mas, finalmente, eles passaram pelo glorioso outdoor desbotado, antigo e familiar de BEM-VINDO À MORGANVILLE. E foram recebidos por luzes piscando de um carro de polícia, vindo na direção deles em alta velocidade.

Shane parou, e Jesse colou a traseira do SUV atrás dele no lado da estrada. Shane se esticou, bocejou e disse: — Droga, eu nunca pensei que eu fosse ficar feliz em ver este lugar novamente, mas eu seriamente sinto falta da minha cama. — Michael, por trás deles, inclinou-se sobre o assento para dar uma tapa no ombro de Shane.





— Eu também, cara — ele disse. — Se eu tiver que passar outro dia nesse carro usando chapéus e lonas para manter o sol longe, eu acho que eu vou precisar de algum tipo de tranquilizante.

— Ei, nós nos divertimos — Eve disse e puxou a orelha dele. — No sentido de diversão nenhuma, eu quero dizer. Da próxima vez, pelo menos, podemos parar em um shopping? Talvez ver um filme? Evitar assassinatos em massa dos nossos inimigos, talvez?

— Prometo — Michael concordou, mas era um tipo ausente de comentário, e ele inclinou-se para espiar para fora das janelas escuras. — Essa é a Xerife Moses?

— Parece que sim — Shane disse. Ele abriu a porta do SUV e saiu quando Hannah Moses se aproximou. Ela não estava sozinha, Claire percebeu; havia dois outros homens com ela, vestidos com uniformes do departamento de polícia de Morganville. E chegando mais carros de polícia com as luzes piscando.

Demais para o conforto.

De alguma forma, Claire não estava muita surpresa quando Hannah sacou a sua arma. Shane lentamente levantou as mãos.

— Sinto muito por isso, Shane — ela disse. — Mas leis são leis, e eu não quero que você faça nada estúpido. Vocês também, Claire, Michael e Eve, todos vocês, para fora do carro. Agora.

Todas as sensações boas foram embora, Claire pensou, e ela desceu da cabine do caminhão para estar ao lado de Shane, encostada no para-choque. Michael e Eve saíram também. O vento estremeceu sobre o deserto, e desenhou dedos gelados pelo rosto de Claire. O outro carro da polícia estacionou atrás do segundo SUV, e mais policiais chegaram com todas as armas apontando.

— Qual é o motivo disso? — Oliver exigiu quando saiu do segundo veículo. Myrnin saiu com ele, seus olhos escuros piscando ao redor em movimento inquieto, analisando tudo e todos. Jesse se juntou a eles, e ela ainda segurava Irene Anderson com força quando a professora tentou se afastar. — Certamente não há dúvida do nosso direito de entrada!

— Nem um pouco — Hannah disse. — Mas tem algo que temos de cuidar primeiro. — Ela deu um passo para frente, colocou algemas em volta dos pulsos de Shane, em seguida, uma em Claire e então em Eve. — Eu vou precisar daquela senhora ali também. Paul, coloque algumas algemas nela e traga ela para cá. Michael, por favor, fique ali. — Ela apontou para Irene Anderson, que estava algemada e sendo escoltada. Michael foi ficar ao lado da outra van.







Era estranho e confuso, mas não havia nenhuma razão para não confiar nela; Hannah parecia a mesma que ela sempre foi. Competente, calma, profissional.

Foi apenas quando eles fizeram isso que Claire percebeu que Hannah estava separando os humanos... dos vampiros.

Em seguida, os policiais deram um passo atrás, e dois outros se adiantaram com bestas duplo-carregadas. Aconteceu rápido, tão rápido. Quatro tiros rápidos, precisos e mortais no coração, e os vampiros caíram. Jesse primeiro, em seguida Myrnin, em seguida Michael e Oliver quase no mesmo instante.

Eve gritou. Claire não. *É de madeira*, ela disse a si mesma. *Eles estacaram com madeira. Eles não estão mortos.* Mas ela não sabia porque isso estava acontecendo, e pior, ela não sabia porquê Hannah estava fazendo isso.

— Hannah? — Sua voz soou baixa e confusa, e a chefe de polícia olhou para ela com simpatia, e nenhuma pequena quantidade de arrependimento.

— Eles vão ficar bem — ela disse. — Mas eles vão ser levados para um local seguro. Sinto muito, Claire. Sinto muito por tudo. Mas é o melhor.

— Amelie vai...

— Amelie não está no comando — Hannah interrompeu. — Nós estamos. Pela primeira vez, os seres humanos têm o monitoramento completo de Morganville com a ajuda da Fundação Daylight. E os vampiros estão sob quarentena para proteção.

— O que você vai fazer com eles? — Eve gritou. Ela estava lutando para ficar livre, para chegar até Michael, mas isso não ia acontecer.

— Nós vamos ajudá-los — Hannah disse. Ela parecia totalmente certa do que estava dizendo. — Nós vamos ajudá-los a ficar melhor.

Tudo isso parecia o que Shane, o Capitão Óbvio e tantos outros estavam querendo há anos, Claire pensou. Uma Morganville governada pelos seres humanos, e não por vampiros.

Então porquê isso parecia tão *errado*?

— Nós vamos ficar bem — Shane disse a ela. Pareceu como uma oração. — Tudo vai ficar bem.

De alguma forma... Claire achava que não.

# CONTINUA...



# PRÓXIMO LIVRO

*Daylighters*



# The Morganville Vampires Series

